



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
ÁREA DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**ANDRÉ CARLOS FURTADO**

**AS EDIÇÕES DO CÂNONE.**

**Da fase Buarqueana na coleção *História Geral da Civilização Brasileira* (1960-1972)**

NITERÓI

2014

**ANDRÉ CARLOS FURTADO**

**AS EDIÇÕES DO CÂNONE.**

**Da fase Buarqueana na coleção *História Geral da Civilização Brasileira* (1960-1972)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF), como requisito para a obtenção do Grau de Mestre.

**Área de concentração: História Social**

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Giselle Martins Venancio**

NITERÓI

Março de 2014.

F992e

FURTADO, C. A.

As edições do cânone. Da fase Buarqueana na coleção História Geral da Civilização Brasileira (1960-1972) / André Carlos Furtado. Niterói, RJ, 2014.

248 f.

Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF), Niterói, RJ, 2014.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Giselle Martins Venancio.

1. Coleção História Geral da Civilização Brasileira. 2. Historiografia. 3. Cânone. I. VENANCIO, Giselle Martins. II. Universidade Federal Fluminense. III. Programa de Pós-Graduação em História. IV. Título.

CDD 981

**ANDRÉ CARLOS FURTADO**

**AS EDIÇÕES DO CÂNONE.**

**Da fase Buarqueana na coleção *História Geral da Civilização Brasileira* (1960-1972)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF), como requisito para a obtenção do Grau de Mestre.

**Área de concentração: História Social**

Aprovada em: 31 / 03 / 2014.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Professora Doutora Giselle Martins Venancio**

Universidade Federal Fluminense – Orientadora

---

**Professora Doutora Ângela Maria de Castro Gomes**

Universidade Federal Fluminense / Fundação Getúlio Vargas – Arguidor interno

---

**Professora Doutora Eliana Regina de Freitas Dutra**

Universidade Federal de Minas Gerais – Arguidor externo

---

**Professora Doutora Larissa Moreira Viana**

Universidade Federal Fluminense – Suplente interno

---

**Professora Doutora Andrea Daher**

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Suplente externo

**NITERÓI**

Março de 2014.

*A Bruno*

## AGRADECIMENTOS

Sejam de desculpas minhas palavras iniciais. Pelas ausências com familiares e amigos que as lides do ofício historiográfico destinam todos aqueles cujos esforços buscam se voltar aos estudos, na tentativa de sempre dar o melhor de si. Acontece, porém, que os resultados de uma pesquisa em História, como suponho ser o caso de outras áreas, nunca é fruto da individualidade. Neste sentido, seria mais prudente registrar, em cada canto deste trabalho, notas de justos agradecimentos, que os lapsos de memória invalidam de antemão.

De fato, não lembraria de todas as pessoas das quais recebi contribuições e apoio, mas é com enorme felicidade que agradeço, em primeiro lugar, à professora Giselle Martins Venancio: orientadora dedicada e generosa, de inteligência fina, que permitiu a esta dissertação transitar por caminhos extremamente instigantes e, quando labirínticos, de pronto apontou direções para me auxiliar na retomada do fio da meada, fosse por meio das aulas que ministrou, dos textos que sugeriu ou das leituras críticas lançadas sobre meus escritos.

Agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa concedida no ano final do mestrado e ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF), pelo fomento de igual natureza, sobretudo por intermédio de viagens de estudos e apresentações de comunicações, além, é claro, pela excelência de seu corpo docente e quadro de funcionários, dedicados à manutenção desse estado de coisas e sem os quais muitas dúvidas jamais seriam sanadas.

Às professoras Angela de Castro Gomes e Eliana de Freitas Dutra, que, ao aceitarem o convite para compor a banca já na época da qualificação, deixaram-me muito feliz e às quais sou profundamente grato. As verdadeiras aulas que ministraram na arguição fomentaram uma série de novas pesquisas, como pude perceber na ocasião e atestar, posteriormente, devido às várias anotações que meus amigos fizeram naquele dia.

Igualmente aos amigos fora de série da UFF, pelas mãos e mentes sempre aptas a ajudar, bem como pela paciência no decorrer desses anos – e que espero prolongar-se em demasia! –, sobretudo com Mariana Simões, Michele Barcelos, Mariana Tavares, Felipe Cazetta, Raquel Braun, Juliana Acosta, Louise Gabler, Filipe Oliveira e Renan Rubim, com os quais muito aprendi, seja nas reuniões acadêmicas do grupo de orientandos da professora Giselle ou em nossas conversas no bat-encontro do vestibular do Chopp.

Aos mais do que queridos Moisés Corrêa, Gabriel Vitorino, José Rabelo, Juliana Oakim, Adroaldo Almeida e Giuliana da Matta, em cujas andanças pela Cantareira depois das

aulas da pós-graduação eram animadas pelo prolongamento das discussões de muitos textos que não escapavam às nossas fogueiras, pois, afinal de contas, tínhamos nos autoproclamado, de forma brincalhona, evidentemente, de Santa Inquisição.

Às amigadas de alta consideração que, mesmo à distância, mantêm-se carinhosamente, como Barbara Maidel, a qual pretendo encontrar para muitos cafés ainda, além de Vanessa e Rafael Bull, esmerados na arte da boa companhia e com os quais pude contar na renovação de minhas energias, quando fiz viagens a Santa Catarina e, de forma mais específica, à Colônia Blumenau, como costumamos brincar.

Também convém um agradecimento aos funcionários de todas Instituições por onde transitei e nas quais, muitas vezes, perdi-me no tempo de permanência, também em meio às fontes e mesmo literalmente, de modo que não poderia deixar de agradecer, em especial, à Telma Murari, do Arquivo Central da Universidade Estadual de Campinas (Siarq-UNICAMP), tão prestativa e ágil na ajuda fundamental para me guiar junto à documentação do Fundo “Sérgio Buarque de Holanda”.

Às professoras Verónica Secretto e Larissa Viana, tão atenciosas e que, para minha alegria, recorrentemente encontrei pelos corredores do Bloco “O” ou no Núcleo de Pesquisa e Estudos em História Cultural (NUPEHC), onde pude contar com seus conselhos e dicas de leituras.

Neste sentido, também não poderia deixar de mencionar a importância dos cursos realizados na UFF ou fora dela, como as aulas dos professores Jorge Ferreira, Sônia Mendonça, Monique Gonçalves, Tânia Bessone e Giovanni Levi, este último, insistente para que eu buscasse compreender quem eram os desafetos intelectuais de Sérgio Buarque no período estudado e, por assim dizer, também os “inimigos” acadêmicos da minha pesquisa.

Aos demais historiadores que tive a oportunidade de conhecer: Jean-Yves Mollier, Jean-François Sirinelli e, em especial, Roger Chartier, que, não bastasse a inspiração sempre bem-vinda de seus próprios textos, cedeu parte do tempo que dispunha para se reunir com um grupo pequeno de estudantes numa tarde no campus do Gragoatá, quando nos ouviu e sugeriu pistas interessantes às pesquisas de todos que participaram daquele encontro.

Às professoras dos tempos de graduação, sobretudo Sueli Petry, com quem, além das aulas, tive o prazer de trabalhar como estagiário e aprender mais sobre o ofício da História, tanto em termos acadêmicos quanto profissionalmente; e, muito especialmente, a Cristina Ferreira, mestre e amiga de longa data, que não só me iniciou na pesquisa quando da bolsa de Iniciação Científica, como também me ajudou a tornar o sonho da pós-graduação na UFF uma realidade. Obrigado, Cris: sem você esse objetivo não teria passado de mero devaneio!

Mas como um sonho é sempre melhor quando sua realização pode ser compartilhada e usufruída por outros, preciso agradecer às pessoas maravilhosas que conheci em 2013: Luciana Di Motta, Vitor Hugo, Pedro Ramos, Érica Guerreiro, Winker Poubel, Lia Raposo, Alfredo Bomfim, Julia Nunes, Andrea Reis e muitos outros amigos das aulas de francês, bem como à estadunidense Diane MacCartney, todos tão acolhedores que chegam a me emocionar. E ainda carece a menção muito importante dedicada a Karina Mendes, a Thiago Rabello (o Chico), a Ramila Nunes e a Suellen Guilhen, que, juntamente com Bruno Silva, tornam meus dias extremamente agradáveis em qualquer lugar que eu esteja com eles, de sorte que por nada nesse mundo esqueceria seus nomes, mesmo porque, em realidade, são os integrantes da minha família em Niterói: amo-os de coração.

Não menos importantes, é claro, agradeço aos meus pais, Carlos e Elisete Furtado, que apesar de ainda não entenderem muito o que faço ou os motivos de se estudar tão longe de casa – o mesmo se perguntam vários de meus primos e, de resto, a bem da realidade, toda a família –, sempre me apoiaram e são, ao fim e ao cabo, meu porto seguro. Finalmente e à guisa de dedicatória, muito carinhosa e particularmente, agradeço ao já mencionado Bruno: de todas as boas lições que alguém pode receber de um doutorando do calibre dele – e são profícuas as nossas trocas intelectuais –, tenho aprendido algo mais precioso, desde que entrou na minha vida... Bruno tem me ensinado a viver.

*Certamente não existem considerações, por mais gerais que sejam, nem leituras, tanto quanto se possa estendê-las, capazes de suprimir a particularidade do lugar de onde falo e do domínio em que realizo uma investigação. Esta marca é indelével. No discurso onde enceno as questões globais, ela terá a forma do idiotismo: meu patoá representa minha relação com um lugar. Mas o gesto que liga as “ideias” aos lugares é, precisamente, um gesto de historiador.*

Michel de Certeau

## RESUMO

A partir da segunda metade do século XX teve início no Brasil um processo de reconfigurações no campo acadêmico, devido ao aparecimento dos primeiros resultados da criação das universidades nos anos trinta. Atenta a esses clima e público, a editora Difusão Europeia do Livro (Difel) fomentou o projeto da coleção *História Geral da Civilização Brasileira* (HGCB), publicada entre 1960 e 1984. Com a adoção da autoria coletiva e a busca por colaboradores imersos no domínio do conhecimento especializado, o empreendimento inovava ante um mercado editorial mais afeito a imprimir obras de intelectuais multifacetados. Em observância à recepção, aos conflitos do mundo letrado e ao novo modelo de coleção que se implementava, os objetivos desta pesquisa visam interrogar a HGCB na fase coordenada por Sérgio Buarque de Holanda. Assim, o destaque recaiu sobre 1960, ano da publicação do primeiro volume da HGCB, até 1972, quando o historiador deixou o projeto, após a edição da obra *Do Império à República*. Estes anos são um momento chave no estabelecimento da História enquanto disciplina acadêmica no país e foi também um tempo no qual o debate sobre a emergência de uma autêntica civilização nos trópicos ganhou força. Além disso, a fase Buarqueana da coleção HGCB constituiu-se como uma espécie de arena para as disputas da cultura escrita, caras à urdidura de uma rede de sociabilidades indispensável ao posterior destaque assegurado ao nome do intelectual junto à historiografia brasileira. Por isso é essencial aos contornos responsáveis pelo início das edições e ajustes operados em torno da trajetória do autor, hoje convertido em cânone.

**Palavras-chave:** Coleção HGCB; Difel; Sérgio Buarque de Holanda; Historiografia; Cânone.

## ABSTRACT

From the second half of the twentieth century in Brazil began a process of reconfiguration in the academic field, due to the appearance of the first results of the creation of universities in the Thirties. Watching this climate and public, the publisher of the Difusão Europeia do Livro (Difel) promoted the project *História Geral da Civilização Brasileira* (HGCB), collection published between 1960 and 1984. With the adoption of collective authorship and the search for employees immersed in the field of expertise, the project was innovative compared to a more accustomed to publishing to the works of intellectuals polygraph print editions. Considering the reception, the conflicts of the literate world and the new model of collection that developed, the objectives of this research aim to interrogate HGCB during phase which was coordinated by Sérgio Buarque de Holanda. Thus, emphasis is given from 1960 until 1972, when the historian left the project after editing the work *Do Império à República*. These years are a crucial moment in the establishment of history as an academic field in the country and was also a time when the debate on the emergence of a true civilization in the tropics gained strength. Furthermore, the phase “Buarqueana” in HGCB collection was established as a kind of arena for disputes of written culture, primordial to the plot of a network of sociability essential to further highlight the name of intellectual assured by the Brazilian historiography. Therefore it is essential to the bases of the issues involved in starting and adjustments made around the trajectory of the author, now converted into canon.

**Keywords:** HGCB Collection; Difel; Sérgio Buarque de Holanda; Historiography; Canon.

## LISTA DE ABREVIATURAS

Academia Brasileira de Letras – ABL

Academia Paulista de Letras – APL

Aliança Renovadora Nacional – ARENA

Arquivo Nacional – AN

Assessorias de Segurança e Informações das Universidades – AESI

Associação Brasileira de Imprensa – ABI

Associação de Professores Universitários de História – APUH

Associação Nacional de Professores Universitários de História – ANPUH

Ato Institucional – AI

Biblioteca Nacional – BN

Biblioteca Sérgio Buarque de Holanda – BSBH

Centro Brasil Democrático – CEBRADE

Centro Brasileiro de Análise e Planejamento – CEBRAP

Centro de Apoio à Pesquisa em História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP) – CAPH-FFLCH

Centro de Informações do Exército – CIE

Centro de Informações da Marinha – CENIMAR

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas – CPDOC-FGV

Comitê Brasileiro pela Anistia – CBA

Difusão Europeia do Livro – Difel

Escola Livre de Sociologia e Política – ELSP

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – FFCL

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo – FFCL-USP

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – FFLCH-USP

Faculdade Nacional de Filosofia – FNFi

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP

Fundo Sérgio Buarque de Holanda (SBH) do Arquivo Central da Universidade Estadual de Campinas – Siarq-UNICAMP

História Geral da Civilização Brasileira – HGCB

Instituto de Estudos Brasileiros – IEB  
Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB  
Instituto Joaquim Nabuco – IJN  
Instituto Nacional do Livro – INL  
Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – IUPERJ  
Movimento Democrático Brasileiro – MDB  
Movimento Revolucionário 8 de Outubro – MR-8  
Música Popular Brasileira – MPB  
Ordem dos Advogados do Brasil – OAB  
Organização das Nações Unidas – ONU  
Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO  
Partido Comunista Brasileiro – PCB  
Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB  
Partido dos Trabalhadores – PT  
Partido Trabalhista Brasileiro (PTB)  
Partido Socialista Brasileiro – PSB  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS  
Presses Universitaires de France – PUF  
Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN  
Sistema Nacional de Informações – SNI  
União Democrática Nacional – UDN  
União Nacional dos Estudantes – UNE  
United States Agency for International Development – USAID  
Universidade Católica de Minas Gerais – PUC-MG  
Universidade de Brasília – UnB  
Universidade de Minas Gerais – UMG  
Universidade de São Paulo – USP  
Universidade do Distrito Federal – UDF  
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP  
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS  
Universidade Federal Fluminense – UFF

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Origem institucional das colaborações da coleção HGCB (1960-1984).....	72
Tabela 2. Ranking institucional da coleção HGCB (1960-1984).....	72-3
Tabela 3. Relação total de colaborações e colaborações sem vínculo institucional declarado.	73
Tabela 4. Identificação institucional das autorias nos Tomos I e II da coleção HGCB (1960-1972) .....	91
Tabela 5. Identificação institucional das autorias no Tomos III da coleção HGCB (1975-1984) .....	92
Tabela 6. Total de colaborações <i>versus</i> vínculo institucional das autorias.....	93
Tabela 7. Maiores colaboradores da coleção HGCB (1960-1984).....	94-5
Tabela 8. Temáticas da coleção HGCB (1960-1984).....	97-8
Tabela 9. Aspectos de proporcionalidade na coleção HGCB (1960-1984).....	99
Tabela 10. Estrutura da coleção HGCB (1960-1984).....	112

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
<b>Capítulo 1. A MORTE DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA E AS HOMENAGENS PÓSTUMAS: monumentalização intelectual, política, história e memória .....</b>	<b>35</b>
1.1 Tal filho, tal pai <i>ou</i> A propósito de críticas aos regimes de força.....	36
1.2 O escritório como antessala para a imortalidade .....	43
1.3 Um luto permeado por lutas, mas “ele deve ter morrido fazendo humor” .....	49
1.4 De “pai do Chico” a Sérgio Buarque .....	58
<b>Capítulo 2. COLEÇÃO HISTÓRIA GERAL DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA (HGCB): organização interna, especialização acadêmica, disputas letradas e editoriais.....</b>	<b>69</b>
2.1 Entre o “paradigma uspiano”, o biógrafo de D. Pedro I e o catedrático inglês .....	70
2.2 Sem Charles Boxer ou Afonso Arinos, mas com Florestan Fernandes .....	81
2.3 “Sob os auspícios” da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP.....	90
<b>Capítulo 3. ESTRATÉGIAS DE DISTINÇÃO E AS MARCAS INDELÉVEIS DOS LIVROS: concorrências, recepção, polêmicas e apropriações da HGCB.....</b>	<b>103</b>
3.1 Da <i>Brasiliana</i> à coleção <i>Documentos Brasileiros</i> e destas ao novo modelo.....	104
3.2 Sociólogos, historiadores e outras dificuldades .....	112
3.3 Criticar sim, mas também citar! <i>ou</i> Quando a HGCB é tomada como referência..	121
<b>Capítulo 4. DO IMPÉRIO À REPÚBLICA E O TÉRMINO DA FASE BUARQUEANA: renovação de teses, embates finais, democracia e civilização.....</b>	<b>137</b>
4.1 Em defesa de outras independências e o combate à “historiografia varejista” .....	138
4.2 Sobre <i>Fazendeiros do ar</i> , zelos científicos e imagens literárias .....	145
4.3 A crise monárquica sob o olhar estrangeiro e o general Mé dici prefigurado .....	152
4.4 Uma herança aristocrática e o retorno ao cômodo imortalizador .....	161
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	170
APÊNDICES .....	187
Apêndice A – Ranking institucional da coleção HGCB (1960-1984).....	187
Apêndice B – Maiores colaboradores da coleção HGCB (1960-1984).....	188

Apêndice C – Colaboradores da coleção HGCB (1960-1984) .....	197
Apêndice D – Temáticas da coleção HGCB (1960-1984) .....	201
Apêndice E – Colaboradores da fase Buarqueana (1960-1972). .....	210
Apêndice F – Colaboradores da fase Faustina (1975-1984) .....	212
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	215
A) Documentais .....	215
B) Bibliográficas .....	219
C) Digitais .....	241

## INTRODUÇÃO

**M**al as instituições de nível superior tinham sido criadas no Brasil ou gerado os primeiros frutos acadêmicos no país, Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), então historiógrafo do Museu Paulista e crítico literário dos jornais *Diário Carioca* (RJ) e *Folha da Manhã* (SP),<sup>1</sup> clamava pela escrita de uma história nacional com a contribuição de diferentes especialistas. No reclame, surgido ao menos desde o artigo denominado *O pensamento histórico no Brasil nos últimos 50 anos*, impresso originalmente em junho de 1951, apontou a necessidade de dedicação aos estudos sobre o passado, mas não por intermédio de “sínteses onde o particular tende a esfumar-se e a perder-se em proveito de alguma ilusória visão de conjunto”.<sup>2</sup> Assim, defendia a pesquisa das especificidades.

Mirada à tradição brasileira de narrar a história colonial e imperial, oriunda de órgãos como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), a Academia Brasileira de Letras (ABL) e seus respectivos congêneres estaduais, tal fala bem poderia ser vista como espécie de autocrítica a sua obra de estreia. Publicada em outubro de 1936<sup>3</sup> pela prestigiosa Livraria José Olympio Editora, como o primeiro volume da coleção *Documentos Brasileiros*,<sup>4</sup> *Raízes do Brasil*,<sup>5</sup> como o texto foi intitulado, também não escapou às conclusões de caráter generalizante. Além disso, em geral a bibliografia de cunho interpretativo existente à época era carregada de fortes traços ensaísticos, como o intelectual sinalizou em diversas ocasiões anteriores ou contemporâneas ao balanço de 1951. No prefácio à segunda edição do livro (1948), manifestou as modificações com que saía a versão, pois escreveu que “Reproduzi-lo em sua forma originária, sem qualquer retoque, seria reeditar *opiniões* e pensamentos que em muitos pontos deixaram de satisfazer-me”.<sup>6</sup> No rastro da colaboração de Sérgio Buarque em

<sup>1</sup> Série: Vida Pessoal. 42 – Nomeação de SBH, como Historiógrafo do Museu Paulista. São Paulo, 28 jan. 1947. c.as. 1p. Vp 42 P1. Fundo Sérgio Buarque de Holanda (SBH). Arquivo Central da Universidade Estadual de Campinas (*Siarq-UNICAMP*) & COSTA, Marcos (org.). *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos* (v. 1). São Paulo: Perseu Abramo / UNESP, 2011, p. 593.

<sup>2</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O pensamento histórico no Brasil nos últimos 50 anos* (publicado originalmente no *Correio da Manhã* – RJ, sob o título de “Cultura brasileira”, em 15 de junho de 1951). In: EUGÊNIO, João Kennedy; MONTEIRO, Pedro Meira (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas*. Campinas: Ed.UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2008, p. 614.

<sup>3</sup> NOGUEIRA, Arlinda Rocha et. al. (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura / Universidade de São Paulo / Instituto de Estudos Brasileiros, 1988, p. 124.

<sup>4</sup> SORÁ, Gustavo. *Brasilianas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo: Ed.USP / Com-Arte, 2010.

<sup>5</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Coleção “Documentos Brasileiros” (v. 1). Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

<sup>6</sup> \_\_\_\_\_. *Raízes do Brasil*. 4.ed. Coleção “Biblioteca Básica Brasileira” (v. 10). Brasília: Ed.UnB, 1963, p. XV [grifo meu].

periódicos, no artigo denominado *Para uma nova história* (1950), afirmou que tal qual o aprimoramento do âmbito literário, no domínio historiográfico “parece registrar-se, na aparência, uma correspondente purificação, com o declínio dos trabalhos, sobretudo interpretativos em benefício da exposição objetiva e amplamente documentada”.<sup>7</sup>

Em sentido semelhante, ainda no texto de título ambicioso, sobre a produção intelectual brasileira da primeira metade do século XX, sentenciou: “A bibliografia histórica do decênio de 30 é largamente ocupada por escritos onde a interpretação elucidativa, e às vezes interessada e mesmo deformadora dos fatos, visa explicar tais fatos ou a caracterizá-los em sua configuração especificamente nacional”.<sup>8</sup> Por isso, pode-se dizer que, em sua visão, era preciso descredenciar os trabalhos de caráter totalizante, em benefício de perspectivas atentas às singularidades e à regionalização das investigações sobre o passado.

Logo, por mais que nos casos supracitados o autor tecesse crítica direta ao que entendia por sínteses responsáveis pela ilusória visão de conjunto na escrita da História do Brasil, escreveu igualmente que, no conjunto, a bibliografia produzida, inclusive a de natureza estritamente compilatória de fontes históricas, havia dado passos decisivos para a ampliação de horizontes. Após citar o nome de Capistrano de Abreu como predecessor seminal do referido pensamento histórico, sabedor como o “grande mestre moderno – Marc Bloch –, que toda pesquisa histórica supõe, [...], que o inquirido tenha uma direção definida”,<sup>9</sup> Buarque de Holanda seguiu com a exposição temática e cronológica dos estudos publicados até o período.

Assim, embora, em alguns casos, alocasse um e outro sob apreciação pouco elogiosa, depois de mencionar as autorias de Afonso d’Escragnolle Taunay, Oliveira Vianna, Gilberto Freyre, Afonso Arinos de Mello Franco, Nelson Werneck Sodré, Arthur Cezar Ferreira Reis, Caio Prado Júnior e Alice Piffer Canabrava como autores de trabalhos essenciais, o artigo de 1951 foi finalizado com referência a Fernando de Azevedo, educador e professor da Universidade de São Paulo (USP), que já despontava como instância decisiva para aperfeiçoar e fortalecer o fazer científico nacional em curso e em vias de franco estabelecimento.

Por esse motivo, a depuração mais desejada que empreendida sobre a tradição ensaística brasileira de escrita da História, meritória de louvores nos mais diversos domínios do conhecimento humano e cara às inúmeras coleções que surgiram na primeira metade do século XX,<sup>10</sup> irrompeu, justamente, nos anos de 1950. A tal ponto que o balanço de Sérgio

---

<sup>7</sup> \_\_\_\_\_. Por uma nova história. In: *Folha da manhã*, São Paulo, 26 jul. 1950, p. 2. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fdm/1950/07/26/1/>>. Acesso em: 18 fev. 2013.

<sup>8</sup> \_\_\_\_\_, op. cit., [1951] 2008, p. 611.

<sup>9</sup> Idem, p. 602.

<sup>10</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Ed.USP, 1985.

Buarque já foi apontado como indício eloquente da “crise e esgotamento do gênero ensaístico”.<sup>11</sup> Mesmo porque, segundo estudos sobre o período, neste momento ocorreu a “emergência de um novo sistema intelectual”,<sup>12</sup> como consequência da instauração de instituições como a USP, fundada em 1934; e a Universidade do Distrito Federal (UDF), criada em 1935 no Rio de Janeiro, então capital do país, de modo que as críticas ao estilo partiram, não raro, exatamente do ambiente acadêmico. Dessa forma, os empreendimentos editoriais e as instituições de ensino superior figuravam como parte de um amplo espaço de intensa reflexão no Brasil dos anos 1930 a 1960.<sup>13</sup> Suas relações e motivações foram marcadas pela busca da compreensão da realidade nacional emanada, dentre tantos intervenientes, das transformações pelas quais o país atravessou desde 1920, sob influxo do movimento modernista e sucessivo processo de nacionalização da cultura do governo Vargas e, em particular, durante o período conhecido como Estado Novo (1937-1945).<sup>14</sup>

Em grande medida são os percursos de Buarque de Holanda em torno destes caminhos de institucionalização e especialização do ofício da História no Brasil, sobretudo, a partir da segunda metade do século XX, que aqui interessam de forma mais detida. Nestas contingências e ambientes há sempre a forja de regras e dispositivos para permitir e limitar a produção dos sentidos<sup>15</sup> de determinado conjunto de textos. Estes, por sua vez, são permeados pelo peculiar regime das práticas letradas e trocas intelectuais<sup>16</sup> inerentes à época na qual emergem sua feitura, usos e interpretações. Inspirada nessas reflexões, os intentos desta pesquisa visam compreender parte da constituição de Sérgio Buarque de Holanda como cânone dos estudos históricos nacionais. Não só porque seus livros são leitura quase obrigatória na maioria das universidades do país, como a publicação de *Raízes do Brasil*, que “sempre foi objeto de discussão nos cursos de história”,<sup>17</sup> mas também em virtude da permanência de interesse comercial mantido por sua obra há mais de sete décadas, ainda a

<sup>11</sup> PEREIRA, Mateus. Henrique de Faria; SANTOS, Pedro Afonso Cristovão dos. Odisseias do conceito moderno de história: Necrológio de Francisco Adolfo de Varnhagen, de Capistrano de Abreu, e o Pensamento histórico no Brasil nos últimos cinquenta anos, de Sérgio Buarque de Holanda, revisitados. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, v. 50, p. 27-78, set./mar. 2010, p. 21.

<sup>12</sup> PONTES, Heloísa. Retratos do Brasil: editores, editoras e “coleções brasileiras” nas décadas de 30, 40 e 50. In: MICELI, Sérgio (org.). *História das ciências sociais no Brasil* (v. 1). São Paulo: Vértice / Finep / Idesp, 1989, p. 394.

<sup>13</sup> MICELI, Sérgio. Por uma sociologia das ciências sociais. In: \_\_\_\_\_ (org.), op. cit., 1989, p. 12.

<sup>14</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Sinais da modernidade na era Vargas: vida literária, cinema e rádio. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge (orgs.). *O Brasil republicano: o tempo do nacional-estatismo* (v. 2). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 328.

<sup>15</sup> CHARTIER, Roger. *Escribir las prácticas: discursos, práctica, representación*. Valencia: Fundación Cañada Blanch, 1999.

<sup>16</sup> GINZBURG, Carlo. *Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

<sup>17</sup> VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. In: \_\_\_\_\_; CARDOSO, Ciro Flamarion (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 237.

exemplo deste último texto, atualmente na 26ª edição pela Companhia das Letras.<sup>18</sup> Não por outros motivos, a noção de *cânone* é entendida como um vínculo que sujeita, une e identifica os indivíduos, por meio de relações com elementos de natureza político-institucional para ser declarado, imposto<sup>19</sup> e, neste caso, sustentado.

Muitos intervenientes atuaram nesta construção. O primeiro deles, diz respeito às leituras e releituras lançadas sobre a obra de Sérgio Buarque, a corroborar, por exemplo, com a ideia de *clássico de nascente* para o livro *Raízes do Brasil*, expressada pela primeira vez na década de 1960, no sentido que hoje se fala do texto. Isso porque, em realidade, antes dessa data, o emprego do termo era feito mais pelo fato de se tratar da obra inauguradora da coleção *Documentos Brasileiros* do que em referência à síntese da História pátria ali condensada por Buarque de Holanda. Além disso, vale destacar também as homenagens póstumas que recebeu, quando de sua morte em 1982, todas marcadas, naturalmente, tanto por sentimentos de pesar quanto pelo enaltecimento de suas qualidades e erudição. Por fim, mas não menos importante ao processo final de sua monumentalização, a salvaguarda do acervo particular, sob o signo de inúmeros atos biográficos<sup>20</sup> que este conjunto de ações para o recolhimento dos vestígios letrados do titular contou ainda na década de 1980, foi decisiva e fundamental.

Em torno desses eixos, a eficácia das representações de sua autoridade foi moldada a um só tempo como fruto da vasta e valorosa produção intelectual que legou, bem como resultado da atuação, vínculo institucional estabelecido com a USP – onde permaneceu como professor catedrático entre 1958 e 1969 –, e tomada de posição nos últimos anos de sua vida. Ao atentar para as condições de produção do conhecimento histórico pelo traço de Sérgio Buarque ou atrelado ao seu nome, o conceito de *historiografia* aqui adotado partilha da compreensão que o vê não só como um conjunto de escritos, feitos segundo normas de determinado grupo em época e lugar definidos; mas igualmente como resultado “de disputas entre memórias, de forma a compreendê-la como parte das lutas travadas nas sociedades para dar significado ao mundo”.<sup>21</sup>

Logo, para delimitar melhor o objeto de estudo, convém traçar um painel que apresente parte da produção acadêmica cujo interesse recai sobre Sérgio Buarque e seus escritos, particularmente os livros publicados sob sua aquiescência e autoria. Evidentemente,

---

<sup>18</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

<sup>19</sup> BAPTISTA, Abel Barros. *O livro agreste: ensaio de curso de literatura brasileira*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2005.

<sup>20</sup> GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

<sup>21</sup> GUIMARÃES, Manuel Luiz Salgado. A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *História cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003, p. 23-4.

certos critérios e recortes se impõem para apresentar *um* perfil dos principais trabalhos, com privilégio daqueles que trazem subsídios importantes para a análise e compreensão do intelectual e de sua obra. Tais escolhas se configuram em virtude das temáticas às quais os estudos se ocupam, das fontes mobilizadas e da posição de referência que assumem junto à bibliografia sobre o tema. Portanto, o quadro do *estado da arte* se limita a explanações que, ao fim e ao cabo, procuram mostrar quais aspectos já foram explorados e cujo diálogo se estenderá ao decorrer do estudo, quando necessário, mesmo porque são recentes o reconhecimento e a valorização suscitada pelos textos do autor.

Vários estudiosos localizam o *boom* dos trabalhos sobre Sérgio Buarque ainda nos anos 1980,<sup>22</sup> após sua morte, embora a historiadora Laura de Mello e Souza enfatize que esta tendência se firmou na década seguinte,<sup>23</sup> em face de vários fatores, dentre os quais é possível inferir que se incluem: publicações de obras póstumas inconclusas;<sup>24</sup> edições com a reunião de escritos esparsos<sup>25</sup> ou de textos de crítica literária;<sup>26</sup> retomada de alguns livros pela nascente história ambiental;<sup>27</sup> e a disputa entre a USP e a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), pelo acervo e biblioteca particulares de Sérgio Buarque, vencida por esta última, em 1983.<sup>28</sup>

Seja como for, também é quase debate vencido o apontamento dos principais incentivadores dos estudos sobre o autor nos anos 1990, a saber, os literatos Antonio Candido e Antonio Arnoni Prado. Inicialmente se faz isso em virtude dos livros que organizaram, respectivamente, de obra póstuma e reunião de artigos publicados em periódicos; mas, conforme aponta o historiador Fernando Novais, por suas análises e leituras que engrandeceram a visibilidade e a compreensão sobre os escritos de Sérgio Buarque.<sup>29</sup>

Neste percurso, muito papel e tinta já foram usados e se chegou até a feitura de documentário, que qualificam seus textos como crítica literária e, à medida que se avança

<sup>22</sup> MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy. Introdução. In: \_\_\_\_\_ (orgs.), op. cit., 2008, p. 10.

<sup>23</sup> SOUZA, Laura de Mello e. Prefácio. In: NICODEMO, Thiago Lima. *Urdidura do vivido: Visão do paraíso* e a obra de Sérgio Buarque de Holanda nos anos 1950. São Paulo: Ed.USP, 2008, p. 15.

<sup>24</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O extremo oeste* [póstumo]. São Paulo: Brasiliense, 1986; \_\_\_\_\_. *Capítulos de literatura colonial* [póstumo] (organização e introdução por Antonio Candido). São Paulo: Brasiliense, 1991; & \_\_\_\_\_. *Capítulos de história do Império* [póstumo] (organização e introdução por Fernando Novais). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

<sup>25</sup> \_\_\_\_\_. *Livro dos prefácios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

<sup>26</sup> PRADO, Antonio Arnoni (org.). *O espírito e a letra: estudos e crítica literária*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996; BARBOSA, Francisco de Assis (org.). *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1989; & COSTA (org.), op. cit., 2011.

<sup>27</sup> SECRETO, María Verónica. Capistrano de Abreu e J. F. Turner: a história nacional e a história ambiental. *Estudos, sociedade e agricultura*, Rio de Janeiro (UFRJ), v. 14, p. 236-253, 2006.

<sup>28</sup> Série: Homenagens Póstumas. 2497 – Carta de José Sebastião Witter a Maria Amélia Buarque de Holanda, comunicando que enviou à USP e à UNICAMP, correspondência sobre a aquisição do acervo de SBH. São Paulo, 31 maio. 1983. as.ileg. 1p (orig.ms.) Hp 14 P75. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>29</sup> NOVAIS, Fernando. Nota introdutória. In: HOLANDA, op. cit., 2010, p. 8-9.

cronologicamente na avaliação das publicações, como historiográficos. As obras coletivas reúnem estudos de diferentes ramos do saber, mas, em especial, da Literatura e da História. Seus autores são unânimes em afirmar a necessidade de uma avaliação apurada da produção intelectual de Sérgio Buarque, justificando-se, majoritariamente, com observações acerca de sua qualidade. Portanto, sobre a primeira legenda, seus principais intérpretes alegam que a vultosa atividade do autor junto aos periódicos pode servir aos interessados em estudar seu pensamento e compreender a “dinâmica da realidade brasileira”.<sup>30</sup>

Além disso, no caso dos ensaios que escreveu sobre a literatura colonial, seus critérios de leitura são considerados com um tom elogioso, por Antonio Candido, como “as mais sólidas e brilhantes, as mais eruditas e imaginosas jamais feitas no Brasil sobre o assunto”.<sup>31</sup> Em sentido semelhante, Arnoni Prado escreveu que, enquanto crítico, Sérgio Buarque “formulou e desenvolveu de maneira exemplar na discussão sempre elevada que manteve ao longo dos anos com as gerações que se sucederam ao modernismo”,<sup>32</sup> para concluir sobre a perenidade de sua obra. De todo modo, seus escritos se encontram hoje, “de maneira quase unânime”,<sup>33</sup> entre os clássicos das Ciências Humanas. Este resultado advém da merecida importância que lhe foi conferida por seus intérpretes, mas cujo incansável trabalho, via de regra, sobrepôs a obra ao homem, em prejuízo considerável para pesquisas de regiões inexploradas de sua trajetória, passíveis de apontar ambiguidades próprias do ser humano.

Já as interpretações que privilegiam sua faceta histórica, a enaltecem ao analisá-lo como catedrático da USP, entre 1958 e 1969. Os dois anos são importantes para seu percurso, pois em 1958 assumiu a referida posição acadêmica via apresentação e defesa da tese *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*, publicada no ano seguinte;<sup>34</sup> e, em 1969, uma década após a primeira edição saiu a segunda. Esta foi reimpressa na coleção *Brasiliana*,<sup>35</sup> da Companhia Editora Nacional e concorrente direta da *Documentos Brasileiros*, em cujo catálogo constava *Visão do paraíso*. Tal questão é importante, pois o historiador Ronaldo Vainfas aponta que o interesse por este escrito só foi suscitado pelo impacto causado por outra tese: “*O Diabo e a Terra de Santa Cruz*, de Laura de Mello e Souza, em 1986, historiadora que lhe seguiu fielmente os passos, reinventando a problemática

<sup>30</sup> COSTA, Marcos. Apresentação. In: \_\_\_\_\_ (org.), op. cit., 2011, p. XIII.

<sup>31</sup> CANDIDO, Antonio. Introdução. In: HOLANDA, op. cit., 1991, p. 8.

<sup>32</sup> PRADO, Antonio Arnoni. Introdução. In: \_\_\_\_\_ (org.), op. cit., 1996, p. 28.

<sup>33</sup> PÉCORA, Alcir. A importância de ser prudente. In: MONTEIRO; EUGÊNIO (orgs.), op. cit., 2008, p. 23.

<sup>34</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. Coleção “Documentos Brasileiros” (v. 107). Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

<sup>35</sup> \_\_\_\_\_. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. Coleção “Brasiliana” (v. 333). 2.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional / Ed.USP, 1969.

de Sérgio Buarque”.<sup>36</sup> Tal avaliação endossa as constatações sobre o nascedouro do interesse pelos escritos do intelectual entre 1980 e 1990. Porém, a autora supracitada observa certo esquecimento de *Visão do paraíso*, considerada a pesquisa favorita do autor.<sup>37</sup> No dizer de Mello e Souza, isso ocorre porque quando surgiu, nos anos 1950, a historiografia atentava mais aos aspectos econômicos, “em torno das obras de Caio Prado Jr. e de Celso Furtado”,<sup>38</sup> de modo que o texto sobre os mitos edênicos incitaria interesse apenas décadas depois.

Mas, apesar do atual entusiasmo acadêmico, Fernando Novais anota que, no campo da História, “os estudos têm se voltado predominantemente para as suas ‘fontes’ de inspiração teórica (por exemplo, Max Weber), ou para a sua temática variegada (como a identificação dos ‘motivos edênicos’ da colonização, em *Visão do Paraíso*)”.<sup>39</sup> Laura de Mello e Souza vai mais longe ao enfatizar que as prioridades das pesquisas recaem sobre os temas da vida material e a expansão paulista, caros ao autor, e, “dentre seus escritos, o clássico *Raízes do Brasil*”.<sup>40</sup> Sem naturalizar o estatuto de monumentalidade à obra e em comparação com outros textos de Sérgio Buarque, o livro de 1936 é, de fato, aquele que recebe maior atenção.

Assim, a historiadora Maria Odila Leite da Silva Dias, preocupou-se em referenciar a relação com o movimento modernista e conferiu grande visibilidade para a passagem do autor pela Alemanha. Enfatizou seu convívio com intelectuais vinculados à Universidade de Berlim, em especial, Friedrich Meinecke, e demonstrou como o próprio título (*Raízes*) buscava contrastar com as formas de tendências geométricas do período, mas com conclusões que redundavam em impasse. Por isso, “não é um livro hegeliano no sentido lógico da palavra, pois justamente procura caminhos históricos e não metafísicos”.<sup>41</sup> Desse modo, comungou da ideia de que é um texto de História, mas não de historiador, e salientou o estilo ensaístico inaugurado pelo escrito, com fortes traços literários, para interpretar o passado.

Detido nestes mesmos anos para instrumentalizar uma análise das características weberianas na obra de estreia de Sérgio Buarque em formato de livro, o sociólogo Pedro Meira Monteiro objetivou perceber como foram “preciosamente construídas duas categorias [trabalho e aventura] seminais de *Raízes do Brasil*, que aparecerão, como um *leitmotiv*, em

<sup>36</sup> VAINFAS, Ronaldo. Sérgio Buarque de Holanda: historiador das representações mentais. In: CANDIDO, Antonio (org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 1998, p. 56-7.

<sup>37</sup> SANTOS, Nelson Pereira dos. *Raízes do Brasil – Uma cinebiografia de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Estação Filmes, 2003. 1 DVD (148 min).

<sup>38</sup> SOUZA, Laura de Mello e. Aspectos da historiografia da cultura sobre o Brasil colonial. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, p. 28.

<sup>39</sup> NOVAIS, op. cit., 2010, p. 9.

<sup>40</sup> SOUZA, op. cit., 2008, p. 15.

<sup>41</sup> DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Negação das negações. In: EUGÊNIO; MONTEIRO (orgs.), op. cit., 2008, p. 321-2.

estudos posteriores do autor”.<sup>42</sup> Ressaltou a importância de se atentar para a leitura que o autor fez de Max Weber e, apesar de usar como fontes entrevistas e correspondência, preocupou-se com o conteúdo do livro e as ideias alemãs que diz permearem o escrito.

Após conferir relevo para um Sérgio Buarque colaborador da imprensa, detentor de fortes relações com o modernismo e das polêmicas que daí emergiram, Marcus Vinícius Carvalho abordou a primeira viagem internacional do autor, em 1929. Dentre os aspectos que apontou como inexplorados da trajetória do intelectual constam o emprego que este conseguiu como redator da revista bilíngue *Duco*, responsável por artigos de divulgação Brasil-Alemanha, e as traduções de alguns filmes, como *Anjo azul*, protagonizado por Marlene Dietrich. Tudo para embasar a “estreita vinculação entre a elaboração de seu livro publicado em 1936 e seus estudos e experiências intelectuais na Alemanha”.<sup>43</sup>

Ao mergulhar no debate acerca dos vocábulos *compreensão* e *explicação*, com certo prejuízo para Buarque de Holanda e o texto de 1936, que desaparecem por inúmeras páginas, o estudo adentrou em polêmicas epistemológicas instaladas na segunda metade do século XIX, por intelectuais alemães, Wilhelm Dilthey em particular, em consideração ao fato de que Sérgio Buarque propôs a realização de um estudo *compreensivo* em *Raízes do Brasil*. Na busca pela constituição epistêmica da obra, as fontes mobilizadas por Carvalho foram, em particular, artigos das colaborações de Buarque de Holanda na imprensa e a correspondência, sobretudo das décadas de 1920 e 1930, bem como o próprio livro de 1936.

Também o trabalho *Com tradições e contradições*, deteve-se sobre os relacionamentos mantidos pelo escritor com os debates dos anos vinte. Recompôs o emaranhado de disputas que informavam os momentos em torno da *Semana de Arte de 22*, para adentrar na controversa participação de Graça Aranha no grupo dos paulistas, posteriormente convertido em desafio pelas distintas concepções estéticas. Diferente dos anteriores, este não destacou a experiência alemã. Preferiu rastrear as preocupações de Sérgio Buarque, para verificar se o livro de 1936 “contempla uma interpretação alegórica das contradições intrínsecas do movimento modernista”.<sup>44</sup> No mais, muito falou sobre os antecedentes do ensaio, com desprestígio do momento de sua publicação. E após lançar mão de fontes que remetem para as resenhas sobre a primeira edição de *Raízes do Brasil*, Pires de Castro se perguntou se haveria

<sup>42</sup> MONTEIRO, Pedro Meira. *A queda do aventureiro: aventura, cordialidade e os novos tempos em Raízes do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 1996, p. 32.

<sup>43</sup> CARVALHO, Marcus Vinícius Corrêa. *Raízes do Brasil, 1936: tradição, cultura e vida*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 1997, p. 9.

<sup>44</sup> CASTRO, Conrado Pires de. *Com tradições e contradições: contribuição ao estudo das raízes modernistas no pensamento de Sérgio Buarque de Holanda*. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária). Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 2002, p. 91.

certa leitura da obra que vislumbrasse seu nascedouro no modernismo. Pois apesar das relações, seus leitores – ou ao menos aqueles que se pode atestar devido as críticas publicadas – não a viam assim. Preferiram destacar seus pares opostos (Semeadores e Ladrilheiros, Trabalho e Aventura, Cordialidade e Civilidade), sem distinguir o *modernismo* da obra.

O historiador José Carlos Reis afirmou que a discussão deste texto sobre o Estado é um debate da pauta de Weber, mas que, para Buarque de Holanda, a sociedade brasileira dos anos 1930 era regida por um sentimento antipolítico.<sup>45</sup> Edgar Salvadori de Decca, por sua vez, ao propor que *Raízes do Brasil* foi o “primeiro momento marcante da obra de Sérgio Buarque. [...] todo ele concebido na Alemanha”,<sup>46</sup> confere exagerado relevo à viagem, pois entre o retorno de Sérgio Buarque do Velho Continente e a publicação de 1936 há, pelo menos, cinco anos de distância. Como se não bastasse, é complicado determinar a experiência germânica como decisiva, porque o próprio Sérgio Buarque manteve diálogo com os modernistas, de modo que muitas das teses desenvolvidas em *Raízes do Brasil* sobre a oposição entre portugueses e espanhóis na colonização da América surgiram de entrevistas que realizou nos anos vinte<sup>47</sup> e, assim, apontam para uma concepção da obra anterior à viagem.

Inúmeros estudos poderiam ser ainda discutidos, mas, após várias leituras e ampla busca bibliográfica, pode-se afirmar que haveria pouca mudança de perspectiva no tocante ao interesse central das pesquisas (*Raízes do Brasil*), à ênfase analítica (intertextual) e às fontes mobilizadas (resenhas, correspondência ou artigos da crítica literária). Mesmo assim, o livro de 1936 carece de avaliação apurada em virtude das diversas revisões, para analisar a instabilidade do escrito e as modificações sofridas pelo texto ao longo dessas quase oito décadas de sua existência. No mais, o uso recorrente de termos como *influência* (da experiência alemã, de Weber, do modernismo, de Dilthey etc.) pela maioria dessas pesquisas acaba por hierarquizar o fluxo e impor *uma* direção às trocas intelectuais – que, em realidade, são multidirecionais, heterogêneas e interdependentes num entrançado flexível de tensões –, como se o inverso não fosse possível, ou seja: refletir, por exemplo, sobre a contribuição que o modernismo recebeu de intelectuais como Sérgio Buarque (“Pensar em termos de influência embota o raciocínio e empobrece os meios de captar essas nuances mais sutis”.<sup>48</sup>).

<sup>45</sup> REIS, José Carlos. Anos 1930: Sérgio Buarque de Holanda – a recusa das raízes ibéricas. *Tempos Históricos*, Paraná, v. 1, n. 1, p. 102-130, 1999.

<sup>46</sup> DECCA, Edgar Salvadori de. Ensaio de nacionalidade: cordialidade, cidadania e desterro na obra de Sérgio Buarque de Holanda. *Locus: revista de história*, Juiz de Fora, v. 12, n. 1, p. 145-159, 2006, p. 146.

<sup>47</sup> CENDRARS, Blaise. Conversando com Blaise Cendrars. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 23.09.1927; & MARINETTI, Felippo. Marinetti novamente no Rio. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 11.07.1926. Entrevistas concedidas a Sérgio Buarque de Holanda. In: BARBOSA (org.), op. cit., 1989.

<sup>48</sup> BAXANDALL, Michael. Digressão contra a noção de influência. In: \_\_\_\_\_. *Padrões de intenção: a explicação histórica dos quadros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 102.

Nesse sentido, cumpre assinalar algumas considerações a propósito dos motivos que teriam levado a produção acadêmica a conferir maior relevo à obra *Raízes do Brasil*. Desse modo, pode-se elencar ao menos três razões para o privilégio concedido ao texto de 1936: 1) por se tratar da primeira publicação de Buarque de Holanda em forma de livro e, por isso, são estudos que situam um recorte temporal orientado pela inserção do autor no mundo editorial, ainda que não atentem para esta questão e retrocedam para avaliar sua colaboração na imprensa, a relação com o modernismo ou a experiência germânica; 2) porque o texto se apresenta como uma síntese do país no rastro de impressos precedentes, tais como: *Retrato do Brasil* (1928), de Paulo Prado; *O Brasil na história* (1930), de Manoel Bomfim; *Casa-grande & senzala* (1933), de Gilberto Freyre<sup>49</sup> etc.; e 3) porque partem da *leitura* feita por Antonio Candido em prefácio escrito em 1967, mas impresso só na quinta edição da obra, de 1969.

Neste texto, o então livre-docente em Literatura Brasileira (1945) pela USP afirmou que, junto de *Casa-grande & senzala*, de Freyre, e *Formação do Brasil contemporâneo*, de Caio Prado Jr.,<sup>50</sup> o livro de Sérgio Buarque teria contribuído para renovar o campo da literatura interpretativa da História do país e o apontou como *clássico de nascença*.<sup>51</sup> Tal avaliação serviu para muitos trabalhos que endossaram esta tese e tomaram o prefácio de 1969 como fio condutor das análises e espécie de guia indissociável à interpretação. E mesmo que os estudos busquem hoje reumanizar autor e obra, ainda há pesquisas que procuram demonstrar “a força do efeito produzido historicamente pelo *clássico* ensaio de interpretação histórica de Sérgio Buarque de Holanda”,<sup>52</sup> por meio do argumento de que, quando lançado, o texto foi recebido entusiasmado, por conta das muitas resenhas saídas à época.

Ora, por mais que as referidas críticas tivessem percorrido periódicos de todo o país, isso não justifica o *status* de clássico. Até porque tratava-se de uma prática comum dos intelectuais e os resenhistas em análise enalteciam mais a renovação cultural do período, relacionada com o *boom* editorial da época, uma vez que *Raízes do Brasil* inaugurava mais uma coleção no mercado. Além disso, a maioria dos críticos eram conhecidos ou, no mínimo, colegas de trabalho de Buarque de Holanda (Menotti del Picchia, Octávio Tarquínio de Sousa, Sérgio Milliet, Múcio Leão etc.), quando de sua atuação em periódicos nos anos vinte e trinta.

---

<sup>49</sup> PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. São Paulo: Duprat-Mayença, 1928; BOMFIM, Manoel. *O Brasil na história: deturpação das tradições, degradação política*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930; & FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.

<sup>50</sup> PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*. São Paulo: Martins, 1942.

<sup>51</sup> CANDIDO, Antonio. O significado de *Raízes do Brasil* (prefácio). In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Coleção “Documentos Brasileiros” (v. 1). 5.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

<sup>52</sup> CARVALHO, Raphael Guilherme. Capítulo da recepção de “*Raízes do Brasil*”, de Sérgio Buarque de Holanda: leituras contemporâneas à obra (1936-1938). *História e-História*, Campinas, v. 1, p. 1-24, 2012, p. 1.

Por isso, parte da atual produção historiográfica aponta a necessidade “de fuga ao marco monumental”,<sup>53</sup> para evitar perspectivas que eclipsam o autor, os demais escritos que produziu e os outros momentos de sua trajetória. Neste sentido, Marcus Vinícius Carvalho apontou sua inserção na *intelligentsia* brasileira ao observá-lo em contato com o modernismo e o ambiente de reflexão romântico, com apoio de documentação epistolar, produção jornalística, entrevistas, resenhas e os próprios livros. Atentou à passagem do intelectual pela Alemanha, mas inovou ao analisar as relações entre a publicação de *Raízes do Brasil*, o editor José Olympio e as instituições governamentais, num recorte que abrange 1920 a 1940.<sup>54</sup>

Igualmente interessado nos textos dos anos 1940, mas avançando sobre o decênio seguinte, Robert Wegner estudou a conquista do Oeste brasileiro, a partir do planalto paulista, na obra de Sérgio Buarque. Sobretudo as obras *Monções* (1945) e *Caminhos e fronteiras* (1957),<sup>55</sup> nas quais existe análise sobre o legado ibérico e indígena na sociedade brasileira, no rastro de questões levantadas em *Raízes do Brasil*. Wegner atentou à discussão travada entre Buarque de Holanda e o historiador americano Frederick Jackson Turner para discutir a noção de fronteira, “como uma relação com a natureza e com o nativo da terra representável por uma racionalidade do tipo ‘ajustamento ao mundo’”.<sup>56</sup> Logo, sua ênfase recaiu sobre a viagem que o intelectual realizou para os Estados Unidos, em 1941, em meio à política da boa-vizinhança norte-americana com o governo brasileiro, em plena Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Antes desse estudo e frente à profunda inserção de intelectuais no regime estado-novista, a historiadora Angela de Castro Gomes alargou as perspectivas analíticas em torno de *Raízes do Brasil* ao realizar uma aproximação entre os conceitos de *cordialidade* e o de *espírito pré-capitalista*, este último de autoria de Oliveira Vianna, presente na obra *História social da economia capitalista no Brasil*,<sup>57</sup> dos anos 1940, mas publicada em 1987. Seu intuito foi demonstrar o quanto “ambos são construídos a partir de um diagnóstico sobre o Brasil que trabalha com um mesmo conjunto de elementos básicos e que desemboca numa

---

<sup>53</sup> EUGÊNIO, João Kennedy. Um horizonte de autenticidade. Sérgio Buarque de Holanda: monarquista, modernista, romântico (1920-1935). In: \_\_\_\_\_; MONTEIRO (orgs.), op. cit., 2008, p. 425.

<sup>54</sup> CARVALHO, Marcus Vinícius Corrêa. *Outros lados. Sérgio Buarque de Holanda: crítica literária, história e política (1920-1940)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 2003.

<sup>55</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções*. Coleção “Estudos Brasileiros” (n. 3). Rio de Janeiro: Casa Estudante do Brasil, 1945 & \_\_\_\_\_. *Caminhos e fronteiras*. Coleção “Documentos Brasileiros” (v. 89). Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

<sup>56</sup> WEGNER, Robert. *A conquista do oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2000, p. 216.

<sup>57</sup> VIANNA, Oliveira. *História social da economia capitalista no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia / Rio de Janeiro: Ed.UFF, 1987.

apreciação sobre o ‘homem brasileiro’ surpreendentemente convergente”.<sup>58</sup> Neste sentido, procurou aproximar ideias e autores até então considerados diametralmente opostos.

Sem fazer comparações em relação a outro intelectual, a tese de João Kennedy Eugênio optou pela análise dos livros *Raízes do Brasil* e *Caminhos e fronteiras*, para compreender a articulação feita pelo autor acerca da concepção organicista, que embasa a reflexão das obras. Eugênio mostrou que as tensões internas dos textos servem para melhor caracterizar a sociedade brasileira, sedenta pela superação do passado. Buscou ainda mapear as matrizes interpretativas com que Sérgio Buarque tomou contato nos anos trinta e as que manteve na obra *Caminhos e fronteiras*, entendida como superação do estilo ensaístico e fruto de pesquisa disciplinada. Também levantou *en passant* as mudanças entre a primeira e a segunda edição (1948) de *Raízes do Brasil*, no que toca aos ajustes de estilo, correções de equívocos históricos ou da minimização de posturas assumidas em 1936. Por fim, concluiu que o incômodo de Sérgio Buarque “dizia respeito ao organicismo e seu caráter de ensaio”,<sup>59</sup> bem como o possível paralelo de seu discurso com a política estado-novista, que visava constituir um consórcio pacífico entre a chamada evolução nacional e a tradição ibérica.

Da mesma forma, *Caminhos e fronteiras* foi objeto de estudo para Eliana de Freitas Dutra. A historiadora apontou quais temáticas foram mobilizadas no estudo de 1957, como os aspectos da vida material, sugestivas para as análises do autor que, no seu entender, são muito inovadoras por descortinar as interações entre gentios e adventícios. Demonstrou ainda que, ao transitar por mapas e papéis do Brasil colônia, Sérgio Buarque assumiu a perspectiva de viajante e, como tal, deu “voz a testemunhos que não contém o espanto e a admiração com o senso topográfico bem como com a capacidade de observação da natureza por parte de índios e sertanistas”.<sup>60</sup> Segundo Dutra, ao adotar tal metodologia o autor se opôs ao grupo modernista de Graça Aranha, Ronald de Carvalho e Paulo Prado, que propuseram uma separação rígida entre natureza e cultura, civilização e barbárie para a compreensão do Brasil.

Não menos importante entre os que propõem a fuga ao marco monumental, há ainda o estudo de Thiago Lima Nicodemo, que procurou vislumbrar a apropriação por Sérgio Buarque, da tópica de Ernest Robert Curtius, em *Literatura europeia e Idade Média latina* (de 1948, mas traduzido para o português em 1957), no livro *Visão do paraíso*. Isto porque,

<sup>58</sup> GOMES, Ângela de Castro. A dialética da tradição. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 12, n. 5, p. 15-27, 1990, p. 15.

<sup>59</sup> EUGÊNIO, João Kennedy. *Um ritmo espontâneo: o organicismo em Raízes do Brasil & Caminhos e fronteiras*, de Sérgio Buarque de Holanda. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, 2010, p. 320.

<sup>60</sup> DUTRA, Eliana de Freitas. Sérgio Buarque de Holanda viajante: o lugar da cultura em *Caminhos e fronteiras*. In: PAIVA, Eduardo França; ANASTASIA, Carla Maria Junho (orgs.). *O trabalho mestiço: maneiras de pensar e formas de viver – séculos XVI a XIX*. São Paulo: Annablume / PPGH-UFGM, 2002, p. 30.

segundo ele, no texto apresentado à cátedra da USP, o paulista buscou identificar continuidades discursivas nas descrições do Novo Mundo de portugueses e espanhóis. Entretanto, no entender da presente pesquisa, o ponto alto da dissertação foi quando o estudo adentrou nos debates estabelecidos entre Buarque de Holanda e Eduardo D'Oliveira França, pois este último fora arguido pelo primeiro, em 1951, quando defendeu a tese *Portugal na época da restauração*<sup>61</sup> e, em 1958, os papéis se inverteram.

A questão que os opunha dizia respeito ao entendimento sobre a passagem da Idade Média para o Renascimento. *Visão do paraíso* defendia a ausência de uma ruptura radical entre esses períodos, e *Portugal na época da restauração* via motivações modernas nos lusitanos que se lançaram aos sete mares. Apesar de não explorar até a exaustão os documentos do concurso para a cátedra, centrado nos comentários da arguição, Nicodemo teve o mérito de analisar essa disputa de teses, e também apontou o diálogo com Caio Prado Jr. acerca dos *sentidos* da colonização, pois Buarque de Holanda preocupou-se em mostrar como a “permanência de laços mentais e práticas medievais havia estruturado uma sociedade além-mar que reproduzia e adaptava essas mesmas estruturas”.<sup>62</sup>

Dessa maneira, apesar de superarem em certa medida a monumentalização naturalizada que se confere recorrentemente ao autor de *Raízes do Brasil*, as pesquisas arroladas até aqui procuraram compreender os diálogos intelectuais em que Sérgio Buarque se envolveu. Contudo, como se pode notar, sua tônica se manteve centralizada em análises sobre as obras, onde se incluiu, para além do livro de estreia, preferencialmente também os textos de *Caminhos e fronteiras* e *Visão do paraíso*. Já o percurso aqui proposto se volta às práticas letradas e experiências que tornaram possível esses produtos finais, que são os livros.

Por isso, no caso da cultura historiográfica que informou as lides do ofício do intelectual e que, posteriormente, proporcionou o lançamento dos alicerces de certa memória em torno da autoria “Sérgio Buarque de Holanda”, parte-se do pressuposto de que a delimitação mais nítida desses contornos se deu a partir da edição da coleção *História Geral da Civilização Brasileira* (HGCB),<sup>63</sup> publicada pela Difusão Europeia do Livro (Difel) entre 1960 a 1984. Pode-se inferir que se tratava da efetivação do desafio proposto em 1951 para que a escrita da História do Brasil fosse materializada com a participação de diferentes especialistas. Some-se a isso o fato de que foi o próprio Sérgio Buarque o coordenador inicial

---

<sup>61</sup> FRANÇA, Eduardo D'Oliveira. *Portugal na época da restauração*. São Paulo: Hicitec, 1997.

<sup>62</sup> NICODEMO, op. cit., 2008, p. 112.

<sup>63</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de; FAUSTO, Boris (orgs.). *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: Difel, 1960-1984.

do projeto, quando não ocupava mais o cargo de historiógrafo do Museu Paulista e atuava como professor catedrático da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da USP.

Além disso, a coleção HGCB corresponde a um conjunto de outros livros pouco analisados em que Buarque de Holanda se envolveu. Nada surpreende, portanto, o fato de até o momento não ter sido encontrado trabalho algum debruçado intensiva e sistematicamente no estudo da HGCB. Na realidade, há apenas dois artigos que, ou não tomam a coleção como um todo antes de centrar-se no período correspondente à coordenação do empreendimento por Sérgio Buarque ou enfatizam análises intertextuais do volume *Do Império à República*, relegando ao segundo plano sua inserção no projeto editorial da Difel.

O primeiro deles, intitulado *A herança colonial: Sérgio Buarque de Holanda e a História Geral da Civilização Brasileira*, defende a ideia de que a coleção estava inserida dentro de uma lógica de escrita da História contrária àquela de cujo passado era narrado com o subsídio estatal e onde o IHGB figurava como exemplar. Embora seu autor localize o empreendimento junto aos processos de profissionalização dos estudos históricos no Brasil dos anos 1950, não o compara de maneira satisfatória com outras coleções, carece de embasamento documental e ainda questiona seu sucesso no intento da especialização acadêmica ao mencionar a presença de muitos intelectuais não vinculados às universidades. Ademais, ao apontar a existência de uma tese na HGCB, o já mencionado Thiago Nicodemo tenta fundamentar “que a nação brasileira como unidade ideológica só começou a ser formada em finais do século XVIII às custas de muita luta e sangue derramado”,<sup>64</sup> mas, para tanto, não realiza uma análise intertextual que seria necessária ao sustento desta ideia.

O segundo estudo se concentra na base teórica guiadora da argumentação de Sérgio Buarque no momento da publicação da obra *Do Império à República*. Para seu autor, Arthur Assis, os conceitos de crise e poder pessoal de D. Pedro II prevalecem nas estruturas narrativas do texto e são responsáveis pela atribuição de uma espécie de marco zero na derrocada da monarquia, iniciado com a queda do gabinete chefiado por Zacarias de Góis e Vasconcelos, em 1868. Atento às manifestações da contemporaneidade ditatorial nas páginas do livro dedicado ao estudo do Segundo Reinado, o autor identifica críticas de Buarque de Holanda ao regime instaurado em 1964. Neste sentido, atesta a sua especial simpatia com os discursos que combatiam a proibição do voto dos analfabetos, como foi o caso dos pronunciamentos do deputado José Bonifácio de Andrada e Silva. Mesmo assim, imerso

---

<sup>64</sup> NICODEMO, Thiago Lima. A herança colonial: Sérgio Buarque de Holanda e a História Geral da Civilização Brasileira. In: *I Seminário Brasileiro sobre o livro e a história editorial*. Rio de Janeiro: Anais, 2004, p. 3. Disponível em: <<http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/thiagolimanicodemo.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2013.

demasiadamente no conteúdo da obra e no quadro teórico-metodológico que o animava, a saber, a matriz disciplinar de Jörn Rüsen, Assis deixa de explorar tais constatações a contento.

E ao observar que o objetivo de Sérgio Buarque extrapolava as fronteiras temporais de seu estudo, pois, no seu dizer, correspondia à busca pela compreensão dos entraves ao êxito da democracia no Brasil, Assis não deixou de apontar igualmente *Do Império à República* como a manifestação da crítica política ao legado ibérico da sociedade brasileira,<sup>65</sup> quase como complementar ao escrito de *Raízes do Brasil*. Mas ainda que pese o paralelo plausível sobre o problema da questão democrática de um e outra obra, a verdade é que, tal qual as pesquisas debruçadas sobre a obra de Sérgio Buarque de Holanda, este último estudo acabou por convergir ao livro de estreia, sob a justificativa de que o tema do governo democrático já havia aparecido na parte final do texto de 1936, sem, contudo, fazer a devida demonstração. Por esses motivos, ao longo deste trabalho veremos em que medida há acertos e equívocos nesta e em outras hipóteses levantadas a propósito da coleção HGCB e se é possível concordar ou não com elas.

Portanto, com interesse simultâneo às contingências, parte da divulgação, certa repercussão, embates e polêmicas *no* e *em* torno do empreendimento editorial da Difel, este estudo tenciona se inscrever no conjunto da produção acadêmica que tem se intitulado *História da cultura escrita*.<sup>66</sup> Isso porque busca em um só tipo de narrativa historiográfica, o entrelaçamento de tanto elementos quanto forem possíveis, para interpretar o conjunto de forças (individuais, coletivas, de circunstância) que atuam na comunicação impressa das sociedades. Logo, o horizonte de tal esforço almeja dialogar e fazer incursões analíticas por intermédio do *modus operandi* desta que também é denominada *Histoire du livre*.

Logo, o principal objetivo é analisar parte do tecido social de relacionamentos (pessoais, institucionais e/ou editoriais) engendrados por Sérgio Buarque de Holanda, para problematizar os componentes da cultura escrita, em particular historiográfica, responsáveis pela elaboração de um processo de monumentalização que o fez se tornar um historiador canônico. Por isso, além das práticas letradas e dos projetos editoriais, não se exclui incursões na análise das homenagens póstumas realizadas por ocasião da morte do intelectual em 1982. Contudo, o destaque recai, majoritariamente, para o período compreendido entre 1960, pois é

---

<sup>65</sup> ASSIS, Arthur. A teoria da história com hermenêutica da historiografia: uma interpretação de *Do Império à República*, de Sérgio Buarque de Holanda. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 30, n. 59, p. 91-120, jan./jun. 2010.

<sup>66</sup> CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Ed.UnB, 1994.

o ano da publicação do primeiro volume da HGCB; e 1972, quando Sérgio Buarque de Holanda deixou de coordenar a coleção, após a impressão da obra *Do Império à República*.<sup>67</sup>

Nos objetivos específicos existe a intenção de caracterizar a faceta política deste historiador para compreender os limites e em que medida sua escrita e ações públicas podem ser identificadas como combativas aos sucessivos regimes de força vivenciados no país, em especial após o golpe civil-militar de 1964; bem como tentar abordar as possíveis junções e disjunções dos intelectuais com as autoridades políticas constituídas, com os editores, com seus pares etc.; e refletir sobre o ato editorial, a produção, os usos sociais, a circulação, as formas como foram apropriados e a recepção dos impressos referentes à coleção HGCB.

As fontes históricas mobilizadas compreendem desde os próprios livros da HGCB, tomados como documentação, mas passam em igual medida por acervos mais diretamente ligados às pessoas e instituições próximas ao projeto editorial da Difel. Em observância ao período do falecimento de Sérgio Buarque, também a documentação oriunda da imprensa em forma de pronunciamentos de despedida, necrológios e testemunhos sobre sua trajetória crescem em importância. Até porque, pelos anos das décadas de 1970 e 1980, o governo brasileiro, ainda sob a égide de um regime autoritário, vigiava cidadãos considerados perigosos ou suspeitos ante a noção de Segurança Nacional. Sérgio Buarque de Holanda não escapou disso e, mesmo que visado tangencialmente, tal circunstância leva à interessante utilização de algumas dessas fontes, como processos e documentos de caráter confidencial, de modo a perceber quais olhares os agentes de órgãos repressivos lançaram sobre o autor.

Além desse universo de fontes, quando as discussões se voltam mais detidamente à escrita da História e ao regime das trocas intelectuais de Sérgio Buarque de Holanda, os documentos usados remetem à correspondência, ativa e passiva, do diretor da coleção HGCB com os potenciais colaboradores do empreendimento editorial da Difel, bem como aos debates em que se envolveu no diálogo com outros intelectuais por intermédio de publicações em periódicos. O grosso desse material encontra-se, justamente, no *Fundo Sérgio Buarque de Holanda* (SBH), localizado junto ao acervo do Arquivo Central da UNICAMP.

Mas, além deste, outros espaços foram consultados e preservam os documentos utilizados, tais como: o Arquivo Nacional (AN); a Biblioteca Nacional (BN); o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV); o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB); e o Centro de Apoio à Pesquisa em História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (CAPH-FFLCH). Por

---

<sup>67</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira* (t. II). *Do Império à República* (v. 5). São Paulo: Difel, 1972.

meio do tipo de fontes e textos analisados é possível vislumbrar entrecruzamentos constitutivos dos componentes do processo final de monumentalização do *cânone* Sérgio Buarque de Holanda, historiador. Isso porque tais materiais não são tomados como meros passaportes de acesso ao mundo que circunda as práticas letradas e os projetos editoriais, pois se compreende aqui o real não só como “a realidade visada pelo texto, mas a própria maneira como ele a visa, na historicidade de sua produção e nas estratégias de sua escritura”.<sup>68</sup>

Salvaguardadas pressões conjunturais de natureza diversa e em cotejo com a ação individual, pode-se dizer, em síntese, que Sérgio Buarque realizou o plano geral da coleção HGCB e convidou os autores. Dessa maneira, constituiu em torno de si importantes formas de *sociabilidades intelectuais*, compreendidas como “espaço de constituição de uma rede organizacional (que pode ser mais ou menos formal/institucional) e como um microcosmo das relações afetivas (de aproximação e/ou de rejeição)”,<sup>69</sup> inerente às experiências históricas das próprias personagens e dos mecanismos que as tornam concebíveis. Mesmo porque foi esta mesma “geometria variável”,<sup>70</sup> que posteriormente asseguraria posição de destaque a Sérgio Buarque como *cânone* junto à historiografia brasileira.

Por si só, seus atos de estruturar a coleção e convidar os colaboradores permitem ao estudo mapear parte dos passos e refletir acerca das vicissitudes biográficas do organizador da HGCB, “à luz de um contexto que as torne possíveis”,<sup>71</sup> sempre alerta ao risco de certa *ilusão biográfica*<sup>72</sup> e contrário ao reducionismo comportamental muitas vezes conferido à trajetória das personagens históricas. Para tanto, o método histórico empregado é aquele por meio do qual se observa não só o tempo referente ao desenrolar dos acontecimentos e processos, mas também a produção de narrativas, historiográficas ou não. Bem entendido está, portanto, o quão animado se encontra o presente estudo pelas discussões questionadoras da ideia de coerência na vida humana, de modo que o intento visa lançar mão de aspectos biográficos mais com o fito de esclarecer tessituras das redes de sociabilidade nas quais a trajetória de Sérgio Buarque deixou rastros do que para tecer-lhe uma biografia no sentido tradicional do termo. Interessa, assim, antes os itinerários de sua trajetória e as configurações advindas daí,

<sup>68</sup> CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed.UFRGS, 2002, p. 56.

<sup>69</sup> GOMES, Ângela de Castro. Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre. In: \_\_\_\_\_ (org.), op. cit., 2004, p. 52-3.

<sup>70</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ / FGV, 1996, p. 242.

<sup>71</sup> LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 6.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005, p. 176.

<sup>72</sup> BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA; AMADO (orgs.), op. cit., 2005.

para tentar vislumbrar um Buarque de Holanda mais real que ideal e mais humano e com sangue nas veias do que a imagem de um intelectual cristalizado ou tralhado em mármore.

Considerados esses pontos, no primeiro capítulo, intitulado *A morte de Sérgio Buarque de Holanda e as homenagens póstumas: monumentalização intelectual, política, história e memória*, toma-se o luto como ponto de partida para a análise da instância micro das homenagens póstumas em cotejo com a configuração macro do momento vivenciado pela sociedade brasileira.

No seguinte, denominado *Coleção História Geral da Civilização Brasileira (HGCB): organização interna, especialização acadêmica, disputas letradas e editoriais*, busca-se compreender como a HGCB foi planejada na década de 1950, em qual ambiente de reflexão emergiu o projeto, suas dificuldades, como foram as escolhas, quem eram ou de onde vinham os colaboradores ao longo dos anos 1960-1970 e como se davam suas trocas intelectuais.

O terceiro capítulo, *Estratégias de distinção e as marcas indelévels dos livros: concorrências, recepção, polêmicas e apropriações da HGCB*, procura mostrar as formas encontradas pelo projeto editorial da Difel para se diferenciar dos modelos de coleção precedentes e/ou contemporâneas, bem como demonstrar as críticas iniciais e as leituras que o empreendimento recebeu.

O último capítulo adentra noutras críticas e debates historiográficos mais significativos que a coleção suscitou, com uma incursão de caráter mais intertextual, de modo a inventariar as polêmicas, as disputas, os autores e a documentação histórica mobilizada nesses escritos para narrar o passado do Brasil monárquico, quando Sérgio Buarque de Holanda deixa de coordenar o projeto editorial. Por isso recebeu o nome de *Do Império à República e o término da fase Buarqueana: renovação de teses, embates finais, democracia e civilização*.

Por fim, cabe a ressalva de que procurar compreender o peculiar regime de trocas letradas da *intelligentsia* brasileira por meio dos textos *de* ou *vinculados* a Sérgio Buarque é quase o mesmo que tentar conhecer um escritor apenas por intermédio de um dos livros publicados sob sua autoria e aquiescência. De fato, ambos constituem partes pequenas da atividade total de um país ou de um indivíduo, mas, tratados em cotejo, podem ser muito reveladores, pois somente assim é possível inferir sobre a atuação das personagens históricas. Entretanto, tal incursão em tempos passados só parece viável, na medida em que as formas de expressão e alguns traços dessas práticas sobrevivem nos registros documentais, como aqui se defende ser o caso dos intelectuais, impressos e instituições que, em vida ou na morte, partiram ou convergiram para o nome de Sérgio Buarque de Holanda e à coleção HGCB.

## Capítulo 1

### A MORTE DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA E AS HOMENAGENS PÓSTUMAS: monumentalização intelectual, política, história e memória

**E**m 1982 morreu o historiador Sérgio Buarque de Holanda, ex-professor catedrático da FFCL-USP e autor de obras como *Raízes do Brasil* (1936) e *Visão do paraíso* (1959). Na ocasião a sociedade brasileira vivia momentos de intensos debates, devido à passagem lenta, não tão segura, mas gradual para a redemocratização, de modo que o falecimento suscitou inúmeras publicações na imprensa, nas quais é possível escutar tal circunstância. Ao tom pesaroso somavam-se manifestações de reconhecimento ao morto ante sua enorme contribuição à cultura, às Ciências Humanas e, em particular, à História do país.

O crédito das apreciações era fortalecido por meio de sua identificação com as lutas travadas contra os autoritarismos e, enquanto jazia, sua monumentalização era intensificada, porque os dispositivos de canonização requerem vinculações com os elementos políticos para serem declarados ou impostos, por mais que careçam de uma instância decisiva, como a universitária, para se constituir. De cunho religioso, o uso do termo *cânone* não é tomado aleatoriamente, “mas porque conota a natureza ‘sagrada’ atribuída a certos textos e autores, que assumem caráter paradigmático e são considerados píncaros do ‘espírito nacional’”.<sup>1</sup>

Logo, ao tomar o luto como ponto de partida para se refletir acerca dos embates pacíficos, pretende-se transitar entre as linhas que partem e convergem para o nome de Buarque de Holanda, bem como analisar a instância *micro* das cerimônias fúnebres em cotejo com a configuração *macro* do momento vivenciado no Brasil, para compreender o processo final de monumentalização do paulista e de sua obra como *cânone* historiográfico. Por isso, a narrativa se concentra na repercussão da morte do intelectual com o intuito de articular as mensagens de despedida com a dimensão política, cuja extensão “liga-se por mil vínculos, por toda espécie de laços, a todos os outros aspectos da vida coletiva”.<sup>2</sup> Os principais documentos mobilizados são fontes de imprensa, preservadas na série *Homenagens Póstumas* do Fundo *Sérgio Buarque de Holanda* do Arquivo Central da UNICAMP, de modo que, ao tomar como falsa a oposição indivíduo *versus* sociedade, seu uso beneficia a análise, por possibilitar o vislumbre de princípios organizadores dos sistemas de canonização, por meio dos testemunhos sobre Sérgio Buarque e da presença de personalidades em seus funerais.

<sup>1</sup> KOTHE, Flávio Rene. *O cânone colonial: ensaio*. Brasília: Ed.UnB, 1997, p. 108.

<sup>2</sup> RÉMOND, René. Uma história presente. In: \_\_\_\_\_ (org.), op. cit., 1996, p. 35.

E se, por vezes, o termo *luto* é utilizado, tal uso se dá mais em conformidade com seu aparecimento no universo vocabular das fontes do que, propriamente, em virtude da crença no sentido assumido pelo conjunto das homenagens póstumas. Não se quer dizer com isso que não houve sentimentos de pesar, mas, tão somente, que as vozes das manifestações públicas, por sua vez, mais se coadunam com certa *retórica da perda*, interessada na caracterização monumental ao nome de Sérgio Buarque e, conseqüentemente, postam-se, antes de tudo, como espécie de instante privilegiado para a ação política da sacralização intelectual.

### 1.1 Tal filho, tal pai ou A propósito de críticas aos regimes de força

Em sua última semana de vida, quando lúcido e bem disposto, Sérgio Buarque de Holanda permaneceu no escritório onde continuava a ler, folhear jornais, escrever e conversar com familiares,<sup>3</sup> por conta de seu hábito de deixar o cômodo de porta aberta para ouvir a movimentação doméstica.<sup>4</sup> Refúgio privilegiado de longa data, o espaço serviu para que finalizasse, dentre outros estudos, o livro *Do Império à República*, volume de sua autoria, embora integrante da coleção HGCB. Impresso pela Difel, este empreendimento ordenou o passado brasileiro pelas idades nacionais da Colônia, do Império e da República em um total de 11 volumes. Produzido em forma de coletânea com a participação de diversos intelectuais, o projeto contou com as colaborações e direção de Buarque de Holanda, sobretudo nos anos de 1960 a 1972, e de Boris Fausto, com publicações entre 1975 e 1984. Quando a obra *Do Império à República* foi impressa em 1972, sua edição significou o término dos estudos sobre o Brasil monárquico na coleção e o desligamento de Sérgio Buarque como organizador.

Nascido no bairro paulista da Liberdade, em 1902, filho do pernambucano Christóvão Buarque de Holanda e da carioca Heloísa Costa Buarque de Holanda,<sup>5</sup> Sérgio Buarque fez o ginásio no Colégio São Bento – no qual, segundo depoimento que concedeu, sua matéria favorita era História, ministrada por Afonso d’Escragolle Taunay –,<sup>6</sup> e no Arquidiocesano. Em 1921 se matriculou na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, então

<sup>3</sup> Série: Homenagens Póstumas. 2514 – Recorte de jornal, intitulado “Sérgio, até o fim, sem pompas”, comentando a cerimônia de cremação do corpo de SBH, realizada por Frei Beto e destacando a opinião dos intelectuais. Folha de São Paulo. São Paulo, 26 abr. 1982. Ilustrada. p. 19. Hp 31 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>4</sup> WEGNER, Robert. Latas de leite em pó e garrafas de uísque: um modernista na universidade. In: EUGÊNIO; MONTEIRO (orgs.), op. cit., 2008.

<sup>5</sup> Série: Vida Pessoal. 20 – Certidão de Batismo de SBH, (São Paulo, 08 dez. 1902), nº 0772. São Paulo, 17 jul. 1937. c.as. 1p (anotações em alemão no verso). Vp 20 P1. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>6</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. In: GRAHAM, Richard. An interview with Sérgio Buarque de Holanda. In: *The Hispanic American Historical Review*, Duke University Press, v. 62, n. 1, p. 3-17, feb. 1982, p. 3. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2515412>>. Acesso em: 22 fev. 2013.

capital do país. Mal chegou a exercer este ofício, pois, mesmo formado,<sup>7</sup> só retiraria o diploma em 1957, na eminência do concurso para professor catedrático que prestou na USP.

Ainda nos anos vinte se envolveu em discussões do movimento modernista, quando iniciou suas colaborações na imprensa, que, apesar de oscilatórias, manteria por toda sua trajetória. Em 1929 partiu para a Europa, mantendo residência na Alemanha, como enviado especial d'*O Jornal*, do magnata das comunicações, Assis Chateaubriand. Familiarizado com a língua, leu “Meincke, Max Weber, o crítico Gundolf e, na ficção, Kafka, Rilke, Hoffmanstahl”,<sup>8</sup> além de ter aproveitado para adquirir bibliografia em outros idiomas.

De volta aos trópicos, retornou às redações cariocas e, em 1936, publicou seu primeiro texto em forma de livro, *Raízes do Brasil*, como volume de abertura da coleção *Documentos Brasileiros*. O impresso contou com prefácio de Gilberto Freyre, diretor do empreendimento e também conhecido como o sociólogo que havia “revolucionado as opiniões da crítica com *Casa-grande & senzala*”,<sup>9</sup> em 1933. Em 1939 Buarque de Holanda começou a trabalhar no Instituto Nacional do Livro (INL), em 1944 na Divisão de Consultas da Biblioteca Nacional e, em 1946, voltou a São Paulo para assumir a função de historiógrafo do Museu Paulista e, na década de 1950, a sua direção. Antes disso lecionou História Moderna e Econômica e História da Civilização Luso-Brasileira na UDF, como assistente, entre 1936 e 1939.<sup>10</sup>

Com algumas interrupções, entre 1947 e 1955, foi professor de História Econômica do Brasil na Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) de São Paulo, onde também ministrou, em 1955, as disciplinas de História Social e História Política do Brasil. De 1953 a 1954, após convite para lecionar na Itália, foi docente de Estudos Brasileiros na Universidade de Roma. No mesmo decênio, em 1956, foi professor de História do Brasil na Universidade de Sorocaba-SP, ano em que passou a atuar na USP, até se tornar catedrático, em 1958. Antes disso, para concorrer à cadeira da História da Civilização Brasileira da USP teve de retornar à ELSP, desta vez como discente, onde desenvolveu e defendeu texto denominado *Elementos formadores da sociedade portuguesa na época dos descobrimentos*,<sup>11</sup> ainda inédito e pouco conhecido entre seus estudiosos, para obter o grau de mestre em Ciências Sociais.

---

<sup>7</sup> Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC-FGV). Arquivo: Anísio Teixeira. Classificação: AT pi Melo, L.C. de 1954.00.00. “Dados biográficos de Sergio Buarque de Holanda” e “Bibliografia” extraídos do Dicionário de autores paulistas, São Paulo, Serviço de Comemorações Culturais, p. 278. (s.l.).

<sup>8</sup> HOLANDA, Maria Amélia Alvim Buarque de Holanda. *Apontamentos para a cronologia de Sérgio*, 2002, p. 12. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/siarq/sbh/biografia.html>>. Acesso em: 23 ago. 2013.

<sup>9</sup> SORÁ, op. cit., 2010, p. 184.

<sup>10</sup> Série: Vida Pessoal. 88 – Curriculum Vitae de SBH. 1958. Vp 88 P242. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>11</sup> Série: Originais/Monografia. 776 – Tese de SBH, intitulada “Elementos Formadores da Sociedade Portuguesa na época dos Descobrimentos”, apresentada à Escola de Sociologia e Política para obtenção de grau de mestre em Ciências Sociais. São Paulo, jul. 1958. 145p. Pi 175 P18. Fundo SBH, *Siarq-UNICAMP*.

Feito isso, dedicou-se ao concurso da USP, obtendo aprovação após a feitura de prova escrita, didática, de títulos e defesa de tese. Empossado na cátedra, aceitou presidir nos dois primeiros anos (1962-1964) o IEB, órgão que ajudou a fundar. Além disso, recebeu convites para ministrar cursos nas Universidades do Chile (1963), Columbia, Harvard, Los Angeles, Indiana, New York State (1965);<sup>12</sup> e, a partir dos anos 1960, sobretudo após afastar-se da USP em 1969, e na década de 1970, seu nome passou a ser mais atrelado à direção da HGCB.

Desse período, conta-se que se envolveu em intensas atividades intelectuais e políticas, embora sobrasse “tempo para, com ironia e espírito de diversão, lembrar que [...] era mais conhecido como o ‘o pai do Chico’”,<sup>13</sup> em referência ao filho Francisco Buarque de Holanda, artista de sucesso, mas *persona non grata* aos olhos do regime ditatorial que havia se estabelecido no Brasil desde 1964. Diferente do pai, que era paulista, Chico Buarque nasceu no Rio de Janeiro, em 1944. Na década de 1960 destacou-se como compositor e intérprete, via participação em inúmeros festivais de música, nacionais e internacionais, e também como escritor de peças e romances.<sup>14</sup>

Com efeito, aqui já se fazem presentes os contornos nem sempre discerníveis entre História e memória, pois ante o surgimento de discursos sociais mais direcionados à retomada da democracia na época da morte de Sérgio Buarque, repetidas vezes suas críticas ao governo foram lembradas em meio a referências de que era o “Pai do Chico”. Para tentar dirimir esses entrelaçamentos, busca-se tomar as *representações* de pesar “como objeto e como operação”, para permitir um exercício reflexivo “sobre as variações de escala”.<sup>15</sup> Pois além dos próprios escritores que procuram fazer “a ponte entre fortes precursores e fortes sucessores”,<sup>16</sup> outros agentes e instituições auxiliam na construção canônica.

Toda essa engenharia corria em paralelo ao autoritarismo de que o regime instalado em 1964 se municiava. Fosse por intermédio de fortes aparatos repressivos ou censores, o certo é que o governo tentava incidir sobre vários setores da sociedade, como a cena musical, ao buscar o controle da circulação de canções e realização de shows, em especial de integrantes da Música Popular Brasileira (MPB).<sup>17</sup> Desde meados da década de 1960 a MPB

<sup>12</sup> DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Sérgio Buarque de Holanda na USP. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n. 22, p. 269-274, set./dez. 1994.

<sup>13</sup> Série: Homenagens Póstumas. 2505 – Recorte de jornal, intitulado “Às vésperas dos 80 anos, a morte de Sérgio Buarque”, de Maurício Ielo, comentando o seu falecimento, as suas obras e depoimentos de vários intelectuais. O Estado de São Paulo. São Paulo, 25 abr. 1982. Hp 22 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>14</sup> AMARAL, Roberto Antônio Penedo do; SOUZA, Nalva Lopes de. Afasta de mim esse cálice! Chico Buarque e a censura no Brasil pós 1964. *Revista Vozes dos Vales* (UFVJM), Vales do Jequitinhonha e Murici (MG), ano I, n. 2, p. 1-19, out. 2012.

<sup>15</sup> CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 22.

<sup>16</sup> BLOOM, Harold. *O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995, p. 495.

<sup>17</sup> NAPOLITANO, Marcos. Os Festivais da Canção como eventos de oposição ao regime militar brasileiro

congregava artistas críticos do regime autoritário, dentre os quais o filho de Sérgio Buarque, Chico Buarque, que em 1971 passou a liderar a lista de músicos inimigos do governo, destacado mesmo “como o centro aglutinador da oposição musical de esquerda”.<sup>18</sup>

O agravamento de sua situação deu-se logo após a composição da música *Apesar de você* (1970), uma das chamadas canções-protesto, que vendeu mais de cem mil compactos até ser impedida de se difundir, no mesmo ano, com o recolhimento dos discos e proibição de irradiar-se pelas rádios, sob a alegação de corresponder à mera provocação camuflada ao governo Médici (1969-1974).<sup>19</sup> “O ano de 1973 foi o período em Chico Buarque mais sofreu com as perseguições militares, sendo a sua peça *Calabar* proibida de ser apresentada”.<sup>20</sup> Com estreia prevista para novembro de 1973, após a revisão do processo avaliativo, os novos pareceres proibiram os ensaios, montagem e execução da representação teatral.<sup>21</sup>

*Calabar, o elogio da traição* foi uma peça escrita por Chico Buarque, entre 1972 e 1973, em coautoria com o cineasta moçambicano Ruy Guerra, que vivia no Brasil quando Moçambique ainda estava sob o jugo português, mas em avançado processo de descolonização, animado pela independência alcançada pelas colônias britânicas e francesas na África. Os autores também lançaram pela mesma época um disco homônimo ao texto, que continha canções como *Fado tropical*, integrante do espetáculo. As estrofes da música escamoteavam um pouco o sentido de suas críticas, mesmo que, teoricamente, se referissem ao Brasil seiscentista: “Oh, musa do meu fado / Oh, minha mãe gentil / Te deixo, consternado / No primeiro abril / [...] Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal / Ainda vai tornar-se um imenso Portugal / [...] / Ainda vai tornar-se um império colonial”.<sup>22</sup>

A peça buscava revisar o processo movido contra Domingos Fernandes Calabar, enforcado por crime de lesa-majestade em 1635.<sup>23</sup> Portanto, não é de se estranhar que um dos pareceres para a interdição do espetáculo acusasse os autores de apologia à colonização holandesa em oposição à lusitana e fosse concluído com a ênfase de que, “sem embargo de tudo quanto se possa alegar contra sua obra, é forçoso reconhecer que [os portugueses] foram

(1966-1968). In: REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois* (1964-2004). Bauru: EDUSC, 2004a.

<sup>18</sup> \_\_\_\_\_. A MPB sob suspeita: a censura musical vista pela ótica dos serviços de vigilância política (1968-1981). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n. 47, p.103-126, jan./jun. 2004b, p. 108.

<sup>19</sup> GREEN, James. *Apesar de vocês: oposições à ditadura brasileira nos Estados Unidos, 1964-1985*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

<sup>20</sup> AMARAL; SOUZA, op. cit., 2012, p. 6.

<sup>21</sup> ALENCAR, Sandra Siebra. A censura versus o teatro de Chico Buarque de Hollanda, 1968-1978. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 101-114, jul./dez. 2002.

<sup>22</sup> HOLANDA, Francisco Buarque de (Chico); GUERRA, Ruy. *Fado tropical*. In: HOLANDA, Francisco Buarque de (intérprete). *Chicocanta, Calabar, o elogio da traição*. Brasil: Phonogram / Philips, 1973 (LP).

<sup>23</sup> Calabar revisado. *Veja*, São Paulo, 25 jul. 1973, p. 84. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.asp>>. Acesso em: 03 jun. 2013.

os pioneiros efetivos e naturais na missão de conquista de nossa civilização”.<sup>24</sup> Ao lançar mão dessas palavras, pode-se inferir que os censores acabaram por aceitar a provocação da releitura teatral de Chico Buarque e Ruy Guerra, pois estes utilizaram Calabar como metáfora de brasilidade em oposição aos mandos e desmandos de toda espécie. E se os pareceres dos agentes do regime endossavam as confusões históricas, é porque, em realidade, não está claro qual trono foi traído, se português ou espanhol, pois na ocasião ainda vigia a União Ibérica (1580-1640). Tampouco se poderia falar em deslealdade ao Brasil, uma vez que não existia propriamente um país para ser traído, sem contar o questionamento cabível sobre o que era, efetivamente, Portugal,<sup>25</sup> tão afeito à navegação dos sete mares.

De qualquer forma, com ou sem equívocos, os termos dos censores muito provavelmente visavam, antes de tudo, inviabilizar por completo as tentativas de recurso por parte dos autores em reabilitar a peça. Especialmente no caso de Chico Buarque, uma vez que a base argumentativa, utilizada conscientemente ou não, repetia quase *ipsis litteris* uma frase de *Raízes do Brasil*, escrita por seu pai, Sérgio Buarque, em 1936, mas à época na sétima edição,<sup>26</sup> com o texto já em sua versão final, sem mais alteração alguma. No livro, após referendar que a proeza dos portugueses foi o pioneirismo na conquista do trópico para a civilização, vista como “sua maior missão histórica”, o autor, de fato, sentenciara: “sem embargo de tudo que se possa alegar contra sua obra, forçoso é reconhecer que foram não somente os portadores efetivos como os portadores naturais dessa missão.”<sup>27</sup> Ou seja: referência privilegiada, ex-professor catedrático da USP e coordenador da HGCB, por que não usar os trabalhos historiográficos do pai para censurar o filho?

Frente às alusões ao passado colonial, há de se atentar igualmente que no momento da composição da peça, a ditadura portuguesa era derrubada por meio da Revolução dos Cravos,<sup>28</sup> levada a cabo por um movimento militar, cujo intuito era dar fim ao Estado Novo lusitano. Também é sintomática a publicação do texto, em 1973, pela *Civilização Brasileira*,<sup>29</sup> num momento em que as forças repressivas do regime brasileiro já se contentavam com

<sup>24</sup> ALENCAR, op. cit., 2002, p. 107.

<sup>25</sup> SILVA, Bruno. *Genealogias mazombas: castas luso-brasileiras em crônicas coloniais*. Niterói: Ed.UFF, 2014 (prelo).

<sup>26</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Coleção “Documentos Brasileiros” (v. 1). 7.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

<sup>27</sup> \_\_\_\_\_, op. cit., 1995, p. 43.

<sup>28</sup> FREIRE, Américo Oscar Guichard; MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes. Lembrar abril: as historiografias brasileira e portuguesa e o problema da transição para a democracia. *História da Historiografia*, v. 10, p. 124-145, jan./abr. 2012, p. 125.

<sup>29</sup> Chico ou o elogio da traição. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 out. de 1973, p. 4 (caderno B). Disponível em: <<http://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19731029&printsec=frontpage&hl=pt-BR>>. Acesso em: 03 jun. 2013.

qualquer coisa para censurar impressos com a marca desta casa editorial, sempre no encalço de seu editor, Ênio Silveira.<sup>30</sup> Seu enredo girava em torno de Calabar, personagem histórica retratada como mulato, pernambucano, que foi esquartejado e morto pelos súditos fiéis à coroa, pois resolveu lutar ao lado do invasor holandês. Contudo, diante da união dinástica do período, fica complicado determinar em nome de qual trono a personagem combateu. E aí talvez residisse uma das maiores sutilezas da peça, pois, sem o objetivo de apontar uma resposta definitiva ou se posicionar claramente a este respeito, continha diálogos que remetiam, justamente, para toda a confusão: “Um dia este país vai ser independente. Dos holandeses, dos espanhóis, portugueses... Um dia todos os países poderão ser independentes, seja lá do que for. Mas isso requer muito traidor. Muito Calabar. E não basta enforçar, retalhar, picar... Calabar não morre”,<sup>31</sup> dizia parte do texto.

Antes da censura total ao espetáculo e proibição da circulação de seus suportes, escritos ou sonoros, os periódicos noticiavam que sua produção tinha sido gestada após meses de pesquisas dos autores que tinham lido tudo o que puderam sobre o século XVII e, em especial, sobre o julgamento de Calabar. E mais: apesar de Chico Buarque e Ruy Guerra não chegarem, na época, propriamente a conclusões se houve ou não efetivo crime de traição e lesa-majestade, “Os estudos e pesquisas receberam o endosso do grande historiador [...] Sérgio Buarque de Holanda”,<sup>32</sup> pai de Chico.

Por essas questões, cabe destacar que, embora Sérgio Buarque seja, por assim dizer, o protagonista deste estudo, muitas considerações se fazem necessárias. Isso porque, com o esforço voltado à imagem construída *em* torno de sua personagem, quando de seu falecimento, é preciso atentar, na medida do possível, aos tempos de suas vivências lembradas por aqueles que lhe prestaram homenagens, para contribuir com a necessidade de “renunciar ao simulacro da integridade individual”.<sup>33</sup> Portanto, as vicissitudes biográficas aparecem com o propósito de iluminar as falas a seu respeito e “a meada das relações nas quais ele se inscreve”,<sup>34</sup> da mesma forma que a noção de intelectual utilizada partilha das reflexões que transitam entre as acepções de criadores ou mediadores culturais e a de engajamento.<sup>35</sup>

Daí os desvios que vão do pai ao filho, da produção historiográfica à artística e dos momentos da abertura política no Brasil de 1980, ao término do regime autoritário português

<sup>30</sup> HALLEWELL, op. cit., 1985.

<sup>31</sup> HOLANDA, Francisco Buarque de (Chico); GUERRA, Ruy. *Calabar, o elogio da traição*. Coleção “Teatro hoje” (v. 24). 12.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 90.

<sup>32</sup> Chico ou o elogio da traição, op. cit., 1973, p. 4.

<sup>33</sup> LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 245.

<sup>34</sup> REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: \_\_\_\_\_ (org.), op. cit., 1998, p. 21.

<sup>35</sup> SIRINELLI, op. cit., 1996, p. 242.

na década anterior. Pois além de serem acontecimentos caros às percepções dos indivíduos mencionados, conformadores mesmo de certo engajamento político, são também questões que marcaram as produções intelectuais de um e outro. Cada qual a seu modo e, na década de 1970, com privilégio de tempos remotos distintos, Sérgio e Chico Buarque se posicionavam frente aos autoritarismos, mas, em princípio, sempre recorrendo aos desmandos do passado. Num trecho do livro *Do Império à República*, publicado em 1972 como sétimo volume da coleção HGCB (quinto do Tomo II: *O Brasil Monárquico*), ao dissertar sobre os debates existentes no século XIX a respeito do sistema eleitoral brasileiro e após referendar a constituição portuguesa, Sérgio Buarque escreveu que a carta lusa foi baseada na do império tropical. E, “na parte relativa a eleições, não se distinguia da brasileira: apesar disso introduziu-se lá a eleição direta sem reforma constitucional. Por que não tentar o mesmo no Brasil?”.<sup>36</sup> Embora pela via da escrita ficcional, pelo mesmo período, mas em referência, desta vez, ao Brasil colonial, dois personagens da peça *Calabar*, Frei e Mathias, entoavam de maneira uníssona a seguinte sentença: “O que é bom para Portugal, é bom para o Brasil”.<sup>37</sup>

Isso tudo nos escritos do início da década de 1970. Contudo, ao final do decênio, quando o controle do governo autoritário sobre os meios de comunicação já havia arrefecido, o Ato Institucional nº 5 (AI-5) revogado, o *habeas corpus* revalidado e a aprovação da Anistia estabelecida (1979), o discurso da “sociedade brasileira, pôde repudiar a ditadura, reincorporando sua margem esquerda e reconfortando-se na ideia de que suas opções pela democracia tinham fundas e autênticas raízes históricas”.<sup>38</sup> Nessa reconfiguração do cenário político e institucional do país, é possível vislumbrar posicionamentos mais claros e já sem meias palavras sobre as necessidades do retorno da *experiência democrática* (1945-1964), interrompida com o golpe civil-militar de 1964.<sup>39</sup>

Não que Sérgio ou Chico Buarque não tivessem se posicionado anteriormente desta forma. Mas agora, na eminência da abertura política e com a emergência de um ideário pacifista, surgido em virtude da falta de espaço para ações revolucionárias violentas, somado ao início das falências de países do bloco socialista e possibilidades ainda reais de hecatombe nuclear sob o influxo da Guerra Fria, a democracia passou a ser vista “como forma de defesa da integridade física e moral das pessoas e garantia de seus direitos civis”.<sup>40</sup> Logo, embora

<sup>36</sup> HOLANDA, op. cit., 1972, p. 179.

<sup>37</sup> BUARQUE; GUERRA, op. cit., 1979, p. 32.

<sup>38</sup> REIS FILHO, Daniel Aarão. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. Coleção “Descobrimo o Brasil”. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 09.

<sup>39</sup> FERREIRA, Jorge. Apresentação do Dossiê: “1946 – 1964 a experiência democrática no Brasil”, *Tempo*, Niterói, n. 28, p. 11-18, 2009.

<sup>40</sup> ARAÚJO, Maria Paula. Esquerdas, juventude e radicalidade na América Latina nos anos 1960 e 1970. In:

pertencentes a gerações distintas e com formas de combate ao governo também diferentes, as falas de pai e filho podem ser identificadas e alocadas neste clima de maior liberalização do regime e de crescimento dos movimentos pacíficos.

Assim, não é de se estranhar, de um lado, a entrevista concedida por Sérgio Buarque de Holanda, já com 78 anos, na qual criticou o predomínio do elitismo na política vigente, com exclusão do voto dos analfabetos, e na cultura do Brasil, onde fez sutil referência a Gilberto Freyre, que teria concedido demasiada importância ao elemento senhorio<sup>41</sup> na obra *Casa-grande & senzala* (1933). E, de outro, também em matérias jornalísticas de 1980 que relembavam a peça *Calabar*, então liberada pela censura, era possível, finalmente, destacar certo lapso dos autores que, à época de sua escrita, “jamais acharam que ali estava, por exemplo, uma parábola em louvor a Carlos Lamarca, o capitão do Exército convertido em terrorista”.<sup>42</sup> Desertor das Forças Armadas e militante do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), Lamarca foi perseguido e morto por agentes da repressão em 1971,<sup>43</sup> pouco tempo antes da criação do espetáculo, cujo protagonista teve destino semelhante.

Outro ponto carente de destaque, diz respeito ao fato de que entre o final da década de 1970 e início de 1980, a exemplo do filho, Sérgio Buarque também passou a ser mais vigiado ou, ao menos, citado nos processos de caráter sigiloso ou confidencial do governo autoritário. Os arquivos repressivos, como são conhecidos os documentos produzidos no interior da estrutura burocrática do regime autoritário,<sup>44</sup> apontavam o intelectual paulista como esquerdista e participante dos movimentos políticos em prol da abertura.<sup>45</sup> Nada mais justo, convém dizer, pois se envolveu nas questões destinadas a fomentar a abertura política.

## 1.2 O escritório como antessala para a imortalidade

---

FICO, Carlos; et. al. (orgs.). *Ditadura e democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas*. Rio de Janeiro: FGV, 2008, p. 272.

<sup>41</sup> Série: Vida Pessoal. Subsérie: Entrevistas. 218 – Recorte de jornal com entrevista de SBH a Aleksandar Jovanovic, intitulado “Sérgio Buarque de Holanda: no Brasil de 80, elitismo ainda predomina, na cultura e na política. Exatamente como no passado”, comentando o papel do escritor no Brasil, a cultura brasileira, a Guerra do Paraguai, o futuro político do país e os partidos políticos: PSB, PC e PT. Diário do Grande ABC. Santo André, 13 abr. 1980. s.p. Vp 218 P4. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>42</sup> Apesar do governo. *Veja*, São Paulo, 14 maio. 1980, p. 60. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 07 jun. 2013.

<sup>43</sup> Verbete: Carlos Lamarca. In: ABREU, Alzira Alves de (coord.). *Dicionário histórico biográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV, 2001. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>>. Acesso em: 07 jun. 2013.

<sup>44</sup> BAUER, Caroline Silveira; GERTZ, René. Arquivos de regimes repressivos. Fontes sensíveis da história recente. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 177.

<sup>45</sup> *Arquivo Nacional* (AN). Coordenação de Documentos Escritos. Documentos do Executivo e do Legislativo. BR.AN.RIO.TT.0.MCP, AVU.431. UD 154. 13 folhas / 13 páginas. Confidencial. 07 out. 1980. Assunto: Atividades do Centro Brasil Democrático – CEBRADE.

Os entrelaçamentos entre História e memória, ficção e realidade, produção historiográfica e artística, figura paterna e ascendência, ficam bem nítidos quando se aproxima das práticas letradas dos anos 1970 e depoimentos de 1980 de Sérgio e Chico Buarque. Muito poderia ser ainda explorado a esse respeito. Mas, salvaguardadas as devidas inserções e particularidades de um e outro na cena intelectual brasileira, acredita-se que a demonstração anterior tenha sido suficiente para apontar alguns aspectos do processo de monumentalização por que passava o nome “Sérgio Buarque de Holanda”, por ocasião de sua morte. A vinculação familiar partia tanto de Sérgio Buarque, que nas entrevistas concedidas na década de 1970 já dizia adorar ser chamado de “pai do Chico”,<sup>46</sup> quanto das homenagens que recebeu por meio da imprensa em 1982 ou dos participantes de seus funerais, os quais logo receberão maior relevo. Por isso, convém retroceder aos últimos momentos da trajetória de Sérgio Buarque, para compreender outras facetas tecidas em torno de sua imagem.

Assim, vale destacar que as narrativas sobre o último dia de vida do autor da obra *Do Império à República*, registravam que na sexta-feira de 23 de abril de 1982, Sérgio Buarque recebeu de dom Paulo Evaristo Arns a unção dos enfermos.<sup>47</sup> Na época, o religioso já atuava em prol do retorno à normalidade democrática, com apoio às greves operárias do ABC paulista em 1980, de modo que, antes disso, em 1977, chegou a receber em Washington, “juntamente com o presidente dos EUA, Jimmy Carter, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kurt Waldheim, e mais quatro religiosos”,<sup>48</sup> o título de doutor *honoris causa* pela defesa dos direitos humanos. A temática do pacifismo, projetada como forte bandeira no governo americano sob a presidência de Carter (1977-1981), foi caracterizada pelas mudanças da agenda política estadunidense para a América Latina.

No dia seguinte à unção dos enfermos, Buarque de Holanda teria conversado um pouco com familiares, tomado café da manhã em seus aposentos e, talvez para fugir um pouco do interdito<sup>49</sup> manifesto sobre os moribundos, “pediu ao enfermeiro que o assistia que o levasse para o escritório”.<sup>50</sup> No cômodo, há pelo menos uma década era possível encontrar “latas de leite em pó, garrafas de uísque, remédios para dormir e outros para o manter acordado”,<sup>51</sup> bem como cinzeiros para os cigarros franceses que, até o fim, não abandonara,<sup>52</sup>

<sup>46</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de (entrevista). A democracia é difícil. *Veja*, São Paulo, 28 jan. 1976, p. 03. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 08 jun. 2013.

<sup>47</sup> \_\_\_\_\_. 2514, op. cit., 26 abr. 1982. Hp 31 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>48</sup> CORREIA, Maria Letícia; MARQUES, Bruno (atualização). Verbete: Paulo Evaristo Arns. In: ABREU (coord.), op. cit., 2001. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>>. Acesso em: 08 jun. 2013.

<sup>49</sup> ARIËS, Philippe. *História da morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

<sup>50</sup> Série: Homenagens Póstumas. 2514, op. cit. 26 abr. 1982. Hp 31 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>51</sup> ANDRADE apud WEGNER, op. cit., 2008, p. 495.

em meio aos livros e documentação histórica do Brasil colonial e imperial. Segundo o enfermeiro, minutos depois que chegou ao escritório, próximo às 9h30 de 24 de abril de 1982, Sérgio Buarque foi “acometido de mal súbito e ‘caiu para trás’”<sup>53</sup> morto, de modo a fazer do pedido para ir ao cômodo suas últimas palavras e vontade. Dias antes esteve com Luiz Inácio Lula da Silva,<sup>54</sup> candidato ao governo do estado de São Paulo pelo Partido dos Trabalhadores (PT), que identificava o “pai do Chico” como intelectual de esquerda independente,<sup>55</sup> e Eduardo Suplicy, logo filiado ao partido, mas então deputado estadual pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB).<sup>56</sup> Criado em 1965 quando da instituição do bipartidarismo (AI-2), em oposição à Aliança Renovadora Nacional (ARENA), o MDB contou com filiados originários das esquerdas e só cresceu nesta tendência nos anos 1970.<sup>57</sup>

Na segunda-feira de 26 de abril de 1982, o deputado Eduardo Suplicy confirmou à imprensa que esteve com Sérgio Buarque de Holanda pouco antes de sua morte e, surpreso, declarou: “Há pouco mais de uma semana, eu e o Lula almoçamos com a família, a convite do Chico. Dona Maria Amélia me confidenciou que foi esta a última vez em que o professor desceu, para almoçar na sala”.<sup>58</sup> Embora se tratasse de uma visita a convite do Chico, vale destacar que, junto de outros intelectuais e dos políticos mencionados, o historiador inscreveu-se “como membro fundador do PT”<sup>59</sup> em 1980. Ao apoiar o partido foi classificado como santo entre os participantes da criação da legenda. Em resposta ao jornalista, Sérgio Buarque disse com bom humor que então aguardava a vinda do Papa João Paulo II ao Brasil, com data prevista, para ver se V. Santidade confirmava: “Aí vamos ver se o Anchieta e eu... canonizados”.<sup>60</sup> Descontração à parte, quem sabe não existisse nesta brincadeira um desejo inconsciente de ser imortalizado?

---

<sup>52</sup> Série: Homenagens Póstumas. 2514, op. cit. 26 abr. 1982. Hp 31 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>53</sup> \_\_\_\_\_. 2508 – Recorte de jornal, intitulado “Sérgio Buarque, morre aos 79, em São Paulo”, comentando o falecimento de SBH, acrescida de uma biobibliografia. Folha de São Paulo. São Paulo, 25 abr. 1982. Hp 25 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>54</sup> \_\_\_\_\_. 2514, op. cit. 26 abr. 1982. Hp 31 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>55</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes; FORTES, Alexandre. Memórias do PT: as vozes de seus construtores. In: FICO; et. al. (orgs.), op. cit., 2008.

<sup>56</sup> NACIF, Libânia et. al. Verbete: Eduardo Suplicy. In: ABREU (coord.), op. cit., 2001. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>>. Acesso em: 08 jun. 2013.

<sup>57</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O MDB e as esquerdas. In: FERREIRA, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão (orgs.). *Revolução e democracia* (1964-...). Coleção “As esquerdas no Brasil” (v. 3). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

<sup>58</sup> Série: Homenagens Póstumas. 2514, op. cit. 26 abr. 1982. Hp 31 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>59</sup> HOLANDA, M. A, op. cit., 2002.

<sup>60</sup> Série: Vida Pessoal. Subsérie: Entrevistas. 208 – Recorte de jornal com entrevista de SBH, intitulado “Cresce a solidariedade à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência: professores protestam”, comentando os protestos de professores contra o cancelamento da reunião anual. Folha de São Paulo. São Paulo, 19 jun. 1977. s.p. Vp 208 P4. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

Mesmo sem a pretensão de chegar a respostas dogmáticas, porque o intento não corresponde aos objetivos da presente pesquisa, sua inserção nos debates partidários pode fornecer pistas interessantes, pois o PT era fruto de uma movimentação então inédita e promissora na cena política brasileira. Formado a partir do movimento operário de São Paulo e não das bases do Congresso Nacional ou de legenda partidária existente antes do golpe,<sup>61</sup> o PT que Sérgio Buarque endossou nasceu sob a marca da recusa ao legado referente à esquerda hegemônica no período antecedente ao golpe de 1964.<sup>62</sup>

Apesar de efêmero, o relacionamento do falecido com o jogo partidário não datava só de seus últimos anos de vida. Além de ter participado do Congresso de Escritores na capital paulista em 1945, onde assinou a *Declaração de Princípios* contra o governo Vargas, “junto com Manuel Bandeira e Guilherme Figueiredo [irmão do presidente João Figueiredo (1979-1985)], foi um dos fundadores do Partido Socialista Brasileiro pelo qual concorreu a uma vaga à Câmara de Vereadores de São Paulo”,<sup>63</sup> tendo sido derrotado em 1946.

Gestado a partir da chamada *Esquerda Democrática* em oposição ao Estado Novo em seus momentos finais, o Partido Socialista Brasileiro (PSB) tinha sua base formada por muitos homens das letras que não desejavam ser identificados ou se juntar com o Partido Comunista Brasileiro (PCB). A nova legenda era inspirada na social democracia europeia e, ao contrário do PCB, visava alcançar o *status* revolucionário por meio de um programa mínimo. Assim, o PSB propunha valorizar a nacionalidade e postar-se como promotor da educação (política, econômica, cultural) do povo brasileiro<sup>64</sup> como sua grande meta e mesmo espécie de reflexo de seu quadro de filiados, no qual figurava Buarque de Holanda. Quando morreu, seus amigos fizeram questão de recordar que, depois de derrotado nas urnas, em 1946, a participação do “pai do Chico” nos debates de natureza política “restringiu-se àquilo que sempre soube fazer maravilhosamente: seus escritos, seminários, aulas, conferências e livros”.<sup>65</sup>

De fato, não é muito difícil encontrar entre pessoas que tiveram um convívio mais próximo a Sérgio Buarque referências explícitas à sua erudição. Nos anos 1920 era caracterizado como um rapaz que estava a par de todas as publicações europeias<sup>66</sup> e, posteriormente, como alguém de aguçada curiosidade intelectual (leu autores barrocos,

<sup>61</sup> BADARÓ, Marcelo. Verbete: Lula. In: ABREU (coord.), op. cit., 2.ed., 2001. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>>. Acesso em: 08 jun. 2013.

<sup>62</sup> FERREIRA; FORTES, op. cit., 2008, p. 281.

<sup>63</sup> Série: Homenagens Póstumas. 2508, op. cit. 25 abr. 1982. Hp 25 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>64</sup> HECKER, Alexandre. Propostas de esquerda para um novo Brasil: o ideário socialista do pós-guerra. In: FERREIRA; REIS FILHO (orgs.), op. cit., 2007, p. 47.

<sup>65</sup> Série: Homenagens Póstumas. 2508, op. cit. 25 abr. 1982. Hp 25 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>66</sup> BANDEIRA *apud* BARBOSA. Sérgio antes de Berlim. In: \_\_\_\_\_ (org.), op. cit., 1989, p. 16.

cronistas do Brasil Colônia, sermões, tratados teológicos etc.).<sup>67</sup> Isso sem mencionar seus escritos em periódicos, sobretudo, do eixo Rio-São Paulo,<sup>68</sup> iniciados em 1920, ou os livros de sua autoria, publicados desde os anos trinta e até postumamente.<sup>69</sup>

No encalço dos familiares, jornalistas noticiaram que no dia de sua morte (24 de abril), Chico Buarque estava no Rio de Janeiro e teria chegado à capital paulista por volta das 13h30. Estava “acompanhado da sobrinha Bebel (filha de Miúcha) e de sua irmã Maria Cristina. Evitou a todos e não quis falar à imprensa”.<sup>70</sup> Além da comoção, muito provavelmente sua atitude representava o respeito ao pai ante o desejo deste em querer tudo “simples, com poucas flores, não se permitindo fotografias ou tomadas para a televisão”.<sup>71</sup> Sem pestanejar, o cantor driblou a mídia e entrou rápido na residência da família, no bairro do Pacaembu à rua Buri, 35, onde acontecia o velório.<sup>72</sup> Mas além de Chico Buarque, o historiador deixava mais seis filhos: Heloísa, Sérgio, Álvaro, Maria do Carmo, Ana Maria e Maria Cristina.

A quantidade de pedidos finais de Sérgio Buarque possibilita inferir sobre a preparação do intelectual para morrer, de modo a antecipar-se aos eventuais transtornos que sua repercussão poderia causar, fosse pela grandiosidade de sua obra e atuação nos círculos letrados, fosse pela projeção nacional de sua progeneritura, em especial do filho Chico Buarque. De qualquer forma, legou inúmeras facetas aos pares contemporâneos, muitas das quais ainda desconhecidas. Por isso detém “Uma imagem que pode ser múltipla, e que está presente nos documentos pessoais e em seu próprio processo de acumulação, ou seja, no arquivo privado”,<sup>73</sup> o que torna necessário ter sempre à vista os perigos da chamada *ilusão da verdade*, vertida de maneira recorrente no tipo de fonte aqui utilizada até o momento.

Sem contar a necessidade de se refletir sobre a própria atuação de Buarque de Holanda na constituição canônica de seu nome como historiador. E embora este ponto se trate de outro

<sup>67</sup> DIAS, op. cit., 2008, p. 317.

<sup>68</sup> BARBOSA (org.), op. cit., 1989; PRADO (org.), op. cit., 1996; COSTA, Marcos (org.). *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos* (2 vols.). São Paulo: Perseu Abramo / UNESP, 2011.

<sup>69</sup> HOLANDA, op. cit., 1936; \_\_\_\_\_. *Cobra de vidro*. Coleção “Mosaico” (v. 5). São Paulo: Martins Editora, 1944; \_\_\_\_\_ & SOUSA, Octávio Tarquínio de. *História do Brasil*. Série “O livro escolar brasileiro” (n. 2). Rio de Janeiro: José Olympio, 1944; \_\_\_\_\_, op. cit., 1945; \_\_\_\_\_. *Antologia dos poetas brasileiros na fase colonial* (2 vols.). Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde / Instituto Nacional do Livro, 1952-1953; \_\_\_\_\_, op. cit., 1957; \_\_\_\_\_, op. cit., 1959; \_\_\_\_\_ & FAUSTO (orgs.), op. cit., 1960-1984; \_\_\_\_\_. *Vale do Paraíba: velhas fazendas* (com desenhos de Tom Maia). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975; \_\_\_\_\_. *Tentativas de mitologia*. Coleção “Debates”. São Paulo: Perspectiva, 1979; \_\_\_\_\_, op. cit., 1986; \_\_\_\_\_, op. cit., 1991; \_\_\_\_\_, op. cit., 2010.

<sup>70</sup> Série: Homenagens Póstumas. 2508, op. cit. 25 abr. 1982. Hp 25 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>71</sup> \_\_\_\_\_. 2518 – Recorte de jornal intitulado “Presença de Chico Buarque leva curiosos a cemitério onde foi cremado seu pai”, noticiando a cerimônia de cremação do corpo de SBH. O Globo. Rio de Janeiro, 26 abr. 1982. s.p. Hp 35 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>72</sup> \_\_\_\_\_. 2508, op. cit. 25 abr. 1982. Hp 25 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>73</sup> GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e o encanto dos arquivos privados. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 121-127, jan./jun. 1998, p. 126.

aspecto para ser estudado ainda, pois aqui interessa mais a monumentalização oriunda daqueles que prestaram homenagens póstumas, pode-se dizer que, ao menos desde os anos 1950, era sobre a identificação com o ofício da História que recaíram os esforços do autor. Evidentemente, por mais banal que possa parecer, sempre cabe a ressalva de que todo “vestígio do passado raramente é o resultado de uma operação consciente, [...], ainda que às vezes exista em alguns atores a vontade de deixar rastros de sua passagem”.<sup>74</sup> Contudo, no caso da documentação pessoal, originais, bibliografia e fontes históricas pertencentes ao acervo e à biblioteca particular de Sérgio Buarque, é mais difícil dimensionar essa questão. Porque pouco antes de morrer o historiador ajudou a esposa a preparar um roteiro de sua trajetória, chamado *Apontamentos para a cronologia de Sérgio*, para a edição espanhola de *Visão do paraíso*.<sup>75</sup> E depois porque, após seu falecimento, USP e UNICAMP se confrontaram pela aquisição de seu acervo, conquistada por esta última em 1983.<sup>76</sup>

Portanto, além da existência de certo desejo à imortalidade, inerente a qualquer intelectual, havia os embates de instituições brasileiras para adquirir o precioso arquivo. Coube à UNICAMP, vencedora da disputa, dar mais um passo em direção aos processos de monumentalização do *cânone historiográfico* no final dos anos de 1980. Assim, ao assinar um convênio de intercâmbio de professores com a Universidade de Oxford, “em homenagem ao grande pensador brasileiro”,<sup>77</sup> mas que não parecia ser demais recordar que se tratava do “historiador já morto, pai do compositor Chico Buarque”,<sup>78</sup> criou uma cátedra intitulada *Sérgio Buarque de Holanda* no Centro de Estudos Latino-Americanos da instituição inglesa.

Seja como for, no momento dos funerais do historiador e a partir das fontes preservadas, é possível vislumbrar certo *imaginário social* irradiado por intermédio “da produção dos ‘discursos’ nos quais e pelos quais se efetua a reunião das representações coletivas numa linguagem”.<sup>79</sup> Estas são aqui compreendidas como elaboração textual acerca de determinado evento, sobre o qual sobressai um “conhecimento mediato que faz ver um

<sup>74</sup> ROUSSO, Henry. O arquivo ou o indício de uma falta. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p. 85-91, jan./jun. 1996, p. 87.

<sup>75</sup> HOLANDA, M. A, op. cit., 2002 & SANTOS, op. cit., 2003. 1 DVD (148 min).

<sup>76</sup> Série: Homenagens Póstumas. 2497, op. cit. 31 maio. 1983. Hp 14 P75. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>77</sup> \_\_\_\_\_. 2585 – Recorte de jornal de Antonio Carlos Seidl, intitulado “Unicamp assina convênio com Universidade de Oxford”, comentando o convênio de cooperação cultural assinado entre as duas universidades, criando a cátedra Sérgio Buarque de Holanda, no Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Oxford. Folha de São Paulo. São Paulo, 22 mar. 1988. s.p. Hp 102 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>78</sup> \_\_\_\_\_. 2577 – Recorte de jornal intitulado “Convênio com Unicamp cria em Oxford cadeira Sérgio Buarque”, comentando a criação de uma cátedra específica para assuntos brasileiros na Universidade de Oxford, na Inglaterra, resultante de um convênio entre o Centro de Estudos Latino-Americanos daquela instituição e a Unicamp. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 23 maio. 1987. s.p. (no mesmo um artigo incompleto sobre a biblioteca de SBH na Unicamp). Hp 94 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>79</sup> BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, Edmund; et. al. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1985, p. 311.

objeto ausente através da sua substituição por uma ‘imagem’ capaz de reconstruir em memória e de o figurar como ele é”.<sup>80</sup> Isso porque parece ser este o caso de Sérgio Buarque: muito discutido por seus intérpretes, mas que não atentam, necessariamente, aos mais diversos embates e caminhos que levaram o autor do escritório ao panteão da *intelligentsia* nacional.

### 1.3 Um luto permeado por lutas, mas “ele deve ter morrido fazendo humor”

As repercussões acerca da morte de Sérgio Buarque de Holanda foram imediatas e bem difundidas na grande imprensa, sobretudo do eixo Rio-São Paulo. Visto pelos que se manifestaram publicamente e/ou participaram de seus funerais como representante dos opositores do regime, mesmo que a propósito da análise do autoritarismo de outros tempos, motivos não faltavam, de fato, para dissertar sobre as atitudes democráticas do intelectual. Para tanto, bastaria mencionar sua atuação política, com destaque para a participação na fundação do PT e práticas letradas, como a publicação de livros, artigos e concessão de entrevistas, mencionadas parcialmente linhas atrás, bem como o pedido de aposentadoria da USP e a ajuda na criação do Centro Brasil Democrático (CEBRADE).

A aposentadoria da cátedra na USP deu-se em 1969, logo após a decretação do AI-5 em dezembro do ano anterior, embora repetisse “sempre que não fora cassado, como muitos pensaram inicialmente. ‘Fiquei apenas um dia a mais do que eles’, dizia”.<sup>81</sup> Ainda assim, sua atitude de solicitar afastamento foi vista como um “admirável gesto de solidariedade para com os colegas que haviam sido cassados pelo obscurantismo ditatorial”,<sup>82</sup> que o referido Ato era exemplar, pois integrava os decretos que buscavam ornamentar o autoritarismo com uma roupagem jurídica formal. Contudo, com a suspensão do recurso do *habeas corpus* para institucionalizar prisões arbitrárias, torturas e assassinatos,<sup>83</sup> o decreto deixou claro que seria aplicado em detrimento do direito de ir e vir dos brasileiros, ao minar as liberdades civis.

Depois disso, mesmo os gerenciamentos das universidades não passaram ilesos às lógicas proibitivas e censórias do governo. Porque após as reformas que criaram os departamentos e extinguiram as cátedras,<sup>84</sup> os órgãos repressivos trataram logo de estender

<sup>80</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1990, p. 20.

<sup>81</sup> Série: Homenagens Póstumas. 2505, op. cit. 25 abr. 1982. Hp 22 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>82</sup> \_\_\_\_\_. 2517 – Recorte de jornal, intitulado “O mais vivo de nossos homens de espírito”, de Nogueira Moutinho, traçando a trajetória literária de SBH e destacando sua vida acadêmica e os cargos que ocupou. Folha de São Paulo. São Paulo, 26 abr. 1982. Ilustrada. p. 19. Hp 34 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>83</sup> FICO, Carlos. A pluralidade das censuras e das propagandas da ditadura. In: MOTTA; REIS FILHO; RIDENTE (orgs.), op. cit., 2004a.

<sup>84</sup> BRASIL. Lei nº 5.540, 28 nov. 1968. *Presidência da República, Casa Civil*. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L5540.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5540.htm)>. Acesso em: 02 dez. 2012

seus horizontes de vigília para o interior dos campi, por meio da criação das Assessorias de Segurança e Informações das Universidades (AESI), que no caso da USP funcionou de 1972 a 1982.<sup>85</sup> Nesse meio tempo, com a ajuda de um aliado no quadro docente da universidade, os agentes do Estado interferiram, inclusive, em estudos desenvolvidos pela instituição paulista, a exemplo do corte de “verbas de um professor da FFLCH/USP cujas pesquisas eram consideradas suspeitas por questionarem a ideia de democracia racial no Brasil”.<sup>86</sup>

A caça de estudos de natureza desmistificadora do mito da harmonia étnica no país é sintomática da leitura histórica do Brasil feita pelo regime autoritário em determinados momentos de seus 21 anos de governo. E no caso da suposta *democracia racial*, tem de se levar em conta que foi no berço da escola sociológica da USP<sup>87</sup> que esta tese, atribuída à obra *Casa-grande & senzala* e reafirmada nas edições posteriores deste livro de Gilberto Freyre,<sup>88</sup> foi impiedosamente atacada desde a década de 1950.<sup>89</sup> E apesar da dificuldade enorme em mapear todas as predileções ou posturas do regime a esse respeito, não se afigura como despropósito mencionar que, mesmo com a recusa, o autor pernambucano foi um dos primeiros nomes cotados pelo Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, para ocupar o Ministério da Educação e Cultura,<sup>90</sup> após o golpe de 1964.

Embora não seja o momento adequado para adentrar nas sendas dessa discussão, uma vez que o intento visa, por ora, refletir sobre o término da constituição do *cânone historiográfico* de Sérgio Buarque de Holanda no momento de sua morte e funerais, convém ressaltar que, nos anos finais de sua vida, o intelectual já se posicionava convicta e abertamente contrário às teses de Freyre e aos regimes de força como um todo. Do primeiro, dizia tratar-se de um estudioso cujos dados eram mais cumulativos que coerentes.<sup>91</sup> E quanto ao governo civil-militar, parte de sua crítica sutil pode ser vista nos textos jornalísticos, onde questionou a fidedignidade do dia 15 de novembro como data histórica.

Na série de três artigos publicados no *Jornal da República* (1979-1980), periódico paulista de nome expressivo frente aos anseios políticos daquela conjuntura, que contou com

<sup>85</sup> CHRISPINIANO, José; PIKANÇO, Marcy; GONZALEZ, Marina. Filha bastarda da USP, AESI desempenhou diferentes papéis na repressão interna. *Revista Adusp*, São Paulo, n. 33, p. 37-48, out. 2004.

<sup>86</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Os olhos do regime militar nos campi. As Assessorias de Segurança e Informações das Universidades. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 16, p. 30-67, jun. 2008, p. 49.

<sup>87</sup> ALVAREZ, Marcos César. Florestan Fernandes e Tiago Marques Aipobureu: biografia e sociedade. *Tempo Social* (USP), São Paulo, v. 19, n. 2, p. 289-292, 2007.

<sup>88</sup> SORÁ, Gustavo. A construção sociológica de uma posição regionalista. Reflexões sobre a edição e recepção de *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, n. 36, v. 13, p. 121-139, fev. 1998.

<sup>89</sup> MAIO, Marcos Chor. O Projeto UNESCO: ciências sociais e o credo racial brasileiro. *Revista USP*, São Paulo, v. 1, n. 46, p. 115-128, jun./ago. 2000.

<sup>90</sup> HALLEWELL, op. cit., 1985.

<sup>91</sup> HOLANDA, op. cit., 1979, p. 113.

as figuras de Raymundo Faoro, como Diretor-presidente, e Cláudio Abramo, como membro do Conselho de direção, Sérgio Buarque desqualificou a efeméride tão cultuada e cara às Forças Armadas do Brasil. Nos artigos, intitulados *Uma república não-proclamada*, feitos com base em fontes na época inéditas sobre a história do país encontradas no Arquivo Nacional de Washington (EUA), escreveu que a campanha republicana do século XIX se realizou apenas em parte, “pois o que aparece é unicamente a ditadura militar, mal coberta com um barrete frígio que não lhe assenta direito”.<sup>92</sup>

No momento em que essas palavras foram impressas, vários fatores do enfraquecimento e conseqüente liberalização do regime contribuíram para a possibilidade de sua materialização, tais como: o fortalecimento do MDB a partir dos anos 1970, as greves dos metalúrgicos mais ao final desse decênio, que também contou com o avanço das discussões sobre a anistia e o fim do AI-5, bem como o término do bipartidarismo e paulatino surgimento de outras legendas, como foi o caso do PT. Mas como se estas publicações de teor histórico, porém claramente provocativo, não bastassem, Sérgio Buarque participou da fundação do CEBRADE ao lado de muitos intelectuais, em 1978, onde permaneceu no cargo de vice-presidente até o ano de sua morte, em 1982. O objetivo do grupo consistia em aglutinar uma frente pela redemocratização do Brasil.<sup>93</sup> Tal gesto representava um prato cheio para as espreitas dos órgãos de vigilância, pois sua vice-presidência era dividida com o editor Ênio Silveira, sob a liderança do arquiteto Oscar Niemeyer, presidente da instituição. Na vigília que lançava sobre as atividades do CEBRADE, o regime autoritário levantou informações que procuraram dar conta de perceber as estratégias mobilizadas pela entidade.

Segundo a ata de fundação, o CEBRADE era uma “sociedade civil, com personalidade jurídica própria, sem finalidade lucrativa ou político-partidária”, composta pelo Conselho Deliberativo, Consultivo, Diretor e Fiscal, regidos por um regulamento interno e estatuto. Assinado em 29 de julho de 1978, pela convocação de plenário feita por Niemeyer, Buarque de Holanda e Silveira, na convenção realizada na capital carioca, este documento dizia ainda que buscavam promover, “em todo o território nacional, a defesa dos direitos humanos, nos termos da Declaração Universal, aprovada pelas Nações Unidas e ratificada pelo Brasil, assim como a discussão e a difusão de ideias e projetos de institucionalização democrática”.<sup>94</sup>

---

<sup>92</sup> \_\_\_\_\_. *Uma república não-proclamada III*. In: *Jornal da República*. São Paulo, 20 nov. 1979, p. 4. Acervo digital da *Biblioteca Nacional* (BN).

<sup>93</sup> NAPOLITANO, op. cit., 2004b.

<sup>94</sup> Série: Dossiês. Subsérie: Centro Brasil Democrático. D1/2. 2668 – Atas de assembleia e reunião, projeto de estatuto, programa de trabalho, material de propaganda, exemplar do jornal Brasil Democrático, sobre a fundação do Centro Brasil Democrático. 1978. 9 doc. D1/1-9 P 79. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

Contudo, para os registros confidenciais que expressavam a visão do regime, além do Rio de Janeiro, onde o CEBRADE mantinha sede, o objetivo da agremiação era se expandir por capitais como São Paulo, Recife, Fortaleza, Belo Horizonte e Porto Alegre. Dentre as atividades, estudos, propaganda e os nomes já citados, a investigação arrolava inclusive os de Nelson Werneck Sodré, Edgard Carone, Antônio Houaiss, Mário Schemberg, Fernando Henrique Cardoso e Leandro Konder como membros articuladores do projeto que animava o grupo. Ainda nos escritos e entendimento deste parecer do governo, a entidade objetivava “expandir e executar com regularidade suas atribuições de propagador da ideologia marxista e formador dos quadros do Partido Comunista, [...] promovendo publicamente a organização subversiva autointitulada PCB, em flagrante afronta à Segurança Nacional”.<sup>95</sup>

Difícil imaginar melhor poção para a lógica repressiva das construções sociais<sup>96</sup> dos regimes autoritários que, no caso brasileiro, considerava e rotulava qualquer oposição ao governo como ação de natureza comunista. Contudo, o Manifesto de fundação insistia que no horizonte do CEBRADE, formado por “pessoas de diferentes convicções políticas e religiosas, [havia] em comum a crença na necessidade de lutar pela democracia e pelos direitos fundamentais”<sup>97</sup> da sociedade brasileira. E assim, uma vez mais é válido retomar o entrelaçamento de trajetórias.

Porque o mesmo Ênio Silveira agora ocupante do cargo de vice-presidente da entidade ao lado de Sérgio Buarque, havia publicado livros assinados pelo filho do intelectual na direção da editora *Civilização Brasileira*, sobretudo no início da década de 1970, como o já mencionado texto de *Calabar*, mas também a ficção intitulada *Fazenda modelo*, inspirada em *Animal farm*, de Georg Orwell, com grande sucesso de vendas.<sup>98</sup>

No momento de criação do CEBRADE, Chico Buarque não só também assinou o Manifesto de fundação, como posteriormente ajudou na organização de dois shows no 1º de Maio, presidiu reunião pela Anistia e se tornou o representante dos Direitos Humanos da entidade.<sup>99</sup> Muito visada pelo regime e apesar das boas vendagens que possuía, a editora *Civilização Brasileira* encontrou, ao longo dos anos de 1970, enormes dificuldades para fazer circular suas edições. Com medo dos confiscos dos impressos, muitas livrarias se recusavam a

<sup>95</sup> *Arquivo Nacional (AN)*. Coordenação de Documentos Escritos. Documentos do Executivo e do Legislativo. BR.AN.RIO.TT.0.MCP, AVU.431, op. cit., 1980, p. 3-4.

<sup>96</sup> ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz. Apresentação. In: \_\_\_\_\_ (orgs.). *A construção social dos regimes autoritários* (v. 3). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

<sup>97</sup> Série: Dossiês. Subsérie: Centro Brasil Democrático. D1/2. 2668, op. cit., 1978. 9 doc. D1/1-9 P 79. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>98</sup> HALLEWELL, op. cit., 1985, p. 497-8.

<sup>99</sup> Apesar do governo, op. cit., 1980, p. 61. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 07 jun. 2013.

adquirir seus produtos. A solução encontrada, amenizadora parcial do problema, foi retomar o sistema de envio postal já utilizado no mercado editorial brasileiro pioneiramente pelo editor e escritor de histórias infantis Monteiro Lobato.<sup>100</sup>

Diante do nítido esfacelamento dos aparatos de confisco no final da década, em particular com o fim da censura prévia e a promulgação da Anistia, que “tinha o poder de congregar diferentes posições políticas, segmentos sociais, gerações”,<sup>101</sup> o *clima* era completamente diverso. Neste período a editora pôde se recuperar um pouco, mas não o suficiente para manter-se majoritária de suas ações. A *Civilização Brasileira* necessitava ser reestruturada, profissionalizada e ambientada ao novo cenário do mercado,<sup>102</sup> de modo que, a partir de 1981, passou a procurar sócios para dar continuidade à marca.<sup>103</sup>

O desfecho da crise financeira que enfrentou deu-se, justamente, no ano da morte de Sérgio Buarque e Holanda, pois em 1982, a *Civilização Brasileira* aceitou a proposta feita conjuntamente pela *Bertrand Brasil* e pela Difel, para adquirir 90% de suas ações, com a manutenção de Ênio Silveira nos cargos de diretor e consultor da primeira editora sócia.<sup>104</sup> Finalmente, em 1984, quando o projeto editorial da HGCB, iniciado sob a coordenação de Sérgio Buarque, chegou ao fim pelas mãos de Boris Fausto, a matriz da *Civilização Brasileira* foi transferida para São Paulo, mantida uma filial na capital carioca.<sup>105</sup>

Como se pode observar, muitos são os fios que partem e convergem ao nome e às práticas letradas do historiador morto, desde seu filho e às demais personalidades do mundo intelectual e político, a exemplo dos relacionamentos do mundo dos livros, em que se repetiam pessoas e casas editoriais, ou da fundação do CEBRADE, onde muitas vezes apareciam as mesmas figuras.

A este respeito, vale ainda o registro de que praticamente em simultâneo ao momento de criação da referida entidade pró-democracia, e após passar pelos órgãos como o Sistema Nacional de Informações (SNI) e os Centros de Informações do Exército (CIE) e da Marinha (CENIMAR), o processo investigativo sobre o CEBRADE chegou à Divisão de Segurança e Informações do Ministério da Justiça, em 1978. Na data, já havia a identificação do arquiteto Oscar Niemeyer (presidente), do historiador Sérgio Buarque de Holanda, do editor Ênio

<sup>100</sup> HALLEWELL, op. cit., 1985, p. 504-9.

<sup>101</sup> ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. Lutas democráticas contra a ditadura. In: FERREIRA, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão (orgs.). *Revolução e democracia* (1964-...). Coleção “As esquerdas no Brasil” (v. 3). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 344.

<sup>102</sup> VIEIRA, Luiz Renato. *Consagrados e malditos: os intelectuais e a Editora Civilização Brasileira*. Brasília: Thesaurus, 1998.

<sup>103</sup> HALLEWELL, op. cit., 1985, p. 504-9.

<sup>104</sup> VIEIRA, op. cit., 1998, p. 184-5.

<sup>105</sup> HALLEWELL, op. cit., 1985, p. 509.

Silveira (vice-presidentes) e do filólogo Antônio Houaiss (secretário geral)<sup>106</sup> à frente do projeto da entidade que lutava pela abertura política.

Neste mesmo ano de 1978, os documentos do regime ditatorial apontavam, inclusive, que a entidade recebia apoio velado de órgãos de comunicação, a exemplo da novela *Sinal de alerta*, transmitida pela Rede Globo de Televisão e de autoria de Dias Gomes. Os agentes do Estado repressor a caracterizavam como dramaturgia responsável por anexar em seu enredo “assuntos que propagam a luta de classes ou promovem propaganda adversa ao Governo”.<sup>107</sup> Por si só, esse dado ajuda a perceber a questão da mídia como mais complexa e dispersa do “que a simples relação de intervenientes ativos esforçando-se para impor sua influência a sujeitos mais ou menos passivos”,<sup>108</sup> como supõem análises tendentes a só enxergar tentativas de manipulação e consentimento irrestrito ou inalterável deste meio para com o regime autoritário do período em questão.

E se inicialmente o governo tivesse apontado o insucesso do CEBRADE,<sup>109</sup> o mesmo não se pode afirmar sobre o ano da morte de Sérgio Buarque de Holanda e fusão da *Bertrand Brasil* e Difel com a editora *Civilização Brasileira*. Porque em 1982 os arquivos da repressão já registravam o CEBRADE como organismo de fachada dos mais destacados,<sup>110</sup> ao lado de entidades como o Comitê Brasileiro pela Anistia (CBA), a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), que começavam a se posicionar mais abertamente contra o regime, com este último sendo fundado para criar um espaço de pesquisas aos professores aposentados ou punidos após a decretação do AI-5.<sup>111</sup>

Todas essas questões demonstram a complexidade do período em torno dos funerais de Sérgio Buarque. Por isso, o esforço até o presente momento foi mostrar quão ativa foi sua participação na luta política pela abertura e que sua idade avançada não representou um motivo de impedimento às suas ações. Da mesma forma que não impediu sua reflexão sobre a morte, como sugerem os inúmeros desejos finais, a exemplo da questão sobre a ausência de flores e da restrição à cobertura da imprensa. Quando a data chegou os pedidos foram

<sup>106</sup> *Arquivo Nacional* (AN). Coordenação de Documentos Escritos. Documentos do Executivo e do Legislativo. BR.AN.RIO.TT.0.MCP.PRO.1414. Processo GAB nº 100.567. 58 folhas / 59 páginas. Confidencial. 01 ago. 1978. Assunto: Criação do “Centro Brasileiro Democrático”.

<sup>107</sup> \_\_\_\_\_. BR.AN.RIO.TT.0.MCP.PRO.1610. Processo GAB nº 100.020. 12 folhas / 20 páginas. Confidencial. 11 jan. 1979. Assunto: Oscar Niemeyer.

<sup>108</sup> JEANNENEY, Jean-Noël. A mídia. In: RÉMOND (org.), op. cit., 1996, p. 221.

<sup>109</sup> *Arquivo Nacional* (AN). Coordenação de Documentos Escritos. Documentos do Executivo e do Legislativo. BR.AN.RIO.TT.0.MCP, AVU.431, op. cit., 1980, p. 2.

<sup>110</sup> \_\_\_\_\_. BR.AN.RIO.TT.0.MCP, AVU.589. UD 170. 23 folhas / 23 páginas. Confidencial. 04 jan. 1982. Assunto: Trabalho de Massa (TM).

<sup>111</sup> GREEN, op. cit., 2009, p. 188-92 e 445.

atendidos em parte, porque alguns fotógrafos não contiveram os *flashes* para registrar seu filho mais conhecido. Por intermédio de pronunciamentos públicos, muitos amigos, ex-alunos, personalidades ilustres e colegas de trabalho que possuíam ligações com as lutas pela abertura política se manifestaram para um último adeus ao historiador. Naquele momento o regime autoritário já se encontrava em franca decadência, devido à articulação constituída e engendrada entre o Congresso Nacional e as autoridades militares nos últimos anos. Os sinais da transição à democracia já podiam ser sentidos por mais que estivessem sob vigília do regime, “de forma a não dar a liderança do processo à oposição”.<sup>112</sup>

Diante desta conjuntura, Sérgio Buarque partiu e tornou triste o sábado de 24 de abril de 1982 para boa parte da intelectualidade brasileira. Sua morte surpreendeu muitos amigos apesar de conhecerem seu estado enfermo. No domingo, uma enxurrada de homenagens aparecia nas páginas de periódicos de todo o país. Raymundo Faoro, o historiador ex-presidente da OAB e ex-diretor do *Jornal da República*, dizia-se muito sentido com a morte do “maior historiador brasileiro dos últimos tempos, um grande escritor, que tinha magia para escrever a história, aliando a pesquisa ao gosto literário. [...]. Deixa uma obra importantíssima, um pouco dispersa, que deveria ser levantada, reunida e editada”.<sup>113</sup>

Sérgio Costa Franco, Procurador da Justiça aposentado e parente distante de Sérgio Buarque, soube do falecimento pela televisão. Conforme seu depoimento à imprensa, o noticiário que ouviu informava sobre os pedidos da família acerca do não comparecimento à residência, de modo respeitar os desejos finais do falecido, a propósito da ausência de alardes ou pompas nas cerimônias fúnebres. Não via nada de incomum na atitude, porque acreditava ser representativa da proverbial simplicidade do escritor.

Ainda no seu entender, em detrimento dos autores que já velhos ou ainda jovens assumem ares de estátua ou pose de gênio, Buarque de Holanda “nunca sucumbiu a essa tentação. Intelectual puro e autêntico, ele me parecia antes de tudo um grande distraído. Distraído das realidades do cotidiano [...] das seduções do dinheiro. [...] dos apetites da consagração pública”.<sup>114</sup> A homenagem do ex-procurador fez menção ao sucesso artístico do filho como indício da simplicidade mencionada, considerando que Sérgio Buarque se dizia

<sup>112</sup> D'ARAÚJO, Maria Celina. Geisel e Figueiredo e o fim do regime militar. In: *Anais do Seminário 40 anos do Golpe de 1964* (2004: Niterói e Rio de Janeiro). 1964-2004: ditadura militar e resistência no Brasil. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004, p. 98.

<sup>113</sup> Série: Homenagens Póstumas. 2506 – Recorte de jornal, intitulado “O mundo intelectual reage diante da notícia inesperada”, comentando as reações de diversos intelectuais a respeito do falecimento de SBH. O Estado de São Paulo. São Paulo, 25 abr. 1982. s.p. Hp 23 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>114</sup> \_\_\_\_\_. 2524 – Recorte de jornal intitulado “Um homem sem pose”, de Sérgio Costa Franco comentando o falecimento de SBH e referindo-se a sua vida e obra. Correio do Povo. Porto Alegre, 27 abr. 1982. s.p. Hp 41 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

apenas “pai do Chico”. Ao final da homenagem, Costa Franco fez a ressalva sobre a preocupação do intelectual com os problemas do país, mesmo nos momentos mais dramáticos da vida brasileira, porque o entendia como muito independente e corajoso.

Já o membro da ABL, Josué Montello, explicitou seus vínculos desde os tempos do INL, quando trabalharam juntos na década de 1940. Creditou a Sérgio Buarque posição de vanguarda no modernismo dos anos de 1920 e 1930 ao comparar sua obra inaugural, *Raízes do Brasil*, com a prosa de Graciliano Ramos, por sua escrita límpida e correta. Tal paralelo foi proposto em oposição às ações de “um Rui Barbosa, que exacerbava o predomínio dos cânones portugueses em nossa língua literária”.<sup>115</sup> Seu adeus terminou com referência ao crítico literário Antonio Candido, que conferiu um caráter edificante ao livro de estreia de Sérgio Buarque ao juntá-lo a Gilberto Freyre, de *Casa-grande & senzala* (1933), e Caio Prado Jr., de *Formação do Brasil contemporâneo* (1942), para criar um tripé fundador de uma nova interpretação da sociedade brasileira, influente ainda hoje.

Freyre, a propósito, apesar de ter se manifestado em pesar com a publicação de um artigo onde apresentava sua visão sobre o intelectual, não consta entre os autores dos recortes jornalísticos constitutivos da série documental *Homenagens Póstumas*, do Fundo Sérgio Buarque de Holanda. Na publicação, tratou logo de apontar seus relacionamentos, junto de Prudente de Moraes, neto, nos anos de 1920. No seu dizer, nesses “dias boêmios de nossa mocidade no Rio de Janeiro” se reuniam para apreciar a música popular brasileira na companhia de nomes como Ernesto Joaquim dos Santos (Donga) e Alfredo Viana da Rocha Filho (Pixinguinha). Na sequência mencionou *Raízes do Brasil* e a obra “coletiva e plural” da coleção HGCB, como representativas da trajetória de Sérgio Buarque. Ao final, Gilberto Freyre argumentou que “na base de triunfos magníficos da música, de Chico Buarque de Holanda, creio estarem seus pais.”<sup>116</sup>

Também o crítico literário Nogueira Moutinho referendou Antonio Candido para citar a primeira obra do intelectual falecido e a caracterizou como única versão de perspectiva histórica, sociológica e etnológica de interpretação do passado nacional e sutil correspondente de *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade. Em sua opinião, Sérgio Buarque foi detentor de exemplar trajetória luminosa, qualificado como corajoso, “Rebelde por temperamento,

<sup>115</sup> \_\_\_\_\_. 2537 – Recorte de jornal intitulado “Mestre Sérgio”, de Josué Montello, comentando a vida e obra de SBH. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 18 maio. 1982. s.p. Hp 54 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>116</sup> FREYRE, Gilberto. Folha Ilustrada. Sérgio, mestre dos mestres. *Folha de S. Paulo* – Ano 62, n. 19.396. São Paulo, 11 maio. 1982, p. 2. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/1982/05/11/21>>. Acesso em: 14 jun. 2013.

cultivando a independência como apanágio mais elevado do espírito”.<sup>117</sup> Já o ex-ministro e ex-senador Afonso Arinos,<sup>118</sup> primo-irmão da viúva, por sua vez, afirmou: “Estou muito atingido [...]. Pode e deve ser considerado uma das mais altas expressões do humanismo cultural de toda a vida brasileira”.<sup>119</sup>

O membro da Academia Paulista de Letras (APL), Nilo Scalzo, lembrou-se de fala atribuída à crônica do escritor Manuel Bandeira para juntar Buarque de Holanda a Machado de Assis e João Ribeiro como a tríade grandiosa das letras nacionais. Ao término de seu texto concluiu: “Erudição e sensibilidade nele se harmonizam. [...] senhor da língua [...] historiador afeito aos documentos históricos deve ter colhido ali a precisão, quando não o torneio de frase que empresta a seus trabalhos a fluência só alcançada por verdadeiros escritores”.<sup>120</sup>

Forçado pelo regime autoritário a deixar a redação da *Folha de S. Paulo* anos antes, o jornalista e ex-presos político Cláudio Abramo,<sup>121</sup> também se manifestou. Mencionou que apesar de conhecer Sérgio Buarque de longa data, aproximaram-se só na década de 1970. É provável que o contato tenha ocorrido quando o “pai de Chico” – como fez questão de mencionar Abramo – escreveu no periódico *Jornal da República*, citado anteriormente.

Dentro da lógica repressiva do governo autoritário, tanto os shows ou artistas da MPB, como o filho de Sérgio Buarque, os membros do CEBRADE, o movimento operário e, sobretudo, intelectuais de esquerda, como Cláudio Abramo, “eram parte de uma grande conspiração para desestabilizar o regime e a ordem vigente”.<sup>122</sup> Após afirmar que, nos momentos finais, Buarque de Holanda permaneceu na biblioteca a beber uísques clandestinos e fumar cigarros também proibidos, sem citar nomes, Abramo comentou certa inimizade para com o intelectual da parte de outros historiadores, por ele entendido como menores. E, ato contínuo, declarou: “Não sei de detalhes de sua morte, sei que estava com pneumonia. Seja como for, ele deve ter morrido fazendo humor – algo que nunca o abandonou, mesmo nos anos tétricos que passamos, todos nós, e mesmo quando não se tinha esperança de mais nada”.<sup>123</sup> Sintomática dos discursos veiculados na ocasião, esta fala é representativa em

<sup>117</sup> Série: Homenagens Póstumas. 2517, op. cit. 26 abr. 1982. Hp 34 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>118</sup> Verbetes: Afonso Arinos. In: ABREU (coord.), op. cit., 2.ed., 2001. Disponível em: <[http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/afonso\\_arinos](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/afonso_arinos)>. Acesso em: 07 maio. 2013.

<sup>119</sup> Série: Homenagens Póstumas. 2506, op. cit. 25 abr. 1982. s.p. Hp 23 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>120</sup> \_\_\_\_\_. 2507 – Recorte de jornal, intitulado “A precisão e a elegância”, de Nilo Scalzo, analisando o estilo literário de SBH. O Estado de São Paulo. São Paulo, 25 abr. 1982. Hp 24 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>121</sup> KUSHNIR, Beatriz. Verbetes: Cláudio Abramo. In: ABREU (coord.), op. cit., 2001. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>>. Acesso em: 11 jun. 2013.

<sup>122</sup> NAPOLITANO, op. cit., 2004b, p. 117.

<sup>123</sup> Série: Homenagens Póstumas. 2515 – Recorte de jornal, intitulado “Era o dono da casa da rua”, de Claudio Abramo, contando episódios de sua amizade com SBH e imaginando como ele faleceu. Folha de São Paulo. São Paulo, 26 abr. 1982. Ilustrada. p.19 Hp32 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

virtude do uso do pronome *nós*, num só tempo caro aos intentos inerentes ao cânone, para conferir sentido de unidade, e ao desejo pela retomada da democracia no Brasil, porque tal meta política também necessitava de narrativas marcadas pelos mesmos traços.

#### 1.4 De “pai do Chico” a Sérgio Buarque

Muitos depoimentos se repetiam, cada qual a seu modo e estilo, para destacarem certas características da personalidade de Sérgio Buarque. Os discursos se direcionavam no sentido de prestar justas homenagens e despedidas finais, e, como se demonstrou, não faltaram elogios acerca de sua erudição. Além disso, as falas buscavam situar o autor no combate ao regime autoritário, o que pode ser pensado como usos políticos do passado,<sup>124</sup> cujo vínculo, apesar de suas efetivas ações junto aos movimentos pacíficos em prol da abertura democrática, muitas vezes se dava em referência ao filho Chico Buarque. As falas se coadunaram naquela circunstância enquanto memória coletiva. Mas, como esta dimensão da vida humana é sempre particular,<sup>125</sup> tal conagração só foi possível na medida em que eram necessárias determinadas rememorações, por assim dizer, comuns, frente às contingências vivenciadas pela sociedade brasileira, sobretudo, a partir do golpe civil-militar de 1964. Assim, as homenagens póstumas a Sérgio Buarque de Holanda apareciam também misturadas com certas reinterpretações da História pátria pela via da trajetória do intelectual, onde são visíveis usos do “passado em função dos combates do presente e do futuro”.<sup>126</sup>

Por isso, a “procissão” na imprensa continuava. O crítico teatral Sábato Magaldi se dizia bestificado, pois sabia que Sérgio Buarque não estava bem de saúde, mas não esperava pela notícia da morte. “Uma grande figura desaparece. Grande sensibilidade, excelente crítico, historiador agudo, um sábio dos poucos que conhecemos”.<sup>127</sup> O recém-eleito à cadeira 36 da ABL, José Guilherme Merquior, atribuiu ao falecido certo dinamismo entendido como típico do modernismo e contou que ele possuía capacidade para transmissão de cultura com a naturalidade semelhante a de um respiro.<sup>128</sup>

<sup>124</sup> HARTOG, François; REVEL, Jacques. *Les usages politiques du passé*. Paris: Éditions EHESS, 2001.

<sup>125</sup> PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 6.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005, p. 127.

<sup>126</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jan./jun. 1989, p. 10.

<sup>127</sup> Série: Homenagens Póstumas. 2506, op. cit. 25 abr. 1982. s.p. Hp 23 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>128</sup> \_\_\_\_\_. 2608 – Recorte de jornal intitulado “Mestre Sérgio”, de José Guilherme Merquior, comentando a pessoa de SBH, seu estilo em escrever comparando a outros escritores e referindo-se às suas obras. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, s.d. s.p. Hp 125 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

O historiador Francisco Iglésias encarava tal acontecimento como sua maior tristeza e se manifestou para dizer que Sérgio Buarque foi um grande amigo, que lhe tinha permitido “colaborar em seus livros. O Brasil perde o historiador mais culto. Uma vida intelectual que nunca cuidou de ganhar dinheiro. Foi mais historiador que professor, um estilista admirável”,<sup>129</sup> lamentou por fim. Mas os livros a que se referia Iglésias, diziam respeito aos volumes da coleção HGCB.<sup>130</sup> Na correspondência trocada com a colega Alice Piffer Canabrava, da Faculdade de Ciências Econômicas da USP,<sup>131</sup> que esteve nos momentos finais com a família Buarque de Holanda, registrou-se o comentário sobre o estado enfermo e idade avançada do professor. Ainda assim Canabrava enalteceu sua lucidez intelectual.<sup>132</sup>

No dia da morte, era a vez de Iglésias responder à Canabrava. Ao caracterizar Sérgio Buarque como “homem admirável, mestre da historiografia, culto, que dominava Antropologia, Etnologia, Sociologia, Literatura”, escreveu que “Se sua obra não valesse pelo conteúdo, valeria pela forma”. Na sequência, a missiva de Iglésias dedicou-se à narrativa de um episódio segundo o qual o próprio Buarque de Holanda teria pensado em seu nome e feito o convite para lhe suceder na FFCL-USP, mas que teria recusado por desgostar do *clima* do departamento de História da instituição. Nas linhas finais da carta, ainda depositava palavras de esperança sobre o término dos textos em que o professor estava trabalhando: “Acho que a *Idade barroca do Brasil* não chegou a ser escrita, mas tenho esperança que *Monções*, muito revisto e aumentado, tenha ficado pronto. O Brasil deve-lhe muito, a historiografia nem se fala”,<sup>133</sup> registrou Francisco Iglésias para concluir.

Em resposta, Alice Piffer Canabrava julgou sábia a decisão do amigo em não aceitar suceder Sérgio Buarque na USP, embora lamentasse as perdas para o departamento. Comentava nunca ter visto o professor falecido diminuir o trabalho de ninguém, porém sem deixar de tornar público “os erros dos que o criticavam, como o fez com o Guilherme Mota, sem citar-lhe o nome. Todos identificaram logo o endereço certo”. Mencionou a benevolência do historiador em conceder cartas de recomendação, sugerir bibliografia, indicar para a colaboração em obra coletiva – com provável alusão à HGCB, onde Canabrava também colaborou – e igualmente escreveu sobre os últimos estudos a que o intelectual se dedicava:

<sup>129</sup> \_\_\_\_\_. 2506, op. cit. 25 abr. 1982. s.p. Hp 23 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>130</sup> IGLÉSIAS, Francisco. Minas Gerais. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. II). Dispersão e unidade (v. 2). São Paulo: Difel, 1964.

<sup>131</sup> CANABRAVA, Alice Piffer. A grande propriedade rural. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. I). Administração, economia, sociedade, (v. 2). São Paulo: Difel, 1960.

<sup>132</sup> Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) USP – *Fundo Alice Piffer Canabrava*, APC-P2, 03. Carta. 28.01.1982. São Paulo (SP). Remetente: Alice Piffer Canabrava. Destinatário: Francisco Iglésias.

<sup>133</sup> \_\_\_\_\_. APC-P2, 10. Carta. 24.04.1982. Belo Horizonte (MG). Remetente: Francisco Iglésias. Destinatário: Alice Piffer Canabrava.

“Soube que [...] trabalhava em três obras ao mesmo tempo. Uma delas seria sobre a importância dos comerciantes do Império”. Ao fim, Alice Piffer Canabrava ainda especulou sobre o destino da biblioteca particular, que em sua opinião deveria ficar no IEB da USP, que Sérgio Buarque ajudou a fundar e presidiu. “O Dr. Sérgio não se manifestava sobre o assunto, quando consultado por Maria Amélia, recusava-se a falar em morte, não sei se mudou, em tempo de dar orientação quanto ao acervo”.<sup>134</sup>

Como se pôde observar, alguns comentários serviram para enaltecer Sérgio Buarque e reafirmar a tríade das Ciências Humanas nacional ao juntar o falecido a Gilberto Freyre e Caio Prado Jr., como fez a *Folha de S. Paulo*. Na mesma edição que destacou “a fórmula” de Antonio Candido, o periódico referendou, justamente, uma fala do historiador Carlos Guilherme Mota, para o qual Buarque de Holanda era o maior estilista do Brasil, “renovador dos nossos estudos históricos e literários”.<sup>135</sup> O *Jornal do Brasil*, por sua vez, destacou sua formação política “democrática, abertura para a poesia, ausência de gravidade e pose universitárias – o homem não desmentiu o intelectual. Deixa saudade”.<sup>136</sup>

Também a recorrente referência à grandiosa obra do autor, em quantidade e qualidade, convergia para o objetivo de afirmação, por assim dizer, da sua sobrevivência a despeito do corpo que deixaria de existir. Até porque, no entendimento de muitos que se despediram de Sérgio Buarque de Holanda, sua produção intelectual correspondia a um verdadeiro monumento de erudição e precisão científica, que incluía, a organização da “série ‘História Geral da Civilização Brasileira’ (editada pela Difel)”.<sup>137</sup>

E com o luto surgiram anedotas, como a de Tarso Castro, jornalista que dirigiu *O Pasquim* (1969-1991) até outubro de 1970, semanário opositor do governo autoritário; e a do escritor Rubem Braga. O primeiro divulgou na imprensa uma carta que havia dirigido a Vinícius de Moraes para contar sobre um encontro ocorrido na residência dos Buarque de Holanda, onde teriam comparecido vários intelectuais, tais como: Darcy Ribeiro, Arnaldo Pedroso d’Horta e Antonio Candido. Na missiva, a propósito do patriarca, Tarso escreveu ao poeta: “Ainda outro dia ele falou que leu uma dessas besteiras que escrevo e afirmou que, na

<sup>134</sup> \_\_\_\_\_. APC-P2, 11. Carta. 29.0141982. São Paulo (SP). Remetente: Alice Piffer Canabrava. Destinatário: Francisco Iglésias.

<sup>135</sup> Série: Homenagens Póstumas. 2509 – Recorte de jornal, intitulado “Morre aos 79 o historiador Sérgio Buarque de Holanda”, comentando o seu falecimento, acrescido de uma biobibliografia. Folha de São Paulo. São Paulo, 25 abr. 1982. Hp 26 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>136</sup> \_\_\_\_\_. 2529 – Recorte de jornal intitulado “Sérgio”, comentando o falecimento de SBH. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 01 maio. 1982. p.7. Hp 46 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>137</sup> \_\_\_\_\_. 2509, op. cit., 25 abr. 1982. Hp 26 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

verdade, não entendera nada. Ainda bem que o Chico estava por perto e deixou bastante claro que, na verdade, ninguém entendia. [...] nunca verás velho como ele, criança”.<sup>138</sup>

Rubem Braga, natural de Cachoeiro de Itapemirim (ES), narrou em crônica a estadia de Sérgio Buarque no município, quando de súbito, e rompido com colegas modernistas, partiu em 1925 para dirigir o jornal *O Progresso*, que logo lhe rendeu o apelido de Dr. Progresso. Antes teria dispersado sua biblioteca entre amigos, pois, no entender de Braga, detinha memória privilegiada acerca dos livros então doados. Em sua visão “Sérgio não soçobrou: curou-se do cerebralismo (sic) caindo na farra. [...] Lembro-me sobretudo de uma noite de verão de lua cheia, na saída de um baile [...]. Ele dizia que ia acender o cigarro na Lua. E partiu, cambaleando entre as palmeiras. Vai ver que acendeu”,<sup>139</sup> brincou o cronista.

Antes desse desfecho alegórico, o capixaba opinou que a fala atribuída ao intelectual sobre ser “apenas” o “pai de Chico”, fora um misto de orgulho paterno e modéstia de orador que durante a vida lera sobre todas as novidades da literatura europeia. Dessa forma, socializava circunstâncias pouco conhecidas da trajetória do historiador, de modo a dar a ler suas facetas pelos ângulos de uma juventude de personalidade brincalhona e imprevista. E, por essas e outras páginas da imprensa, noticiava-se como foi a sequência das despedidas.

Assim, segundo os periódicos, às 10h, de 25 de abril de 1982, parte das cerimônias fúnebres de Sérgio Buarque já estavam concluídas. O cortejo saiu da casa no Pacaembu em direção ao Cemitério de Vila Alpina, na Zona Leste da capital paulista, onde o corpo seria cremado.<sup>140</sup> A urna funerária foi carregada pelos filhos Chico, Álvaro e Sérgio, junto do gramático Aurélio Buarque de Holanda (aparentado distante do falecido) e dos professores Rimas Brocha, amigo da família, e Aziz Ab’Saber, ex-colega de trabalho na USP,<sup>141</sup> que também havia colaborado na coleção HGCB.

Surgida no século XVIII da França revolucionária, a cremação chegou ao Brasil na década de 1870. Além de conter uma explícita vontade de ruptura com tradições religiosas, cristã em particular, porque surgida do desejo de laicização, a consumição pelo fogo é interpretada como “uma manifestação de *enlightenment*, de modernidade; [...] maneira mais radical de fazer desaparecer e esquecer tudo o que pode restar do corpo, de anulá-lo, *too*

<sup>138</sup> \_\_\_\_\_. 2516 – Recorte de jornal, intitulado “Carta a Vinicius de Moraes”, de Tarso de Castro, transcrevendo uma carta própria a Vinicius de Moraes, comentando uma visita feita a casa de SBH. Folha de São Paulo. São Paulo, 26 abr. 1982. Ilustrada. p.19 Hp 33 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>139</sup> \_\_\_\_\_. 2530 – Recorte de jornal intitulado “O Dr. Progresso acendeu o cigarro na lua” de Rubem Braga, comentando a vida e obra de SBH. Correio do Povo. Porto Alegre, 02 maio. 1982. s.p. (fotoc.). Hp 47 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>140</sup> \_\_\_\_\_. 2508, op. cit. 25 abr. 1982. Hp 25 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>141</sup> \_\_\_\_\_. 2518, op. cit. 26 abr. 1982. s.p. Hp 35 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

*final*”,<sup>142</sup> que exclui as possibilidades de peregrinação. A ideia de iluminação bem convinha ao “pai do Chico” que, embora não tenha professado de maneira explícita posições ateias, era visto assim por muitos de seus conhecidos. Importante ressaltar ainda que o desejo de Sérgio Buarque de Holanda em ser cremado foi interpretado como sinônimo da simplicidade de um intelectual descrito como avesso às pompas. A representação do clima de embates era considerável dentre os participantes das cerimônias de despedida de Sérgio Buarque.

No velório, além da viúva, dos sete filhos e netos, “Muitos amigos e parentes acompanharam o féretro e estiveram presentes à casa”,<sup>143</sup> como o próprio Antonio Candido, tão referenciado pelos que se pronunciaram em luto. Na cremação, ocorrida no domingo de 25 de abril de 1982, junto dos familiares estavam presentes Marieta Severo, atriz e então esposa de Chico Buarque; Darcy Ribeiro, antropólogo e ex-ministro do governo Goulart (1961-1964); Mário Chamie, secretário de Cultura de São Paulo; Mário Schemberg,<sup>144</sup> físico e ex-professor da USP, aposentado pelo AI-5; e, para se aproximarem do filho compositor “cerca de 300 pessoas estiveram no crematório, mas apenas a família, amigos mais chegados e alguns jornalistas assistiram à cerimônia”.<sup>145</sup> E Ainda que pesem aspectos atrelados à problemática da memória e de um público mais interessado em Chico Buarque, a presença das personalidades supracitadas permite inferir que as homenagens finais reuniram vários atores das batalhas políticas, fossem vinculados ao passado democrático, interrompido com o golpe de Estado em 1964, ou mais ligados à negociação de abertura junto aos militares.

No microcosmo do luto, a funcionar feito encontro sedicioso, é possível vislumbrar os embates das várias posturas sociais, que são “resultantes de experiências e expectativas, de saberes e normas, de informações e valores”.<sup>146</sup> Mas que, por isso mesmo, não estão imunes das construções e reconstruções da memória, pois em conjunturas de grandes efervescências os agentes históricos procuram extinguir as dúvidas e incertezas que as escolhas sociais inevitavelmente comportam, para projetarem o futuro desejado, como era o caso da redemocratização do Brasil. A começar pelo religioso condutor da cerimônia de cremação, “Carlos Alberto Libânio Christo, frade dominicano não clérigo, cognominado Frei Betto”,<sup>147</sup>

<sup>142</sup> ARIÈS, op. cit., 2003, p. 88.

<sup>143</sup> Série: Homenagens Póstumas. 2514, op. cit. 26 abr. 1982. Hp 31 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>144</sup> \_\_\_\_\_. 2519 – Recorte de jornal intitulado “Historiador é cremado em Vila Alpina”, noticiando o falecimento e a cerimônia de cremação do corpo de SBH. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 26 abr. 1982. s.p. Hp 36 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>145</sup> Loc. cit.

<sup>146</sup> BACZKO, op. cit., 1985, p. 312.

<sup>147</sup> CAMURÇA, Marcelo Ayres. A militância de esquerda (cristã) de Leonardo Boff e Frei Betto: da Teologia da Libertação à mística ecológica. In: FERREIRA; REIS FILHO (orgs.), op. cit., 2007, p. 392.

representante da corrente de pensamento cristã denominada Teologia da Libertação,<sup>148</sup> que em 1982 já assumia atitudes políticas de menores riscos de derramamento de sangue próprio ou alheio. Porque, antes dessa data, escondeu muitos militantes de esquerda e ajudou outros a atravessarem a fronteira para o Uruguai e a Argentina clandestinamente, cuja consequência foi sua prisão entre 1969 e 1973. Depois de liberto passou a participar das assembleias das Comunidades de Base, por meio das pastorais operárias de São Bernardo do Campo, em São Paulo, onde entrou em contato com dirigentes sindicais, como Luiz Inácio Lula da Silva.<sup>149</sup>

Porém, na ocasião da breve despedida fúnebre suas lutas já eram de outra natureza. “Chegaram à Vila Alpina por volta das 10h30, quando iniciou-se a cerimônia, onde, após a leitura do Evangelho, Frei Betto falou do homem Sérgio Buarque de Holanda, ‘querido pai, avô, irmão, pai de todos nós’”.<sup>150</sup> Na capela houve tensão entre os funcionários do Cemitério para se evitar tumultos, pois centenas de pessoas se aglomeravam para ver o compositor Chico Buarque. Ao fim e ao cabo, tudo correu bem e de certa forma cumpriu-se o desejo do falecido quanto à ausência de música e flores.<sup>151</sup> No dizer do dominicano, tratava-se de um “homem capaz de fazer-se amigo depois de cinco minutos de conversa [...] que deixou frutos que todos conhecemos, seus filhos e sua obra”.<sup>152</sup>

No necrológio do religioso não faltaram palavras para conferir aura de sacralização ao historiador, em particular quando o dominicano afirmou ser a cremação um ato “para que suas cinzas se tornem semente de uma vida nova. Vamos poder reencontrá-lo, mas na brisa da manhã, nas flores, na grama do jardim, nas plantas, pois se tornará comunhão”.<sup>153</sup> E essa alusão ao renascimento é bem característica do simbolismo atrelado às cinzas e, por consequência, também à Fênix, ave mitológica que em geral, seja na arte pagã ou cristã, remete a ideia de imortalidade.<sup>154</sup> Marcado pelo traçado da preeminência, o discurso do Frei visou, a um só tempo, lançar críticas ao regime autoritário e situar o autor no panteão da intelectualidade nacional. Para reforço dessas questões também mencionou qualidades da personalidade de Sérgio Buarque, tais como: firmeza, coragem, agudo senso de justiça, ironia fina e capacidade para acolher todos com seu olhar e coração, bem como sua despreocupação com glórias. “Fardas e fardões nunca o preocuparam. Não acreditava em Deus, mas realizou

<sup>148</sup> ARAÚJO, op. cit., 2007.

<sup>149</sup> LÖWY, Michael. As esquerdas na ditadura militar: o cristianismo da libertação. In: FERREIRA; REIS FILHO (orgs.), op. cit., 2007, p. 312-3.

<sup>150</sup> Série: Homenagens Póstumas. 2514, op. cit. 26 abr. 1982. Hp 31 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>151</sup> \_\_\_\_\_. 2519, op. cit. 26 abr. 1982. s.p. Hp 36 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>152</sup> \_\_\_\_\_. 2518, op. cit. 26 abr. 1982. s.p. Hp 35 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>153</sup> \_\_\_\_\_. 2519, op. cit. 26 abr. 1982. s.p. Hp 36 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>154</sup> KANTOROWICZ, Ernest. *Os dois corpos do rei: um estudo sobre teologia política medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 236.

plenamente seus desígnios.’ Ao finalizar, [...] disse ter a certeza de que se celebrava ali a ressurreição do historiador”.<sup>155</sup> E no momento da cremação havia lembrado os frutos da herança de Sérgio Buarque de Holanda: seus filhos, com destaque para Chico Buarque, ainda que não explicitado pelo religioso; e sua obra, em especial a historiográfica.

Na missa de sétimo dia, realizada em São Paulo, capital, na sexta-feira de 30 de abril de 1982, “de forma simples e emotiva”<sup>156</sup> no convento dos dominicanos, na rua Caiuby, o tom de Frei Betto, que o teria acompanhado até o fim, não foi diferente. Próximo às 11h30 a despedida final foi realizada só com a participação de parentes e amigos.<sup>157</sup> Dos familiares que ocupavam as primeiras fileiras, a filha Miúcha foi a única que não compareceu. Ao som de dois violões e uma flauta transversal, a cerimônia contou com o embalo de canções como *Construção*, *Valsinha*, *Gente humilde* e *O que será* de autoria de Chico Buarque, consideradas preferidas do pai,<sup>158</sup> mas listadas como subversivas dentro da lógica da produção de suspeita<sup>159</sup> dos órgãos censores do governo ditatorial. Sobretudo esta última, cujos versos, de “O que será? Que será”, questionavam o regime como sinônimo da ausência de governo, “que não tem vergonha / Nem nunca terá! / O que não tem juízo...”.<sup>160</sup>

O compositor, a propósito, “aparentemente o mais abatido dos filhos, permaneceu todo o tempo de braços dados com sua esposa, a atriz Marieta Severo. Ao final da missa, quando eram apresentadas as condolências à família, o compositor manteve-se em silêncio, visivelmente abalado”.<sup>161</sup> Ainda no necrológio, ao fim do sermão religioso, Frei Betto “lembrou que ‘em sua última noite Sérgio deu a mão a sua companheira Maria Amélia e pediu que cantasse com ele. Ela começou a cantar ‘Acalanto’, de Dorival Caymmi, mas ele disse: ‘essa não’, e começou a cantar ‘O Que Será’, uma de suas prediletas””.<sup>162</sup> O simbolismo envolto nessa afirmação endossa assertiva teórica acerca da emergência de anedotas quando do falecimento de intelectuais,<sup>163</sup> mas também aponta uma possível atualidade crítica de Sérgio Buarque mesmo nos momentos finais de sua vida, situação nada desprezível para o processo de monumentalização de sua imagem intelectual como *cânone historiográfico*.

<sup>155</sup> Série: Homenagens Póstumas. 2514, op. cit. 26 abr. 1982. Hp 31 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>156</sup> \_\_\_\_\_. 2528 – Recorte de jornal, intitulado “Muita comoção na missa de sétimo dia de Sérgio Buarque”, comentando a missa de sétimo dia de SBH, celebrada por Frei Beto e assistida por vários amigos. Folha de São Paulo. São Paulo, 01 maio. 1982. Hp 45 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>157</sup> \_\_\_\_\_. 2514, op. cit. 26 abr. 1982. Hp 31 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>158</sup> \_\_\_\_\_. 2528, op. cit. 01 maio. 1982. Hp 45 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>159</sup> NAPOLITANO, op. cit., 2004b.

<sup>160</sup> HOLANDA, Francisco Buarque de (Chico). *O que será (A flor da terra)*. In: BARRETO, Bruno. *Dona Flor e seus dois maridos*. Rio-São Paulo: Embrafilme, 1976 (120 min).

<sup>161</sup> Série: Homenagens Póstumas. 2528, op. cit. 01 maio. 1982. Hp 45 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>162</sup> Loc. cit.

<sup>163</sup> VENANCIO, Giselle Martins. *As flores raras do jardim do poeta: o catálogo da coleção Eurico Facó*. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

Por tudo o que se demonstrou, tratava-se de uma despedida com contornos de reconhecimento e consagração intelectual, de monumentalização do nome e da obra de Sérgio Buarque de Holanda, motivo que permite a compreensão dos funerais como “experiência particularmente rica em emoções intensas que se confundem com as expectativas e as esperanças de que está rodeada”,<sup>164</sup> como as músicas tocadas bem lembravam e o discurso do Frei Betto não cansava de enaltecer. Em referência direta ao regime ditatorial, o dominicano chegou a definir o morto como “‘alguém que foi a fundo no passado’, no estudo dos verdadeiros objetivos dos colonizadores que ‘trouxeram a morte dos índios, escravidão, saque de nossas riquezas naturais e o autoritarismo que ainda persiste’”.<sup>165</sup> Tal fala continha evidente crítica política, passível de vislumbre mesmo em torno de uma morte.

Naqueles instantes, em meio às vozes das personalidades que se pronunciaram, foi possível observar diversos atores e papéis da cena política então marcada pelo esfacelamento do regime autoritário, ante o avanço das negociações pela abertura política, sobretudo, após a revalidação jurídica do *habeas corpus*, com o fim do AI-5, protestos no ABC paulista e em inúmeras capitais do país, bem como fim do bipartidarismo, diminuição das possibilidades de se manter um agressivo aparato censor e repressivo, ante o discurso e política internacional em prol dos direitos humanos.

Salvaguardado o devido respeito a Sérgio Buarque, aos familiares e aos participantes de suas despedidas, pode-se reafirmar que as homenagens póstumas funcionaram como espécie de plataforma política, para que as lutas políticas pela redemocratização fossem projetadas, devido à presença nos funerais (velório ou cremação) de todos os que já foram mencionados, somados também às figuras do advogado Luís Greenhalg; do sociólogo e suplente de senador pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) Fernando Henrique Cardoso; do deputado Alberto Goldman da mesma legenda, mas oriundo do PCB clandestino; e do publicitário Carlito Maia e Greenhalg, presidente da seção paulista do CBA,<sup>166</sup> que compareceram em alguma das cerimônias.

Às falas, imersas na tradição religiosa ocidental de prestar condolências,<sup>167</sup> agregou-se elementos de reconhecimento da contribuição do paulista à cultura nacional e de crítica ao governo ditatorial ainda vigente, apesar da abertura lenta, parcialmente segura e gradual. A escolha das fontes partiu do pressuposto de que os autores dos textos se empenharam para estabelecer certa unidade à trajetória do falecido, como se a vida humana possuísse coerência,

---

<sup>164</sup> BACZKO, op. cit., 1985, p. 322.

<sup>165</sup> Série: Homenagens Póstumas. 2528, op. cit. 01 maio. 1982. Hp 45 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>166</sup> Loc. cit.

<sup>167</sup> ARIÈS, op. cit., 2003.

destino previsto ou inexorável. Sua imagem também foi erigida pelo arquivo pessoal que salvaguardou alguns documentos para compor a série de *Homenagens póstumas*. Nessa documentação é possível enxergar os atores sociais no cumprimento do simultâneo caráter de expressar grande pesar e demonstrar suas ligações com o “pai do Chico” e de se postarem como herdeiros acadêmico-intelectuais do morto e em alinhamento contra o autoritarismo.

A propósito da paternidade, e apesar de ter exercido efetivo combate ao regime autoritário até por meio de práticas letradas, a exemplo da ideia de uma *República não-proclamada*, como Sérgio Buarque intitulou seus artigos na imprensa, o dispositivo narrativo mais recorrente para vinculá-lo à oposição política ao governo era a menção ao seu filho, compositor de inúmeras canções-protesto. Ainda assim, para o caracterizarem como representante autêntico da defesa pela liberdade retrocedia-se, por exemplo, ao episódio de 1969, quando solicitou aposentadoria de sua cátedra na USP, em protesto ao afastamento de professores com a decretação do AI-5 no ano anterior.

Mas o que fica, ao fim e ao cabo, é a percepção de que, as homenagens apontaram para o término do regime autoritário, de modo que os artifícios da memória também influíram nas rememorações, destacadamente na identificação e convergências entre Sérgio e Chico Buarque. À imagem do intelectual, que depois de morto passou a oscilar nas despedidas entre historiador e homens das letras – quiçá crítico literário –, era igualmente vinculada a de Antonio Candido, em virtude do prefácio que o professor da FFCL-USP e também membro fundador do PT<sup>168</sup> tinha escrito em 1967, mas que foi publicado junto à quinta edição de *Raízes do Brasil*, em 1969.

No texto, Candido argumentou que junto de *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre, e *Formação do Brasil contemporâneo*, de Caio Prado Jr., o livro de estreia de Sérgio Buarque teria contribuído para renovar o campo da literatura interpretativa da história do país.<sup>169</sup> Nas edições posteriores de *Raízes do Brasil* foi mantido seu escrito, “convertendo-se numa espécie de ‘entidade’ paralela ao livro que apresentava, a ponto de passar a ser mais conhecido, em nosso meio acadêmico, simplesmente como ‘o prefácio de Antonio Candido’.”<sup>170</sup> Chegou-se até a apontá-lo como o inventor do autor: “Sérgio Buarque de

<sup>168</sup> FERREIRA; FORTES, op. cit., 2008, p. 285-90.

<sup>169</sup> CANDIDO, op. cit., 1969.

<sup>170</sup> GONTIJO, Rebeca; FRANZINI, Fábio. Memória e história da historiografia no Brasil: a invenção de uma moderna tradição, anos de 1940-1960. In: SOIHET, Rachel; et. al (orgs.). *Mitos, projetos e práticas políticas: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 157.

Holanda? O de *Raízes do Brasil* é uma invenção do Antonio Candido. O Sérgio da *História Geral da Civilização Brasileira* é muito bom, mas não é esse que se vende por aí”.<sup>171</sup>

A despeito da fogueira das vaidades intelectuais que, por ventura exista na passagem supracitada, esta ideia de invenção só será tomada aqui enquanto processo, por assim dizer, “comum” ao mundo das práticas letradas, no sentido atribuído até então como *cânone*. Este possui sim uma dimensão de monumento, mas não sem contar em igual medida com a distinção de uma escrita de qualidade e que consegue manter um interesse comercial. Seu uso não será para endossar a tríade de Antonio Candido, mas tão somente para buscar compreender o momento final dos processos de legitimação de sua autoria e da fixação de seu nome na memória da *intelligentsia* brasileira, cujo esforço ficou concentrado neste capítulo.

Dito isso, convém salientar brevemente, por fim, os motivos das escolhas seguintes, atentas ao período compreendido não só, mas majoritariamente, entre 1960 e 1972. Isso porque o *cânone historiográfico* a que foi possível rastrear alguns alicerces da sedimentação final da autoria Sérgio Buarque de Holanda como referência, pautou-se de forma recorrente e em grande medida no destaque para a aposentadoria da USP em protesto, e cuja prática letrada era “lida” pelos significados que Antonio Candido havia lhe atribuído. Ora, não se quer – e nem se poderia – negar as ações de repúdio de Sérgio Buarque aos regimes de força ou a validade de sua obra. O interesse é pela compreensão dos mecanismos do mundo letrado brasileiro, sobretudo da segunda metade do século XX, presentes no processo derradeiro da transformação de Sérgio Buarque em historiador canônico.

Sucedem, porém, que tais legitimações requerem uma instância decisiva, como a universitária, para serem declaradas, impostas e sustentadas. E o Sérgio Buarque mencionado nas homenagens póstumas era, justamente, o professor catedrático da USP e coordenador da coleção HGCB. Pois, afinal de contas, também o Antonio Candido “inventor” e referenciado nas despedidas finais do “pai do Chico”, era aquele responsável pela escrita do prefácio à quinta edição de *Raízes do Brasil* (1969). Portanto, o Sérgio Buarque de Holanda a que quase todos lembravam era o da quinta edição do livro. Mais que isso: muitos dos que se despediram pela imprensa ou participaram das homenagens póstumas, o conheceram quando o autor ocupou a cadeira na USP ou então se relacionaram no período em que dirigiu a coleção HGCB e, portanto, se reportavam ao Sérgio Buarque dos anos 1960 e 1970. E em alguns casos, os intelectuais mencionados ao longo destas páginas até participaram do empreendimento editorial da Difel como colaboradores.

---

<sup>171</sup> SANTOS, Wanderley Guilherme dos. Uma cabeça que bate contra a maré (entrevista). *Veja*, São Paulo, 18 maio. 1994, p. 42. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 14 jun. 2013.

Ainda sobre o *sentido* da invenção autoral de Sérgio Buarque então adotada, convém salientar que aqui se considera a importância de Antonio Candido como crítico literário, pois, na condição de destacado professor da USP, foi essencial para (re)apresentação do intelectual. Logo, seu prefácio à quinta edição de *Raízes do Brasil*, materializou-se em um período no qual Buarque de Holanda já integrava a referida instituição de ensino superior. Portanto, a função de Candido foi conferir outra entrada do autor, por meio de um livro cuja idade editorial alcançava mais de três décadas de existência. Mas seria um despropósito não considerar todas as manifestações em luto que, embora por meios diversos, ao lado de Antonio Candido muito auxiliaram na concepção e formação do cânone.

Por todas as razões apontadas, é importante destacar as práticas letradas de Sérgio Buarque de Holanda junto à coleção HGCB, por ele coordenada entre 1960 e 1972, como aspecto fundamental de sua construção como cânone da historiografia nacional.

## Capítulo 2

### **COLEÇÃO HISTÓRIA GERAL DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA (HGCB): organização interna, especialização acadêmica, disputas letradas e editoriais**

A coleção HGCB se insere por completo no processo de reconfiguração e institucionalização das Ciências Sociais no Brasil, em curso com maior nitidez a partir da segunda metade do século XX, ainda que voltada, particularmente, para a renovação dos estudos históricos. Neste sentido, exprime, de forma exemplar, uma contrapartida acadêmica que as universidades criadas na década de 1930 buscavam transmitir à sociedade brasileira. Seu intento vinha contribuir com o reclame que, pelo menos desde 1951, dentre tantos outros, Sérgio Buarque de Holanda dava a ler à intelectualidade nacional a propósito da busca pela especialização dos saberes na escrita da História pátria.

Além disso, este empreendimento editorial, publicado pela Difel, a partir de 1960, constitui parte da cultura historiográfica brasileira. Seu *modus operandi* se caracteriza por um conjunto de procedimentos que fundamentam a operação do ofício do historiador, cuja integração, salvaguardada as devidas particularidades, pode ser observada nas páginas da coleção. O interior da HGCB se assemelha a uma arena onde é possível acompanhar as disputas frente ao grande desafio que significava a busca da instituição histórica no Brasil, ou seja: aquilo que “se organiza segundo hierarquias e convenções que traçam as fronteiras entre os objetos históricos legítimos e os que não o são e, portanto, são excluídos ou censurados”.<sup>1</sup>

Também neste momento do percurso de Sérgio Buarque, primeiro organizador do projeto, é que são tecidas as redes de sociabilidade caras à fixação posterior de sua imagem autoral como cânone historiográfico. Ao lançar mão, principalmente, dos próprios livros como fontes históricas e de documentação epistolar, busca-se compreender neste capítulo, mais especificamente, como a HGCB foi planejada; em qual ambiente de reflexão, de concorrências editoriais ou embates de teses emergiu o empreendimento; e, dentre outras questões, como se deram as escolhas, quem eram e de onde vinham seus colaboradores. Para tanto, o emprego da prosopografia – entendida como investigação do passado comum de um conjunto de atores – como forma de tentar reconstituir os passos de homens e mulheres do mundo das letras, leva em consideração o fato de que sua mobilidade é “um dado quase constitutivo da história da produção editorial”.<sup>2</sup> Por isso, faz-se necessário o registro dos

---

<sup>1</sup> CHARTIER, op. cit., 2010, p. 18.

<sup>2</sup> JURATIC, Sabine. Da prosopografia dos livreiros ao estudo das redes do livro. Balanço e perspectivas de

caminhos percorridos pelos colaboradores da coleção HGCB, potenciais e reais, em meio às práticas letradas de seus ofícios, pois só assim parece ser possível mapear os momentos em que suas trajetórias se cruzam para a implementação de trocas intelectuais.

## 2.1 Entre o “paradigma uspiano”, o biógrafo de D. Pedro I e o catedrático inglês

Adentrar nas sendas do planejamento e organização da coleção HGCB permite interrogar o projeto editorial no tocante à ordem dos livros a que pertencia ou sinalizou. Além disso, e apesar das dificuldades enfrentadas com início das publicações só em 1960, a textualidade da escrita, bem como as estratégias de produção do empreendimento da Difel condensa parte do processo de especialização e institucionalização acadêmica do país, com a renovação dos estudos da área de História, onde os colaboradores da HGCB figuravam de maneira singular e, em alguns casos, longeva.

A investigação da coleção permite identificar os caminhos que levam à canonização de textos e autores nela publicados, com especial atenção para Sérgio Buarque de Holanda, seu organizador inicial e colaborador mais assíduo. Afinal de contas, os artefatos culturais sempre “existem no tempo e estão ligados a conflitos, negociações e apropriações pessoais e institucionais”.<sup>3</sup> Não por outros motivos, sua escrita e produção trazem as marcas indeléveis das primeiras instituições criadas no Brasil na década de 1930, tais como a ELSP e a USP, bem como a UDF, do Rio de Janeiro, na época capital do país. Estes estabelecimentos de ensino superior são representativos para a trajetória de Sérgio Buarque, sobretudo a USP, porque foi onde o intelectual paulista se tornou catedrático.

Criada em 1934 com grande participação de professores franceses, a USP sofreu o peso das Ciências Sociais em sua organização “e na configuração dum certo ‘paradigma uspiano’, [...] ainda ativo, de reflexão sobre o Brasil e a cultura brasileira”.<sup>4</sup> Tal força já foi objeto de estudo, que identificou seu imperativo “de ajustar a inteligência nacional” “aos padrões universais da cultura europeia letrada”<sup>5</sup> que, feito projeto antropofágico oriundo do movimento modernista, vislumbrou certa busca por expurgo do que se entendia por resíduo de imperialismo intelectual sobre as atividades científicas que fossem desenvolvidas no país.

---

pesquisa. *Livro. Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*, São Paulo, n. 1, p. 75-88, maio. 2011, p. 85.

<sup>3</sup> GREENBLATT, Stephen. O novo historicismo: ressonância e encantamento. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 244-261, jul./dez. 1991, p. 244.

<sup>4</sup> BAPTISTA, op. cit., 2005, p. 45-6.

<sup>5</sup> ARANTES, Paulo Eduardo. *Um departamento francês de ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994, p. 96.

A fim de reforçar o *paradigma uspiano*, praticamente inquestionável na produção acadêmica pelo menos até o início da década de 1980, a historiografia afirmava, quase como consenso, que a existência de uma prática verdadeiramente científica em solo nacional remontava somente aos anos de 1930. Para tanto, tomava-se como base o livro *As ciências no Brasil* (1955-1956), organizado por Fernando de Azevedo, como referência privilegiada, porque este estudo – e como não poderia deixar de ser, posto que operava sob outro conceito de ciência – minimizou a relevância da presença de um fazer científico no país antes do século XX.<sup>6</sup>

A produção dessa imagem na década de 1950 perdurou e foi mantida na obra *Formação da comunidade científica no Brasil* (1979), de Simon Schwartzmann, que também apontou para a baliza universitária como pedra fundamental. O registro desta discussão não pretende desprestigiar os trabalhos de Azevedo, Schwartzmann ou de outros que poderiam ser mencionados, mas tão somente refletir sobre a problemática do paradigma uspiano que ambos estão imersos, pois como apontou estudo recente, estes escritos se constituem como uma espécie de “memória científica que considerava como marco a própria atuação dos autores”,<sup>7</sup> formados e/ou atuantes na USP.

Adentrar neste debate também não significa confundir, de um lado, a produção científica nacional e, de outro, o processo de especialização acadêmica da História, vivenciado pela instituição no período, da mesma forma que ocorria com as Ciências Sociais em geral. Pois, se não é possível afirmar que o fazer científico no Brasil só iniciou sua concretização efetivamente na década de 1930, com a criação das universidades e a USP na dianteira, outro tanto não se pode dizer sobre a qualidade e regularidade atingidas no referido espaço, qualquer que fosse a área de conhecimento.

Neste sentido e tomada como fonte, a coleção HGCB se mostra exemplar do *status quo* universitário brasileiro acerca da prática historiográfica e sociológica até a década de 1980, quando chega ao fim, porque congregou um gama enorme de pesquisadores, tanto na fase coordenada por Sérgio Buarque de Holanda (1960-1972), quanto na de Boris Fausto (1975-1984). Trata-se de uma importante documentação que possibilita escutar parte da cultura historiográfica da época correspondente à vida editorial do empreendimento, na qual é sentida a hegemonia uspiana na composição dos volumes da HGCB. Do total de 186

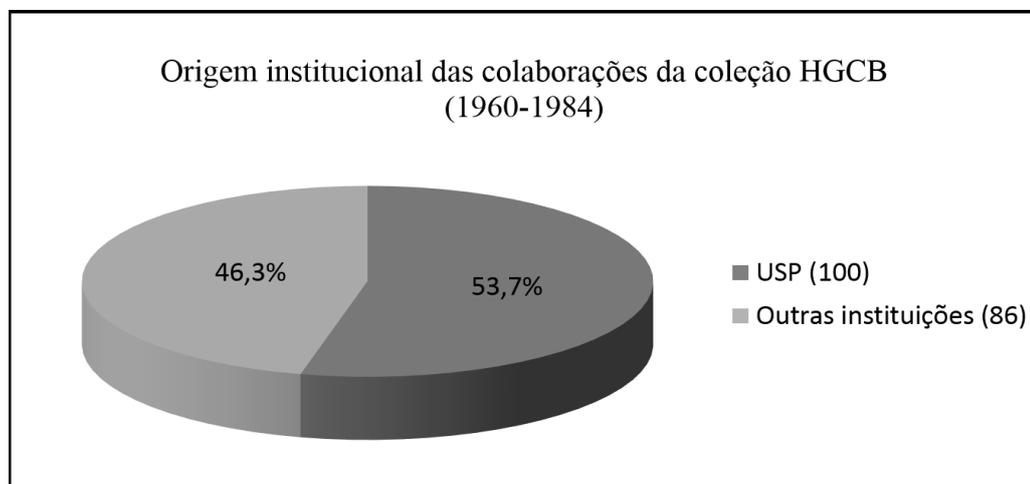
---

<sup>6</sup> KURY, Lorelai. Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro: Fiocruz, v. 11 (suplemento 1), p. 109-129, 2004.

<sup>7</sup> DANTES, Maria Amélia. As instituições imperiais na historiografia das ciências no Brasil. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Augusto Antônio (orgs.). *Ciência, civilização e impérios nos trópicos*. Rio de Janeiro: Access, 2001, p. 228.

colaborações recebidas pela coleção, independente se um(a) colaborador(a) se responsabilizava por mais de um texto ou se este era escrito em coautoria, 100 eram de indivíduos vinculados à USP.

**Tabela 1**



**Tabela 2**

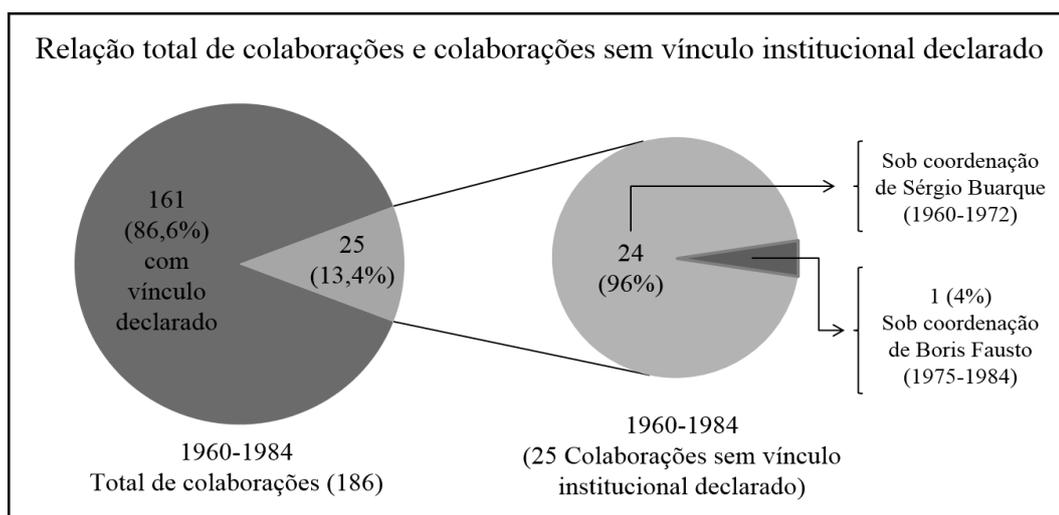
<b>RANKING INSTITUCIONAL DA COLEÇÃO HGCB (1960-1984)</b>		
<b>Posição</b>	<b>Instituição</b>	<b>Colaborações</b>
1 <sup>a</sup>	Universidade de São Paulo – USP	100
---	Sem instituição declarada	25
2 <sup>a</sup>	Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP	9
3 <sup>a</sup>	Centro Brasileiro de Análise e Planejamento – CEBRAP (SP)	7
4 <sup>a</sup>	Fundação Getúlio Vargas – FGV (RJ / SP)	4* (1)
5 <sup>a</sup>	Museu Paulista	4
5 <sup>a</sup>	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP	4
6 <sup>a</sup>	Casa de Rui Barbosa, Ministério da Educação (RJ)	3*
6 <sup>a</sup>	Universidade de Minas Gerais – UMG / Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG	3
6 <sup>a</sup>	Universidade de Recife / Universidade de Pernambuco (PE)	3

\* Precedência em virtude dos critérios de classificação estabelecidos, a saber: 1) quantidade total de colaborações na coleção, representada pelo vínculo institucional presente na identificação da autoria dos textos; 2) quantidade total de colaborações com autoria solo; 3) colaborações em coautoria.

(1) No terceiro volume referente ao Tomo III (*O Brasil Republicano*) ocorreu um erro de impressão, onde o texto da professora Angela de Castro Gomes (*Confronto e compromisso no processo de constitucionalização, 1930-1935*) aparecia como se fosse em coautoria com as professoras Dulce Chaves Pandolfi, Maria Helena de Magalhães Castro e Helena Maria Bosquet Bomery (todas, à época, vinculadas à FGV). Mas é preciso destacar que a referida colaboração é de autoria exclusiva da professora Angela de Castro, conforme informação fornecida pela autora e presente, dentre outras publicações, na entrevista que esta realizou com Boris Fausto, bem como nas edições posteriores da coleção HGCB. Por isso, apesar desta coautoria constar nas fontes, este dado foi corrigido no presente trabalho e as autoras retiradas, sobretudo, para efeitos de contabilizações, gráficos e tabelas.

Conforme este levantamento de dados<sup>8</sup> junto à coleção HGCB, nenhuma instituição fazia sequer sombra aos domínios da USP, que abarcava mais da metade de todas as colaborações dentro do empreendimento editorial da Difel. Porém, afora o predomínio uspiano, há de se atentar também ao fato de que 25 das colaborações de toda a coleção são de autorias sem vínculo institucional declarado, e que, em muitos casos, poderiam ser de um mesmo colaborador, então substituído por identificações como: historiador, historiador e médico, historiador e economista, professor liceal, crítico de música popular e até general do Exército. Deste total de 25 colaborações, 24 fazem parte do momento correspondente ao período coordenado por Sérgio Buarque.

**Tabela 3**



Sem pestanejar, visto de forma isolada, este quadro poderia levar a conclusões acerca das fragilidades do processo de especialização institucional da História enquanto disciplina acadêmica estabelecida no Brasil de 1960. E isto não seria um equívoco. Mas, como os números da liderança uspiana não são tudo e, isolados, não dizem muito, para ampliar a

<sup>8</sup> Cf. lista completa em: APÊNDICE A – *Ranking institucional da coleção HGCB (1960-1984)*.

visibilidade sobre as circunstâncias intervenientes neste estado de coisas, vale reportar-se ao registro de algumas cartas trocadas entre os possíveis colaboradores da HGCB, o organizador inicial da coleção, Sérgio Buarque de Holanda, e o editor da Difel, Paul Jean Monteil.

O francês Jean Monteil (1907-1973) era engenheiro de formação. Nascido em Lyon,<sup>9</sup> havia chegado ao Brasil em 1937 para trabalhar no ramo têxtil e “como era um homem de ideias progressistas, acabou não só promovendo uma greve na empresa em que trabalhava, como sendo afastado do cargo que ocupava, indo para o campo editorial”.<sup>10</sup> Assim, em 1946 iniciou a importação de livros e revistas de sua terra natal em conjunto com a esposa Juliette, por meio da fundação da *Livraria Francesa* na capital paulista, de modo que logo se tornou espaço para a circulação de intelectuais e frequentada, particularmente, por professores franceses que atuavam na USP, a exemplo do sociólogo Roger Bastide.<sup>11</sup> “Geralmente apontada como uma das mais sérias fontes de informação cultural do pensamento universitário brasileiro”,<sup>12</sup> a Difel foi fundada pelo casal Monteil em fevereiro de 1950, quando o sucesso da *Livraria Francesa* já era tamanho que resultou na abertura de uma filial no Rio de Janeiro. De capital luso-suíço e devido à transação comercial com o grupo francês da *Garnier Frères*, que atuava no mercado brasileiro desde o século XIX, a Difel assumiu sua filial de distribuição livresca em 1951 e estabeleceu-se em São Paulo.<sup>13</sup>

A despeito da corriqueira identificação da casa editorial com o mundo acadêmico, o primeiro texto impresso pela Difel foi um livro de ficção, *D. Camilo e seu pequeno mundo*, de Giovanni Guareschi, que nos anos 1970 já atingia a tiragem de 20 mil exemplares vendidos. Nessa mesma década a editora que, apesar do nome, dividia suas preferências entre publicações de autores brasileiros e franceses, contabilizava jubilosa a manutenção de 3 a 4 mil exemplares de tiragem e a edição de 17 coleções, que somavam em torno de 450 títulos. Com a morte de Paul Jean Monteil em dezembro de 1973, a diretoria seria reestruturada e passaria a contar com Raul Mendes da Silva (gerência), Jacy Gallo (contadora), Mathilde Hee (tesouraria), Rolando Roque da Silva (departamento editorial), Fernando Barros (vendas),

---

<sup>9</sup> MOUTINHO, Nogueira. Folha Ilustrada. Paul Jean Monteil. In: *Folha de S. Paulo* – Ano LIII, n. 16.241. São Paulo, 07 dez. 1973, p. 3. Acervo Folha. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/>>. Acesso em: 03 fev. 2014.

<sup>10</sup> GUINSBURG, Jacó. Entrevista. *WebMosaica*, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 138-145, jan./jun. 2012, p. 142.

<sup>11</sup> GONÇALVES, Martin Fernando de Araújo. *Cartografia das livrarias do centro de São Paulo (1930-1970)*. Trabalho apresentado ao Programa de Iniciação Científica da Pró-reitoria da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2012, p. 35-6.

<sup>12</sup> CASTRO, Acyr. Difusão Europeia do Livro, um programa humanista. In: *Jornal do Brasil* – Ano LXXXIII, n. 359. Rio de Janeiro, 6 abr. 1974, p. 46. Hemeroteca da *Biblioteca Nacional* (BN).

<sup>13</sup> HALLEWELL, op. cit., 1985.

Claudia Monteil – filha de Paul Jean e Juliette Monteil (secretaria e direção da *Livraria Francesa*) e Carmen Oliva de Castro Amaral (produção) como seus novos responsáveis.<sup>14</sup>

Porém, quando da iniciativa do projeto da HGCB, na função de editor as ações de Paul Jean Monteil eram direcionadas no sentido de reforçar o convite de Sérgio Buarque para a participação dos intelectuais como colaboradores da coleção, por meio do envio de circulares com as diretrizes do empreendimento. Afora as primeiras dificuldades, tais fontes revelam parte dos procedimentos estabelecidos para a composição do grupo, o que pode lançar alguma luz, de um lado, sobre o domínio uspiano de que a HGCB iria contar expressivamente entre 1960 e 1972 e, de outro, sobre a presença significativa de autores sem vínculo institucional declarado presente no mesmo período.

É o caso, por exemplo, de Octávio Tarquínio de Sousa, que ao retornar da França, como descreveu na correspondência, tratou logo de escrever a Buarque de Holanda em 28 de outubro de 1957. Ao se inteirar de sua caixa postal, constatou que o amigo paulista e o editor da Difel, haviam lhe convidado para ser o autor, especificamente, de um capítulo denominado “Vida política e Administrativa do Brasil entre 1763 e 1808”.<sup>15</sup> Agradecido, Tarquínio de Sousa deixava de atender ao pedido em virtude de outras ocupações não detalhadas na carta, mas que, muito provavelmente, ligavam-se às atividades por ele exercidas como diretor da coleção *Documentos Brasileiros*, da Livraria José Olympio Editora, concorrente natural do novo empreendimento que surgia no mercado brasileiro representado pela coleção HGCB.

O cruzamento das práticas letradas e relações afetivas de Octávio Tarquínio e Sérgio Buarque remontavam no mínimo aos anos de 1940, quando publicaram em coautoria o livro didático *História do Brasil*.<sup>16</sup> Além da extensa troca de cartas, envio de cartões postais, felicitações de aniversário e pedidos de favores, de parte a parte, é possível acompanhar tal proximidade nesse mesmo período, pois junto com suas respectivas esposas (Lúcia Miguel Pereira e Maria Amélia), bem como com Caio Prado Jr. e outros intelectuais, realizavam passeios em São Paulo, como atestam as inúmeras fotografias de seu acervo pessoal.<sup>17</sup> Quanto ao livro didático propriamente, é significativo, entretanto, o fato deste não constar salvaguardado na Biblioteca particular, hoje anexa ao acervo Central da UNICAMP, e nem

<sup>14</sup> CASTRO, op. cit., 1974, p. 46. Hemeroteca da *Biblioteca Nacional* (BN).

<sup>15</sup> Série: Correspondência. Subsérie: Passiva. 430 – Carta de Octávio Tarquínio de Sousa a SBH, desculpando-se por não poder aceitar em escrever o capítulo “Vida política e administrativa do Brasil entre 1763 e 1808”. Rio de Janeiro, 28 out. 1957. as. Octávio. 1p. Cp 208 P9. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>16</sup> SOUSA; HOLANDA, op. cit., 1944. Acervo Geral (Livros), Anexo II-873, 4, 45, II-381, 1, 2. *Biblioteca Nacional* (BN).

<sup>17</sup> Série: Vida Pessoal. 33 – Fotografia de Caio Prado Jr., onde se vê SBH acompanhado de Francisco de Assis Barbosa, Maria Amélia, Octávio Tarquínio de Sousa e Lúcia Miguel Pereira, em um passeio a Embú. Embú, 1943. b&p. 24x29.5. (reprod. ampliada). Vp 32 P1 & etc. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

mesmo junto ao Fundo *Sérgio Buarque de Holanda*. Este último só conserva ecos dessa publicação, a exemplo de um mísero recorte de jornal noticiando seu lançamento.<sup>18</sup>

Há aí, talvez, um exercício de enquadramento de memória<sup>19</sup> na imagem intelectual de Sérgio Buarque, carente de outra pesquisa, por certo, uma vez que o referido livro se destinava à 3ª série do curso secundário do ciclo Ginásial. Este correspondia à classificação escolar pós-reforma do ensino, ocorrida com a promulgação de legislação durante a chefia de Gustavo Capanema à frente do Ministério da Educação e Saúde do Governo Vargas, então sob o regime estado-novista. A lei que a implementou, instituiu no ensino secundário um primeiro ciclo de quatro anos de duração, denominado Ginásial, e um segundo ciclo de três anos, chamado de Clássico e Científico. Eram divididos em três partes (Línguas, Ciências e Artes) e tinham por obrigatoriedade o ensino de educação moral e cívica. Esta não comporia uma disciplina à parte, mas deveria resultar da execução de cada programa, sobretudo os de História e Geografia para “a formação da consciência patriótica”.<sup>20</sup> Ademais, os livros didáticos só eram impressos com a aprovação do governo. Situação esta que pode remeter, no caso da ausência deste texto dentre os acervos pessoais de Sérgio Buarque, à tentativa de desvinculação de sua imagem com o período varguista, mesmo tendo o intelectual atuado em cargos do regime via nomeações, a exemplo da chefia na Divisão de Consulta da BN.

Seja como for, interessa observar que até 1957, o carioca Tarquínio de Sousa havia se dedicado com mais afinco e interesse ao estudo da História do Primeiro Reinado e Período Regencial (1822-1840). Sobretudo, “por intermédio da escrita das biografias de alguns de seus dirigentes”,<sup>21</sup> entre os quais Bernardo Pereira de Vasconcelos, José Bonifácio e D. Pedro I.<sup>22</sup> Por isso o pedido soou como curioso, pois antecede a temporalidade de maior importância para o convidado. De qualquer forma, na primeira metade do século XX, em meio ao grande interesse de se refletir sobre o país, muitos intelectuais que estavam “dispostos a circunscrever o campo dos *Estudos Brasileiros*, compreenderam a renovação da biografia como mais um

<sup>18</sup> Série: Produção de Terceiros. Subsérie: Artigos de Jornais sobre SBH. 2070 – Recorte de jornal, intitulado “Acerca dos livros didáticos”, de Olivio Montenegro, comentando sobre a utilidade dos livros didáticos e referindo-se ao livro “História do Brasil para o 3º ano colegial”, da autoria de Octávio Tarquínio de Sousa e Sérgio Buarque de Holanda. Correio da Manhã. [São Paulo], 29 out. 1944. Pt 55 P59. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>19</sup> POLLAK, op. cit., 1989.

<sup>20</sup> BRASIL. Decreto-Lei nº 4.244, 9 abr. 1942. Câmara dos Deputados. *Diário Oficial da União* – Seção, 10/4/1942, p. 5798. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4244-9-abril-1942-414155-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 29 jan. 2013.

<sup>21</sup> GONÇALVES, Márcia de Almeida. Narrativa biográfica e escrita da história: Octávio Tarquínio de Sousa e seu tempo. *Revista de História* (USP), São Paulo, n. 150, p. 129-155, 2004, p. 130.

<sup>22</sup> SOUSA, Octávio Tarquínio de. *Bernardo Pereira de Vasconcelos e seu tempo*. Coleção “Documentos Brasileiros” (v. 3). Rio de Janeiro: José Olympio, 1937; \_\_\_\_\_. *José Bonifácio*. Coleção “Documentos Brasileiros” (v. 51). Rio de Janeiro: José Olympio, 1945; \_\_\_\_\_. *A vida de D. Pedro I* (3 vols.). Coleção “Documentos Brasileiros” (v. 71). Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.

aspecto necessário entre as estratégias de atualizar análises sobre a realidade nacional”.<sup>23</sup> Provavelmente atento à explosão biográfica que a publicação de *A vida de Dom Pedro I* era exemplar, Sérgio Buarque escreveu uma resenha na década de 1950, onde teceu elogios ao texto e ao biógrafo.

Afirmou que no livro se entrelaçam, de forma íntima e completa, a vida do monarca e da sociedade brasileira, de modo que seu autor legou ao país “uma obra que já tem seu lugar assegurado entre as que melhor representam nossas leiras históricas e não só atuais”.<sup>24</sup> A fala fazia coro ao sucesso do carioca, porque no catálogo de 1944 da editora José Olympio o biógrafo d’*el rei* figurava como um dos autores mais representativos.<sup>25</sup> Após a publicação de *A vida de D. Pedro I*, pela mesma casa editorial, em 1952, quando Octávio Tarquínio já coordenava a coleção *Documentos Brasileiros*, esse prestígio só aumentou, pois a biografia do Imperador do Brasil foi “recebida entusiasticamente pela crítica literária da época”.<sup>26</sup>

Alguns dias depois da recusa de Octávio Tarquínio de Sousa em integrar os colaboradores da coleção HGCB, era a vez de o historiador inglês Charles Ralph Boxer, professor da cátedra Camões de estudos portugueses na Universidade de Londres (*King’s College*),<sup>27</sup> responder a Sérgio Buarque de Holanda sobre pedido de igual natureza. Também neste caso o convite foi reforçado por Paul Jean Monteil e, na missiva, expedida em 05 de novembro de 1957, Charles Boxer deixava transparecer que seu contato com Sérgio Buarque datava, no mínimo, de 1949, quando este o recebeu em São Paulo.

Por fim, após considerar lisonjeira a proposta feita pelo organizador da HGCB e o editor da Difel, para que escrevesse cerca de “12 páginas sobre os Holandeses no Brasil”, Boxer recusou com a seguinte afirmação: “não posso nem quero aceitar enquanto está vivo o nosso bom e mútuo amigo José Antônio Gonsalves de Mello Neto, que é a autoridade mundial no assunto, como ele mostrava há anos naquele trabalho magistral ‘Tempo dos flamengos’”.<sup>28</sup> A referência à obra do historiador recifense, ex-diretor do Instituto Joaquim Nabuco (IJN) e professor de História da América na Universidade da capital pernambucana,<sup>29</sup>

<sup>23</sup> GONÇALVES, op. cit., 2004, p. 151.

<sup>24</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. Resenha bibliográfica (publicado originalmente na *Revista de História – USP*, na edição de julho e setembro de 1950). In: COSTA, Marcos (org.). *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos* (v. 2). São Paulo: Perseu Abramo / UNESP, 2011, p. 29.

<sup>25</sup> SORÁ, op. cit., 2010, p. 397.

<sup>26</sup> GONÇALVES, op. cit., 2004, p. 151.

<sup>27</sup> FIGUEIREDO, Antonio de. Charles Boxer. In: *The Guardian*. 16 may. 2000. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/news/2000/may/16/guardianobituarie1>>. Acesso em: 16 maio. 2013.

<sup>28</sup> Série: Correspondência. Subsérie: Passiva. 431 – Carta de Charles Boxer a SBH, informando que não poderia escrever sobre os Holandeses no Brasil e indicando José Antônio Gonsalves de Mello Neto para tal. s.l., 05 nov. 1957. as. ileg. 2p. Cp 209 P9. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>29</sup> Perfil. Disponível em: <<http://www.alepe.pe.gov.br/sistemas/perfil/links/JoseAntonioGonsalvesMello.html>>.

à época patrocinadora de suas viagens de pesquisas em arquivos europeus (Holanda, França, Espanha e Inglaterra),<sup>30</sup> ilustra o emaranhado das disputas intelectuais e editoriais que pesavam sobre temáticas do Brasil colonial. Afinal de contas, o título mencionado foi impresso em 1947, pela coleção *Documentos Brasileiros*, com prefácio de Gilberto Freyre.<sup>31</sup>

Este último já não ocupava mais o cargo de diretor do empreendimento da editora José Olympio e não desfrutava tanto do prestígio que gozou na década de 1930,<sup>32</sup> quando a publicação de *Casa-grande & senzala*, em 1933, havia encontrado “um clima favorável à recepção do livro, no que diz respeito ao uso de fontes, às características da narrativa, e a uma franca presença de atores vivos, entre os quais se incluía o negro”.<sup>33</sup> E o próprio Charles Boxer, que já pesquisava o estabelecimento neerlandês no nordeste brasileiro, passou a se dedicar aos estudos do Atlântico Sul na década de 1950 e, nos anos de 1960, a questionar mais explicitamente as teses de Freyre no tocante às ideias de raça.<sup>34</sup>

Sob outro prisma, também a escola da USP capitaneada por Florestan Fernandes, considerado uma das personalidades mais importantes na consolidação da Sociologia enquanto disciplina acadêmica estabelecida,<sup>35</sup> já havia atacado impiedosamente a obra de Freyre. A enxurrada de críticas tecida foi justificada pelo fato de o texto de 1933 não valorizar o aspecto econômico do passado brasileiro, que resultou na classificação do autor de *Casa-grande & senzala* como integrante de uma pré-sociologia.<sup>36</sup> Aliás, não há indícios de que Gilberto Freyre tenha recebido um convite de Sérgio Buarque ou Paul Jean Monteil para colaborar com os volumes da HGCB que tratariam do Brasil colonial e imperial, nem mesmo depois, quando a coleção editada pela Difel adentrou no período republicano.

No livro de 1933, e em trabalhos posteriores, ao analisar a vida nos engenhos e as afetividades do litoral nordestino, Gilberto Freyre extraiu deste recorte uma noção de raça com resquícios de concepções biológicas e conferiu ao europeu, portugueses em especial, uma posição de destaque diante de negros e indígenas. Entendia a formação do brasileiro

Acesso em: 08 maio. 2013.

<sup>30</sup> GASPAR, Lúcia; MELLO, Diva Gonsalves de. *José Antônio Gonsalves de Mello (1916-2002): cronologia e bibliografia*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2012.

<sup>31</sup> MELLO NETO, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos flamengos: influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do Norte do Brasil*. Coleção “Documentos Brasileiros” (v. 54). Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.

<sup>32</sup> SORÁ, op. cit., 2010, p. 193 [nota 22].

<sup>33</sup> GOMES, Ângela de Castro. Gilberto Freyre: algumas considerações sobre o contexto historiográfico de *Casa-grande & senzala*. *Remate de Males*, Campinas, n. 20, p. 47-57, 2001, p. 56.

<sup>34</sup> SCHNEIDER, Alberto Luiz. Charles Boxer: história e historiografia. In: OLIVEIRA, Camila Aparecida Braga; et. al. (orgs.). *Caderno de resumos & Anais do 5º Seminário Nacional de História da Historiografia: biografia & história intelectual*. Ouro Preto: Ed.UFOP, 2011.

<sup>35</sup> ALVAREZ, op. cit., 2007, p. 289.

<sup>36</sup> SORÁ, op. cit., 1998.

como “produto da própria aclimatabilidade do lusitano em contato com os trópicos”,<sup>37</sup> de modo a harmonizar a formação histórica do Brasil e, em certo sentido, adocicar a relação senhor e escravo ante a violência do tráfico e da escravidão. Charles Boxer, ao contrário, teceu reflexões a partir da análise dos contatos estabelecidos entre os lusitanos e alguns povos africanos, do Oriente e da América, para se concentrar, segundo seus estudiosos, na esfera “institucional e ideológica da antiga sociedade portuguesa, produzindo uma reflexão de ordem política. As ‘raças infectas’ abordadas por Boxer são criações de sociedades aristocráticas”.<sup>38</sup>

Sucedo que o historiador britânico se referia a uma concepção diversa da utilizada em *Casa-grande & senzala*. Em seu estudo sobre a sociedade portuguesa nos trópicos,<sup>39</sup> “tratava de um conceito de raça associado à linhagem, à ancestralidade, ao sangue, ao passo que o conceito de raça a que por vezes se refere Freyre é já um conceito biológico, herdeiro do cientificismo do século XIX”.<sup>40</sup> Seja como for, ainda noutra passagem da carta de novembro de 1957 a Buarque de Holanda, tratado como “Prezado amigo e colega”, Charles Boxer lamentou o fato de o paulista não ter participado de certo colóquio realizado em Lisboa, ocorrido na véspera do envio da correspondência.

Na esteira deste comentário, o missivista escreveu que apreciava os “escrúpulos de consciências” de Sérgio Buarque, “porque no fim das contas o governo de Salazar é uma ditadura declarada”.<sup>41</sup> Ao criticar o regime estado-novista português sob o domínio de Antônio Salazar (1933-1968), que após a Segunda Guerra Mundial procurou manter o controle sobre sua faceta fascista ainda vigente,<sup>42</sup> Boxer deixava um vestígio de que sua oposição a Gilberto Freyre não era somente intelectual, mas, sobretudo, política. Até porque, enquanto ele não era visto com bons olhos pela ditadura de Portugal, a noção de lusotropicalismo, de Freyre, foi usada “para justificar a dominação lusa na África”.<sup>43</sup>

Por conta destas circunstâncias, convém salientar que as questões que vão da carta de Boxer a Buarque de Holanda e desta à oposição de teses do primeiro com o autor de *Casa-grande & senzala*, não estão apartadas dos embates e concorrências nas quais a coleção

<sup>37</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. Gilberto Freyre: adaptação, mestiçagem, trópicos e privacidade em *Novo mundo nos trópicos*. *Philia & Filia*, Porto Alegre, n. 2, v. 2, p. 85-117, jul./dez. 2011, p. 106.

<sup>38</sup> SCHNEIDER, op. cit., 2011, p. 8.

<sup>39</sup> BOXER, Charles Ralph. *Portuguese society in the tropics*. The Municipal Councils of Goa, Macao, Bahia and Luanda, 1510-1800. Madison & Milwaukee: University of Wisconsin Press, 1965.

<sup>40</sup> VAINFAS, Ronaldo. Colonização, miscigenação e questão racial: notas sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira. *Tempo*, Niterói, v. 8, p. 7-22, 1999, p. 8.

<sup>41</sup> Série: Correspondência. Subsérie: Passiva. 431, op. cit., 05 nov.1957. Cp 209 P9. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>42</sup> SILVA, Francisco Teixeira da. Os fascismos. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (orgs.). *O século XX. O tempo das crises: revoluções, fascismos e guerras* (v. 2). 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 126.

<sup>43</sup> SCHNEIDER, op. cit., 2011, p. 9.

HGCB adentrava no “simples” gesto de convidar seus possíveis colaboradores. A menção feita por Boxer ao livro de Mello Neto (prefaciado por Freyre que era primo do autor),<sup>44</sup> para indicar um nome que lhe substituísse no empreendimento da Difel, é sintomática do emaranhado que envolve o universo de disputas letradas e editoriais do período. Porque quando *Tempo dos flamengos* foi publicado, pela coleção *Documentos Brasileiros*, da editora José Olympio, este empreendimento já se encontrava sob a coordenação de Tarquínio de Sousa que, dias antes da resposta de Boxer, também havia recusado o convite feito por Buarque de Holanda e Monteil para integrar os colaboradores da coleção HGCB.

Mesmo assim, Sérgio Buarque não desistiu facilmente da negociação e, em resposta no dia 2 de dezembro de 1957, menos de um mês depois da primeira carta, Charles Boxer reiterou sua negativa. Para tanto, a estratégia utilizada pelo missivista foi mencionar outros nomes para a tarefa de escrever sobre o Brasil holandês na coleção HGCB. O historiador britânico repetia o nome de José Antônio Gonsalves de Mello Neto e, dentre outros, incluía o de José Honório Rodrigues, na época diretor da seção de obras raras da BN.<sup>45</sup> Inflexível, Boxer manteve sua “decisão de não tentar ensinar o padre nosso ao vigário”, pois dizia não poder “dar lições a Brasileiros na sua própria História materna”.<sup>46</sup>

Sem opções, o organizador inicial da coleção ou acatou ou teve de acatar a sugestão do catedrático do *King's College*. Isso porque, ainda segundo a correspondência de dezembro de 1957, Charles Boxer escreveu que tomou a liberdade de enviar a carta circular da Difel, a de Sérgio Buarque e uma de próprio punho para explicar a situação e convidar Gonsalves de Mello Neto, que se encontrava em viagem de pesquisa na Holanda, para se responsabilizar pela tarefa. A falta de apoio em fontes levou um estudo a inferir, dentre outras questões e seguido de outros nomes, que a escolha e o convite aos colaboradores da coleção HGCB por Sérgio Buarque e fora dos domínios da USP ocorria “na medida em que o tema dos artigos que lhes foi pedido coincidia com a região na qual estes atuavam. É o caso do historiador J. A. Gonçalves [sic] de Mello”.<sup>47</sup>

Porém, embora tal aspecto possa corresponder em parte ao caso em apreço, a realidade desta participação é bem mais complexa e outra, pois o desdobramento da circunstância fugiu ao controle dos responsáveis diretos da HGCB e resultou na participação de Mello Neto no

<sup>44</sup> Perfil, op. cit., 2013.

<sup>45</sup> BARROS, José D'Assunção. História e historiografia: considerações sobre a obra de José Honório Rodrigues. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, Uberlândia, n. 3, v. 5, p. 1-8, jul./ago./set. 2008.

<sup>46</sup> Série: Correspondência. Subsérie: Passiva. 432 – Carta de Charles Boxer a SBH reiterando que não pode escrever sobre os Holandeses no Brasil e esperando encontrá-lo no 4º Colóquio Luso-Brasileiro na Bahia. s.l., 02 dez.1957. as. ileg. 2p. Cp 210 P9. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>47</sup> NICODEMO, op. cit., 2004, p. 12.

primeiro volume da coleção, mesmo sem ter sido convidado inicialmente por Buarque de Holanda. No final das contas, Gonsalves de Mello passou sim a integrar os colaboradores, foi identificado como professor da Faculdade de Filosofia da Universidade de Recife e participou com a autoria do texto intitulado *O domínio holandês na Bahia e no Nordeste*. Mas o convite partiu de Boxer e, a julgar pela ausência de outras colaborações do autor no empreendimento, é possível imaginar o aceite de seu nome antes como algo imposto do que como fruto da correlação pura e simples entre o local onde atuava com os temas estudados e requeridos pelo projeto editorial da coleção HGCB.

## 2.2 Sem Charles Boxer ou Afonso Arinos, mas com Florestan Fernandes

Diante de recusas e aceites, avanços e estagnações, os empenhos do organizador da HGCB e do editor da Difel não poderiam cessar em 1957. Outras negociações se arrastaram por 1958 e avançaram em 1959 e 1960, quando se deu início às publicações do projeto editorial, apesar das ausências de Octávio Tarquínio de Sousa, falecido em 1959,<sup>48</sup> e de Charles Ralph Boxer, que recusou o convite em duas ocasiões.

Então, em março de 1959<sup>49</sup> chegava a vez de Sérgio Buarque recorrer a Afonso Arinos de Mello Franco. Este era seu amigo de longa data, pois se conheciam desde os tempos da Faculdade de Direito no Rio de Janeiro dos anos de 1920,<sup>50</sup> e sua esposa, Maria Amélia Alvim Buarque de Holanda, era prima-irmã do intelectual. Além desse grau de parentesco, em 1958, na condição de catedrático de Direito Constitucional na Universidade do Brasil (RJ), o mineiro havia integrado a banca examinadora da tese *Visão do paraíso*.<sup>51</sup>

Nascido em Belo Horizonte,<sup>52</sup> Afonso Arinos foi detentor de uma profícua produção intelectual na década de 1930,<sup>53</sup> que se integra ao diálogo estabelecido para debater a noção

<sup>48</sup> GONÇALVES, Márcia de Almeida. *Em terreno movediço*. Biografia e História na obra de Octávio Tarquínio de Sousa. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2009.

<sup>49</sup> Série: Correspondência. Subsérie: Passiva. 440 – Carta de Afonso Arinos de Mello Franco a SBH, se explicando por não poder escrever o capítulo sobre a Inconfidência. Rio de Janeiro, 24 mar. 1959. as. ileg. 1p. Cp 218 P9. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>50</sup> HOLANDA, M. A, op. cit., 2002.

<sup>51</sup> ELLIS, Myriam. Noticiário. Concurso para provimento da cadeira de História da Civilização Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. *Revista de História*, São Paulo, n. 38, ano X, p. 493-508, abr./jun. 1959. Centro de Apoio à Pesquisa em História. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (CAPH-FFLCH).

<sup>52</sup> Verbete: Afonso Arinos. In: ABREU (coord.), op. cit., 2001.

<sup>53</sup> FRANCO, Afonso Arinos de Mello. *Introdução à realidade brasileira*. Coleção “Azul” (v. 3). Rio de Janeiro: Schmidt Editor, 1933; \_\_\_\_\_. *Preparação ao nacionalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934; \_\_\_\_\_. *Conceito de civilização brasileira*. Coleção “Brasiliana” (v. 70). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936; \_\_\_\_\_. *O índio brasileiro e a Revolução Francesa*. Coleção “Documentos Brasileiros” (v. 7). Rio de Janeiro: José Olympio, 1937.

de raça. *Conceito de civilização brasileira*, publicada em 1936 pela coleção *Brasiliana*, da Companhia Editora Nacional e também concorrente ao projeto editorial da Difel, é, talvez, uma de suas obras mais polêmicas por assumir posições contrárias aos ideários do Iluminismo que diziam respeito às tendências universalistas.<sup>54</sup>

No estudo, recorreu mais detidamente ao procedimento filológico, para distinguir *cultura* e *civilização*. Seu argumento era o de que muitas vezes estas expressões apareciam como sinônimas e, segundo seus intérpretes, Afonso Arinos resolveu adentrar na temática para se afastar das noções francesas e inglesas, por ele entendida como direcionadas às ideias de civilidade, hábitos cortesês e refinamento.<sup>55</sup>

O cerne deste problema parecia se localizar no fato de que, além de pensadores franco-ingleses setecentistas, como Edward Gibbon, Charles-Louis de Secondat, o barão de Montesquieu, e tantos outros que poderiam ser mencionados, em geral os textos de autores clássicos se serviram desses termos para constituir explicações maniqueístas sobre a diversidade humana. Informados por seu tempo da mesma forma que Afonso Arinos de Mello Franco, seus escritos buscavam estabelecer “traços identitários dos povos, de sua organização social e política”,<sup>56</sup> que opunham, por exemplo, portugueses ou espanhóis *versus* índios no século das explorações do Novo Mundo.

Conhecedor dos textos clássicos, tanto que seus estudos, por exemplo, do campo jurídico iriam lhe estabelecer posteriormente como “referência na área do direito constitucional e internacional”,<sup>57</sup> o passo seguinte do mineiro foi hierarquizar as culturas brasileiras. No seu dizer, os traços raciais legados ao país por negros e indígenas teriam afastado o Brasil do modelo europeu de civilização e dos valores do *Ancien Régime*.<sup>58</sup> Desse modo, o autor de *Conceito de civilização brasileira* acabava por fazer certo elogio aos portugueses, tal qual Freyre, ainda que por pontos de partida, caminhos percorridos e ênfases distintas. Sua publicação de 1936 via nas nações europeias, Portugal em particular, uma missão civilizadora.<sup>59</sup> O saneamento da civilização brasileira defendido por Afonso Arinos de Mello Franco deveria passar pela educação e por políticas públicas, então componentes, ainda segundo suas palavras, de uma racionalidade técnico-científica necessária ao país.

<sup>54</sup> SANTOS, Alessandra Soares. *Afonso Arinos historiador: uma identidade para as elites brasileiras*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 2006, p. 83.

<sup>55</sup> SERPA, Élio Cantalicio; CAMPIGOTO, José Adilçom. Filologia da civilização brasileira: a proposta de Afonso Arinos de Melo Franco. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 12, n. 20, p. 199-216, jan./jun. 2010.

<sup>56</sup> REVEL, Jacques. *Preposições: ensaios de história e historiografia*. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2009, p. 101-2.

<sup>57</sup> REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Calmon a Bomfim. A favor do Brasil: direita ou esquerda?* (v. 2). Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 92.

<sup>58</sup> SANTOS, op. cit., 2006, p. 92.

<sup>59</sup> SERPA, op. cit., 2010, p. 204.

Todos esses debates sobre raça, cultura e civilização foram marcados por grande euforia ao longo do século XX, que tem sido apontado como um tempo de crises, “catástrofes sociais, guerras e revoluções”,<sup>60</sup> mas também de enormes mudanças, sobretudo depois da Segunda Guerra, considerada o ponto alto do extremismo no tocante às ideias de pureza racial. No Brasil, a partir de 1950, emerge na sociedade uma “crença na transformação do presente com o objetivo de construção de um futuro alternativo ao próprio presente”.<sup>61</sup> Mais ao término desse decênio, a sociedade brasileira vivencia um período que viria a ficar marcado, na política, como anos dourados ou era JK, em referência ao governo do presidente Juscelino Kubitschek, orientada no sentido da modernização, sobretudo, econômica, com grande intensificação do processo de industrialização e a construção de Brasília. Também ocorreu grande urbanização de diversas regiões e aumento no consumo de bens duráveis.

Havia até mesmo uma ideia no país de que estava em curso o “nascimento de uma nova civilização nos trópicos, que combinava a incorporação das conquistas materiais do capitalismo com a persistência dos traços de caráter que nos singularizavam como povo: a cordialidade, a criatividade, a tolerância”.<sup>62</sup> Admitida a primeira como característica fruto de uma leitura do passado brasileiro pelo traço de Sérgio Buarque, quando afirmou no livro de 1936 “que a contribuição brasileira para a civilização será a cordialidade – daremos ao mundo o ‘homem cordial’”,<sup>63</sup> a imagem de benevolência fica ao encargo de Gilberto Freyre e do mito da *democracia racial*, atribuído à sua obra de 1933, pois, ao invés de reformular suas teses, Freyre buscou legitimá-las nas inúmeras edições seguintes de *Casa-grande & senzala*.<sup>64</sup>

Sob o impacto da Segunda Guerra Mundial e dos horrores do Holocausto, também a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), embarcou neste mito e, entre 1949 e o início dos anos 1950,<sup>65</sup> empenhou-se no combate à ideologia que deu suporte à “montagem e operação da máquina infernal nazista”.<sup>66</sup> A esse plano pertence seu financiamento de pesquisas sobre o Brasil junto de intelectuais e instituições de ensino superior, com o objetivo de determinar os fatores “favoráveis ou

<sup>60</sup> REIS FILHO, Daniel Aarão; ROLLAND, Denis. Apresentação. In: \_\_\_\_\_ (orgs.). *Modernidades alternativas*. Rio de Janeiro, FGV, 2008, p. 13.

<sup>61</sup> NEVES, Lucília de Almeida. Trabalhismo, nacionalismo e desenvolvimentismo: um projeto para o Brasil (1945-1964). In: FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 171.

<sup>62</sup> NOVAIS, Fernando; MELLO, João Manuel Cardoso de. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: NOVAIS, Fernando (coord.); SCHWARCZ, Lília Moritz (org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea* (v. 4). São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 560.

<sup>63</sup> HOLANDA, op. cit., 1995, p. 146.

<sup>64</sup> SORÁ, op. cit., 1998.

<sup>65</sup> ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. A sociologia no Brasil: Florestan Fernandes e a “escola paulista”. In: MICELI, Sérgio (org.). *História das ciências sociais no Brasil* (v. 2). São Paulo: Sumaré / FAPESP, 1995.

<sup>66</sup> MAIO, op. cit., 2000, p. 116.

desfavoráveis à existência de relações harmoniosas entre raças e grupos étnicos”.<sup>67</sup> Os resultados a que chegou, no entanto, mostraram a existência de correlações entre cor da pele e posição socioeconômica dos indivíduos, de modo a ser julgada como inválida a tese da democracia racial no espaço acadêmico. Como se pode imaginar, as conclusões da UNESCO serviram para municiar os ataques já existentes à obra de Gilberto Freyre.

Desde o fim da guerra, os esforços internacionais se dirigiram no sentido de conagraçamento das nações, em particular, dentre as ações da UNESCO, cuja missão inicial recaiu sobre as tentativas de compreensão das sociedades e difusão da educação, com grande empenho nas trocas culturais. Daí, inclusive, as participações de diversos intelectuais como professores em universidades estrangeiras (Londres, Paris, Lisboa, Caracas, La Paz etc.), por exemplo, por meio de acordos diplomáticos dos anos 1950, como foi o caso do próprio Sérgio Buarque, enviado para ministrar um curso sobre a cultura brasileira na Universidade de Roma. Além disso, as participações de brasileiros nas conferências gerais do órgão, situação muito a ser estudada ainda, tornam instigantes os motivos que levaram a certas escolhas para a coordenação das coleções de *Histórias Gerais* que então eram fomentadas nessa conjuntura de mútua compreensão das sociedades pós-auschwitz.

Assim, embora o presente texto referenda, de forma recorrente, à HGCB como um projeto fomentado pela Difel, bem entendido está que a iniciativa editorial estava, de certa forma, alinhada com os debates internacionais a propósito da necessidade de se evitar fenômenos fascistas, de modo que contar a história dos povos e seus países fazia parte desse objetivo maior. Logo, no que tange à escolha por Buarque de Holanda para coordenar o empreendimento sobre a civilização brasileira, pode-se dizer que a rede de sociabilidades internacional estabelecida a partir do momento em que aceitou ministrar aulas na Itália, bem como sua constante busca por uma identificação como historiador coincidente com o término do conflito mundial e ao longo dos anos 1950 contribuíram decisivamente. Porque mesmo ante um seleto grupo de intelectuais brasileiros de que o projeto UNESCO dispunha, Gilberto Freyre, por exemplo, nesse mesmo período, estava mais voltado ao fortalecimento do IJN e da institucionalização das Ciências Sociais em Pernambuco,<sup>68</sup> de modo a se diferenciar da escola paulista e tentar assegurar um espaço para a manutenção e veiculação de suas teses.

Seja como for, frente aos debates que causaram o deslocamento da questão racial de fundo biológico para uma dimensão cultural e, neste caso, também já possibilitou a existência

---

<sup>67</sup> A questão racial do Brasil nos anos 50. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2>>. Acesso em: 19 maio. 2013.

<sup>68</sup> MAIO, Marcos Chor. Tempo controverso: Gilberto Freyre e o projeto UNESCO. *Tempo Social*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 111-136, maio. 1999.

de um diálogo sobre a constituição de uma civilização no Brasil, os escritos dos intelectuais, naturalmente, não passariam incólumes. É aí que se observa, por exemplo, Afonso Arinos alterar seu discurso e se aproximar do livro de Sérgio Buarque, *Raízes do Brasil*, publicado no mesmo ano que *Conceito de civilização brasileira* (1936).

Nos estudos posteriores à década de 1930, o mineiro abandonou posturas, por assim dizer, subservientes à Europa como a civilização modelar com que flertava e, apesar de não citar o amigo paulista, percebeu na passagem de uma base econômica nacional açucareira para a cafeicultura, a aceleração das mudanças necessárias para o “aniquilamento das raízes ibéricas da nossa cultura.”<sup>69</sup> E a partir das décadas de 1940 e 1950, suas publicações passam a ocultar a mestiçagem pelo reconhecimento dos povos negros e indígenas na construção de uma civilização nos trópicos.

Representativo desta fase é o texto *Desenvolvimento da civilização material no Brasil*,<sup>70</sup> de 1944. Trata-se de uma publicação originária de um curso proferido nas dependências do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), então sob a direção de seu primo, Rodrigo Melo Franco de Andrade, que chefiava o órgão desde sua criação, em 1937,<sup>71</sup> e que, aparentado à Maria Amélia Alvim, fora testemunha de matrimônio do casal Buarque de Holanda um ano antes.<sup>72</sup>

No curso, Afonso Arinos apontou várias manifestações da civilização material brasileira, que foram “desde os azulejos até a habitação dos índios timbira, das fontes e chafarizes do Rio de Janeiro até o estudo das origens da cidade de Sabará”.<sup>73</sup> A mudança de estratégia intelectual, por certo, relacionava-se ao advento do povo enquanto sujeito histórico digno de reflexões junto aos seus escritos históricos ou atuação política. Tanto é assim que, municiado pelos estudos encomendados pela UNESCO sobre a noção de raça<sup>74</sup> e atuante na política brasileira, Arinos de Mello Franco elaborou, em 1951, um “projeto de lei que transformou em contravenção penal a prática resultante dos preconceitos de raça e de cor. A

<sup>69</sup> SANTOS, op. cit., 2006, p. 124.

<sup>70</sup> FRANCO, Afonso Arinos de Mello. *Desenvolvimento da civilização material no Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde / SPHAN, 1944.

<sup>71</sup> Verbete: Rodrigo Melo Franco de Andrade. In: ABREU (coord.), op. cit., 2.ed, 2001. Disponível em: <[http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/rodrigo\\_melo\\_franco\\_de\\_andrade](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/rodrigo_melo_franco_de_andrade)>. Acesso em: 19 maio. 2013.

<sup>72</sup> Série: Vida Pessoal. 172 – Certidão de casamento de SBH e D. Maria Amélia. (Rio de Janeiro, 28 dez. 1936). Rio de Janeiro, 2 out. 1984. 1p. (2ª via). Vp 172 P3. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>73</sup> TEIXEIRA, Luciano dos Santos. Civilização material, história e preservação em Afonso Arinos. In: *Anais do XXV Simpósio Nacional de História*, Fortaleza: ANPUH, 2009, p. 7.

<sup>74</sup> PEREIRA, João Baptista Borges. A questão racial brasileira na obra de Florestan Fernandes. *Revista USP*, São Paulo, v. 29, p. 34-41, mar./maio. 1996.

Lei Afonso Arinos (que os getulistas quiseram designar Lei Getúlio Vargas, sem sucesso) abriu uma fenda na história do racismo no Brasil”.<sup>75</sup>

Imersa nesse clima de intensa discussão, a correspondência endereçada a Afonso Arinos, em 1959, por Sérgio Buarque, visava integrá-lo aos estudos da civilização tropical que a coleção HGCB representava de maneira absolutamente inédita, pois o projeto inaugurava o modelo de coletânea nas letras históricas do Brasil, dominante na atualidade. Também por este motivo o empreendimento estava à procura de uma escrita especializada, fator que explica a solicitação de um capítulo concentrado na Inconfidência Mineira.

Decerto, a mudança de discurso do destinatário foi decisiva para o envio da carta-convite, pois outro tanto não ocorria com intelectuais cujos estudos mantinham avaliações, por assim dizer, racializadas da cultura brasileira. Não seria exagero supor, inclusive, que certas energias sociais subjacentes a essas orientações intelectuais se coadunavam com as discussões travadas na arena política, ainda durante o governo JK, mas pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), cujo intuito consistia na busca pela superação do então chamado subdesenvolvimento e das desigualdades do país, conhecidas posteriormente como as reformas de base. Talvez convergindo com as pesquisas realizadas pela UNESCO, que visava compreender os entraves da modernização do Brasil e as condições favoráveis ou não para um relacionamento harmônico entre os grupos étnicos, o movimento pró reformas foi a principal bandeira do PTB nos anos 1960 e, em especial, do governo Goulart, umas das lideranças centrais da legenda, fortalecida cada vez mais.

De todo modo, após pedir desculpas, como fizeram Octávio Tarquínio e Charles Boxer, decerto alerta à ascensão do PTB, Afonso Arinos declinou da proposta por conta dos “compromissos da política”<sup>76</sup> que lhe ocupavam muito. Dentre as atividades que justificavam sua recusa, Afonso Arinos de Mello Franco enumerou uma série de acontecimentos, como a posse no Senado e uma convenção da União Democrática Nacional (UDN), a qual pertencia e fora eleito em 1958.<sup>77</sup> Após percorrer a periferia carioca, frequentar “botequins e até rodas de samba!”<sup>78</sup> sua vitória nas urnas pode ser vista parcialmente como o resultado da nova postura intelectual assumida, pois foi o candidato mais votado da História do Rio de Janeiro de então e se fortaleceu como importante figura política no interior do partido.<sup>79</sup>

<sup>75</sup> SANTOS, op. cit., 2006, p. 110.

<sup>76</sup> Série: Correspondência. Subsérie: Passiva. 440, op. cit., 24 mar. 1959. Cp 218 P9. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>77</sup> Verbete: Afonso Arinos, op. cit., 2001.

<sup>78</sup> SANTOS, op. cit., 2006, p. 143-4.

<sup>79</sup> BENEVIDES, Maria Vitória de Mesquita. *A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

Depois de todos os percalços para a reunião de um grupo seletivo que se comprometesse em elaborar textos sucintos sobre a civilização brasileira, Buarque de Holanda e Monteil conseguiram, enfim, publicar os primeiros volumes, referentes ao Tomo I da coleção HGCB, *A Época Colonial*, ainda no ano de 1960. Nesta ocasião, o organizador inicial do empreendimento e o editor da Difel puderam contar, por exemplo, com o nome de Florestan Fernandes. Regente da prestigiada cátedra de Sociologia I da FFCL-USP desde 1954,<sup>80</sup> este autor era um dos principais combatentes das ideias de Gilberto Freyre, reiteradas nas várias edições de *Casa-grande & senzala*, que induziam à crença da democracia racial.<sup>81</sup>

Por isso, talvez, conviesse a Sérgio Buarque se aliar com Fernandes. Afinal de contas, neste momento, os indícios já apontavam para um afastamento do autor de *Raízes do Brasil* com o pernambucano que se encastelava no IJN ante os ataques da chamada escola paulista à sua obra. E se a Freyre convinha manter a imagem de gênio, Buarque de Holanda procurava se aferrar na busca pela institucionalização da História, tal como faziam os sociólogos da USP, de modo a constituir certa distinção intelectual em torno de si atrelado à universidade.

A Florestan Fernandes foi encomendado um capítulo sobre os índios do Brasil. Como resultado, o sociólogo escreveu o estudo *Antecedentes indígenas: organização social das tribos tupis*. A escolha do autor e do tema solicitado, em nada fortuitos, possuíam inúmeras razões de ser. Primeiro porque convinha ao projeto editorial tentar arregimentar estudiosos inseridos no mundo acadêmico e cuja produção intelectual fosse desenvolvida no âmbito de determinada especialidade. E depois, porque tanto a dissertação, apresentada em 1949 na ELSP<sup>82</sup> – tal qual o caminho percorrido por Buarque de Holanda antes de se tornar catedrático –, quanto a tese de doutoramento de Florestan Fernandes, defendida em 1951 na USP, correspondiam à temática deste teor ao versarem sobre a tribo Tupinambá.<sup>83</sup>

O organizador da coleção HGCB, a propósito, quando do convite, já conhecia o estudo, porque em 1949 publicou dois textos nos quais analisou o livro *A organização social dos Tupinambás*. A obra, baseada em grande medida nas fontes legadas por cronistas dos séculos XVI e XVII e no contato do autor com os descendentes diretos dos indígenas pesquisados, a saber, os Tupis-guaranis, foi vista como essencial para preencher a lacuna existente sobre o assunto.<sup>84</sup> Pelo mesmo período, o sociólogo teve um artigo sobre o tema

---

<sup>80</sup> ARRUDA, op. cit., 1995.

<sup>81</sup> SORÁ, op. cit., 1998.

<sup>82</sup> ARRUDA, op. cit., 1995.

<sup>83</sup> FERNANDES, Florestan. *A organização social dos Tupinambás*. São Paulo: Progresso Editorial, 1949; \_\_\_\_\_. *A função social da guerra na sociedade Tupinambá*. São Paulo: Museu Paulista, 1952.

<sup>84</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. A sociedade tupinambá I (publicado originalmente no *Diário de Notícias* – RJ, na edição de 30 de outubro de 1949). In: COSTA (org.), op. cit., (v. 1), 2011.

impresso na revista do Museu Paulista,<sup>85</sup> instituição que se responsabilizaria por publicar a tese de Florestan Fernandes, em 1952,<sup>86</sup> e onde Sérgio Buarque já era diretor.

Por meio destas sendas bem se vê o estabelecimento do contato intelectual. Mas existe ainda outra questão, pois na segunda parte do artigo-resenha sobre o livro *A organização social dos Tupinambás*, Buarque de Holanda, então diretor do Museu Paulista, escreveu: “O interesse, ainda atual, entre nós, pelos problemas afro-brasileiros, não deveria servir para fechar nossos olhos à significação dessas outras influências”.<sup>87</sup> Nota-se que, apesar de remeter à presença da cultura africana no Brasil como um problema de estudo, Sérgio Buarque a entende como influenciadora da identidade nacional, tal qual a indígena. Tomar a parte pelo todo, pode incorrer em equívocos de imaginar a fala como indicativa de uma espécie de menoscabo à contribuição do negro na formação da civilização brasileira.

Acontece, porém, que se Sérgio Buarque de Holanda, de fato, ao longo de sua trajetória intelectual e práticas letradas tenha preferido, desde *Raízes do Brasil* (1936), privilegiar estudos sobre a influência de europeus e indígenas<sup>88</sup> na constituição do Brasil, São Paulo em especial, não se pode ver aí alguma expressão de racismo. Portanto, o presente estudo está convictamente contrário ao argumento de que o Sérgio Buarque da década de 1930 fosse representante de um “preconceito em relação à população mestiça”.<sup>89</sup> Entende-se que convém sempre remeter à “historicidade de produção” e às “estratégias de escritura”<sup>90</sup> dos textos do paulista, ou de qualquer outro autor, antes de se lançar a afirmações dessa alcunha, por mais natural que possa ser essa tomada de posição no Brasil dos anos trinta.

Dizer isso não significa alimentar a ideia de um Buarque de Holanda infalível, mas apenas sublinhar que uma análise externa ao conteúdo dos livros pode mostrar outras facetas do profícuo debate sobre a questão racial. E o combate às ideias de Gilberto Freyre têm se mostrado um interessante ponto de partida. Mesmo porque, é impossível requerer coerência na trajetória de publicações de qualquer indivíduo, intelectual ou não, e, sobretudo, na de um letrado que percorreu praticamente toda a cena brasileira do século XX.

Diante do exposto, é possível inferir que outra razão possível para a presença de Florestan Fernandes dentre os colaboradores da coleção HGCB, pode ser observada no fato de

<sup>85</sup> FERNANDES, Florestan. A análise funcionalista da guerra: possibilidades de aplicação à sociedade tupinambá. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, v. 3, p. 7-128, 1949.

<sup>86</sup> FRANÇOZO, Mariana. O Museu Paulista e a história da antropologia no Brasil entre 1946 e 1956. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 48, n. 2, p. 585-612, 2005.

<sup>87</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. A sociedade tupinambá II (publicado originalmente no *Diário de Notícias* – RJ, na edição de 20 de novembro de 1949). In: COSTA (org.), op. cit., (v. 1), 2011, p. 565.

<sup>88</sup> HOLANDA, op. cit., 1945; \_\_\_\_\_, op. cit., 1957.

<sup>89</sup> REIS, op. cit., 2006, p. 120.

<sup>90</sup> CHARTIER, op. cit., 2002, p. 56.

que Sérgio Buarque estar a par do encaminhamento dos debates sobre raça. Essa era apenas uma das pesquisas financiadas pela UNESCO, à qual se somava o estudo, pela mesma época e correlacionado ao primeiro, sobre o conceito de *democracia*. Sérgio Buarque tomou parte neste debate, em abril de 1949,<sup>91</sup> no comitê que abrangia 8 especialistas de diferentes países, sob a presidência do historiador inglês Edward Carr, para analisar os pareceres de 83 intelectuais de todo o mundo acerca do que se entendia por sociedades democráticas.<sup>92</sup>

Nas avaliações que teceu sobre o encontro, realizado em Paris, Sérgio Buarque publicou na imprensa artigos acerca das conclusões a que chegou o comitê da UNESCO na ocasião. Afirmou que todas as formas de democracia analisadas partilhavam de uma tradição humanista comum, com ideais de justiça, igualdade e liberdade. Além disso, suas propostas respeitavam “o igual acesso aos benefícios da civilização e a livre participação nas funções públicas. Nenhuma delas professa”, continuou Buarque de Holanda, “a doutrina da dignidade superior de uma raça ou a prioridade definitiva do Estado sobre o indivíduo”.<sup>93</sup> Por si só, tal fala é ilustrativa do conhecimento e participação do organizador da HGCB nestes debates, e vêm contribuir na compreensão das preocupações intelectuais em curso, sem a necessidade de se recorrer a juízos de valor sobre determinadas ausências temáticas de seus estudos.

Desse modo, a exposição de motivos da presença de Florestan Fernandes no empreendimento editorial da Difel não carece de maiores explicações. Integrante do projeto fomentado pela UNESCO sobre a noção de raça, que influenciou “no processo de institucionalização das ciências sociais no Brasil”,<sup>94</sup> foi nos estudos sobre os negros<sup>95</sup> que Fernandes pôde combater com maior ênfase o mito da democracia racial. Dentre outros lugares e pessoas, é inegável que as motivações centrais destas batalhas partiam da escola uspiana. Esta, por sua vez, se utilizou das pesquisas empíricas e do emprego do método dialético aplicado à pesquisa, para inovar o *modus operandi* utilizado pela Sociologia nas universidades brasileiras da década de 1950.<sup>96</sup>

A menção de todas as particularidades dos embates da arena intelectual, referenciadas até este ponto, visa identificar a negociação existente entre a ordem que governa a escrita das

<sup>91</sup> Série: Vida Pessoal. 88, op. cit. Vp 88 P242. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>92</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. Os problemas da democracia mundial (publicado originalmente no *Diário de Notícias* – RJ, na edição de 19 de junho de 1949). In: COSTA (org.), op. cit., (v. 1), 2011.

<sup>93</sup> \_\_\_\_\_. A democracia e a tradição humanista (publicado originalmente no *Diário de Notícias* – RJ, na edição de 26 de junho de 1949). In: COSTA (org.), op. cit., (v. 1), 2011.

<sup>94</sup> MAIO, op. cit., 2000, p. 118.

<sup>95</sup> FERNANDES, Florestan; BASTIDE, Roger. *Branços e negros em São Paulo*. São Paulo: Anhembi, 1953; FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes* (2. vols.). São Paulo: Dominus, 1965; \_\_\_\_\_. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difel, 1972.

<sup>96</sup> PEREIRA, op. cit., 1996.

práticas letradas, com as condições materiais de sua aparição e as intencionalidades, explícitas ou não, de seus autores.<sup>97</sup> Ou, mais precisamente, procura-se reconstituir a historicidade dos textos sem deixar de lado a textualidade das histórias que os permeiam. Tal esforço é válido na medida em que se busca mapear os debates em torno do surgimento, ânimo e escolhas da coleção HGCB.

Mas apesar de todo o empenho dos responsáveis em selecionar um grupo de colaboradores renomados, não parece que o empreendimento tenha gerado boa recepção no meio acadêmico. Na carta enviada pelo historiador Francisco Iglésias à colega de ofício Alice Piffer Canabrava, então professores das Faculdades de Ciências Econômicas na Universidade de Minas Gerais (UMG)<sup>98</sup> e da USP,<sup>99</sup> respectivamente, há o registro de que o projeto não lhe parecia feliz em sua realização até aquele momento (28 de junho de 1960). Muitas dúvidas pairavam sobre o êxito editorial e historiográfico daqueles impressos.

No dizer de Iglésias à Canabrava, que viriam a colaborar nos volumes subsequentes da HGCB, “A obra” ficava muito aquém e perde muito “quando comparada à edição francesa – a realmente monumental *Histoire générale des civilisations*”. Seus comentários de leitura identificavam a publicação inicial da coleção como “nova História do Brasil, edição de Sérgio Buarque” e, ao fim, Francisco Iglésias escreveu: “Espero que o próximo volume tenha melhor gabarito: ele terá, estou certo, pois há, entre outras, colaboração sua (não?)”.<sup>100</sup> Com este questionamento, sondava Alice Piffer Canabrava que, de fato, colaboraria. O texto da professora, intitulado *A grande propriedade rural*, foi impresso no segundo e último volume referente aos tempos coloniais (1960). Já Iglésias teve de aguardar a impressão do segundo volume referente ao Império (1964), para figurar entre os colaboradores da coleção.

### 2.3 “Sob os auspícios” da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP

Revelações missivistas à parte e apesar de a coleção abarcar grande parcela de colaborações de autores sem vínculo institucional declarado, pois nem todos os convidados aceitaram participar, nos capítulos da HGCB saltam aos olhos a maciça presença da USP, como já foi dito. Mas quando se aproxima um pouco mais a lente, no sentido fotográfico do termo, sobre o período em que Sérgio Buarque esteve na dianteira do empreendimento (os

<sup>97</sup> CHARTIER, Roger. *Escuchar a los muertos con los ojos*. Lección inaugural en el Collège de France. Buenos Aires: Katz, 2008.

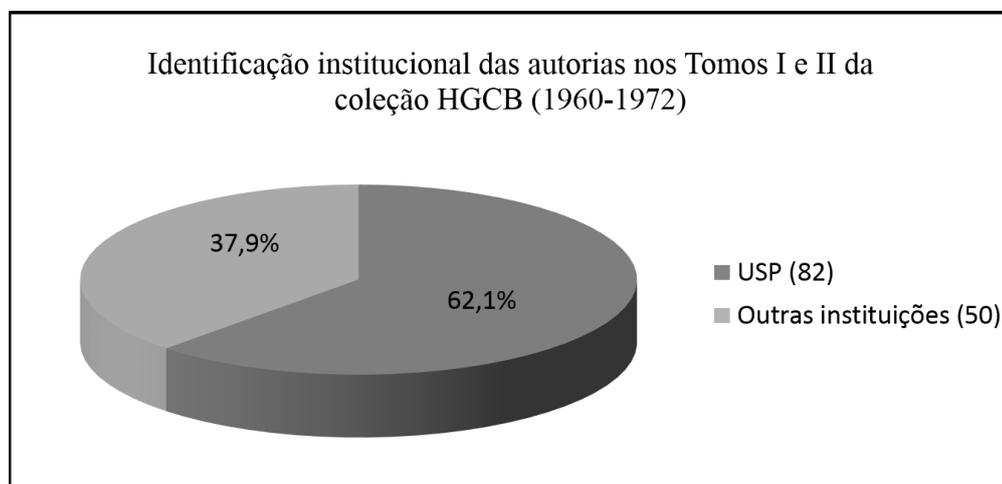
<sup>98</sup> GONÇALVES, Régis. Francisco Iglésias. *Revista Adusp*, São Paulo, n. 17, p. 85-87, jun. 1999.

<sup>99</sup> HOLANDA (org.), op. cit., (v. 2), 1960.

<sup>100</sup> Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) USP – *Fundo Alice Piffer Canabrava*, APC-P1, 01. Carta. 28.06.1960. Belo Horizonte (MG). Remetente: Francisco Iglésias.

Tomos I e II, *A Época Colonial e O Brasil Monárquico*), a liderança *uspiana* se revela ainda maior. Das 132 colaborações registradas no período, 82 contém a marca da USP na identificação das autorias, aqui consideradas independente se um(a) colaborador(a) se responsabilizou por mais de um texto ou se este foi escrito em coautoria.

**Tabela 4**



Em certo sentido, tal predomínio pode ser considerado previsível, uma vez que a busca do diretor da HGCB visou congregar um grupo de autores, senão necessariamente especialistas como no caso de Charles Boxer e, na ausência destes, ao menos credenciados academicamente ou vinculados à tradição brasileira de escrita da História, feita no interior das coleções que surgiram no país na década de 1930. E ao iniciar as publicações da coleção HGCB, em 1960, o autor estava recém-empossado na cátedra de História da Civilização Brasileira da USP e, portanto, é plausível supor que preferisse dar lugar às colaborações de autores desta instituição. Forçoso é reconhecer que a fase da HGCB, compreendida entre 1960 e 1972, torna seus 12 anos bem ilustrativos das redes de sociabilidades, já constituídas, de que Sérgio Buarque de Holanda lançou mão, mas também das que teceu na condição de primeiro organizador do empreendimento.

Naturalmente, as linhas deste emaranhado organizacional-afetivo que partem ou convergem para o nome de Sérgio Buarque e à HGCB, “compondo uma espécie de teia de malha fina, [que] dão ao observador a imagem gráfica do tecido social em que o indivíduo está inserido”,<sup>101</sup> não cessam nos pontos até então indicados. Debruçar-se com mais vagar sobre a urdidura dos Tomos *A Época Colonial e O Brasil Monárquico* permite o desenlace de

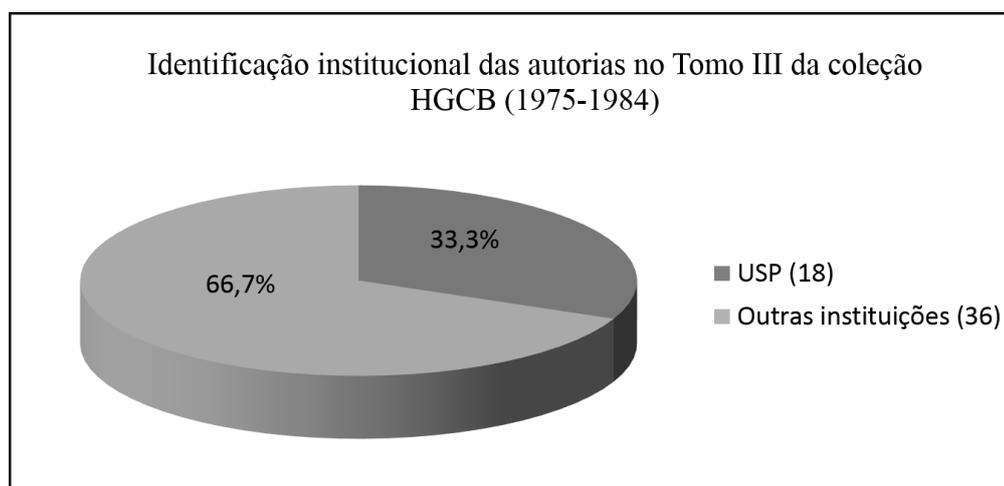
<sup>101</sup> GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1991, p. 175.

pelo menos mais um fio da coleção, cuja espessura, consistente e vistosa, revela outro nó – ou amarração – das articulações que envolvem as questões da USP e seu paradigma.

Acontece que, desde 1960, a impressão dos volumes da HGCB contou com o aval acadêmico concedido pela instituição paulista e esteve, mais precisamente, “sob os auspícios”<sup>102</sup> da FFCL, mais tarde denominada Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), por conta das mudanças no ensino superior, empreendidas e exigidas pelas reformas do regime autoritário (1969).<sup>103</sup> Este apoio formal, no entanto, se estendeu só até 1972, quando foi publicado o último livro sob a coordenação de Sérgio Buarque de Holanda na coleção. Por isso mesmo tal circunstância figura como indispensável para explicar parte da constatação de que, quando se analisa o período em que o catedrático coordenou a HGCB, percebe-se a marca da USP dominante na identificação institucional das autorias.

Somente quando Boris Fausto assumiu a coordenação do empreendimento que o quadro de domínio uspiano se modificou, mesmo porque este não era professor da casa. Assim, dentre as publicações que foram de 1975 a 1984, das 54 colaborações que aparecem registradas nos volumes finais da HGCB (Tomo III, *O Brasil Republicano*), só 18 contém a identificação da USP junto das autorias. Portanto, as proporções praticamente se invertem em relação aos Tomos I e II, quando a USP dominava cerca de 62% das colaborações.

**Tabela 5**



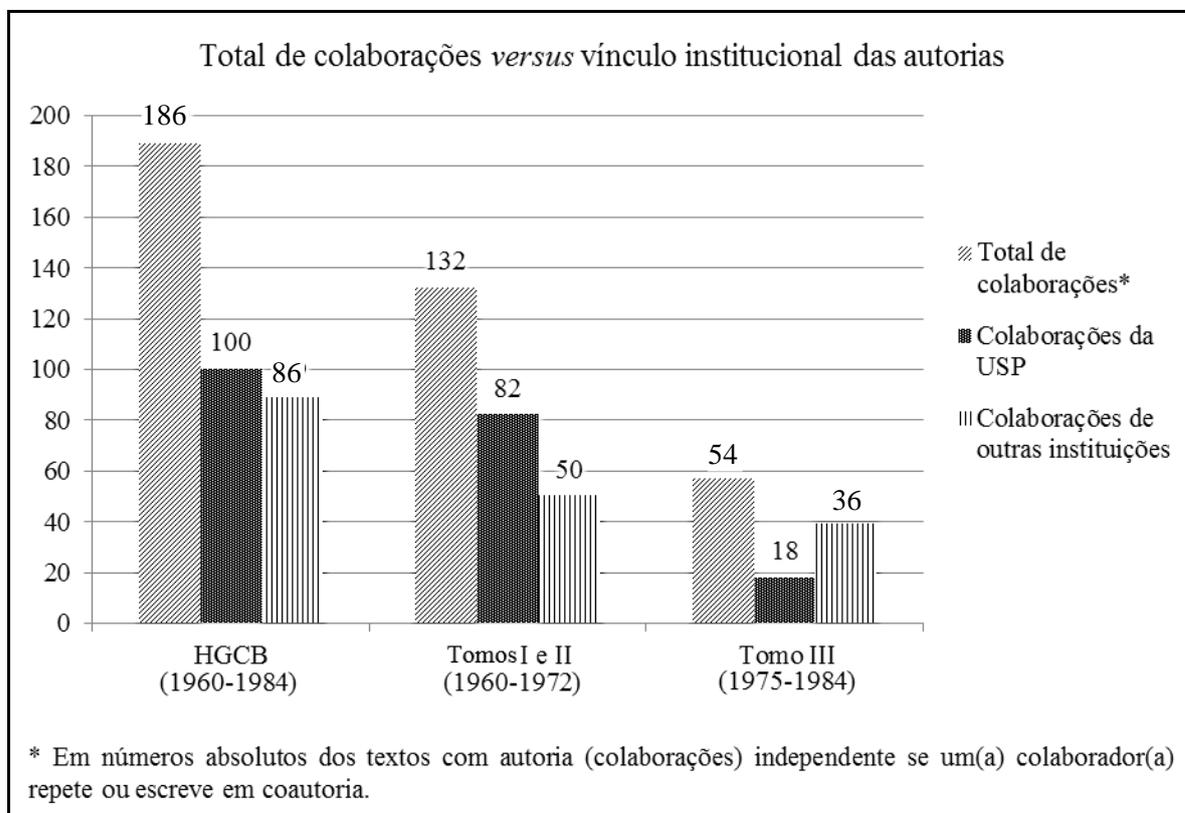
Assim, este dado possibilita inferir que, apesar de permanecer bem representada, quando Buarque de Holanda se retira da organização da coleção, a instituição paulista deixa

<sup>102</sup> HOLANDA, op. cit., (v. 1), 1960, p. 5.

<sup>103</sup> SÃO PAULO, *Aprovação do Estatuto da USP*. Decreto nº 52.326 de 16.12.1969. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/223638/decreto-52326-69-sao-paulo-sp>>. Acesso em: 18 fev. 2013.

de predominar sobre o conjunto de instâncias da produção de conhecimento na composição dos textos da HGCB. Ao projeto editorial, aliás, também é suspenso o aval acadêmico concedido pela USP, tal qual tinha feito aos tomos coordenados pelo professor catedrático.

**Tabela 6**



Estar “sob os auspícios” da USP era como obter um título que creditava valor acadêmico à coleção e, por certo, também indício discreto, mas significativo, dos esforços para informar a recepção dos volumes da HGCB. A indicação do vínculo universitário integra ainda o conjunto de *paratextos editoriais*, entendidos como os espaços que circundam o texto. Trata-se, mais precisamente, de “uma zona não apenas de transição, mas também de *transação*: lugar privilegiado de uma pragmática e de uma estratégia, de uma ação sobre o público, a serviço, bem ou mal compreendido e acabado, de uma melhor acolhida do texto e de uma leitura mais pertinente”,<sup>104</sup> ao menos do ponto de vista de seus responsáveis.

Segundo esta noção, os *paratextos* compõem um complexo de práticas discursivas, impressas ou não, referentes ao texto em si, a exemplo da indicação das autorias, anuências editoriais, apresentações e prefácios. São traços que existem tanto em torno da publicação,

<sup>104</sup> GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p. 10 [grifo do autor].

como notas de rodapé, subtítulos, imagens e tabelas; quanto escritas ou pronunciadas para além dos domínios do impresso do qual emanam, como é o caso de resenhas, menções do texto em palestras ou estudos (citações), bem como na difusão da obra boca a boca.

No que se refere especificamente à coleção HGCB, além dos aspectos referenciados, os paratextos editoriais aparecem sob formas diversificadas, tais como: arte gráfica, lista dos colaboradores, índices de ilustrações e/ou figuras, cronologias ao término de cada tomo e também nas folhas de rosto, pois estão cheias de vestígios de credenciamento acadêmico ao projeto, como a outorga universitária concedida pela USP, dominante e presente na coleção entre 1960 e 1972.

Em meio ao predomínio uspiano na HGCB, houve também o do próprio organizador inicial da série, com um total de 34 colaborações. Além da *Introdução geral*, aqui classificada como paratexto devido à característica de apresentação que assume junto ao empreendimento da Difel, Sérgio Buarque escreveu 33 capítulos (apenas dois em coautoria, com Pedro Moacyr Campos e com Olga Pantaleão), dos quais 19 constituem todo 7º volume da coleção e 5º do Tomo II, a saber, a obra *Do Império à República*.

**Tabela 7**

<b>MAIORES COLABORADORES DA COLEÇÃO HGCB (1960-1984)</b>		
<b>Posição geral</b>	<b>Nome</b>	<b>Total de colaborações</b>
1º	Sérgio Buarque de Holanda	34
2º	Arthur Cezar Ferreira Reis	10
3º	Pedro Moacyr Campos	5
4º	Pedro Octávio Carneiro da Cunha	4*
5º	Boris Fausto	4
6º	Américo Jacobina Lacombe	3*
7ª	Teresa Schorer Petrone	3
8ª	Olga Pantaleão	3
9º	Aziz Ab'Saber	2
9º	Laerte Ramos de Carvalho	2

\* Precedência em virtude dos critérios de classificação estabelecidos, a saber: 1) quantidade total de colaborações; 2) quantidade total de capítulos;

3) quantidade total de capítulos solo; 4) capítulos em coautoria e número de coautores (quanto mais coautores, mais baixa é a classificação); e, 5) Paratextos. Obs.: as coautorias estão sendo consideradas separadamente para a contagem, ou seja, contam como um texto ou paratexto para cada um de seus respectivos colaboradores.

Uma rápida olhada no levantamento leva à constatação de que, mesmo após alcançar o posto de diretor da HGCB, Boris Fausto figura atrás dos nomes como de Arthur Cezar Ferreira Reis e Pedro Moacyr Campos dentre os maiores colaboradores.<sup>105</sup> Ao contrário de Fausto, cuja entrada e formação na área da História só iria se efetuar em 1969, quando concluiu o doutorado na FFCL-USP,<sup>106</sup> Ferreira Reis e Moacyr Campos já atuavam neste campo de longa data e representavam tipos distintos de intelectuais, mas ilustrativos das duas principais características dos autores que dominaram a coleção HGCB até 1972: sem vínculo institucional declarado, embora integrante da tradição brasileira da escrita da História; e atuante no espaço universitário, com especial destaque e domínio para a USP.

O amazonense Arthur Cezar Ferreira Reis era formado, desde 1927, pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Atuou na imprensa, na política vinculada a seu estado natal e chegou a lecionar, por exemplo, na Universidade Federal Fluminense (UFF). Antes disso, também foi governador do Amazonas (1964-1967) por indicação do Marechal Castelo Branco, após o golpe civil-militar de 1964.<sup>107</sup>

Quando lecionou em instituições de ensino superior, já havia publicado grande parte de seus estudos sobre a região amazônica na década de 1930, como “*História do Amazonas* (1931) e *Manaus e outras vilas* (1934), por sugestão de Capistrano de Abreu, que tinha sido seu preceptor no Rio de Janeiro”.<sup>108</sup> Portanto, pode ser identificado como um tipo de intelectual cujas atividades o dividiam entre a atuação política e a narrativa do passado, consagrada nos Institutos Históricos (regional e nacional).

Já Pedro Moacyr Campos, apesar de também não possuir uma formação universitária integral na área da História, constituiu seus principais estudos dentro do ambiente acadêmico. Lecionava História Antiga e Medieval, na condição de professor ajunto da FFCL-USP, e sua tese, intitulada *Alguns aspectos da Germânia antiga, através dos autores clássicos* (1945),

<sup>105</sup> Cf. lista completa e detalhada em: APÊNDICE B – *Maiores colaboradores da coleção HGCB (1960-1984)*.

<sup>106</sup> FAUSTO, Boris. *Boris Fausto (depoimento, 2009)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV; LAU/IFCS/UFRJ; ISCTE/IUL; IIAM, 2010.

<sup>107</sup> Verbete: Arthur Cezar Ferreira Reis. In: ABREU (coord.), op. cit., 2001.

<sup>108</sup> LOBATO, Sidney da Silva. Estado, nação e região na obra de Arthur Cezar Ferreira Reis. *Diálogos*, Maringá, v. 13, n. 3, p. 625-642, 2009, p. 629.

atrelou-se à reafirmação do diálogo mantido pela USP com a escola dos *Annales*,<sup>109</sup> de modo a gerar em torno de si maior proeminência.

Dessa forma sua atuação intelectual pode ser vista como mais institucionalizada. Durante os anos de 1950, a convite de Eurípedes Simões de Paula, organizador da iniciativa,<sup>110</sup> foi um dos responsáveis pela tradução de um empreendimento editorial da Difel, a coleção *História Geral das Civilizações*,<sup>111</sup> que o habilitou e foi, por assim dizer, sua principal porta de entrada para que pudesse dar assistência a Sérgio Buarque na HGCB. Portanto, além de colaborador da versão brasileira do projeto editorial, também constava como assistente na coordenação da coleção.<sup>112</sup>

Mesmo diante do largo trânsito de uma intelectualidade de formação e práticas letradas diversificadas no interior da HGCB, os esforços de seus responsáveis se direcionavam no sentido de privilegiar sempre a autoria mais credenciada por instituições de ensino superior. Contudo, como se demonstrou, nem sempre a negociação junto aos colaboradores com essas características obteve sucesso. Isso explica, em parte, a presença de quantidade expressiva de autorias sem vínculo institucional declarado na HGCB, como era o caso de Ferreira Reis, bem como o predomínio uspiano, representado, dentre outros, por Campos, e, de resto, também por Buarque de Holanda durante todo o período que coordenou.

Outro aspecto digno de nota dentre os maiores colaboradores da coleção HGCB (Tabela 7), remete à ausência de autores vinculados a instituições do exterior ou mesmo estrangeiros nas primeiras colocações. Sucede, porém, que estas somam 11 (5,9%) colaborações do total de 186, sendo 6 delas nos Tomos I e II e 5 no Tomo III.

Logo, correspondem, respectivamente, a 4,5% e 9,2% dos montantes de colaborações sob uma e outra gerência do empreendimento. Mas o fato de o Tomo III concentrar proporcional e percentualmente quase o dobro de colaborações dessa natureza em comparação com os Tomos coordenados por Sérgio Buarque, talvez seja explicável porque remetia às temáticas do período republicano na História do Brasil, de modo, inclusive, a convergir tais contribuições como sendo, num só tempo, de responsabilidade de autores vinculados à instituições do exterior, estrangeiros e à época já caracterizados como brasilianistas (Warren Dean, Bradford Burns, Joseph Love etc.).<sup>113</sup>

<sup>109</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim; GLEZER, Raquel; FERLINI, Vera Lucia Amaral. Escola uspiana de História. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n. 22, p. 349-358, 1994.

<sup>110</sup> SILVA, Janice Theodoro. Eurípedes Simões de Paula (1910-1977). *Revista de História*, São Paulo, v. 1, n. 160, p. 17-50, jan./jun. 2009, p. 27-8.

<sup>111</sup> CROUZET, Maurice (dir.). *História Geral das Civilizações*. São Paulo: Difel, 1955-1958.

<sup>112</sup> Cf. lista completa em: APÊNDICE C – Colaboradores da coleção HGCB (1960-1984).

<sup>113</sup> Cf. detalhes em: APÊNDICE B – Maiores colaboradores da coleção HGCB (1960-1984).

Talvez, por conta desses aspectos, sobretudo, este último dado sobre o Tomo *O Brasil Republicano*, é possível observar certa ênfase em temáticas macroestruturais da civilização brasileira, como o uso de termos como *sistema*, *instituições*, *classe* etc. exemplificam, enquanto que nos Tomos *A Época Colonial* e *O Brasil Monárquico*, este traço é menos evidente.

Além disso, como se pode ver no quadro abaixo, cada Tomo da coleção HGCB possuía seus respectivos Volumes e estes, por sua vez, eram compostos por “Livros” – situação que lembra em muito a tentativa de construção de uma biblioteca no interior das próprias edições –, dentro dos quais estavam os respectivos capítulos dos colaboradores, com temas os mais variáveis.<sup>114</sup> Note-se, aliás, que o Tomo I e III contaram com 10 Livros cada um e o II, referente ao período imperial, somou 22.

**Tabela 8**

TEMÁTICAS DA COLEÇÃO HGCB (1960-1984)			
Tomo I: A Época Colonial	<b>V. 1: Do descobrimento à expansão territorial</b>	Livros	1º: O velho mundo e o Brasil 2º: A terra a gente 3º: O advento do homem branco 4º: A ameaça externa 5º: A expansão territorial
	<b>V. 2: Administração, economia, sociedade</b>	Livros	1º: Política e administração 2º: Vida espiritual 3º: Letras, artes, ciências 4º: Economia e finanças 5º: A caminho da emancipação política
Tomo II: O Brasil Monárquico	<b>V. 1: O processo de emancipação</b>	Livros	1º: O novo descobrimento do Brasil 2º: O movimento da independência 3º: Lutas externas 4º: O primeiro reinado

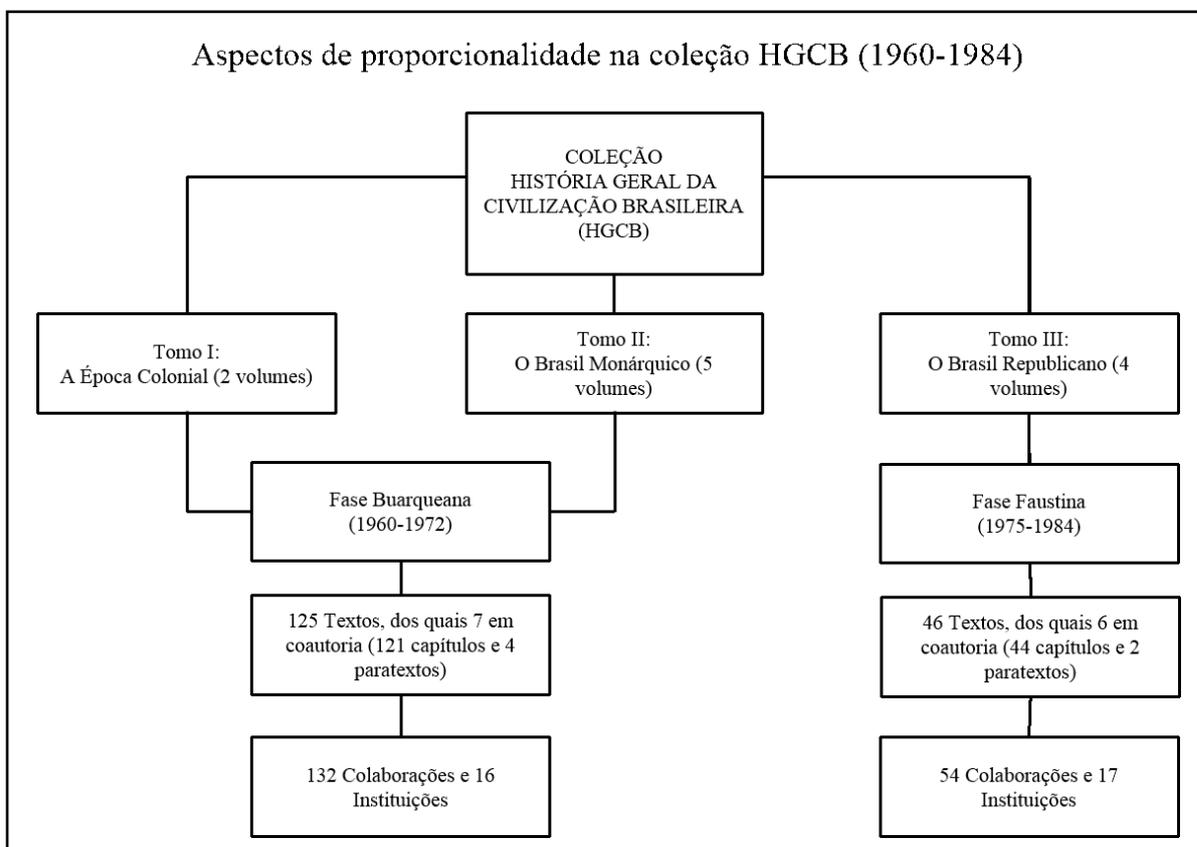
<sup>114</sup> Cf. lista complete em: APÊNDICE D – *Temáticas da coleção HGCB (1960-1984)*.

	<b>V. 2: Dispersão e unidade</b>	LIVROS	<p>1º: A regência</p> <p>2º: As províncias do Norte e do Oeste</p> <p>3º: O Nordeste e a Bahia</p> <p>4º: As províncias do Centro</p> <p>5º: As províncias do Sul</p> <p>6º: A reação monárquica</p>
	<b>V. 3: Reações e transações</b>	LIVROS	<p>1º: Vida política</p> <p>2º: Da escravidão ao trabalho livre</p> <p>3º: Ciências, letras e artes</p>
	<b>V. 4: Declínio e queda do Império</b>	LIVROS	<p>1º: Economia e finanças</p> <p>2º: Relações internacionais</p> <p>3º: Forças armadas</p> <p>4º: Vida espiritual</p>
	<b>V. 5: Do Império à República</b>	LIVROS	<p>1º: Crise do regime</p> <p>2º: O pássaro e a sombra</p> <p>3º: Reformas e paliativos</p> <p>4º: Da “Constituinte constituída à Lei Saraiva”</p> <p>5º: O caminho da República</p>
<b>Tomo III: O Brasil Republicano</b>	<b>V. 1: Estrutura de poder e economia (1889-1930)</b>	LIVROS	<p>1º: Sistema oligárquico nos primeiros anos da República</p> <p>2º: Economia e finanças nos primeiros anos da República</p>
	<b>V. 2: Sociedade e instituições (1889-1930)</b>	LIVROS	<p>1º: Movimentos sociais e sociedade</p> <p>2º: Forças armadas</p> <p>3º: Cultura, igreja, ideologia e diplomacia</p>
	<b>V. 3: Sociedade e política (1930-1964)</b>	LIVROS	<p>1º: Processo político</p> <p>2º: Partidos políticos e instituições</p> <p>3º: Classes sociais e classes dirigentes</p>
	<b>V. 4: Economia e cultura (1930-1964)</b>	LIVROS	<p>1º: Processo político</p> <p>2º: Igreja, educação e cultura</p>

Ainda um último ponto sobre os colaboradores mais assíduos da coleção HGCB: a discrepância existente entre a quantidade de colaborações de Sérgio Buarque, com 34 textos, e de Boris Fausto, com apenas 4. Essa diferença gritante mostra que, apesar de constar como o maior colaborador dos volumes do Tomo III, não se pode negar, no caso da coordenação de

Fausto, o crescimento proporcional do empreendimento. Pois, sob o seu gerenciamento e direção, as participações da HGCB se expandiram em pessoas e instituições, em especial se atentarmos ao fato de que os Tomos I e II somam 7 volumes e o III somente 4.

**Tabela 9**



Em observância às discussões tratadas e aos dados levantados, pode-se mesmo salientar a existência de uma fase, por assim dizer, *Buarqueana* da coleção, com centralidade de autores da USP e do próprio organizador, Sérgio Buarque de Holanda;<sup>115</sup> e outra *Faustina*, onde apesar de Boris Fausto não ter uma presença tão forte ou comparável à do primeiro, também figura como principal autoria do tomo que coordenou e, sob sua direção, há, proporcionalmente, maior inserção de brasilianistas e a coleção se expandiu, sobretudo, em termos de maior diversidade institucional.<sup>116</sup>

Além desse ponto, muitas características podem ser mencionadas para diferenciar as fases. Primeiro porque se quando a publicação da HGCB foi iniciada, em 1960, havia um processo de reconfiguração de *cânones historiográficos* e institucionalização das Ciências

<sup>115</sup> Cf. lista completa em: APÊNDICE E – *Colaboradores da fase Buarqueana (1960-1972)*.

<sup>116</sup> Cf. lista completa em: APÊNDICE F – *Colaboradores da fase Faustina (1975-1984)*.

Sociais no país. Mas no momento em que passou ao Tomo III (*O Brasil Republicano*), essas contingências já estavam em situações bem distintas. Não só porque as universidades não funcionavam mais pelo sistema de cátedras, mas também porque, com a criação de departamentos, sob o influxo das reformulações do ensino superior, seguido do I Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG), iniciado em 1975 e articulado à propaganda do Brasil-potência do regime autoritário sob o governo do general Ernesto Geisel (1974-1979), a hegemonia uspiana na cena acadêmica brasileira havia começado a perder força.

Ao final da publicação dos volumes da HGCB, também os debates intelectuais que animavam a feitura da coleção eram bem outros. Se antes o empreendimento editorial foi precedido pelas discussões sobre raça, cultura, civilização e, neste sentido, pelo combate às ideias atribuídas a Gilberto Freyre, quando a HGCB foi finalizada, na década de 1980, a produção acadêmica da área das humanidades se voltou para a renovação dos estudos com clara ênfase em questões estruturais da sociedade, em particular econômicas e políticas. A bibliografia produzida buscava compreender o “fenômeno do autoritarismo no país, movida pela necessidade de entender o golpe de 1964 e as causas do colapso do regime liberal-democrático instaurado pela Constituição de 1946”.<sup>117</sup> Mas as temáticas desenvolvidas nesses trabalhos eram fruto quase que exclusivamente de pesquisas feitas por cientistas políticos e sociólogos,<sup>118</sup> pois no caso da escrita da História republicana brasileira (1889-...) de então, pouco se ousava ultrapassar muito o período do Estado-Novo.<sup>119</sup>

Tal configuração se faz presente no interior da coleção HGCB da fase *Faustina* (1975-1984), pois nos volumes do Tomo III (*O Brasil Republicano*) se observa uma presença maior de autores cuja formação ou atuação estava mais direcionada à Ciência Política e à Sociologia. Nota-se, inclusive, a participação de estudiosos vinculados às instituições como o CEBRAP (SP) e a FGV (RJ/SP) que, junto da UNICAMP, foram responsáveis pela diminuição da presença maciça de autorias oriundas da USP. “Eu parti do pressuposto do pluralismo na escolha dos colaboradores, procurando assegurar o bom nível científico dos trabalhos”,<sup>120</sup> comentou Boris Fausto em entrevista na qual considerou a coordenação da HGCB como uma *experiência enriquecedora*.

---

<sup>117</sup> GOMES, Ângela de Castro. Política: história, ciência, cultura etc. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p. 59-84, jan./jun. 1996, p. 65.

<sup>118</sup> FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n. 47, p. 29-60, jan./jun. 2004b, p. 31.

<sup>119</sup> FERREIRA, op. cit., 2009.

<sup>120</sup> FAUSTO, Boris (entrevista). Organizando a História Geral da Civilização Brasileira. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 162-166, jan./jun. 1988, p. 164.

Todos esses debates servem para justificar o maior interesse analítico sobre o período em que Sérgio Buarque coordenou a HGCB. Portanto, o momento que vai de 1960 a 1972 (fase *Buarqueana*) seguirá como principal recorte e data, por assim dizer, limite da temporalidade tratada, por mais que esta não seja vista ou assuma aqui uma caracterização estanque. Afinal de contas, como o próprio Buarque de Holanda atentou certa vez, o *passado* é uma palavra oca “que só pela força do hábito se usa no singular”,<sup>121</sup> pois o tempo, mesmo com sua marcha multidirecional e múltipla, demonstra que as relações, posturas e “as reações humanas nada têm de um movimento de relojoaria, sempre engrenando no mesmo sentido”.<sup>122</sup>

Por tudo isso, e embora não se fixe no período entre 1960 e 1972, interessa circunscrever a análise de forma mais detida na fase *Buarqueana* da coleção HGCB, representativa pelo duplo e combinado movimento da USP que, a um só tempo, conferiu *status* universitário ao empreendimento editorial e dominou, pelas autorias dos estudos, a composição dos volumes publicados pela Difel. Esta marca é indelével, por mais que a origem do estímulo à edição das histórias sobre as civilizações se reporte aos debates fomentados pela UNESCO após a Segunda Grande Guerra.

Nestas relações de força que envolvem o mundo intelectual, suas redes de sociabilidade e o mercado editorial, é possível observar a tentativa de constituição de um *campo acadêmico*, “isto é, o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem [...] a ciência”.<sup>123</sup> Embora detentor de um *modus operandi* e leis específicas de difícil identificação, tal espaço encontrou na HGCB um ambiente profícuo para debates e disputas intelectuais. Além disso, a coleção representou parte significativa na renovação da cultura escrita e, em particular, historiográfica do país, tendo a USP na dianteira deste processo em detrimento de outras instituições.

Constituída como elemento de suma importância no estabelecimento do campo acadêmico no Brasil, especialmente para a reconfiguração dos cânones da escrita da História, o surgimento da HGCB vincula-se aos processos de especialização em curso desde a segunda metade do século XX. Neste ambiente Sérgio Buarque arregimentaria grande *capital simbólico*, “que consiste no reconhecimento [...] atribuído pelo conjunto de pares-concorrentes no interior do campo científico”.<sup>124</sup> Com efeito, no seu caso, este recenseamento não se limitou ao universo letrado e extrapolou até mesmo para o espaço da política, como se

<sup>121</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. Elementos básicos da nacionalidade: o homem (publicado originalmente em folheto da *Escola Superior de Guerra* – ESG, 1967). In: EUGÊNIO; MONTEIRO (orgs.), op. cit., 2008, p. 623.

<sup>122</sup> BLOCH, Marc. *Apologia da história ou O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

<sup>123</sup> BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Ed. Unesp, 2004, p. 20.

<sup>124</sup> Idem, p. 26.

pôde visualizar nas homenagens que recebeu ao falecer em 1982. Na ocasião, foi imortalizado como historiador e intelectual de espírito eminentemente democrático e defensor dos Direitos Humanos, situação nada desprezível para o período de esfacelamento do regime autoritário.

Aliás, como é comum no mundo das práticas letradas, o período de sua morte é de grande relevância para o momento final do erguimento do cânone Buarque de Holanda, pois este processo de monumentalização de autores e textos se caracteriza pela conquista de um *status* de paradigma e pelo recolhimento destes à categoria de os mais importantes. E é justamente no momento da morte do intelectual, quando os elementos biográficos, de escrita da História e das contingências contemporâneas se entrelaçam nas operações memorialísticas que, manifestadas nas homenagens póstumas, dentre outros intervenientes, servem para lhe assegurar a devida posição de destaque na historiografia brasileira, bem como na construção da República que se anunciava. A retórica da perda foi constituída por muitas personagens da cena acadêmica que colaboraram com a coleção HGCB. Por isso, pode-se reafirmar que o momento de suas edições foram os anos mais importantes para a construção das redes de sociabilidades que dariam sustento ao cânone Sérgio Buarque de Holanda.

### Capítulo 3

#### ESTRATÉGIAS DE DISTINÇÃO E AS MARCAS INDELÉVEIS DOS LIVROS: concorrências, recepção, polêmicas e apropriações da HGCB

O intento de apresentar parte da trajetória impressa da HGCB, bem como alguns passos de Buarque de Holanda e Paul Jean Monteil em meio aos intelectuais, instituições e concorrências, busca “dissipar um pouco da obscuridade que envolve a história dos livros”.<sup>1</sup> Este desígnio visa compreender melhor a eufórica sociedade brasileira, permeada em torno da coleção que ora se analisa, de modo que muitas são as perguntas a gravitar em torno desta pesquisa, tais como: a que tradição da escrita da História a HGCB buscou se vincular ou rejeitar? Como funcionavam as formas de inserção no mercado livresco brasileiro? Quando e quais inovações trouxeram as publicações da Difel para se diferenciar dos empreendimentos semelhantes, que lhe foram contemporâneos e/ou precedentes? De onde vieram, quem eram e para onde foram seus colaboradores? Enfim, sob quais contingências emergiu o projeto?

Embora estes questionamentos pudessem se estender amplamente, as interrogações levantadas são tomadas como norteadoras das problematizações, pois a coleção mobilizou interesses de natureza variada. Não só concedeu outorga de credenciamento acadêmico aos colaboradores, como também instalou algumas polêmicas no seio da intelectualidade. Nestas últimas vale destacar, dentre outros exemplos, os debates sobre a questão religiosa na HGCB e o tópico da Independência do Brasil. Contudo, para que as reverberações dos referidos embates se tornem inteligíveis, antes de serem tratados, é indispensável certa reconstituição do clima no qual se inseriam a coleção e seus colaboradores.

Logo, o uso de termos como *clima*, *configuração* e *ambiente* que se verifica ao longo dessas páginas busca se alinhar às discussões teóricas que têm interrogado a utilização da palavra *contexto*. O cerne do problema diz respeito à ideia de que o vocábulo atribui aos indivíduos do passado uma imagem estanque, quase fixadora das ações humanas. Não se quer dizer com isso que a palavra será, necessariamente, excluída deste estudo ou então que se atribuirá demasiada força aos homens e mulheres dos tempos idos para além de seu campo de possibilidades históricas. Trata-se, apenas, de pontuar este debate em virtude da instigante tentativa de enxergar com o *olho do período*, uma vez que, ao interpretar, compreender e

---

<sup>1</sup> DARNTON, Robert. *O Iluminismo como negócio: história da publicação da “Enciclopédia”, 1775-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 13.

interagir com o observado, “quem olha recorre à experiência que tem de convenções representacionais”.<sup>2</sup> E, naturalmente, esta visão estabelece paralelos com categorias já conhecidas e com as quais são realizadas deduções, próprias de seu tempo.

Daí as resistências iniciais ao projeto, as dificuldades de levá-lo adiante, bem como as muitas pedras no caminho até que a coleção HGCB e seus colaboradores pudessem figurar dentre os textos referenciais: afinal de contas, talvez não havia leitores, por mais gabaritados e eruditos que pudessem ser os intelectuais brasileiros do período, capazes de suprimir as lembranças dos livros que eram então de conhecimento geral, como no caso das coleções cujas obras eram, majoritariamente, de autoria única para a escrita da História pátria; e dos modelos a que tinham mais fácil acesso, a exemplo dos empreendimentos editoriais das coleções da Companhia Editora Nacional e da Livraria José Olympio.

### 3.1 Da *Brasiliana* à coleção *Documentos Brasileiros* e destas ao novo modelo

Graças à realização de seminários entre 1961 e 1963, a União Nacional dos Estudantes (UNE) analisou a possibilidade de uma reforma universitária, na esteira das discussões sobre a questão agrária, urbana, fiscal etc. presentes no governo Goulart em meio à grande agitação social e à formulação de um programa para as chamadas *reformas de base*.<sup>3</sup> As conclusões a que chegaram os estudantes da UNE diziam respeito ao fato do país padecer de uma estrutura acadêmica arcaica e tendente à privatização. Logo, defendiam a subordinação das instituições aos interesses nacionais e requeriam maior participação nos processos decisórios do ensino superior. Com a instalação do regime autoritário, após o golpe civil-militar de 1964, a desejada reforma assumiu traços de modernização administrativa e pedagógica ao molde estadunidense, devido ao apoio que a *United States Agency for International Development* (USAID) concedeu ao Ministério da Educação.

Mas quando o país adentrou na década de 1970, o sistema universitário brasileiro já estava reorganizado via criação de departamentos, institutos e com a extinção das cátedras. As mudanças não necessariamente atenderam às deliberações da UNE tomadas no início dos anos de 1960 e, como se não bastasse, foram realizadas com a imposição de aposentadoria compulsória para inúmeros professores, dentre os quais o próprio Florestan Fernandes,

---

<sup>2</sup> BAXANDALL, Michael. *O olhar renascente: pintura e experiência social na Itália da Renascença*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 39.

<sup>3</sup> REIS FILHO, Daniel Aarão. As esquerdas no Brasil: culturas políticas e tradições. In: FORTES, Alexandre (org.). *História e perspectivas da esquerda*. São Paulo / Chapecó: Perseu Abramo / Argos, 2005, p. 176.

destituído em 1968 da cátedra que havia assumido, em definitivo, cinco anos antes,<sup>4</sup> ao que foi seguido, voluntariamente, por Buarque de Holanda.

Ainda em 1961, na cidade paulista de Marília, aconteceu o I Encontro da Associação de Professores Universitários de História (APUH) para que docentes e instituições pudessem trocar experiências,<sup>5</sup> onde Buarque de Holanda também tomou parte. Outras inovações do decênio podem ser observadas na criação da Universidade de Brasília (UnB) e na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) no início da década, em um momento em que também houve um aumento de acadêmicos no país que chegaram à soma aproximada de 90 mil em 1960 e ao primeiro milhão quinze anos depois.<sup>6</sup>

Antes disso, em 1930, o mercado editorial foi marcado por intensos esforços para publicar estudos dedicados a temas brasileiros, que assumiram a forma de coleções. Dentre estas, convém destacar a coleção *Brasiliana*, porque teve maior longevidade até então na cena editorial do país (1931-1993); e a *Documentos Brasileiros*, pelos estreitos relacionamentos da história de suas publicações com a inserção de Sérgio Buarque no mundo dos livros.

A *Brasiliana*, fundada em 1931 por Marcondes Ferreira, então presidente e proprietário da Companhia Editora Nacional, integrava a coleção *Biblioteca Pedagógica Brasileira*, da qual se tornou independente a partir de 1958.<sup>7</sup> Contou no início com a direção do sociólogo catedrático do Instituto de Educação da USP,<sup>8</sup> Fernando de Azevedo (orientador de Florestan Fernandes no doutorado) e, embora sua longa vida editorial tenha permitido mudanças na sua coordenação, persistiu o plano de reunir um saber compacto e enciclopédico sobre o Brasil nas mais variadas áreas do conhecimento. Seu objetivo foi alcançado por meio da reedição de obras clássicas ou raras sobre temáticas nacionais, além de contar com traduções ou publicação de novos títulos atentos aos problemas do país. A maioria de seus autores atuava nos Institutos Históricos, nas Academias de Letras,<sup>9</sup> na imprensa, no embrionário sistema de ensino superior ou em órgãos governamentais de fomento à cultura.<sup>10</sup>

---

<sup>4</sup> FREITAG, Barbara. Florestan Fernandes: revisitado. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 19, n. 55, p. 229-243, 2005.

<sup>5</sup> GLEZER, Raquel (org.). *Do passado para o futuro*. São Paulo: Contexto, 2011.

<sup>6</sup> HALLEWELL, op. cit., 1985, p. 576.

<sup>7</sup> VENANCIO, Giselle Martins. Da *Revista do Brasil* ao Brasil em revista: breve análise da trajetória editorial de Oliveira Vianna. *Varia História*, Belo Horizonte, n. 26, p. 132-150, jan. 2002.

<sup>8</sup> NASCIMENTO, Alessandra Santos. *Fernando de Azevedo: dilemas na institucionalização da Sociologia no Brasil*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

<sup>9</sup> VENANCIO, Giselle Martins; FURTADO, André Carlos. *Brasiliana & História Geral da Civilização Brasileira: escrita da história, disputas editoriais e processos de especialização acadêmica (1956-1972)*. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 5, n. 9, p. 05-23, jan./jun. 2013.

<sup>10</sup> DUTRA, Eliana de Freitas. A nação nos livros. A biblioteca ideal na Coleção *Brasiliana*. In: \_\_\_\_\_; MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *Política, nação e edição: o lugar do impresso na construção da vida política. Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*. São Paulo: Annablume, 2006.

Américo Jacobina Lacombe tornou-se o diretor do empreendimento em 1956, em substituição a Fernando de Azevedo. Nos primeiros anos de sua coordenação houve um significativo incremento na coleção, pois entre 1957 e 1961 foram publicados 22 novos títulos, que são ilustrativos da boa fase da indústria editorial brasileira, garantida, entre outros fatores, por um ambiente salutar à ampliação do mercado editorial nacional.

Contrariamente aos estudos que enxergam o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1960) como um período que representou, na produção de livros, “um momento de explosão de criatividade”,<sup>11</sup> prefere-se argumentar aqui que o incremento das publicações se deu mais em virtude de uma legislação favorável economicamente,<sup>12</sup> devido às rigorosas taxas lançadas sobre a importação de livros.

A representatividade da *Brasiliiana* fez com que esta fosse seguida por outras, a exemplo da coleção *Documentos Brasileiros*, da Livraria José Olympio Editora. Esta última foi muito importante para Sérgio Buarque porque inaugurada, em 1936, com *Raízes do Brasil*, sua obra de estreia, e também porque foi responsável pelas primeiras edições de *Caminhos e fronteiras* (1957) e *Visão do paraíso*, em (1959). A casa editorial José Olympio era conhecida por cultivar “a amizade dos poderosos, mas principalmente cuidava e tratava bem seus autores”,<sup>13</sup> que vinham, em sua maior parte, do eixo Rio-São Paulo e do Nordeste.

Iniciada sob a direção de Gilberto Freyre, a coleção *Documentos Brasileiros* visou corresponder à “curiosidade intelectual de todo brasileiro culto pelas coisas e pelo passado do seu país”.<sup>14</sup> Em 1939 o autor de *Casa-grande & senzala* foi substituído por Octávio Tarquínio de Sousa. Com a morte deste no final de 1959, a diretoria da coleção permaneceu vaga até 1962, quando foi assumida por Afonso Arinos de Mello Franco (primo da esposa de Buarque de Holanda, Maria Amélia). A propósito deste surto editorial, que seria incrementado ainda pela coleção *Biblioteca Histórica Brasileira*, da editora Martins, de São Paulo, Sérgio Buarque escreveu, em 1940, que representavam uma “verdadeira revolução no gosto do público”.<sup>15</sup>

Atento a este estado de coisas, uma década depois, no texto de 1951, quando analisou *O pensamento histórico no Brasil nos últimos 50 anos*, o reclame de Sérgio Buarque de

<sup>11</sup> CARVALHO, José Murilo. Prefácio. In: VILAS BOAS, Gláucia. *A vocação das ciências sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2007, p. 17.

<sup>12</sup> BRASIL. Decreto nº 25.442, 03 set. 1948. *Presidência da República*. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2601214/dou-secas-1-06-09-1948-pg-1>>; & Lei nº 2.145, 29 dez. 1953. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L2145.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L2145.htm)>. Acesso em: 12 mar. 2013.

<sup>13</sup> OLIVEIRA, op. cit., 2003, p. 333.

<sup>14</sup> FREYRE, Gilberto. *Documentos Brasileiros*. In: HOLANDA, op. cit., 1936, p. VI.

<sup>15</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Brasiliiana I* (publicado originalmente no Diário de Notícias – RJ, em 22 de setembro de 1940). In: COSTA (org.), op. cit., (v. 1), 2011, p. 175.

Holanda por uma escrita da História especializada já estava formulado e, bem ou mal, foi isso mesmo que buscou concretizar na feitura da coleção HGCB. Em meio a este emaranhado do “fluxo do discurso social”<sup>16</sup> no qual se observa a reclassificação dos cânones historiográficos, as coleções *Brasiliana* e *Documentos Brasileiros* mantiveram suas trajetórias editoriais mais ou menos estáveis até a década de 1960.

A coleção da Companhia Editora Nacional, por exemplo, foi marcada, nesta época, por uma diminuição do prestígio de Américo Jacobina Lacombe.<sup>17</sup> E, até o final dos anos de 1950, a coleção da José Olympio, por sua vez, conseguiu imprimir 107 títulos em ordem crescente de publicação.<sup>18</sup> Depois, com a morte de seu segundo diretor em 1959, ficou órfã até 1962, quando a HGCB já circulava no mercado e se colocava como concorrente.

Conectada a esta configuração, na década de 1950 surgiram empreendimentos e casas editoriais “com revistas de trincheira político-cultural (*Brasiliense*, *Anhembi*, mais tarde *Civilização Brasileira*, *Tempo Brasileiro*, *Vozes*) que conseguiram se impor, finalmente, no mercado dos livros ‘de esquerda’, mais por força dos projetos universitários do que dos políticos”.<sup>19</sup> Quem sabe estas mudanças de prestígio no mercado editorial também não podem ser explicadas pelo ambiente de agitações político-sociais do período que resultou na instalação do regime autoritário no Brasil em 1964 e seus consequentes desdobramentos?

No caso do diretor da coleção *Brasiliana*, Américo Jacobina Lacombe, é válido frisar que por esses anos acabou por se envolver em uma polêmica, da qual saiu mal visto em alguns setores da intelectualidade. Acontece que, após produzir um parecer negativo sobre uma coleção avalizada pelo Ministério da Educação, ainda no governo Goulart e organizada por Nelson Werneck Sodré (*História Nova do Brasil*), foi acusado de promover a cassação dos autores do empreendimento, quando o golpe de Estado tinha sido desferido. Seja como for, o fato é que junto da emergência de novas coleções e da concorrência frente ao surgimento de outras editoras no mercado (com destaque para a *Civilização Brasileira*), o declínio do ritmo de publicações nos anos de 1960 é simultâneo às dificuldades enfrentadas pela indústria editorial no país.

Isso porque os governos de Jânio Quadros (1960-1961) e João Goulart (1961-1964) revogaram a legislação, criada na década de 1950,<sup>20</sup> que dificultava a importação de livros, com o estabelecimento de leis fiscais que aumentavam os custos da importação de papel

<sup>16</sup> LEVI, Giovanni. *Sobre a micro-história*. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992, p. 142.

<sup>17</sup> VENANCIO; FURTADO, op. cit., 2013.

<sup>18</sup> PONTES, op. cit., 1989, p. 401.

<sup>19</sup> SORÁ, op. cit., 2010, 423-4.

<sup>20</sup> BRASIL. Decreto nº 25.442, 03 set. 1948. *Presidência da República & Lei nº 2.145*, 29 dez. 1953, op. cit.

necessária à indústria brasileira.<sup>21</sup> E toda essa trama que vai das discussões da UNE, passa pela criação da APUH, da FAPESP, da UnB e destas também à ampliação do número de acadêmicos e pelo surgimento e instabilidade de projetos editoriais, constituem parte significativa da complexa cultura escrita da historiografia brasileira dos anos de 1960.

Tal clima tende a confirmar a assertiva da história das coleções como vinculada ao ritmo das condições políticas, econômicas e culturais<sup>22</sup> de determinada época e lugar. Tanto que, na esteira deste ambiente, a Difel buscou ampliar seus projetos de compactação dos saberes do mundo. E, após publicar no país as traduções de suas coleções em curso, a saber, a *História Geral das Civilizações* e *História Geral das Ciências*,<sup>23</sup> deu continuidade à sua “iniciativa benemerita [...] [e], com o mesmo formato, [...] [criou] uma série especial dedicada à história do Brasil ou, segundo o plano anteriormente estabelecido, à história da ‘civilização’ brasileira”.<sup>24</sup>

Atento às acaloradas discussões sobre a existência de uma civilização nos trópicos, da qual não havia mais motivos para se duvidar, bem como às discussões da fomentadas pela UNESCO ao término da Segunda Guerra Mundial, Sérgio Buarque tentou se eximir da expressão como algo pré-concebido. Submetido “às múltiplas determinações que organizam o espaço social da produção literária, ou que, mais comumente, delimitam as categorias e as experiências que são as próprias matrizes da escrita”,<sup>25</sup> buscou livrar-se da utilização do termo *civilização*, posto entre aspas (estratégia narrativa que posteriormente criticaria), sob a rubrica da paternidade editorial, uma vez que tal uso seria fruto de decisão previamente tomada pela Difel. Talvez, sua atitude não dizia tanto respeito à descrença da questão, mas remetia, simplesmente, à tentativa de não ter de se embrenhar nela.

De qualquer forma, como coube à coleção HGCB tratar do passado brasileiro desde os tempos coloniais, o recorte temporal adotado iniciou com a chegada dos europeus ao continente, de modo a receber recentemente a nomeação de “cronologia civilizacional”.<sup>26</sup> Os capítulos que compõem seus volumes foram organizados segundo as eras nacionais (Colônia,

<sup>21</sup> VENANCIO; FURTADO, op. cit., 2013.

<sup>22</sup> OLIVERO, Isabelle. *L'invention de la collection: de la diffusion de la littérature et des savoirs à la formation du citoyen au XIXe siècle*. Paris: IMEC, 1999, p. 46.

<sup>23</sup> CROUZET (dir.), op. cit., 1955-1958; & TATON, René (dir.). *História Geral das Ciências*. São Paulo: Difel, 1959-1967.

<sup>24</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. Introdução geral. In: \_\_\_\_\_ (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. I). Do descobrimento à expansão territorial (v. 1). São Paulo: Difel, 1960, p. 7.

<sup>25</sup> CHARTIER, op. cit., 1994, p. 36.

<sup>26</sup> CEZAR, Temístocles. Escrita da história e tempo presente na historiografia brasileira. In: DUTRA, Eliana. (org.). *O Brasil em dois tempos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013 (prelo).

Império e República) e tomaram por base o ano de 1500, persistente nos livros didáticos – e não só neles – até os dias de hoje.

Diferentemente da *Brasiliana* e *Documentos Brasileiros*, que se importavam com temáticas nacionais nas mais variadas áreas do conhecimento e suas edições contavam, em sua maior parte, com o formato de estudos de autoria única, na HGCB o campo privilegiado reportava, especificamente, à História do Brasil e a autoria de seus volumes era composta em forma de coletânea, algo bem inovador para o mercado editorial brasileiro do período.

Também por isso a coleção HGCB representa parte da cultura escrita e, em especial, historiográfica, dos processos de reconfiguração dos cânones e de especialização acadêmica no país. Pioneira em edições de Ciências Sociais e Linguística para a língua portuguesa, de capital luso-suíço atuante no Brasil desde seu estabelecimento em São Paulo, no ano de 1951, a Difel pôde se equiparar em qualidade às principais editoras nacionais, ainda que sua ênfase fosse direcionada às traduções para o público universitário,<sup>27</sup> mesmo sem constituir-se como uma casa editorial acadêmica, no sentido que estas viriam a se formar posteriormente.

Passado um pouco o clima de declínio do ambiente editorial do final dos anos de 1950 e início da década de 1960, ainda nesse último decênio houve uma retomada na expansão da coleção *Brasiliana*, que coincidiu com a volta de Américo Jacobina Lacombe ao Brasil e sua ação mais direta sobre o empreendimento (diretor, tradutor, prefaciador e apresentador dos volumes), pois, de 1962 a 1963, havia presidido a Casa Brasil, em Paris.<sup>28</sup> Nesta fase do retorno de Lacombe, produtiva e heterogênea na seleção dos títulos, destacam-se a reedição, em 1969, de *A idade de ouro do Brasil*,<sup>29</sup> de Charles Boxer; e a segunda edição, no mesmo ano, de *Visão do paraíso*, de Sérgio Buarque de Holanda, que anteriormente constava no catálogo da coleção *Documentos Brasileiros*.

Há aí um importante cruzamento das trajetórias de Jacobina Lacombe, que na época, além de coordenador da coleção *Brasiliana*, também era diretor da Casa de Rui Barbosa; e Sérgio Buarque, diretor da coleção HGCB e ainda professor catedrático da FFCL-USP. Convém salientar, no entanto, que essas trocas letradas e editoriais já haviam ocorrido no interior da coleção HGCB.

Lacombe teve três capítulos publicados no Tomo I (*A igreja no Brasil colonial, A conjuração no Rio de Janeiro e A cultura jurídica*), mas que, muito provavelmente, devido às disputas editoriais, sua autoria só foi referenciada nos textos como “Diretor da Casa de Rui

---

<sup>27</sup> HALLEWELL, op. cit., 1985.

<sup>28</sup> VENANCIO; FURTADO, op. cit., 2013.

<sup>29</sup> BOXER, Charles Ralph. *A idade de ouro do Brasil: dores de crescimento de uma sociedade colonial*. Coleção “Brasiliana” (v. 341). 2.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

Barbosa, Ministério da Educação”, sem registrar que coordenava a *Brasiliana*, por mais notório que fosse tal fato.

A menção deste relacionamento intelectual é importante na medida em que a partir de 1960 o empreendimento da Difel iria competir diretamente com as coleções da Editora Companhia Nacional e da Livraria José Olympio. Contudo, a inovação proposta pela HGCB, caracterizada por meio da impressão dos volumes em forma de coletânea e pela encomenda de temáticas a serem desenvolvidas em um curto espaço de páginas, com vistas na busca pela escrita da História especializada, gerou muitas dúvidas no seio da intelectualidade quanto ao sucesso e concretude de seu projeto. Pode-se observar essa circunstância já na correspondência trocada entre Francisco Iglésias e Alice Canabrava em 1960, que indicavam disputas intelectuais e institucionais.

Mas a reafirmação da questão pela via das concorrências editoriais ocorreu muito antes disso. Em carta datada de 28 de outubro de 1957, Rubem Lima, então diretor de produção da Companhia Editora Nacional, questionou se Lacombe tinha conhecimento da existência de uma circular da Difel em que havia a referência de possíveis colaboradores e plano geral de um novo empreendimento, onde já constava o nome de Sérgio Buarque como diretor do projeto.

Na missiva, o remetente concluía que o empreendimento editorial seria constituído pela escrita de textos breves “e de remuneração desvantajosa para os autores (\$225,00 por página datilografada e cessão definitiva de direitos autorais)”.<sup>30</sup> Ainda assim solicitou opinião do diretor da coleção *Brasiliana* sobre o informe.

Como se sabe, a coleção a que se refere Rubem Lima não só foi organizada e impressa, como também se tornou um dos mais bem sucedidos projetos editoriais já elaborados no Brasil sobre sua História. A falta de acesso a esta e outras cartas levou alguns estudiosos a afirmarem que “No ano seguinte à defesa da tese de cátedra, Sérgio Buarque de Holanda foi convidado por Paul Jean Monteil, então diretor da Editora Difusão Europeia do Livro, para dar concretude à ideia”<sup>31</sup> da HGCB. Ou então, dito de outra forma, “Desde o início da década de 1960, [...], Sérgio Buarque de Holanda inicia os trabalhos de planejamento, organização e direção da coleção de livros *História Geral da Civilização Brasileira*”,<sup>32</sup> pela Difel.

---

<sup>30</sup> Arquivo Américo Jacobina Lacombe. *Fundação Casa de Rui Barbosa*. Pasta Correspondência. Direção da *Brasiliana*. Carta de Rubem Lima, de 28 de outubro de 1957, pasta 291.

<sup>31</sup> NICODEMO, op. cit., 2004, p. 5.

<sup>32</sup> COSTA, Marcos. *Biografia histórica: a trajetória intelectual de Sérgio Buarque de Holanda entre os anos de 1930 e 1980*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista – UNESP, Assis, 2007, p. 146.

Pela observação da missiva de Lima a Lacombe que data de outubro de 1957 e de que o concurso para provimento da cátedra da USP ocorreu em novembro de 1958, refuta-se as constatações segundo as quais o contato editorial se deu no ano seguinte à defesa da tese (1959). O convite de Monteil já estava feito antes da aprovação do autor de *Visão do paraíso* no concurso da USP e, portanto, o planejamento e a organização da coleção não ocorreram somente a partir de 1960, quando foram lançados os primeiros volumes. A formalização do convite datava, no mínimo, de um ano antes à defesa da tese (1957).

Bastaria uma apuração mais demorada do “lado artesanal da pesquisa histórica”<sup>33</sup> que, por sua vez, levariam às cartas que Octávio Tarquínio de Sousa, Charles Ralph Boxer e Afonso Arinos de Mello Franco enviaram a Sérgio Buarque de Holanda, entre 1957 e 1959, para atestar esta verdade singela. Pois, apesar de suas recusas em colaborar na coleção HGCB, a existência das missivas torna incontestável que a negociação dos capítulos de seus volumes e o plano geral do projeto a que se reportou Rubem Lima já estava em curso antes de Sérgio Buarque vencer o concurso da USP, embora lecionasse na cátedra desde dezembro de 1956.<sup>34</sup>

Portanto, não bastassem todas as estratégias de *distinção* mencionadas para se destacar no mercado editorial brasileiro, a estrutura impressa da HGCB foi pensada por intermédio de uma hierarquia que dividiu a coleção em dois grandes grupos como já foi, aliás, mencionado: os “Tomos” e os “Volumes”, que tratavam as dimensões da Colônia, do Império e da República.

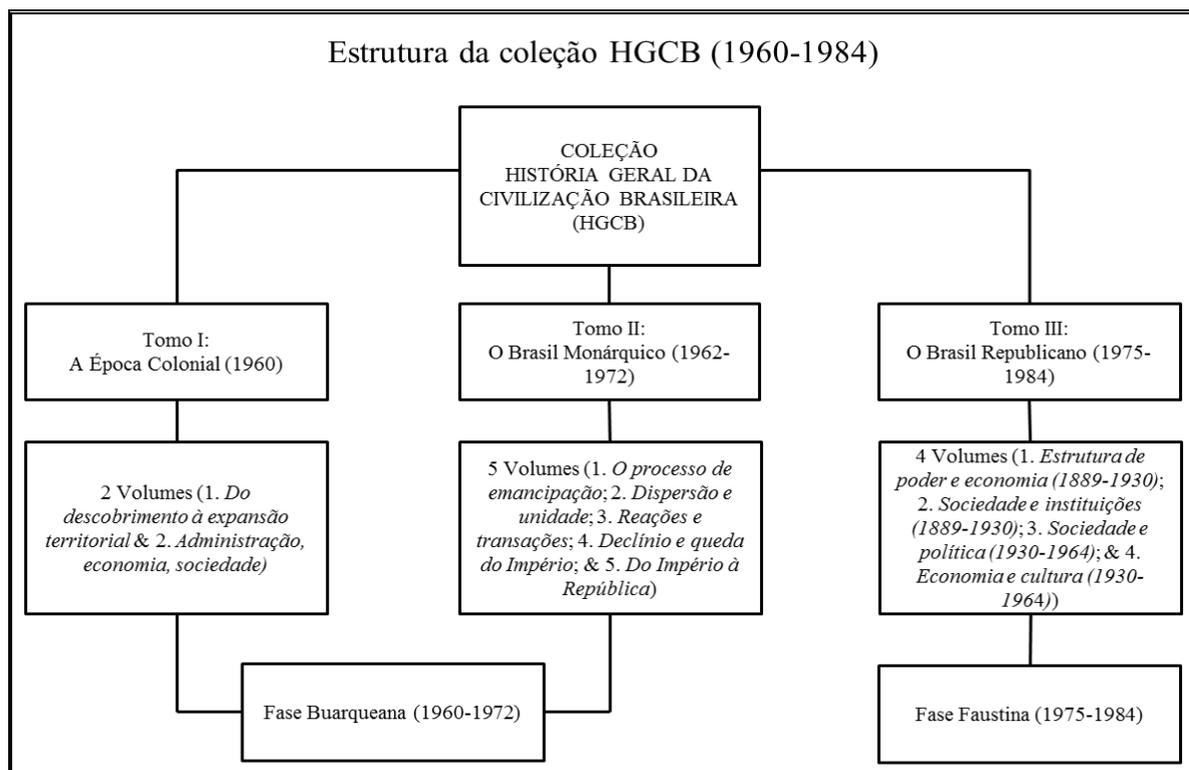
O Tomo I (*A Época Colonial*) foi desdobrado nos volumes *Do descobrimento à expansão territorial & Administração, economia, sociedade*, ambos publicados em 1960. Já o Tomo II (*O Brasil Monárquico*) foi dividido em *O processo de emancipação* (1962), *Dispersão e unidade* (1964), *Reações e transações* (1967), *Declínio e queda do Império* (1971) e *Do Império à República* (1972). Finalmente, o Tomo III (*O Brasil Republicano*) contou com os volumes *Estrutura de poder e economia (1889-1930)*, publicado em 1975; *Sociedade e instituições (1889-1930)*, em 1977; *Sociedade e política (1930-1964)*, em 1981; e *Economia e cultura (1930-1964)*, impresso em 1984 quando a coleção chegou ao fim.

---

<sup>33</sup> DARNTON, Robert. Entrevista. In: PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. *As muitas faces da história*. São Paulo: Ed.UNESP, 2000, p. 238.

<sup>34</sup> SANCHES, Rodrigo Ruiz. Sérgio Buarque de Holanda na USP. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 26, n. 1, p. 241-259, jan./abril. 2011.

Tabela 10



Por fim, vale ressaltar que embora Boris Fausto tenha mencionado em entrevista que alguns colaboradores “transgrediram” o recorte temporal, com avanço sobre temáticas relativas aos anos de 1970,<sup>35</sup> a cronologia limite da História do Brasil Republicano, implementada pela coleção HGCB, buscava não ultrapassar muito o golpe civil-militar de 1964. Dentre seus motivos, não seria exagero supor que o eram de fundo político, uma vez que o Tomo em questão foi todo escrito durante o regime autoritário. Outras razões poderiam ser de cunho acadêmico, pois mesmo para os decênios propostos havia uma escassez de trabalhos de História que a eles se referissem, sobretudo sobre o período da chamada experiência democrática (1945-1964). Mas, dentro do recorte que interessa mais diretamente este estudo, foram publicados pela Difel os Tomos I e II que, vale frisar, contaram com o aval acadêmico da USP, sob os auspícios da FFCL, mais tarde convertida em FFLCH, e foram coordenados por Sérgio Buarque, entre 1960 e 1972.

### 3.2 Sociólogos, historiadores e outras dificuldades

<sup>35</sup> FAUSTO, op. cit., 1988.

Um dos registros iniciais sobre a divulgação do primeiro volume da coleção HGCB na imprensa, pôde ser encontrado nas páginas da edição de fevereiro de 1960 da *Folha de S. Paulo*. A chamada sintetizava exemplarmente o aspecto que o empreendimento da Difel, por certo, gostaria de enaltecer nos livros a serem publicados, pois a tratava como novo trabalho de história que versaria sobre vários assuntos, “abrangendo assim o estudo não somente o aspecto histórico, mas o etnológico, o geográfico, o religioso, o político etc.”.<sup>36</sup>

A mesma nota conferia destaque aos colaboradores, tais como: Pedro Moacyr Campos, Aziz Ab’Saber, Florestan Fernandes, Arthur Cezar Ferreira Reis, Myriam Ellis, dentre outros, no afã de apresentar ao leitor em potencial a variedade de autores mobilizados no projeto. Além disso, afirmava, de forma veemente, que o plano da obra ficou ao encargo de Sérgio Buarque de Holanda e também apresentava a maneira pela qual o primeiro volume estava estruturado, por meio da ênfase nos títulos dos capítulos.

Ainda sobre o livro de abertura da coleção, integrante do Tomo I, a reportagem do *Jornal do Brasil* de janeiro assinalava que a publicação correspondia ao “primeiro esforço coletivo de reconstituição do passado do Brasil”.<sup>37</sup> E por mais que a matéria pudesse ter sido motivada por gesto corriqueiro à época na divulgação do lançamento de obras que chegavam ao mercado, ao menos do ponto de vista da imprensa, dos intelectuais e editor envolvidos no empreendimento da HGCB, a coleção se distinguia dos modelos de projeto antecedentes e contemporâneos porque marcada pelo esforço de uma escrita conjunta da História pátria.

Igual posicionamento pôde ser observado meses depois, quando a coleção recebeu a distinção de *Uma nova história do Brasil* e o entendimento era de que suas publicações iriam “contribuir para o estudo da realidade nacional [...] vindo a completar [...] esses estudos de caráter geral”.<sup>38</sup>

A bem da realidade, dentre outras coleções, é provável que o periódico estivesse se referindo às linhas editoriais então adotadas e fomentadas pela Difel, a exemplo das traduções para o português da versão francesa da *História Geral das Civilizações*,<sup>39</sup> que contou com a atuação de professores da FFCL-USP que, posteriormente, envolveriam-se também com a HGCB, como Eurípedes Simões de Paula, coordenador da iniciativa, e, dentre os tradutores,

---

<sup>36</sup> Fatos e autores. História Geral da Civilização Brasileira. *Folha de S. Paulo* – Ano XXXV, n. 10.981. São Paulo, 7 fev. 1960, p. 4. Acervo Folha. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/>>. Acesso em: 25 set. 2013.

<sup>37</sup> Livros: mercado interno. In: *Jornal do Brasil* – Ano LXX, n. 130. Rio de Janeiro, 6 jun. 1960, p. 42. Hemeroteca da *Biblioteca Nacional* (BN).

<sup>38</sup> Uma nova história do Brasil. In: *Folha de S. Paulo* – Ano XXXV, n. 11.034. São Paulo, 10 abr. 1960b, p. 4. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/>>. Acesso em: 25 set. 2013.

<sup>39</sup> CROUZET (dir.), op. cit., 1955-1958.

Pedro Moacyr Campos;<sup>40</sup> e da *História Geral das Ciências*,<sup>41</sup> também publicada em língua portuguesa. Além disso, a editora era responsável, desde 1954 – situação esta que se estendeu até o fim dos anos 1970 –, pela tradução da coleção francesa *Que sais-je?*, publicada em Paris, desde 1941, pela *Presses Universitaires de France* (PUF).

No Brasil, e embora a Difel seguisse em tudo o modelo original, este último empreendimento recebeu o título de *Saber atual* e os volumes não seguiram a ordem das publicações da PUF.<sup>42</sup> Suas temáticas eram as mais diversas, desde a publicação de *O Brasil, História da sociologia*, passando por *As sociedades secretas*, *As doutrinas econômicas*, *O marxismo*, *O existencialismo*, para chegar, inclusive, à obras como *A literatura russa* e *Os complexos*.<sup>43</sup> Curiosamente ou não com o mesmo título utilizado por Sérgio Buarque no artigo em que lançou a tese do homem cordial, em 1935,<sup>44</sup> como espécie de excerto do livro *Raízes do Brasil*, e praticamente em simultâneo ao planejamento da HGCB, a Difel fomentou a feitura de outra coleção. Seu nome: *Corpo e Alma do Brasil*.

Dirigida por Florestan Fernandes, o livro *Mudanças sociais no Brasil*, do autor, então contratado para lecionar na cátedra Sociologia I, da FFCL-USP,<sup>45</sup> constou como o volume inicial do projeto cuja responsabilidade passou, a partir de 1962, ao encargo de Fernando Henrique Cardoso, que se tornara doutor um ano antes pela mesma instituição de Fernandes e onde tinha sido, inclusive, assistente de Roger Bastide.<sup>46</sup>

Tal qual a HGCB e, sobretudo, em sintonia com o escopo editorial da Difel, a coleção *Corpo e Alma do Brasil* visava contemplar trabalhos acadêmicos, particularmente aqueles desenvolvidos na USP, de modo que dentre as obras publicadas sob a sua marca, constaram, além dos estudos dos já mencionados Florestan Fernandes e Fernando Henrique Cardoso, dentre outros nomes, também os de Emílio Willems e Octávio Ianni.<sup>47</sup> Efetivamente, tornava-

<sup>40</sup> SILVA, op. cit., 2009, p. 27-8.

<sup>41</sup> TATON (dir.), op. cit., 1959-1967.

<sup>42</sup> HALLEWELL, op. cit., 1985, p. 599.

<sup>43</sup> MONBEIG, Pierre. *O Brasil*. Coleção “Saber Atual” (v. 1). São Paulo: Difel, 1954; BOUTHOU, Gaston. *História da sociologia*. Coleção “Saber Atual” (v. 3). São Paulo: Difel, 1954; HUTIN, Serge. *As sociedades secretas*. Coleção “Saber Atual” (v. 7). São Paulo: Difel, 1954; LAJUGIE, Joseph. *As doutrinas econômicas*. Coleção “Saber Atual” (v. 12). São Paulo: Difel, 1955; LEFEBVRE, Henri. *O marxismo*. Coleção “Saber Atual” (v. 19). São Paulo: Difel, 1955; FOULQUIÉ, Paul. *O existencialismo*. Coleção “Saber Atual” (v. 20). São Paulo: Difel, 1955; EHRHARD, Marcelle. *A literatura russa*. Coleção “Saber Atual” (v. 32). São Paulo: Difel, 1956; & MUCCHIELLI, Roger. *Os complexos*. Coleção “Saber Atual” (v. 166). São Paulo: Difel, 1977.

<sup>44</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Corpo e alma do Brasil*. Ensaio de psicologia social. (publicado originalmente na Revista *Espelho* – RJ, em março de 1935). In: EUGÊNIO; MONTEIRO (orgs.), op. cit., 2008.

<sup>45</sup> XAVIER, Libânia. Verbete: Florestan Fernandes. In: ABREU (coord.), op. cit., 2001.

<sup>46</sup> LEMOS, Renato. Verbete: Fernando Henrique Cardoso. In: ABREU (coord.), op. cit., 2001.

<sup>47</sup> FERNANDES, Florestan. *Mudanças sociais no Brasil*: aspectos do desenvolvimento da sociedade brasileira. Coleção “Corpo e Alma do Brasil” (v. 1). Difel: São Paulo, 1960; CARDOSO, Fernando Henrique. *Empresário industrial e desenvolvimento econômico no Brasil*. Coleção “Corpo e Alma do Brasil” (v. 13). São Paulo: Difel, 1964; WILLEMS, Emílio. *Uma vila brasileira*: tradição e transição. Coleção “Corpo e Alma do Brasil” (v. 4).

se incontestemente a posição da USP nesse cenário, que ganhava “destaque como centro de articulação relacionado a Difel”,<sup>48</sup> de modo que, com exceção de Willems, todos os intelectuais mencionados acima participariam, mais cedo ou mais tarde, da coleção HGCB, fosse na fase *Buarqueana*, na *Faustina* ou em ambas.

A observação desses pontos, ainda que mínimos, servem para ampliar os horizontes sobre as linhas editoriais adotadas pelo grupo sob a liderança do editor Paul Jean Monteil, desde a fundação e estabelecimento da editora em São Paulo, em 1951. E, como se pôde notar, estas foram marcadas pela tentativa de estreitar as relações com a USP e, em particular, com a FFCL. Por isso, não é de se estranhar, dessa forma, o surgimento da coleção HGCB em meio aos projetos em voga ou mesmo as estratégias adotadas na maneira com que foi divulgada na imprensa. Porque, diferentemente dos empreendimentos supracitados, tanto de editoras concorrentes quanto das publicações fomentadas no interior da própria Difel, a HGCB era a oportunidade para a materialização de um modelo bem distinto de coleção.

Primeiro, como já se buscou demonstrar, em relação às obras editadas na *Brasiliana* e na *Documentos Brasileiros*, pois a coleção HGCB possuía caráter de coletânea, seus colaboradores, em sua maioria, eram vinculados às instituições de ensino superior e não aos Institutos Históricos ou Academia de Letras, como a identificação primeira de suas autorias, e cujas colaborações eram caracterizadas pelo desenvolvimento de pesquisas no domínio das especialidades. Em relação à Difel e aos seus investimentos, por sua vez, junto dessas particularidades, pode-se acrescentar o fato, tão destacado no processo de divulgação da coleção, de que a HGCB compreenderia publicações absolutamente inéditas no que tange à área da História, porque, de um lado, não correspondia à tradução alguma e, de outro, não se tratava da impressão de dissertações e teses concluídas na USP.

Mas apesar da existência de um certo molde nas matérias jornalísticas, algumas particularidades, nada desprezíveis, davam mostras de como a coleção era vista. Este foi o caso, por exemplo, do noticiário que, ao falar dos intelectuais envolvidos no empreendimento da Difel, afirmou que suas “obras universitárias, se distinguiram, ultimamente, por seus trabalhos especializados e que poderiam assim transmitir os mais atuais conhecimentos sobre cada tema proposto”.<sup>49</sup> Tal fala, a bem da realidade, era quase a repetição literal do escrito de

---

São Paulo: Difel, 1961; & IANNI, Octávio. *As metamorfoses do escravo: apogeu e crise da escravatura no Brasil meridional*. Coleção “Corpo e Alma do Brasil” (v. 7). São Paulo: Difel, 1962.

<sup>48</sup> CARRIJO, Maicon Vinícius da Silva. *Cientistas sociais e historiadores no mercado editorial do Brasil: a coleção Estudos Brasileiros da editoria Paz e Terra (1974-1987)*. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2013, p. 135-6.

<sup>49</sup> Livros: mercado interno, op. cit., 1960, p. 42.

Sérgio Buarque, quando afirmou na *Introdução geral* da HGCB que isto se impunha ao intento.<sup>50</sup>

Portanto, ou se tratava de uma apropriação da leitura já feita sobre o volume inicial ou tal circunstância remete a presente análise a inferir que era o próprio Sérgio Buarque, de forma mais independente, também o responsável pela divulgação do projeto à imprensa. Seja como for, a questão essencial a ser destacada se circunscreve no entendimento de que o mais importante era divulgar a coleção. E embora os jornais veiculassem informações de natureza muito semelhante, convém assinalar que as matérias representavam os diversos olhares lançados à época sobre as páginas da HGCB, de modo que somente por intermédio de suas peculiaridades é possível identificar as distintas apropriações recebidas pelo empreendimento.

Assim, por mais que a imprensa propagasse, majoritariamente, que a Difel e o diretor de seu novo projeto tinham a filosofia de reunir um grupo de especialistas sobre a História do Brasil, as disputas e o *status quo* do campo acadêmico do país também se faziam presentes no referido noticiário. Tal circunstância pode ser observada quando se atenta que, enquanto a matéria anterior mantinha o termo genérico de feitura dos textos sob responsabilidade de especialistas, a reportagem da *Folha de S. Paulo*, por sua vez, fazia questão de precisar que o time de colaboradores era formado por “uma equipe de *professores e sociólogos*”.<sup>51</sup> Ora, por mais, aparentemente, banal que possa parecer este apontamento, não seria ilusório supor o indício da documentação como representativo do momento privilegiado de que a Sociologia, enquanto disciplina acadêmica estabelecida, dispunha no Brasil do período, e cujo processo de consolidação estava em curso desde os anos 1940.<sup>52</sup>

Os anúncios publicitários reiteravam a coordenação do catedrático da USP e a distinção da HGCB pela especialidade dos autores, quando informaram sobre a previsão de princípios de outubro de 1960 para o lançamento do segundo volume da HGCB.<sup>53</sup> O mesmo acontecia em outras notas, embora se desdobrassem no detalhamento das temáticas tratadas no volume em apreço. Exemplos disso são as matérias cujas informações se esmeraram em explicitar que, dentre os assuntos a serem tratados no segundo volume, constaria “trabalhos sobre administração e política de 1640 a 1763, sobre a mão de obra escrava, a propriedade rural, política financeira, vida intelectual e artística, educação, pronunciamentos nativistas e

---

<sup>50</sup> HOLANDA, op. cit., (v. 1), 1960, p. 7.

<sup>51</sup> Uma nova história do Brasil, op. cit., 1960, p. 4 [grifos meus].

<sup>52</sup> SORÁ, op. cit., 1998.

<sup>53</sup> História Geral da Civilização Brasileira. In: *Folha de S. Paulo* – Ano XXXVI, n. 11.171. São Paulo, 18 set. 1960, p. 56. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/>>. Acesso em: 25 set. 2013.

política e administração sob os últimos vice-reis”.<sup>54</sup> Ou então, noutras palavras, que haveriam temáticas “iniciando-se com o estudo de diferentes aspectos da vida administrativa do Brasil, logo em seguida à era dos Felipes”.<sup>55</sup>

Frequentemente, essas matérias registravam os colaboradores do volume em questão e os tratavam, em geral, como autores “especialistas”.<sup>56</sup> Tanto que ao término das publicações do Tomo I (*A Época Colonial*), a imprensa enfatizou que o segundo volume contava com a colaboração de “dezoito *especialistas* em história do Brasil”,<sup>57</sup> majoritariamente atuantes em cátedras universitárias. Assim, pode-se inferir que, mesmo que os empenhos de Buarque de Holanda e Monteil em reunir um grupo seletivo de colaboradores tenha malogrado num primeiro momento – a julgar pela quantidade, já discutida, de autorias sem vínculo institucional declarado na fase *Buarqueana* da HGCB, ainda que não se possa falar de falta quanto à qualidade e prestígio dos intelectuais irmanados nesta conta –, o esforço publicitário e do projeto, por sua vez, mantinham-se firmes no propósito desta ideia.

E isto ao menos por três motivos: porque se tratava de um modelo editorial inédito na escrita da História do período e dentre as coleções antecedentes e/ou concorrentes que eram marcadas, como já se disse, pela reedição de obras raras, por manter um interesse sobre os mais diversos domínios da realidade brasileira e privilegiar trabalhos de autorias solo e que não se ocupavam, necessariamente, lugares no espaço acadêmico. Segundo, pelo fato de que, na ausência ou recusa dos nomes de reconhecido destaque e credibilidade inicialmente convidados, houve maciça participação de professores da USP – sobretudo, da FFCL/FFLCH –, de modo que, foram atraídos colaboradores, em sua maior parte, atuantes em universidades. E por corresponder a um desafio aos intelectuais convidados, pois, em geral, tinham de condensar ao máximo seus estudos, em virtude das exigências dos organizadores que cediam quantidade de laudas para o desenvolvimento de cada tema e cujos limites eram diretamente proporcionais à importância conferida aos assuntos no plano geral da coleção.

Mas, como se não bastassem todos esses impedimentos em potencial e as adversidades quanto às recusas que o diretor da HGCB e editor da Difel receberam quando dos envios de circulares e convites, no final da década de 1950, Sérgio Buarque de Holanda e Paul Jean Monteil ainda tiveram de enfrentar os atrasos nas publicações. Muito provavelmente, tais

<sup>54</sup> Fatos e autores. Segundo volume da “Época Colonial”. In: *Folha de S. Paulo* – Ano XXXV, n. 11.087. São Paulo, 12 jun. 1960, p. 4. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/>>. Acesso em: 25 set. 2013.

<sup>55</sup> MEIRA, Mauritânio. Vida literária. “Segundo volume”. In: *Jornal do Brasil* – Ano LXX, n. 237. Rio de Janeiro, 10 out. 1960, p. 15. Hemeroteca da *Biblioteca Nacional* (BN).

<sup>56</sup> Fatos e autores. Segundo volume da “Época Colonial”. In: *Folha de S. Paulo* – Ano XXXVI, n. 11.111. São Paulo, 10 jul. 1960, p. 4. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/>>. Acesso em: 25 set. 2013.

<sup>57</sup> ARROYO, Leonardo. Vida literária. Civilização Brasileira. In: *Folha de S. Paulo* – Ano XXXVI, n. 11.261. São Paulo, 1 jan. 1961, p. 4. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/>>. Acesso em: 25 set. 2013 [grifo meu].

contratempos ocorriam por conta de questões gráficas e de impressão porque, volta e meia, aparecia na imprensa a divulgação do lançamento de volumes que nem sempre saíam na data noticiada. Por isso, vale frisar que, no momento de publicação do Tomo referente ao período imperial, e após a edição dos volumes *O processo de emancipação* (1962) e *Dispersão e unidade* (1964), era anunciado que “A já consagrada História Geral da Civilização Brasileira, dirigida pelo historiador Sérgio Buarque de Holanda”,<sup>58</sup> iria contar com mais dois volumes em 1966, como impressões derradeiras sobre a idade monárquica.

Entretanto, prováveis problemas editoriais, de cumprimento de prazos por parte dos colaboradores e correções dos originais, impediram, por certo, o encaminhamento do informe supracitado. Não só porque os livros 3 e 4 do Tomo II (*O Brasil Monárquico*) não seriam publicados em 1966, quanto pelo fato de que a época do Império na coleção HGCB não seria encerrada com o acréscimo de mais dois volumes, mas com três. Assim, a impressão do livro 3 (*Reações e transações*) ocorreria somente em 1967 e estudaria, em especial os anos de 1848 a 1868.<sup>59</sup> Já o livro 4, denominado *Declínio e queda do Império*, só chegaria ao público em 1971. Contudo, este último não representava o término da época imperial na coleção, que ficaria ao encargo de um 5º volume do Tomo II (7º se considerados os livros sobre o período colonial), todo escrito por Sérgio Buarque de Holanda (única situação que fugiu ao plano da autoria coletiva), publicado em 1972 como *Do Império à República*.

Portanto, além das contingências inerentes ao próprio projeto editorial, era preciso que os responsáveis pelo empreendimento lidassem com impedimentos alheios, pois, como era de se esperar, também havia demora na feitura dos capítulos. Em carta de 20 de setembro de 1961, cerca de um ano após o término da publicação do Tomo referente ao período colonial, o historiador Francisco Iglésias, atuante na Faculdade de Ciências Econômicas da então Universidade de Minas Gerais,<sup>60</sup> escreveu a Sérgio Buarque, de Belo Horizonte, para enviar o texto de sua colaboração na HGCB, então remetido também ao endereço da Difel.<sup>61</sup>

Embora Iglésias não precise na missiva o capítulo em questão, é muito provável que se tratasse do texto intitulado *Minas Gerais*, integrante do segundo volume do Tomo II da coleção, impresso em 1964. Porque afora esta colaboração, só participaria com mais um

<sup>58</sup> Panorama. Caderno B. In: *Jornal do Brasil* – Ano LXXXV, n. 79. Rio de Janeiro, 6 abr. 1966, p. 5. Hemeroteca da *Biblioteca Nacional* (BN).

<sup>59</sup> O que há para ler. Suplemento do livro. In: *Jornal do Brasil* – Ano LXXXVII, n. 5. Rio de Janeiro, 15 abr. 1967, p. 36. Hemeroteca da *Biblioteca Nacional* (BN).

<sup>60</sup> *História da UFMG*. Disponível em: <[https://www.ufmg.br/conheca/hi\\_index.shtml](https://www.ufmg.br/conheca/hi_index.shtml)>. Acesso em: 14 jan. 2014.

<sup>61</sup> Série: Correspondência. Subsérie: Passiva. 457 – Carta de Francisco Iglésias a SBH, enviando o trabalho combinado e comentando o mesmo. Belo Horizonte, 20 set. 1961. as. Francisco Iglésias. 1p. Cp 235 P9430. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

trabalho na HGCB, impresso em 1967 (o capítulo *Vida política, 1848-1868*, componente do terceiro volume referente ao período monárquico).<sup>62</sup> Note-se, porém, que a distância temporal entre o tempo de envio do texto (1961) e a impressão da obra que o contemplaria (1964), é sintomática das dificuldades no cumprimento de prazos.

Mesmo no caso do próprio Iglésias, pois dava mostras dessa situação na carta enviada quando anotou que o capítulo já estava pronto há vários dias, mas que não tinha enviado, pois faria isso por intermédio dos Cruz Costa ou Antonio Candido, que iriam a Belo Horizonte.<sup>63</sup> Acontece, porém, que nem um nem outro puderam prestar-lhe o serviço, porque não apareceram na capital mineira, como esperado por Francisco Iglésias, que teve de lançar mão dos serviços do correio.

Até àquele momento do envio da carta (1961), dos três, só Candido tinha sido colaborador da coleção HGCB, precisamente no segundo volume do Tomo I.<sup>64</sup> E, apesar do atraso, Iglésias não deixou de registrar sua insatisfação e angústia a Sérgio Buarque, como no trecho no qual escreveu rezear que não estivesse feito aquilo que o coordenador esperava ou então quando afirmou sobre a dificuldade da conjugação das partes com o todo do projeto.<sup>65</sup> Efetivamente, o desafio não era dos menores. Mesmo porque, Buarque de Holanda já comunicava isso na *Introdução geral* da obra, quando registrou que o plano inicialmente previsto para a coleção teve de se sujeitar a contínuas mudanças (fruto de conselhos recebidos, relutâncias, recusas etc.).<sup>66</sup> Assim, provavelmente ciente de questões dessa natureza, Iglésias deixou ao encargo de Sérgio Buarque o ajuste do que fosse preciso, mas lamentava caso o trabalho não agradasse o coordenador ou se este tivesse de procurar outra pessoa àquela altura, com ênfase no fato de que não ficaria aborrecido com a decisão.

O pedido de desculpas veio logo na sequência, tanto pela demora, pois escreveu que havia ultrapassado o limite combinada de 31 de julho – pouco mais de um mês e meio após o combinado – e informava, igualmente, que tinha excedido “um pouco o espaço que me foi reservado, de 50 páginas, escrevendo 55”,<sup>67</sup> completando que a diferença de tamanho não lhe parecia significativa.

<sup>62</sup> IGLÉSIAS, op. cit., 1964; & \_\_\_\_\_. *Vida política, 1848-1868*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. II). Reações e transações (v. 3). São Paulo: Difel, 1967.

<sup>63</sup> Série: Correspondência. Subsérie: Passiva. 457, op. cit., 20 set. 1961. Cp 235 P9430. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>64</sup> SOUZA, Antonio Candido de Mello e. *Letras e ideias no Brasil colonial*. In: HOLANDA (org.), op. cit., (v. 2), 1960.

<sup>65</sup> Série: Correspondência. Subsérie: Passiva. 457, op. cit., 20 set. 1961. Cp 235 P9430. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>66</sup> HOLANDA, op. cit., 1960, p. 7.

<sup>67</sup> Série: Correspondência. Subsérie: Passiva. 457, op. cit., 20 set. 1961. Cp 235 P9430. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

Cruz Costa, da FFCL-USP, mencionado na carta de Iglésias, colaboraria na HGCB em 1962, com o capítulo *As ideias novas* e, em 1967, com *O pensamento brasileiro sob o Império*.<sup>68</sup> Sua menção se faz necessária para reforçar a demonstração do largo trânsito de muitos desses intelectuais dos anos 1950 e 1960 nos empreendimentos editoriais em forma de coleção. Porque, em 1956, Costa publicou *Contribuição à história das ideias no Brasil* pela José Olympio, na coleção *Documentos Brasileiros* e que, na década seguinte, ganharia segunda edição pela Civilização Brasileira, na coleção *Retratos do Brasil*.<sup>69</sup>

Todos esses fatos devem ter pesado no momento do convite aos colaboradores. Seja como for, os problemas não cessavam. Em carta de 31 de outubro de 1963, o professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade da Bahia, José Wanderley de Araújo Pinho, informava Sérgio Buarque do envio por intermédio de um sobrinho, a parte final de sua colaboração.<sup>70</sup> O material em apreço correspondia ao texto intitulado *Bahia, 1808-1856*,<sup>71</sup> que logo tinha de sair no volume seguinte da HGCB, referente ao período monárquico. Ao final da missiva, Wanderley Pinho alertava a carência de correção dos originais e aguardava receber provas do capítulo.<sup>72</sup>

Outro exemplo de problemas que chegavam a Buarque de Holanda pelo correio, desta vez, mais ao final da jornada editorial como diretor, deu-se em 15 de novembro de 1972 que, por si só, ilustra o quão interrompido por dificuldades se via o coordenador. Tratava-se de uma carta de Amaro Quintas, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de Pernambuco, que se queixava por não ter recebido de Sérgio Buarque ou da Difel os últimos números da HGCB, como de costume.<sup>73</sup> Suas palavras revelam outros procedimentos e práticas letradas adotadas entre os responsáveis pela coleção HGCB e seus colaboradores. Quanto aos capítulos de sua autoria (*A agitação republicana no Nordeste & O Nordeste*),<sup>74</sup>

<sup>68</sup> COSTA, João Cruz. *As ideias novas*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. II). O processo de emancipação (v. 1). São Paulo: Difel, 1962 & \_\_\_\_\_. *O pensamento brasileiro sob o Império*. In: HOLANDA (org.), op. cit., (v. 3), 1967.

<sup>69</sup> \_\_\_\_\_. *Contribuição à história das ideias no Brasil*. Coleção “Documentos Brasileiros” (v. 86). Rio de Janeiro: José Olympio, 1956; \_\_\_\_\_. *Contribuição à história das ideias no Brasil*. 2.ed. Coleção “Retratos do Brasil” (v. 56). 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

<sup>70</sup> Série: Correspondência. Subsérie: Passiva. 481 – Carta de Wanderley Pinho a SBH enviando a parte final dos originais de um capítulo do trabalho e pedindo que devolvesse as provas para correção. Rio de Janeiro, 31 out.1963. as. Wanderley Pinho. 1p. Cp 259 P9. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>71</sup> PINHO, Wanderley. *Bahia, 1808-1856*. In: HOLANDA (org.), op. cit., (v. 2), 1964.

<sup>72</sup> Série: Correspondência. Subsérie: Passiva. 481, op. cit., 31 out. 1963. Cp 259 P9. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>73</sup> Série: Correspondência. Subsérie: Passiva. 537 – Carta de Amaro Quintas a SBH pedindo para que informasse a “Chico Buarque”, que usou trecho da música “Construção” em seu discurso na Academia Pernambucana de Letras; cobrando o envio de exemplares de “História Geral da Civilização Brasileira” e pedindo para que corrigisse erros de revisão em dois capítulos. Recife, 15 nov. 1972. as. Amaro Quintas. 2p. Cp 315 P11. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>74</sup> QUINTAS, Amaro. *A agitação republicana no Nordeste*. In: HOLANDA (org.), op. cit., (v. 1), 1962; &

dizia que estavam cheios de erros de revisão e, antes de se despedir com um abraço, disse ter relatado o ocorrido para Monteil, que havia lhe prometido as alterações, pois estas, segundo o missivista, alteravam, inclusive, o que pretendeu expressar no texto.<sup>75</sup>

Pontuados esses aspectos, importa assinalar ainda que, tal qual o ocorrido com os volumes coordenados por Sérgio Buarque de Holanda, houve divulgação do Tomo III (*O Brasil Republicano*), cuja formatação não se distinguiu muito dos anúncios precedentes. Sobre a fase aqui intitulada de *Faustina*, pelas especificidades outrora dissertadas quando da coordenação por Boris Fausto, a imprensa informava que esta correspondeu ao “início à última etapa de uma ambiciosa realização editorial: a publicação da *História Geral da Civilização Brasileira*”.<sup>76</sup> Noutra matéria, onde apareceu arrolado os nomes de colaboradores do volume inicial do período republicano, houve o registro de que “a coleção tem merecido a melhor receptividade da crítica e dos leitores, tanto pela alta qualidade dos textos – de concepção *moderna* e aberta – quanto pelo esmero gráfico”.<sup>77</sup> E assim seguiu, até 1984, quando o último volume da coleção foi impresso. Portanto, se até o momento se buscou demonstrar os inúmeros transtornos nas publicações da HGCB, sendo os aspectos ora apresentados apenas um demonstrativo e cuja continuidade pouco acrescentaria, cabe proceder à tessitura de algumas reflexões sobre a recepção da obra, ainda que esta tentativa envolva, de saída, um nível maior de dificuldades.

### 3.3 Criticar sim, mas também citar! ou Quando a HGCB é tomada como referência

Afora o aspecto da divulgação da coleção HGCB, as matérias jornalísticas se constituíam ainda como espaços para apropriações do empreendimento editorial da Difel. No tocante às apreciações e para refletir um pouco sobre a recepção dos volumes, convém assinalar que, ao comemorar o elevado índice de bibliografia sobre o país, o então colunista da *Folha Ilustrada*, Leonardo Arroyo, escreveu que a existência de coleções como a HGCB indicava evidências de uma nação que se descobre e tomava “consciência de seus valores histórico-sociais”.<sup>78</sup> O próprio Arroyo se beneficiaria com tal estado de coisas, uma vez que,

---

\_\_\_\_\_. O Nordeste. In: HOLANDA (org.), op. cit., (v. 2), 1964.

<sup>75</sup> Série: Correspondência. Subsérie: Passiva. 537, op. cit., 15 nov. 1972. Cp 315 P11. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>76</sup> *Jornal do Brasil* – Ano LXXXV, n. 175. Rio de Janeiro, 20 set. 1975, p. 53. Hemeroteca da *Biblioteca Nacional* (BN).

<sup>77</sup> Livros. In: *Jornal do Brasil* – Ano LXXXV, n. 209. Rio de Janeiro, 3 nov. 1975, p. 7. Hemeroteca da *Biblioteca Nacional* (BN) [grifo meu].

<sup>78</sup> ARROYO, Leonardo. Vida literária. História e civilização do Brasil. In: *Folha de S. Paulo* – Ano XXXV, n. 11.057. São Paulo, 8 maio. 1960a, p. 4. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/>>. Acesso em: 25 set. 2013.

dentro de pouco tempo se envolveria, justamente, com três das principais casas cujas linhas editoriais de coleções eram contemporâneas e concorrentes no mercado brasileiro: a Livraria José Olympio Editora, a Companhia Editora Nacional e a Difel.<sup>79</sup>

Mas, além da retomada da referência oscilatória entre História e Sociologia, com a primeira no encaixo do *status* acadêmico já alcançado pela segunda, o posicionamento do colunista é representativo ante a constatação de que o surgimento de coleções está muito ligado ao estágio de determinada sociedade em termos políticos e culturais. Afinal de contas, tal assertiva referencia questões de vulgarização do saber, nível de alfabetização, bem como acerca do sufrágio universal,<sup>80</sup> que representavam situações características do Brasil nos anos 1960, onde coexistiam projetos editoriais de vulto – como a *Brasiliana*, a *Documentos Brasileiros* e a própria HGCB –, crescia o número de universitários<sup>81</sup> e se vivia numa experiência democrática jamais vista até então no país, com a existência de vários partidos nacionais, crescente número de votantes, calendário e justiça eleitorais.<sup>82</sup>

Junto dessas questões, é preciso atentar ainda que Arroyo tratou o Brasil como fruto de uma civilização *original*, de causar surpresa nos “observadores europeus e que Jacques Lambert sintetizou na expressão definidora de ‘contrastes do mundo’. E do qual outro simpático observador do Brasil, o prof. Roger Bastide chegou a expor a condição de poeta para compreender seus fenômenos sociais”.<sup>83</sup> Novamente o que se observa é a referência privilegiada com que os sociólogos gozavam, não só ao ponto de serem constantemente citados, mas, sobretudo, por também figurarem como colaboradores de projetos editoriais concorrentes ao promovido pela Difel.

Este é o caso de *Os dois Brasis*, de Lambert, que já se encontrava, por exemplo, na quinta edição, e de Bastide, cuja participação na *Brasiliana* se daria com a publicação de *O candomblé da Bahia*.<sup>84</sup> Ainda na visão de Arroyo, a HGCB era descrita como “belo empreendimento”, toda “escrita por uma equipe de especialistas na matéria [...] de consulta obrigatória”.<sup>85</sup>

---

<sup>79</sup> \_\_\_\_\_. *Igrejas de São Paulo, ensaio*. Coleção “Documentos Brasileiros” (v. 81). José Olympio: Rio de Janeiro, 1954; \_\_\_\_\_. *Igrejas de São Paulo, ensaio*. 2.ed. Coleção “Brasiliana” (v. 331). Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1966; & \_\_\_\_\_. *Absalão e o rei, contos*. Difel: São Paulo, 1961.

<sup>80</sup> OLIVERO, op. cit., 1999, p. 31.

<sup>81</sup> HALLEWELL, op. cit., 1985, p. 576.

<sup>82</sup> FERREIRA, op. cit., 2009.

<sup>83</sup> ARROYO, op. cit., 1960a, p. 4.

<sup>84</sup> LAMBERT, Jacques. *Os dois Brasis*. Coleção “Brasiliana” (v. 335). 5.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969; & BASTIDE, Roger. *O candomblé da Bahia* [rito nagô]. Coleção “Brasiliana” (v. 313). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

<sup>85</sup> ARROYO, op. cit., 1960a, p. 4.

E, muito embora sejam matérias e notas jornalísticas voltadas à divulgação do empreendimento da Difel, sobretudo se for considerada a recorrência de informações padronizadas (estrutura da coleção, suas temáticas, autores de renomado gabarito e direção de Sérgio Buarque, sob os auspícios da FFCL-USP), o entusiasmo foi tamanho que a editora chegou a oferecer uma festa, logo no início da publicação dos primeiros volumes, em 11 de maio de 1960, na Câmara Brasileira do Livro (SP).<sup>86</sup> Apropriando-se, literalmente, de forma consentida ou não, de várias informações contidas na própria *Introdução geral* da HGCB, que visou justificar o modelo então adotado, a imprensa aprovava a coleção. Em particular sob a rubrica de que o trabalho em conjunto era aconselhado “pelos *modernos* conceitos da historiografia e da metodologia expositiva”,<sup>87</sup> seguido dos mesmos exemplos utilizados por Sérgio Buarque, sobre obras feitas coletivamente, tais como: *The new Cambridge modern history*<sup>88</sup> e *Historia mundi*.<sup>89</sup>

Porém, nem só de festejos a HGCB foi coberta. Em matéria veiculada em 29 de maio de 1960, Tristão de Athaide chamou a atenção para o que entendia por ausência de destaque aos fatores espirituais, pois dizia que o segundo volume referente à época colonial não havia previsão de estudo que contemplasse “uma só menção do problema religioso!”.<sup>90</sup> À procedente exclamação do católico, seguiu-se uma insinuação da existência de certa filosofia culturalista como regente da obra. Estrategicamente enaltecedor da coleção no início da fala, Tristão de Athaide, pseudônimo do crítico literário carioca Alceu Amoroso Lima, que então atuava como colaborador nos periódicos *Folha de S. Paulo* e *Jornal do Brasil*,<sup>91</sup> caracterizou a HGCB como uma coleção instrumental e das mais modernas. Ato contínuo, o também membro da ABL, que nos anos 1960 fomentava, no Brasil, a implementação de novas diretrizes do Vaticano,<sup>92</sup> reconheceu Buarque de Holanda como o responsável por reunir, com grandes dificuldades, um excelente grupo de especialistas, escolhidos a dedo, mesmo a despeito de recusas.<sup>93</sup>

<sup>86</sup> \_\_\_\_\_. Vida literária. Congraçamento em torno de uma história. In: *Folha de S. Paulo* – Ano XXXV, n. 11.059. São Paulo, 11 maio. 1960b, p. 4. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/>>. Acesso em: 25 set. 2013.

<sup>87</sup> Livros: mercado interno, op. cit., 1960, p. 42 [grifo meu].

<sup>88</sup> POTTER, Richard George et. al. (eds.). *The new Cambridge modern history* (14 vols.). Cambridge: Cambridge University Press, 1957-1979.

<sup>89</sup> KERN, Fritz; VALJAVEC, Fritz et. al. (eds.). *Historia mundi* (10 vols.). Bern: Francke-Verlag, 1952-1961.

<sup>90</sup> ATHAYDE, Tristão de. Folha Ilustrada. O fator institucional. In: *Folha de S. Paulo* – Ano XXXV, n. 11.075. São Paulo, 29 maio. 1960a, p. 3. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/>>. Acesso em: 25 set. 2013.

<sup>91</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. Verbete: Alceu Amoroso Lima. In: ABREU (coord.), op. cit., 2001.

<sup>92</sup> COSTA, Marcelo Timotheo da. Entre a biografia e a história: o caso de Alceu Amoroso Lima. In: *XXII Simpósio Nacional de História da ANPUH-PB*. História, acontecimento, narrativa. João Pessoa: ANPUH-PB, 2003, p. 2. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.426.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2014.

<sup>93</sup> ATHAÍDE, op. cit., 1960a, p. 3.

O relacionamento de ambos remontava aos anos 1920, sob o fluxo dos movimentos modernistas, nos quais, via de regra, estavam sempre em lados opostos, discordando tanto em relação às questões estéticas (Buarque de Holanda a defender e Amoroso Lima a atacar o Surrealismo, por exemplo), quanto sobre o sentido e a função da literatura, bem como por questões filosóficas.<sup>94</sup> Mas ainda que pesasse um passado de contendas, a bem da realidade, não só do então crítico literário e ativista católico que advinham insatisfações. Também o colunista sobre assuntos religiosos do *Jornal do Brasil*, Antonio Carlos Villaça, afinado com o grupo de Amoroso Lima, ao qual dedicaria biografia<sup>95</sup> justamente pela editora Agir, criada com a participação deste último para ampliar os espaços às publicações católicas,<sup>96</sup> publicizou queixa.

Dizia estar muito triste e sem entender como Sérgio Buarque de Holanda, por ele descrito como um dos melhores conhecedores do período colonial brasileiro, podia deixar que no primeiro volume da HGCB, com quase quatrocentas páginas só seis pudesse se referir às obras de jesuítas e outros religiosos.<sup>97</sup> O mesmo argumento quantitativo foi mobilizado, na sequência, por Tristão de Athaíde.<sup>98</sup> Mal sabiam ou tinham percebido eles, suponho, que o plano era mesmo esse: espaço limitado dependendo da temática. O que não é de se estranhar, dado a originalidade e mudança em relação aos modelos de coleção então existentes. Mal sabiam também, presumo, que tanto Buarque de Holanda quando Monteil estavam diante da difícil tarefa da arrancada inicial do projeto, do qual igualmente desconheciam se daria certo ou não. Mal sabiam Amoroso Lima e Villaça, enfim, que temas como o da presença holandesa no Brasil, tão cara e já informada por estudos de renome internacional, como os do historiador Charles Boxer, inicialmente também não tinham recebido previsão de grandes quantidades de laudas no conjunto da obra.<sup>99</sup>

Por isso, a estratégia adotada por Athaíde foi o de, num só tempo, elogiar e apontar o que entendia por falhas. Neste sentido, cabe salientar a menção feita aos nomes e capítulos de

---

<sup>94</sup> GOMES JÚNIOR, Guilherme Simões. Crítica, combate e deriva do campo literário em Alceu Amoroso Lima. *Tempo Social* (USP), São Paulo, n. 2, v. 23, p. 101-133, nov. 2011; FURTADO, André Carlos; FERREIRA, Cristina. Entre narrativas surreais e tiros na praia de Copacabana: exaltação de Sérgio Buarque de Holanda em escritos modernistas (1920-1931). In: *Atas do II Encontro de História da Universidade Gama Filho* (UGF). Rio de Janeiro: Ed. Gama Filho, 2013; & HOLANDA, Sérgio Buarque de. Existencialismo (publicado originalmente no Diário Carioca, em 25 de março de 1951). In: COSTA (org.), op. cit., (v. 2), 2011.

<sup>95</sup> VILLAÇA, Antonio Carlos. *O desafio da liberdade: a vida de Alceu Amoroso Lima*. Rio de Janeiro: Agir, 1983.

<sup>96</sup> *A era Vargas: dos anos 20 a 1945*. Alceu Amoroso Lima: Disponível em: <[http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/alceu\\_amoroso\\_lima](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/alceu_amoroso_lima)>. Acesso em: 20 jan. 2014.

<sup>97</sup> VILLAÇA, Antonio Carlos. Notas religiosas. O fator espiritual. In: *Jornal do Brasil* – Ano LXX, n. 121. Rio de Janeiro, 25 maio. 1960, p. 6. Hemeroteca da *Biblioteca Nacional* (BN).

<sup>98</sup> ATHAÍDE, op. cit., 1960a, p. 3.

<sup>99</sup> Série: Correspondência. Subsérie: Passiva. 431, op. cit., 05 nov. 1957. Cp 209 P9. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

Laerte Ramos de Carvalho e Antonio Candido de Mello e Souza, ambos professores da FFCL-USP. O primeiro, responsável pelo texto denominado *Ação missionária e educação*,<sup>100</sup> foi visto como responsável por uma reflexão que se ocupou “apenas com o problema particular da ação dos jesuítas na educação”<sup>101</sup> e, por essa razão, no entendimento dos quixosos, não se tratava nem de religião, nem de ação missionária, porque circunscrito na questão pedagógica. E a avaliação hipotética tecida sobre o capítulo que seria publicado, de autoria de Antonio Candido, no segundo volume, de nome *Letras e ideias no Brasil colonial*,<sup>102</sup> foi descredenciado por Athaíde, segundo o qual se ocupava mais do aspecto literário e filosófico, porque estava a encargo de um crítico literário.<sup>103</sup>

Do lado de Villaça, ao invés de lançar mão da estratégia narrativa de elogiar e criticar, houve predileção em mencionar outros trabalhos sobre o tema. Ao que tudo indica, o intuito visou constituir um argumento, ainda que sutil e além da crítica à quantidade de páginas, direcionado ao suposto equívoco nas escolhas dos colaboradores da temática. Assim, por mais que os títulos citados não lhe agradassem (“Deus me livre de cair no tom apologético dos panegiristas apressados”),<sup>104</sup> tão logo lhe foi possível no artigo, aludiu às obras *História da Companhia de Jesus no Brasil*, de Padre Serafim Leite; *Jesuítas no Brasil*, do padre Luís Gonzaga Cabral; e *O catolicismo no Brasil*, do Padre Júlio Maria,<sup>105</sup> como dignas de nota.

É certo que Villaça não estivesse sugerindo o desconhecimento dos responsáveis pela HGCB dos títulos em questão. Afinal de contas, no caso de Sérgio Buarque, bastaria dizer que leu o trabalho de Serafim Leite e o tinha apreciado como a razão de muitas descobertas, feitas com zelo extraordinário,<sup>106</sup> e opulento no que tangia à documentação.<sup>107</sup> Adicionalmente, quando das publicações da maior parte dos volumes da *História da Companhia de Jesus no Brasil*, pelo INL, o futuro coordenador do empreendimento da Difel já trabalhava no referido órgão.<sup>108</sup> Inclusive sua Biblioteca particular, hoje preservada junto ao acervo Central da

<sup>100</sup> CARVALHO, Laerte Ramos de. *Ação missionária e educação*. In: HOLANDA (org.), op. cit., (v. 2), 1960.

<sup>101</sup> ATHAÍDE, op. cit., 1960a, p. 3.

<sup>102</sup> SOUZA, op. cit., 1960.

<sup>103</sup> ATHAÍDE, op. cit., 1960a, p. 3.

<sup>104</sup> VILLAÇA, op. cit., 1960, p. 6.

<sup>105</sup> LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil* (t. I e II). Porto: Tipografia Porto Médico, 1938; \_\_\_\_\_. *História da Companhia de Jesus no Brasil* (t. III a X). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1943-1950; CABRAL, Luís Gonzaga. *Jesuítas no Brasil* (século XVI). Coleção “Inéditos e dispersos” (v. 3). São Paulo: Melhoramentos, 1925; & MARIA, Júlio. *O catolicismo no Brasil: memória história*. Rio de Janeiro: Agir, 1950.

<sup>106</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Missionário e viajante I* (publicado originalmente no *Diário de Notícias* – RJ, em 12 outubro de 1941). In: COSTA (org.), op. cit., (v. 1), 2011.

<sup>107</sup> \_\_\_\_\_. *O período colonial* (publicado originalmente no *Manual bibliográfico de estudos brasileiros*, 1949). In: COSTA (org.), op. cit., (v. 1), 2011.

<sup>108</sup> Série: Vida Pessoal. 88, op. cit. Vp 88 P242. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

UNICAMP, conserva alguns exemplares com dedicatória do autor a Buarque de Holanda (volumes 4, 5 e 10).<sup>109</sup>

Longe da pretensão de retroceder à história das discussões educacionais brasileiras, pode-se dizer, em síntese, que estes embates na imprensa também eram animados por um conjunto de debates voltados à laicização do ensino e em meio ao clima das reformas de base evidenciadas no governo Goulart. Pouco antes disso, em 1958, lideranças religiosas do Rio Grande do Sul haviam solicitado ao então presidente Juscelino Kubitschek que Anísio Teixeira fosse afastado da diretoria do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos do Ministério da Educação e Cultura, por defender, junto de outros intelectuais, a existência de duas redes de ensino: a pública e a privada, sendo que somente a primeira deveria receber subsídios do Estado. No entender desses educadores era preciso modernizar e democratizar o ensino no sentido de situá-lo como uma oportunidade ao alcance de todos, torná-lo público, obrigatório e laico. Daí o conflito desses intelectuais, muitos deles atrelados às políticas educacionais dos governos JK e Goulart, com integrantes e/ou militantes da Igreja Católica.

O grupo religioso pode contar com Carlos Lacerda, à época deputado federal pela UDN, que passou a destacar o plano como aliado ao pensamento socialista e de um indisfarçável estatismo reacionário. E, por isso mesmo, o político apresentou seu próprio anteprojeto, cujas linhas mestras propunham equiparação do ensino público e privado, deixando ao encargo da família a escolha de um e outro: se de orientação laica ou eclesiástica. Ante as acusações, Teixeira justificou suas atitudes como orientadas dentro dos limites constitucionais e em conformidade com as decisões tomadas pela Organização dos Estados Americanos e a UNESCO, que, sedentas pela erradicação do analfabetismo, viam o acesso aos vários níveis escolares como espécie de privilégio.<sup>110</sup> O extenso debate promovido, bem como formulações de projetos e manifestos não cabem no presente estudo. Contudo, cabe destacar que, dentre os apoiadores das posições de Anísio Teixeira estavam intelectuais que, posteriormente, integrariam os quadros de colaboradores da coleção HGCB, tais como: Florestan Fernandes, João Cruz Costa, Egon Schaden, Fernando Henrique Cardoso, Antonio Candido, Octávio Ianni, Paula Beiguelman, Maria Isaura Pereira Queiroz, dentre outros.

Seja como for, nas críticas à coleção HGCB sobre a falta de discussões acerca da contribuição dos jesuítas na educação colonial, Athaíde e Villaça comungavam do mesmo

---

<sup>109</sup> LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil* (t. IV, V e X). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1943, 1945 e 1950. Coleções Especiais. *Biblioteca Sérgio Buarque de Holanda* (BSBH). Biblioteca Central da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

<sup>110</sup> MAIA, Tatyana de Amaral. A imprensa como arena de ação política: debates e intrigas nas disputas pela educação nacional (1968-1964). *Revista do Mestrado de História* (Universidade Severino Sombra), v. 12, n. 2, p. 73-98, jul./dez. 2010.

argumento, segundo o qual “Mesmo que fosse para mostrar as suas falhas, não poderia de modo algum ser reduzido a um mínimo tão desprezível”,<sup>111</sup> ou então, noutras palavras, “reduzir, sem mais explicações ou promessas de reexame, a seis páginas toda uma História – de catequese, difusão cultural, em que empenhados homens do porte de um Nóbrega, de um Anchieta, de um Vieira?”.<sup>112</sup> À interrogação, convém enfatizar que, verdadeiramente, não parecia ser este o caso. Pois além de reiterar o princípio norteador da coleção como àquele atento ao domínio das especialidades e desenvolvimento de temáticas em espaço reduzido, cabe dizer que Buarque de Holanda não só conhecia, como possuía, por exemplo, diversos volumes dos sermões de Padre Antônio Vieira.<sup>113</sup> Além disso, tinha citado todos esses autores e obras sobre a temática no texto *O pensamento histórico no Brasil nos últimos 50 anos* (localizando, inclusive, que o renascimento dos estudos jesuíticos como resposta aos trezentos anos da morte de Anchieta<sup>114</sup>) e tendo lido igualmente inúmeros tratados teológicos.<sup>115</sup>

Entretanto, Villaça insistia na crítica e, infinitamente mais ousado que Athaíde, chegou a afirmar que se tratava “de uma equipe contrária à Igreja, ou ao fator espiritual” e estranhando a participação de um historiador como Sérgio Buarque de Holanda. O missionário foi um fator da organização nacional”.<sup>116</sup> Ora, se nem mesmo 1822 é visto pela coleção HGCB, em geral, e a seu diretor, em particular, sobretudo no capítulo *A herança colonial – sua desagregação*,<sup>117</sup> como fator da independência e, conseqüentemente, da chamada consciência nacional, posto que os conflitos antecedentes não teriam passado de guerras civis entre portugueses sob o influxo das lutas desencadeadas do outro lado do Atlântico, no Porto, como esperar postura diversa? Ainda insatisfeito, mas desta vez incorrendo, por assim dizer, no erro de referenciar nomes que a concepção e o intento da HGCB visavam superar – ou propositadamente –, Villaça apontou que o próprio Gilberto Freyre, bem como Eduardo Prado e Joaquim Nabuco reconheciam no jesuíta o desempenho de um papel decisivo na formação histórica do Brasil.<sup>118</sup>

A seção *Livros*, do mesmo periódico veiculador das críticas de Antonio Carlos Villaça, tratou a coleção HGCB como nova forma de expor o passado, permissível de um grande

<sup>111</sup> ATHAÍDE, op. cit., 1960a, p. 3.

<sup>112</sup> VILLAÇA, op. cit., 1960, p. 6.

<sup>113</sup> HOLANDA, Francisco Buarque de (Chico). Depoimento (19min. 20s.). In: SANTOS, op. cit., 2003. 1 DVD (148 min).

<sup>114</sup> HOLANDA, op. cit. [1951], 2008, p. 605.

<sup>115</sup> DIAS, op. cit., 2008, p. 317.

<sup>116</sup> VILLAÇA, op. cit., 1960, p. 6.

<sup>117</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *A herança colonial – sua desagregação*. In: \_\_\_\_\_ (org.), op. cit., (v. 1), 1962.

<sup>118</sup> VILLAÇA, op. cit., 1960, p. 6.

vislumbre sobre os processos históricos e atualizada, pois a entendia como inspirada nos preceitos historiográficos modernos e, portanto, não se apegava ao episódico.<sup>119</sup> Além de reforçar o alinhamento com a chamada moderna historiografia, sintomático da busca pela distinção dos modelos de projetos editoriais precedentes e concorrentes, bem como ante o quadro de colaboradores majoritariamente oriundos de instituições de ensino superior, não faltaram ocasiões para que se creditasse confiança no poder de trabalho de Sérgio Buarque e “no grupo de colaboradores [...], todo ele composto de nomes respeitáveis”.<sup>120</sup>

Integrante da primeira e de inúmeras Diretorias que viriam da APUH – mais tarde convertida em Associação Nacional de Professores Universitários de História (ANPUH), devido à incorporação da palavra *Nacional* na sigla da entidade –, que contou também com os docentes doutores Eremildo Luiz Viana, Cecília Westphalen, Alice Piffer Canabrava, Antônio Camilo Faria Alvim, Armando Souto Maior, Jorge Calmon e José Roberto do Amaral Lapa, Sérgio Buarque aparecia várias vezes mencionado nos Anais do primeiro encontro, ocorrido em Marília (SP), em 1961. Isso porque, não só compôs o grupo de dirigentes da entidade, como também presidiu uma mesa-redonda promovida no encontro. Mas o que interessa destacar, para além da presença do coordenador da HGCB no referido documento, são alguns usos e apropriações de que a coleção foi alvo ao longo dos Simpósios, particularmente quando da feitura do projeto e publicação das primeiras edições de seus volumes.

Em sua conferência, Arthur Cezar Ferreira Reis argumentou, de início, que o passado brasileiro não era discutido por meio da ênfase na diversidade local<sup>121</sup> e, tal qual as mencionadas circunstâncias acerca da precedência da Sociologia sobre a História no campo acadêmico dos anos 1950 e 1960, recorreu a Roger Bastide para enfatizar a necessidade de estudos que demarcassem os contrastes por ele entendidos como eminentemente culturais.<sup>122</sup> Mesmo assim, e como se tudo em termos de produção histórica correspondesse à realização das lições deixadas por João Capistrano de Abreu – que ainda era visto, bem ou mal referenciado, mais ou menos celebrado, dependendo do orador, como o maior historiador brasileiro –, Ferreira Reis citou o prefácio que este escreveu em um livro de Frei Vicente do Salvador.<sup>123</sup> Neste constava o registro do franciscano como responsável por redigir histórias

<sup>119</sup> Livros: mercado interno, op. cit., 1960, p. 42.

<sup>120</sup> SILVEIRA, Homero. Opiniões. História Geral da Civilização Brasileira. In: *Folha de S. Paulo* – Ano XXXV, n. 11.075. São Paulo, 29 maio. 1960, p. 4. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/>>. Acesso em: 25 set. 2013.

<sup>121</sup> REIS, Arthur Cezar Ferreira. As regiões brasileiras: formação, peculiaridades e integração no nosso processo histórico. In: *Anais do I Simpósio de Professores de História do Ensino Superior*. Marília, 1961, p. 66-7. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/?tag=s01>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

<sup>122</sup> Idem.

<sup>123</sup> SALVADOR, Vicente do (Frei). *História do Brasil: 1500-1627*. Revisão e prefácio por João Capistrano de

do Brasil e que, ainda no dizer do conferencista, também era o caso de seu antigo preceptor,<sup>124</sup> pois, em sua avaliação, *Capítulos de história colonial*<sup>125</sup> tinha deixado bem viva a ênfase regional.<sup>126</sup>

É preciso dizer que a obra de Capistrano de Abreu pode ser considerada como integrante do movimento pela redescoberta nacional, iniciada em fins do século XIX e que alcançou “até, pelo menos, os anos 1950, despertando o interesse pelo interior do país, com suas vastas regiões e populações desconhecidas”.<sup>127</sup> Além disso, referencial quanto às temáticas do Brasil Colônia, foi apropriado como espécie de elo entre a historiografia oitocentista, presentes no discurso sobre o passado brasileiro das primeiras décadas do século XX, e os trabalhos que a sucederiam na escrita da história pátria do mesmo período.<sup>128</sup>

Efetivamente, várias foram as menções a seu nome nos informes e matérias sobre a coleção HGCB na imprensa, em particular, quando os volumes em apreço se referiam à época colonial. O dispositivo narrativo chegava até a utilizá-lo como forma de inspiração, porque havia o entendimento de que a HGCB fugia “ao esquema dos velhos compêndios, cumprindo as esperanças de Capistrano de Abreu, que dizia: ‘O ideal da história do Brasil seria uma em que o lugar ocupado pelas guerras flamengas e castelhanas passasse aos sucessos estranhos a tais sucessos’”.<sup>129</sup> A citação correspondia a um trecho da carta escrita em 1916 pelo historiador cearense ao confrade de ofício português, João Lúcio de Azevedo, cujo término, suprimido na matéria, rezava: “Talvez nossos netos consigam ver isto”.<sup>130</sup>

Sem negar a precedência, importância e mesmo o modo como João Capistrano de Abreu vinha sendo lido, a urgência nessa questão era igualmente cara ao organizador inicial da HGCB, pois seu balanço sobre o pensamento histórico no Brasil, de 1951, dava a ler o mesmo estado de coisas.<sup>131</sup> Tanto que este aspecto não se ausentou da conferência de Arthur Cezar Ferreira Reis quando proferiu que “Em nossos dias, Sérgio Buarque de Holanda, na ‘História da Civilização Brasileira’, não ignorou o critério regional. Está ali, além do quadro

Abreu. São Paulo: Weizflog Irmãos, 1918.

<sup>124</sup> LOBATO, op. cit., 2009, p. 629.

<sup>125</sup> ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de história colonial*. Rio de Janeiro: M. Orosco, 1907.

<sup>126</sup> REIS, op. cit., 1961, p. 66-7.

<sup>127</sup> GONTIJO, Rebeca. *O velho vaqueano: Capistrano de Abreu, da historiografia ao historiador*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, 2006, p. 50.

<sup>128</sup> VENANCIO, Giselle Martins; SILVA, Ítala Bianca Moraes da. Um tal João, um tal Francisco: disputas intelectuais e monumentalização da produção intelectual de Capistrano de Abreu e Oliveira Vianna nos anos 50. In: PEREIRA, Mateus et. al. (orgs.). *Contribuições à história da historiografia luso-brasileira*. São Paulo: Hucitec / Belo Horizonte: Fapeming, 2013.

<sup>129</sup> Livros: mercado interno, op. cit., 1960, p. 42.

<sup>130</sup> ABREU, João Capistrano de. *Correspondência* (2 v.). 2.ed. Organização e prefácio por José Honório Rodrigues (3 vols.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira / Brasília: MEC, INL, 1977, p. 16.

<sup>131</sup> HOLANDA, op. cit. [1951], 2008.

físico, a natureza em ser, a ocupação do litoral, a ocupação da Amazônia, do extremo sul, do centro-oeste”.<sup>132</sup> Tendo sido impressos só os volumes referentes ao período colonial no momento da fala e onde, aliás, Ferreira Reis foi destacado colaborador,<sup>133</sup> é bem possível que o amazonense estivesse lançando mão do posto de conferencista e das publicações da HGCB para se posicionar como autor referencial.

Diante deste quadro e ao projetar o que ainda viria da coleção, Arthur Cezar utilizou a estratégia discursiva como propulsora da busca por maior proeminência, pois era uma forma sutil de mostrar o quão próximo de Sérgio Buarque e do projeto editorial da Difel ele estava. Assim, Ferreira Reis informou o que se poderia esperar da HGCB no tocante à regionalização dos estudos.<sup>134</sup>

À parte dessas questões e anúncio, nos diversos encontros seguintes, foi possível observar a forma pela qual a HGCB surgia nas discussões. Em intervenção à fala de Antônia Fernanda Wright, da FFCL-USP, por exemplo, a professora Olga Pantaleão, da FFCL de Marília, acrescentou o trabalho de sua autoria na HGCB,<sup>135</sup> como mais um exemplo de exploração dos documentos da obra *Britain and the independence of Latin America*.<sup>136</sup>

Referência contígua a outros estudos sobre o comércio brasileiro no século XVI, a HGCB também figurava no texto *Os projetos de colonização e comércio toscanos no Brasil ao tempo do grão duque Fernando I (1587-1609)*, do próprio Sérgio Buarque,<sup>137</sup> apresentado também no evento. E se, de um lado, Fernando Novais, à época Instrutor da Cadeira de História da Civilização Moderna e História Contemporânea da FFCL-USP, incriminava a coleção, em 1967, de não “indagar o alcance e o significado do fenômeno colonial”<sup>138</sup> – preferindo, a esse respeito, um único trabalho como exceção à regra dentre as histórias gerais, a saber, *Formação do Brasil contemporâneo*, de Caio Prado Jr., porque atentava às questões d’além mar –; de outro lado, no texto em coautoria com Francisco Falcon, da UFF, Novais

<sup>132</sup> REIS, op. cit., 1961, p. 66-7.

<sup>133</sup> \_\_\_\_\_. A ocupação portuguesa do vale amazônico & Os tratados de limites. In: HOLANDA (org.), op. cit., (v. 1), 1960; \_\_\_\_\_. O comércio colonial e as companhias privilegiadas; Inquietações no Nordeste & A inconfidência baiana. In: HOLANDA (org.), op. cit., (v. 2), 1960.

<sup>134</sup> \_\_\_\_\_, op. cit., 1961, p. 66-7.

<sup>135</sup> PANTALEÃO, Olga. A presença inglesa. In: HOLANDA (org.), op. cit., (v. 1), 1962.

<sup>136</sup> WRIGHT, Antônia Fernanda de Almeida. Alguns documentos interessantes referentes à América do Sul e Caribe pertencentes ao acervo do Scottish Record Office. In: *Anais do III Simpósio dos Professores Universitários de História*. Franca, 1965, p. 555-6. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/ANPUH.S03.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

<sup>137</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. Os projetos de colonização e comércio toscanos no Brasil ao tempo do grão duque Fernando I (1587-1609). In: *Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*. Porto Alegre, 1967, p. 157. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/ANPUH.S04.A.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

<sup>138</sup> NOVAIS, Fernando. Colonização e sistema colonial: discussão de conceitos e perspectiva histórica. In: *Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*, op. cit., 1967, p. 231.

não pestanejou em citar a obra, em 1973, para balizar as mesmas teses que defendia, em nota à frase onde constava a época pombalina como “um exemplo dos mais representativos da política de expansão e integração de mercados aplicada ao ultramar”.<sup>139</sup>

Outro tipo de leitura recebida pela coleção apareceu em texto escrito a quatro mãos e apresentado no VI Encontro Nacional, realizado em Goiânia, em 1971, no qual a HGCB era utilizada para conferir sustentação à ideia de que em São Paulo de fins do século XIX e início do XX singularizou-se em virtude do desenvolvimento da economia cafeeira.<sup>140</sup> Uma de suas autoras, Jeanne Berrance de Castro, era ex-orientanda de Sérgio Buarque no doutorado, e também tinha colaborado na coleção<sup>141</sup> e integrava o conjunto de herdeiros intelectuais do organizador do projeto que participaram do empreendimento editorial da Difel, majoritariamente, nos volumes do Tomo II. Ao grupo, pode-se acrescentar, dentre outros nomes da FFCL-USP – ainda que nem sempre orientandos de mestrado ou doutorado oficiais e sem mencionar o próprio Boris Fausto, escolhido para suceder-lhe na direção da HGCB –, os de Teresa Schorer Petrone e Frank Goldman como colaboradores, bem como o de Suely Robles Reis de Queiroz, como auxiliar da última publicação referente ao período monárquico.<sup>142</sup>

Seja como for, ainda no domínio dos Simpósios dos Professores Universitários de História, outra colaboradora da HGCB alocava, em 1975, alguns volumes da coleção dentre a bibliografia básica para os estudos do que chamou de *Formação econômica do Brasil*, na qual também constava a obra homônima de Celso Furtado, além de títulos de Caio Prado Jr. (*Formação do Brasil contemporâneo e História econômica do Brasil*), de Roberto Simonsen (*História econômica do Brasil*), de João Antonil Andreoni (*Cultura e opulência no Brasil*), de João Pandiá Calógenas (*As minas do Brasil e sua legislação*), de Afonso Taunay (*Pequena história do café no Brasil*), de Sérgio Milliet da Costa e Filho (*Roteiro do café e outros*

<sup>139</sup> \_\_\_\_\_; FALCON, Francisco. A extinção da escravatura africana em Portugal no quadro da política econômica pombalina. In: *Anais do VI Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*. Goiânia, 1971, p. 791. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/ANPUH.S06.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

<sup>140</sup> CASTRO, Jeanne Berrance de; SCARANO, Júlia Maria Leonor. A mão-de-obra escrava e estrangeira numa região de economia cafeeira (Uma experiência de pesquisa quantitativa na história rioclarence – 1875-1930). In: *Anais do VI Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*, op. cit., 1971, p. 718.

<sup>141</sup> CASTRO, Jeanne Berrance de. A guarda nacional. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. II). Declínio e queda do Império (v. 4). São Paulo: Difel, 1971.

<sup>142</sup> PETRONE, Teresa Schorer. As áreas de criação de gado. In: HOLANDA (org.), op. cit., (v. 2), 1960; \_\_\_\_\_. Imigração assalariada. In: HOLANDA (org.), op. cit., (v. 3), 1967; \_\_\_\_\_. Imigração. In: FAUSTO, Boris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. III). Sociedade e instituições (v. 2). São Paulo: Difel, 1977; GOLDMAN, Frank. Aspectos das migrações norte-americanas após a guerra civil. In: HOLANDA (org.), op. cit., (v. 3), 1967; & QUEIROZ, Suely Robles Reis de. Cronologia sumária. In: HOLANDA, op. cit., 1972.

*ensaios*) e de Alan Manchester (*British Preeminense in Brazil*).<sup>143</sup> Neste caso, é instigante perceber que, das obras mencionadas, quatro já apareciam no balaço sobre o pensamento histórico de Sérgio Buarque, publicado em 1951 (*Formação do Brasil contemporâneo*, de Prado Jr.; *História econômica do Brasil*, de Simonsen; *As minas do Brasil e sua legislação*, de Calógenas; e *Pequena história do café no Brasil*, de Taunay).<sup>144</sup>

Ademais, fosse para escrever e falar sobre mineração setecentista, distribuição e uso de terras também no século XVIII, trabalho escravo sob o Império, insurreições no XIX, recrutamentos para salvaguarda de fronteiras, problemática da imigração, questão militar ou religiosa, propriedades rurais e sesmarias, núcleos de colonização ou transformações técnicas na agricultura<sup>145</sup> na mesma época, dentre outros assuntos, a verdade é que a coleção HGCB aparecia como referência privilegiada nas pesquisas de muitos acadêmicos que então se apresentavam nos Simpósios da ANPUH. Ora para embasar ou agregar contextualização aos estudos ora para lançar mão de documentos mencionados nos volumes da Difel ou ainda, fator este de maior importância, para mencioná-la como o que havia de mais acertado e inovador na produção historiográfica. Assim, os destaques conferidos ao empreendimento coordenado por Sérgio Buarque de Holanda, em especial, nos Encontros Nacionais ocorridos entre 1961 e 1977 – período no qual se localizou maior incidência de citações à HGCB –, eram notórios e, não raro, a coleção aparecia textualmente ou em notas logo no início dos trabalhos.

---

<sup>143</sup> CANABRAVA, Alice Piffer. Uma perspectiva para a formação econômica do Brasil. In: *Anais do VIII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*. Aracaju, 1975, p. 45. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/ANPUH.S08.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

<sup>144</sup> HOLANDA, op. cit. [1951], 2008.

<sup>145</sup> PALACIN, Luís. Trabalho escravo: produção e produtividade nas minas de Goiás. In: *Anais do VI Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*, op. cit., 1971, p. 434; SANTOS, Corcino Medeiros dos. Distribuição e uso da terra no Rio Grande do Sul no século XIX. In: *Anais do VIII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*, op. cit., 1975, p. 375; \_\_\_\_\_. O trabalho nas frentes pioneiras. In: *Anais do VI Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*, op. cit., 1971, p. 791; MOURA, Sérgio Lobo de; MARZON, Isabel; CAVALCANTI, Zélia. Insurreições liberais: fenômeno urbano? In: *Anais do VII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*. Belo Horizonte, 1973, p. 334. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/ANPUH.S07.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2014; SAIA, Luís. Evolução urbana de São Luís do Paraitinga. In: *Anais do VII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*, op. cit., 1973, p. 450; ROCHA, Aracy Maria; RILLO, Berenice; PERE, Concepción Martin; ARANTES, Eaydes Ramos; SOUZA, Heloisa de; SIAUDZONIS, Hilda Marina; ABRAHÃO, Ida Maria. O jornal “A Província de São Paulo” e a imigração para a província de São Paulo entre 1883 e 1888. In: *Anais do VII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*, op. cit., 1973, p. 997; PERRUCI, Gadiel. Estrutura e conjuntura da economia açucareira no Nordeste do Brasil, 1889-1930. In: *Anais do VIII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*, op. cit., 1975, p. 111; PIAZZA, Walter Fernando. Introdução à história da propriedade rural em Santa Catarina. In: *Anais do VIII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*, op. cit., 1975, p. 629; PICCOLO, Helga. A técnica em núcleos coloniais alemães do Rio Grande do Sul no século XIX. In: *Anais do IX Simpósio Nacional da Associação dos Professores Universitários de História*. Florianópolis, 1977, p. 721; & ALMEIDA, Maria da Glória Santana de. Resistência às transformações técnicas da cultura canavieira (província de Sergipe – 1860/1875). In: *Anais do IX Simpósio Nacional da Associação dos Professores Universitários de História*, op. cit., 1977, p. 774.

Fora do Brasil, e dentro desse mesmo recorte de maiores referências, também se pode encontrar algumas resenhas contemporâneas às publicações da Difel. O professor da Universidade do Texas, Warren Dean, posteriormente colaborador da fase *Faustina*, de saída mencionava em seu texto de 1967 que o projeto editorial não visava se prender em periodizações rígidas ou a quaisquer metodologias. Ao invés disso, assinalava a preferência pela ampliação das possibilidades interpretativas da HGCB por meio da escolha de diferentes contribuintes. Em sua visão, o resultado geral correspondia a um conjunto de estudos superiores aos ensaios históricos, por mais que não escapasse a seus olhos a predominância de colaboradores vinculados à USP.

Ao direcionar sua análise ao segundo volume referente ao Tomo II (*O Brasil Monárquico*), conferiu ênfase aos textos de Sérgio Buarque de Holanda, Fernando Henrique Cardoso e Francisco Iglésias.<sup>146</sup> O elogio recaía sobre os capítulos desses autores sob a justificativa de congregarem análises atentas à conjugação de fatores econômicos e sociais na escrita da História, não se furtando Dean, por outro lado, de tecer críticas às outras seções. Neste sentido, e mesmo que alocasse a coleção dentre as melhores contribuições à História latino-americana, questionou a qualidade dos textos sobre o Maranhão e o Grão-Pará. Estes capítulos, escritos por Arthur Cezar Ferreira Reis,<sup>147</sup> foram caracterizados como “narrativas entorpecidas de detalhes sobre política partidária, com pouco destaque e consideração à dinâmica de forças extra políticas” (tradução livre).<sup>148</sup>

Em 1973 era a vez do acadêmico Robert Mattoon Jr., da Universidade de Michigan, publicar resenha no mesmo periódico, a saber, *The Hispanic American Historical Review*, acerca da falta de equilíbrio no que tangia à coesão, qualidade e objetivos dos textos do quarto volume referente ao período monárquico (*Declínio e queda do Império*). Tal foi sua impressão de leitura que mais compreendia o livro analisado como uma espécie de laboratório: “oportunidade aos aspirantes a historiadores para apresentar novas ideias e estabelecerem uma revisão ou resumo de interpretações precedentes, ao invés de um texto rigidamente controlado ou um balanço acadêmico” (tradução livre).<sup>149</sup> E essa tendência na

---

<sup>146</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. São Paulo. In: \_\_\_\_\_ (org.), op. cit., (v. 2), 1964; CARDOSO, Fernando Henrique. Rio Grande do Sul e Santa Catarina. In: HOLANDA (org.), op. cit., (v. 2), 1964 & IGLÉSIAS, Francisco. Minas Gerais. In: HOLANDA (org.), op. cit., (v. 2), 1964.

<sup>147</sup> REIS, op. cit., (v. 2), 1964.

<sup>148</sup> “are narrations in stupefying detail of political factionalism, with little regard for its dynamics and no consideration at all of nonpolitical forces”. In: DEAN, Warren. História Geral da civilização Brasileira. Vol. II: O Brasil monárquico. Part 2: Dispersão e unidade, by Sérgio Buarque de Holanda. In: *The Hispanic American Historical Review*, Duke University Press, v. 47, n. 2, p. 299-300, may. 1967, p. 300. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2511531>>. Acesso em: 24 fev. 2013.

<sup>149</sup> “The book is more opportunity for aspiring historians to present new ideas and for established figures to revise or summarize previous interpretations than a rigidly controlled exegesis or a balanced college text”. In:

congregação de ilustres desconhecidos junto de nomes consagrados à época da produção da HGCB, estava presente, em particular, a partir do terceiro e quarto volumes, quando já contava com a colaboração de alguns orientandos de Sérgio Buarque de Holanda. Mas foi crescendo na medida em que as publicações avançavam, sobretudo a partir dos estudos republicanos da coleção. E esse dado é importante, pois “ainda hoje, dependendo da coletânea, chamar jovens pesquisadores não é tão comum. E a História da Civilização Brasileira já era um marco para a História do Brasil”.<sup>150</sup>

Igualmente instigante é um texto de 1976, impresso na mesma revista e assinado por Peter Eisenberg, da UNICAMP. Após resenhar os principais pontos do último volume coordenado e só de autoria de Sérgio Buarque, o livro *Do Império à República*, fez a observação de que a obra oferecia uma “uma rica história política dos anos de 1868-89, altamente sugestiva para estudos futuros” (tradução livre).<sup>151</sup> Como não lhe faltasse audácia, Eisenberg defendeu a existência de um paralelo evidente no livro quanto às atitudes dos militares de 1889 e aqueles do golpe de 1964.

A coleção não haveria de escapar às apreciações de Frédéric Mauro, catedrático em História da América Latina da Universidade de Paris X (Nanterre) e ex-aluno de Fernad Braudel.<sup>152</sup> Em sua avaliação, enalteceu a presença de colaboradores como Emília Viotti da Costa – a qual fez questão de mencionar a autoria da obra *Da senzala à colônia* – e também os nomes de João Cruz Costa, Américo Jacobina Lacombe e Francisco Curt Lange no terceiro volume do Tomo II. A julgar pelo uso de termos como “magistral obra do professor Buarque de Holanda”, é de supor que aguardava com júbilo o término do empreendimento. Mauro, aliás, rasgou elogios ao tratamento simultâneo de diversos problemas do período histórico em apreço e chegou mesmo a avaliar positivamente a falta de uma sequência cronológica. Em determinado momento da resenha, mantido o tom valorativo, apontou o coordenador do

MATTOON JR., Robert. História Geral da Civilização Brasileira, Tomo II: O Brasil Monárquico, Vol IV: Declínio e queda do Império, by Myrian Ellis et. al. In: *The Hispanic American Historical Review*, Duke University Press, v. 53, n. 1, p. 144-145, feb. 1973, p. 145. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2512547>>. Acesso em: 24 fev. 2013.

<sup>150</sup> GOMES, Ângela de Castro; GRINBERG, Keyla. Um historiador republicano. Entrevista da Boris Fausto a Angela de Castro Gomes e Keyla Grinberg. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). *Leituras críticas sobre Boris Fausto*. Belo Horizonte: Ed.UFMG / São Paulo: Perseu Abramo, 2008, p. 198.

<sup>151</sup> “Sergio Buarque’s book offers rich political history for the years 1868-89, and is highly suggestive for future studies”. In: EISENBERG, Peter. *Dom Pedro II*, by Harry Bernstein, New York, 1973; História Geral da Civilização Brasileira, Tomo II: O Brasil Monárquico, Vol. V: *Do Império à República*, by Sérgio Buarque de Holanda, São Paulo, 1972. Difusão Europeia do livro. In: *The Hispanic American Historical Review*, Duke University Press, v. 56, n. 1, p. 135-138, feb. 1976, p. 137. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2513743>>. Acesso em: 24 fev. 2013.

<sup>152</sup> Morre em Paris o historiador Frédéric Mauro. In: *Folha de S. Paulo* – Ano 81, n. 26.371. São Paulo, 15 jun. 2001, p. 4. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1506200115.htm>>. Acesso em: 28 jan. 2014.

empreendimento como alguém que “soube fazer uma história total”,<sup>153</sup> revertendo a falta de algumas respostas mais às defasagens no estado da arte das pesquisas sobre o período imperial do que, propriamente, culpa do organizador.

As interessantes pistas de certa recepção internacional da HGCB sugerem toda uma agenda de novas pesquisas a serem feitas sobre a relação entre a historiografia brasileira e estrangeira no período dos anos 1960 em diante, particularmente as redes intelectuais estabelecidas por Sérgio Buarque de Holanda. Suas participações em congressos e atividades de docência no exterior, carecem ainda de um estudo que incorpore, simultaneamente, a correspondência que trocou, as palestras e cursos que ministrou, as leituras e apropriações que fez de determinados textos e autores, bem como as referências que indicava a seus alunos, cuja arrancada inicial pode bem seguir a pista deixada por Frédéric Mauro acerca da História total. Daí em diante, outros horizontes se vislumbram, a exemplo da necessidade de comparação entre a versão brasileira e francesa e, neste caminho, observar em que medida houve trocas intelectuais como a chamada escola dos *Annales* e, em especial, o conceito de civilização então incorporado ao subtítulo do periódico do grupo, mobilizado quando da liderança de Fernand Braudel.

Portanto, cabe salientar, por fim, que no mesmo ano limite de referências mais explícitas às publicações da Difel, entre anúncios publicitários que ofereciam a obra em todas as livrarias e informavam os colaboradores sobre o lançamento do 9º volume da coleção (1977), então na fase sob a coordenação de Boris Fausto, Francisco Iglésias historicizou o empreendimento. Ao diferenciar a versão brasileira da História Geral, escreveu como a HGCB tinha mobilizado uma quantidade maior de colaboradores e o quanto isso custava ao empreendimento em termos de visão de conjunto.<sup>154</sup>

A mesma opinião tinha sido emitida a quase 17 anos antes, quando escreveu em carta à colega Alice Piffer Canabrava sua impressão de leitura, segundo a qual a HGCB ficava aquém da *Histoire générale des civilisations*.<sup>155</sup> Entretanto, o cômputo final de seu comentário, desta vez, público, era de que se mantinha a superioridade da edição estrangeira, embora a

<sup>153</sup> “D’autre part on voit déjà qu’il a su faire une histoire totale. Si parfois pour quelques problèmes nous restons sur notre faim ce n’est pas à lui que nous devons nous en prendre mais à l’état des recherches encore insuffisamment avance”. In: MAURO, Frédéric. Sérgio Buarque de Holanda, História Geral da Civilização Brasileira, Tome II, O Brasil Monárquico, vol. 3, Reações e Transações. In: *Cahiers du Monde Hispanique et Luso-brésilien*, v. 9, n. 1, p. 170-171, Année 1967, p. 171. Disponível em: <<http://www.persee.fr>>. Acesso em: 30 maio. 2013.

<sup>154</sup> IGLÉSIAS, Francisco. Sociedade e instituições na velha república. In: *Jornal do Brasil* – Ano LXXXVII, n. 2. Rio de Janeiro, 10 abr. 1977, p. 115. Hemeroteca da *Biblioteca Nacional* (BN).

<sup>155</sup> Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) USP – *Fundo Alice Piffer Canabrava*, APC-P1, 01, op. cit., 1960.

nacional também tivesse cumprido bem sua função até aquele momento.<sup>156</sup> Mas dizer isso não significava afirmar, por outro lado, que a coleção HGCB obteve aceitação unânime ou, de outro, que não houve mais polêmicas em torno de suas edições.

---

<sup>156</sup> IGLÉSIAS, op. cit., 1977, p. 115.

## Capítulo 4

### **DO IMPÉRIO À REPÚBLICA E O TÉRMINO DA FASE BUARQUEANA: renovação de teses, embates finais, democracia e civilização**

**F**oram incontáveis as polêmicas levantadas com o surgimento da coleção HGCB. Dentre os aspectos da recepção e apropriações do empreendimento editorial da Difel, mínimo e parcialmente já tratados, cumpre assinalar ainda outras leituras e críticas recebidas da intelectualidade, em particular mais ao término do projeto, em torno do período final da coordenação por Sérgio Buarque de Holanda. Fosse por meio de cartas com seu diretor ou no debate público, advindas ou não de colaboradores da HGCB, a verdade é que a coleção inaugurou no país um modelo na escrita da História frente ao predomínio e à hegemonia das composições de autoria única a que as artes de Clio estavam confinadas.

Assim, ciente de que a passagem do tempo impede o acesso às inúmeras contendas fomentadas pela publicação dos volumes da HGCB, convém ao menos tratar daquelas que possuem vestígios preservados. Desse modo, os reclames diziam respeito, respectivamente, ao pouco espaço cedido para o tema da Igreja Católica e à obra jesuítica; sobre a importância da floresta e estado do Amazonas presente no Tomo II; acerca dos acontecimentos do 7 de setembro de 1822 e do 15 de novembro de 1889 como marcos do passado nacional; bem como referente à escrita da História e o trabalho acadêmico digno de *status* científico.

As dificuldades para destrinchar o emaranhado de embates permearam esta pesquisa, e, em particular, este capítulo final. Não só porque se pretende observar quais as origens das apropriações da fase *Buarqueana* para a adoção do modelo editorial que então se implementava, mas, sobretudo, em virtude da tentativa de compreensão das mudanças de interpretações sobre o passado do Brasil propostas no Tomo II.

Logo, as sendas das recomposições dos caminhos trilhados para a defesa da argumentação base da HGCB sob a gerência de Sérgio Buarque, esta pesquisa teve de lidar com certos movimentos retrospectivos nos próprios escritos do autor, de modo a melhor esclarecer certos pontos referentes às ideias de governo democrático e da possibilidade de um mundo civilizado abaixo da linha do Equador.

Além disso, atento ao fato de que a História também é feita de incertezas,<sup>1</sup> pois as ações humanas não se concretizam por intermédio de uma racionalização e objetividade

---

<sup>1</sup> LEVI, Giovanni. Los historiadores, el psicoanálisis y la verdad. *Pasajes*, Valência, n. 10, p. 56-67, invierno 2002-2003. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/23074906>>. Acesso em: 20 out. 2013.

absoluta das coisas que cercam os indivíduos em sociedade, buscou-se ponderar os limites da crença nas fontes disponíveis como passaporte direto às temporalidades pretéritas e ao singelo axioma segundo o qual a documentação que nos chega, é, acima de tudo, parte dos tempos idos e não a História em si. Mais: a salvaguarda das fontes se encontram numa relação de forças que envolve desde os próprios profissionais da área quanto, por assim dizer, o bel-prazer do acaso.

Deste modo, sempre que possível, deu-se preferência às expressões cujos sentidos não remetiam à previsibilidade de atitudes dos intelectuais tratados. Tais tentativas procuraram refletir sobre os olhares lançados às páginas coleção da HGCB de maneira mais prudente, pois não podem ser vistos hoje como constructos conformados de antemão. Logo, por se tratar de um estudo imerso no complexo de forças apreciadas como cultura escrita, que busca vislumbrar disputas, usos e interpretações, é preferível compreender a relação *indivíduo e sociedade* a meio termo e mesmo como uma espécie de tensão. Assim, o entendimento adotado converge para um “paradoxal entrecruzamento de restrições transgredidas e liberdades restringidas”,<sup>2</sup> porque a negligência dessas questões comunga da ingenuidade de supor nossos olhos como detentores de uma força tal que os permita enxergar o passado com os mesmos sentidos de outrora.

#### 4.1 Em defesa de outras independências e o combate à “historiografia varejista”

Passado os reclames em relação ao primeiro volume do Tomo I (*A Época Colonial*), acerca da ínfima quantidade de páginas concedidas à temática religiosa e, em particular, à obra jesuítica na América portuguesa, os seguintes não ficariam incólumes. E embora, infelizmente, não tenham sido encontradas respostas diretas de Sérgio Buarque de Holanda, a julgar pelo fato de que, mesmo com os embates na imprensa e, certamente, firme no propósito da síntese e da especialização na escrita da História pátria para inaugurar um novo modelo de coleção, tanto Laerte Ramos de Carvalho quanto Antonio Candido de Mello e Souza, cujos textos foram criticados na ocasião, novamente reapareceram como colaboradores.<sup>3</sup> E na mesma série de artigos em que polemizou com a HGCB, Tristão de Atháide não deixou de se referir à coleção como detentora de um novo método. Esquemático, destacou sua emergência como indicativa de certa tomada de consciência, pois entendia que a sociedade brasileira

<sup>2</sup> CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artimed, 2001, p. XIII.

<sup>3</sup> CARVALHO, Laerte Ramos de. A educação e seus métodos. In: HOLANDA (org.), op. cit., (v. 1), 1960 & SOUZA, Antonio Candido de Mello e. A literatura durante o Império. In: HOLANDA (org.), op. cit., (v. 3), 1967.

entrava em contato com suas realidades, e seguiu com uma classificação dos estágios da maturidade nacional.

O primeiro seria o da produção individual que mirasse o Brasil em seu conjunto, o segundo corresponderia aquele da feitura de monografias atentas às particularidades regionais ou personagens da História pátria e o terceiro era, justamente, o modo adotado por Afrânio Coutinho e Sérgio Buarque de Holanda, “a exemplo do que há muito tempo já se vinha fazendo tanto na França como nos Estados Unidos”.<sup>4</sup> Ora, sobre a participação e preponderância de franceses e norte-americanos nos processos de instalação e funcionamento das universidades brasileiras, já se disse que, enquanto os primeiros tiveram, por assim dizer, a missão de trazer os ensinamentos, os segundos escolheram os trópicos como objeto de estudos.<sup>5</sup> Quanto ao trabalho de Coutinho, Atháide se referia, decerto, à obra *A literatura no Brasil*,<sup>6</sup> que o professor, crítico e livre docente em Literatura Brasileira pela Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi)<sup>7</sup> então coordenava.

Fazia-se importante ainda a Tristão de Atháide finalizar sua fala com a observação de que o trabalho coletivo, de certa forma, inviabilizava estudos de mesma natureza por uma autoria única e concluía que “Capistrano recusava-se a empreender uma História geral do Brasil enquanto não fosse feita a da Companhia de Jesus. Serafim Leite a empreendeu”.<sup>8</sup> Eis que João Capistrano de Abreu reaparecia, até mesmo para retomar levemente a crítica sobre a importância da questão religiosa no Brasil colonial, tão negligenciada pela coleção HGCB.

Embates pela fé à parte, e embora de natureza diversa às discussões em torno da HGCB então tratadas, a mesma coluna que outrora creditou confiança nas atividades desenvolvidas por Sérgio Buarque e no grupo de colaboradores da coleção, chegou a registrar uma fala de contornos elogiosos e instigadores aos volumes do Tomo I (*A Época Colonial*), devido às ricas informações baseadas em documentos, mas que também poderiam polemizar,<sup>9</sup> a exemplo do significativo debate sobre a Independência do Brasil.

Os principais reclames diziam respeito à focalização e delimitação dos períodos, pois de tão consagradas por festejos, algumas datas figuravam quase como cláusulas pétrias no calendário nacional, como era o caso do 7 de Setembro. Diante do debate, coube ao

<sup>4</sup> ATHAÍDE, Tristão. Grandezas e lacunas. In: *Jornal do Brasil* – Ano LXX, n. 128. Rio de Janeiro, 10 out. 1960b, p. 3. Hemeroteca da *Biblioteca Nacional* (BN).

<sup>5</sup> MASSI, Fernanda. Franceses e norte-americanos nas ciências sociais brasileiras, 1930-1960. In: MICELI (org.), op. cit., 1989, p. 411 e 452.

<sup>6</sup> COUTINHO, Afrânio (org.). *A literatura no Brasil* (6 vols). Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.

<sup>7</sup> Afrânio Coutinho. Biografia – Academia Brasileira de Letras (ABL). Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=41&sid=310>>. Acesso em: 21 jan. 2014.

<sup>8</sup> ATHAÍDE, op. cit., 1960b, p. 3.

<sup>9</sup> SILVEIRA, op. cit., 1960, p. 4.

responsável e detentor da fala mais autorizada da coleção esclarecer que “é mais plausível datar, não de 1822, mas antes de 1808, o começo ou o germe das transformações que tenderão a mudar parcialmente a fisionomia social, econômica e cultural forjada durante o tempo da colônia”.<sup>10</sup> Tal postura foi endossada por grande parte da historiografia posterior à HGCB, que passou a tratar a Independência como resultado de um longo processo de desmantelamento do *Ancien Régime* e cujo balanço quantitativo apontou um crescimento estrondoso na bibliografia geral produzida sobre a temática, entre 1964 e 1980, que triplicou em relação aos números contabilizados no período entre 1930 e 1964.<sup>11</sup> Por si só, estes indícios demonstram a tendência historiográfica das pesquisas sobre o período imperial, a exemplo da própria HGCB que muito contribuiu para a escolha de tais interesses temporais.

Por isso Buarque de Holanda argumentava que lhe parecia legítimo “fazer parecer imediatamente o estudo da História do Brasil Independente da abordagem da ‘fase de transição’, que iria de 1808, o ano da chegada da Corte portuguesa, até 1831, o da abdicação e partida do primeiro imperador, nascida, por sua vez, em Portugal”.<sup>12</sup> Evidentemente, a saída da família real de terras lusitanas deve ser levada em consideração antes pelas características do cenário internacional e não pela data em si, com 1822 figurando como marco de simples acontecimento deliberativo. Deveria ser encarada, isto sim, “muito mais como um acerto de contas incompleto com o passado do que como construtora de alternativas de futuro”.<sup>13</sup>

Daí a insistência e o esforço do diretor da HGCB em propor duas questões centrais ao tema: primeiro buscar compreender o sentido da Independência, separando a ideia de emancipação política do processo de construção da nacionalidade do Estado Imperial, que, para os estudos da coleção, não ficaria assegurado antes de 1848; e, segundo, a proposição de uma cronologia interessada em abarcar os anos situados entre 1808 a 1831, utilizada quase que invariavelmente, até hoje, pela historiografia (1808, chegada da família real; 1821, regresso do rei à Lisboa; 1823, Assembleia Constituinte; 1824, outorga da Carta; 1825, reconhecimento internacional do Império; e 1831, abdicação de D. Pedro I).<sup>14</sup> Desse modo, a fase onde o ano de “1822 figura como um dos pontos culminantes”, concluiu Sérgio Buarque de Holanda em resposta à polêmica sobre a periodização da era colonial da HGCB, seria

---

<sup>10</sup> HOLANDA *apud* ARROYO. Vida literária. A abordagem da história do Brasil. In: *Folha de S. Paulo* – Ano XXXVI, n. 11.107. São Paulo, 6 jul. 1960c, p. 3. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/>>. Acesso em: 25 set. 2013.

<sup>11</sup> MALERBA, Jurandir (org.). *A Independência brasileira: novas dimensões*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

<sup>12</sup> HOLANDA *apud* ARROYO, op. cit., 1960c, p. 3.

<sup>13</sup> COSTA, Wilma Peres. A Independência na historiografia brasileira. In: JANCSÓ, István (org.). *Independência: história e historiografia*. São Paulo: Hucitec / Fapesp, 2005, p. 83.

<sup>14</sup> MALERBA, Jurandir. Para uma história da historiografia da independência. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (RIHGB), Rio de Janeiro, Ano 165, n. 422, p. 59-86, jan./mar. 2004.

“abrangida, por conseguinte, com a Regência, a do Segundo Reinado, finalmente a da República, nos volumes, a partir do terceiro, relativos à era *verdadeiramente nacional* da história do Brasil”.<sup>15</sup>

Decerto tal fala – e não seria ilegítimo supor – da existência de um período a que se poderia chamar realmente de brasileiro, não se consumou, no entender do organizador da coleção, com o 7 de Setembro de 1822. “Contrariando uma tese cara à historiografia tradicional, ele negava também à Monarquia a condição de fiadora principal da unidade territorial”.<sup>16</sup> E aí, talvez, residisse um problema de natureza, por assim dizer, política-histórica, porque a releitura lançada sobre a cronologia da História pátria possuía o caráter de dessacralização de datas comemorativas dentre os festejos do calendário nacional e, de outro lado, Buarque de Holanda visou questionar a produção intelectual precedente sobre o assunto, uma vez que neste caso, recorrentemente insistiu na inexistência da ideia de unidade nacional conjugada a da emancipação política. Em paralelo com estas questões pairava a tentativa de apresentar novidades e de se firmar como inaugurador de novas interpretações sobre o passado brasileiro. Tanto para buscar se sobrepor à imagem de Capistrano de Abreu – tão referenciado como historiador magno do Brasil, sobretudo em se tratando do período colonial –, quanto para tentar balizar o que viria a ser pesquisado e escrito sobre a monarquia instalada nos trópicos.

Aliás, a concentração na temática imperial já era, por si só, uma forma de se diferenciar de Capistrano. O plano, bem ou mal arquitetado, era caro ao diretor do empreendimento editorial da Difel, pois, cabe lembrar que Sérgio Buarque de Holanda foi o responsável pela estruturação do projeto e a escolha dos autores. Neste particular, vale dizer o quão esmerado foi nas escolhas mais ou menos consciente daqueles que se distanciavam das teses de Gilberto Freyre, mesmo diante das recusas iniciais e já nos primeiros convites.

Some-se a isso o fato de que as linhas mestras do designio consistiam em se apegar às temáticas do Império tropical, mas sob datas-chave renovadas para se distinguir dos estudos antecedentes aos da coleção. Pois mesmo no caso do diretor da HGCB o intento figurava-se como desafio – e dos grandes –, porque, até os anos 1960, uma das poucas ocasiões em que se envolvera, efetivamente e de forma sistemática, com assuntos referentes ao período monárquico, foi quando traduziu, prefaciou e fez as notas do livro *Memórias de um colono no Brasil*,<sup>17</sup> de Tomas Davatz, publicado originalmente em 1850. Quase um século depois, por

---

<sup>15</sup> HOLANDA *apud* ARROYO, op. cit., 1960c, p. 3 [grifos meus].

<sup>16</sup> COSTA, op. cit., 2005, p. 84.

<sup>17</sup> DAVATZ, Thomas. *Memórias de um colono no Brasil* (1850). Coleção “Biblioteca Histórica Brasileira”. São

iniciativa da editora Martins, junto à coleção *Biblioteca Histórica Brasileira*, então sob a responsabilidade de Rubens Borba de Moraes, o texto recebeu nova edição com a contribuição de Sérgio Buarque, em 1941.

Assim, na fase *Buarquenana*, a coleção detinha uma dupla ambição: superar a escrita da História precedente e combater outras tantas contemporâneas. Ademais, os próprios títulos dos Tomos visaram demarcar a tese de que se uma “era verdadeiramente nacional da história do Brasil”<sup>18</sup> ainda não estava bem assentada sob o Império, não poderia se localizar em períodos mais remotos. Logo, observa-se que, diferentemente dos Tomos II e III, cujas denominações congregam o termo “Brasil” em sua chamada (*O Brasil Monárquico & O Brasil Republicano*), o primeiro recebeu o simples nome de *A Época Colonial*. Ora, se nem mesmo à chamada Independência de 1822, Buarque de Holanda reputava a ideia de nação brasileira, de modo, inclusive, a negar qualquer sintoma desta na ruptura política supracitada, posto que para o autor “o 7 de setembro vai constituir simples episódio de uma guerra civil de portugueses, iniciada em 1820 com a revolução liberal portuguesa, e onde se vêem envolvidos os brasileiros apenas em sua condição de portugueses de aquém mar”,<sup>19</sup> como esperar a defesa da existência do Brasil como fruto de raízes fincadas na História colonial?

A disputa em jogo almejava colocar a coleção em posição de *locus* privilegiado para dissertar sobre o passado, pois além de propor novas interpretações, e uma nova cronologia para a História do Brasil, sua escrita era realizada com respaldo da USP ante o esforço da HGCB em reunir um grupo de especialistas. Até porque, como em todos os livros, os valores de seus volumes eram “concebidos como capital intelectual operando para sua própria frutificação”.<sup>20</sup> Daí o ato de escolher certas questões em detrimento de outras já exploradas, como pré-requisito para o avanço da historiografia. E o gesto pareceu surtir efeitos, pois a revisão bibliográfica a propósito da questão tem apontado estudos interessados em problematizar a unidade nacional, as periodizações, os levantes das camadas ditas populares, bem como o caráter e sentido dos acontecimentos.<sup>21</sup>

Mais ao término da coordenação do empreendimento – e ainda que a carta não registre data de postagem, é de supor, pelos assuntos tratados e pela existência de seu rascunho, que tenha sido enviada em/ou depois de 25 de setembro de 1972<sup>22</sup> –, surgiu outro debate. Desta

Paulo: Martins, 1941.

<sup>18</sup> HOLANDA *apud* ARROYO, op. cit., 1960c, p. 3.

<sup>19</sup> HOLANDA, op. cit., 1962, p. 13.

<sup>20</sup> JACOB, Christian. Ler para escrever: navegações alexandrinas. In: \_\_\_\_\_; BARATIN, Marc (orgs.). *O poder das bibliotecas*. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ, 2000, p. 73.

<sup>21</sup> MALERBA (org.), op. cit., 2006.

<sup>22</sup> Série: Correspondência. Subsérie: Ativa. 228 – Carta de SBH a Artur César Ferreira Reis respondendo a

vez entre Sérgio Buarque de Holanda e o historiador, já citado, Arthur Cezar Ferreira Reis, cujos capítulos integravam o conjunto das 24 colaborações sem origem institucional da HGCB quando da fase *Buarqueana*. Membro do IHGB (nacional e regional) e que anteriormente havia ocupado o cargo de governador do Amazonas (1964-1967), atuante, à época do envio da missiva, no Programa de Pós-Graduação em História da UFF,<sup>23</sup> Ferreira Reis mantinha um diálogo de longa data com Buarque de Holanda.

Mesmo tomado por este último, invariavelmente, como referência privilegiada quando o assunto referido fosse a Amazônia,<sup>24</sup> até ao ponto de Arthur Cezar Ferreira Reis estreitar logo com dois capítulos na HGCB,<sup>25</sup> em resposta à carta na qual ele se dizia pasmo com a total ausência de referência, por mais reduzida que fosse, à floresta Amazônica, como na questão dos processos migratórios, Buarque de Holanda tratou logo de defender o projeto editorial. Na defesa, elencou os aspectos que, segundo seu ponto de vista, condicionaram a publicação interrogada. Assim, afirmou ser o quinto volume apenas uma síntese da política interna do Império.<sup>26</sup>

Essa justificativa inicial se reportava, particularmente, à queixa direcionada à ausência de menção sobre o interesse que a Amazônia suscitou entre cientistas brasileiros e estrangeiros, de modo que a resposta do organizador foi enfática: o quinto volume (*Do Império à República*) do Tomo II (*O Brasil Monárquico*) referia-se, em especial, às questões domésticas. Mas é curioso notar, por outro lado, que essas críticas vinham, justamente, do segundo maior colaborador da coleção. Afinal de contas, depois do próprio Sérgio Buarque de Holanda, Arthur Cezar Ferreira Reis foi o autor mais assíduo da HGCB, com um total de 10 capítulos, distribuídos nos Tomos I (*A Época Colonial*) e II (*O Brasil Monárquico*).<sup>27</sup>

Igualmente curioso é o fato de que Ferreira Reis, colaborador assíduo da HGCB, tenha sua participação limitada à publicação do segundo volume referente ao período imperial, impresso em 1964. Ou porque ao assumir o governo do estado do Amazonas ficou impedido

comentários feitos aos volumes 6º e 7º da Coleção História Geral. São Paulo, 25 out. 1972. as. Sérgio Buarque de Holanda. 2p. (c/ anot.ms. e borrões, rascunho) Ca 6 P5. Fundo SBH, *Siarq-UNICAMP*.

<sup>23</sup> Teses e dissertações. Disponível em: <[http://www.historia.uff.br/stricto/files/tesesdissert\\_2008-12-15cr.pdf](http://www.historia.uff.br/stricto/files/tesesdissert_2008-12-15cr.pdf)>. Acesso em: 17 jan. 2014.

<sup>24</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. Amazônia I e II (publicados originalmente no Diário de Notícias, respectivamente em 5 e 19 de janeiro de 1941). In: COSTA (org.), op. cit., (v. 1), 2011.

<sup>25</sup> REIS, Arthur Cezar Ferreira. A ocupação portuguesa do vale amazônico & Os trados e limites. In: HOLANDA (org.), op. cit., (v. 1), 1960.

<sup>26</sup> Série: Correspondência. Subsérie: Ativa. 230 – Carta de SBH, a Arthur Cezar Ferreira Reis, respondendo a comentários feitos aos volumes 6º e 7º da Coleção História Geral. s.l.d. s.as. 3p. (c/ anot.ms.) Ca 8 P5. Fundo SBH, *Siarq-UNICAMP*.

<sup>27</sup> REIS, op. cit., 1960; \_\_\_\_\_. O comércio colonial e as companhias privilegiadas; Inquietações no Nordeste & A inconfidência baiana. In: HOLANDA (org.), op. cit., (v. 2), 1960; \_\_\_\_\_. A ocupação de Caiena. In: HOLANDA (org.), op. cit., (v. 1), 1962; \_\_\_\_\_. O Grão-Pará e o Maranhão; Mato Grosso e Goiás; A província do Rio de Janeiro e o município neutro & O Espírito Santo. In: HOLANDA (org.), op. cit., (v. 2), 1964.

de aceitar outros convites que, por ventura, poderia ter recebido – ainda que não tenha interrompido sua produção intelectual no período;<sup>28</sup> ou porque suas ligações com o governo autoritário e, em especial, com o Marechal Castelo Branco, que lhe indicou ao cargo,<sup>29</sup> tornaram sua permanência na coleção algo embaraçoso; ou ainda, por fim – circunstâncias que não se excluem e podem ter pesado conjuntamente –, porque, na condição de herdeiro intelectual de Capistrano de Abreu, sua participação convinha inicialmente, tanto pelo aval junto à *intelligentsia* brasileira quando das dúvidas que pairavam sobre o empreendimento da Difel, mas que não era mais o caso de se manter quando do sucesso da empreitada.

E no que tocava ao que Reis tratou sobre a “omissão total de referência ao ter provocado a Amazônia o ‘movimento migratório nordestino’” e “no campo das relações internacionais, a nossa participação com o monopólio da borracha”, Sérgio Buarque respondeu que o assunto estava nas páginas 248-249 e eram, ao todo, 78 linhas, o que não considerava pouco. Dizia ainda a Ferreira Reis notar o que rezavam tais linhas, sobretudo quando estas registravam o apogeu da borracha como não pertencente ao período do Brasil Império.<sup>30</sup>

Sucedde, porém, que a mão forte de Sérgio Buarque à frente do empreendimento editorial se fazia sentir *pari passu* ao avanço da coleção. De tal modo, inclusive, a alterar metodologias outrora adotadas e elogiadas pelo próprio reclamante atual,<sup>31</sup> que então recebia lições sobre temáticas inerentes à própria História. Assim, diante da crítica de Ferreira Reis acerca da mudança de planos sobre os enfoques regionais, presentes no segundo volume do Tomo II (*O Brasil Monárquico*),<sup>32</sup> o diretor argumentou tanto com justificativas de caráter, eminentemente, históricos, assentadas na questão da centralização política a partir da chegada da Corte no Rio de Janeiro, da Independência e do reforço sobre o aspecto econômico por conta do desenvolvimento da lavoura cafeeira no entorno da capital; quanto com razões de cunho editorial no sentido da economia geral da obra, pois dizia que buscou evitar a extensão demasiada das temáticas relativas ao Império e ao século XIX.

<sup>28</sup> \_\_\_\_\_. *Rotina e dinâmica na vida brasileira*. Série “Alberto Torres” (v. 1). Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1965; \_\_\_\_\_. *A autonomia do Amazonas*. Série “Alberto Torres” (v. 2). Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1965; \_\_\_\_\_. *Tempo e vida na Amazônia*. Série “Alberto Torres” (v. 3). Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1965; \_\_\_\_\_. *A Amazônia e a integridade do Brasil*. Série “Alberto Torres” (v. 4). Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1966; \_\_\_\_\_. *Aspectos da experiência portuguesa na Amazônia*. Série “Alberto Torres” (v. 5). Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1966; \_\_\_\_\_. *Épocas e visões regionais do Brasil*. Série “Alberto Torres” (v. 6). Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1966; & \_\_\_\_\_. *Amazônia e o mundo atual*. Rio de Janeiro: Irmãos de Giorgio, 1967 etc.

<sup>29</sup> Verbete: Arthur Cezar Ferreira Reis. In: ABREU (coord.), op. cit., 2001.

<sup>30</sup> Série: Correspondência. Subsérie: Ativa. 230, op. cit. Ca 8 P5. Fundo SBH, *Siarq-UNICAMP*.

<sup>31</sup> REIS, op. cit., 1961, p. 66-7.

<sup>32</sup> HOLANDA (org.), op. cit., (v. 2), 1964.

Por fim, toda a justificativa de Sérgio Buarque recaiu na possibilidade dos assuntos serem retomados e contemplados no Tomo III (*O Brasil Republicano*). E não se pode negar a validade aos argumentos da missiva, mesmo que marcados pelo desejo de seu remetente em sustentar teses passíveis de alocá-lo em posição de destaque junto aos estudos sobre o referido século.

Por outro lado, é fora de dúvida também, que, inerente à discussão, havia nas entrelinhas, ou mesmo literalmente, a disputa por uma posição referencial no campo – bem mais plenamente constituído no momento da expedição da carta (1972), do que no início das publicações do empreendimento editorial fomentado pela Difel (1960). Por isso, talvez, o desentendimento fez Buarque de Holanda registrar na correspondência que este parecia ser já o resultado de seu descompasso “com a historiografia varejista, que procura retalhar tudo num vasto compendio de eras, com ou sem erros. [...]. Os que v. denunciou ou não são pecados, ou não são mortais, e só agora percebo que me mostrei respondão demais. É verdade que sou muito suspeito”,<sup>33</sup> concluiu em resposta a Ferreira Reis.

É mais do que provável que se o plano da coleção, em geral, e os textos de Sérgio Buarque, em particular, sobretudo sobre o tema da herança colonial, defendiam as teses de que o 7 de Setembro não tivera tanta importância assim quanto parecia à escrita da História de então, outro tanto não se pode dizer a propósito da defesa de outras independências. Logo, é possível verificar muitas resistências em ceder espaço à obra jesuítica e à Igreja Católica dentre os assuntos tratados na HGCB, talvez em preferência aos desejos de ver o Estado brasileiro, definitivamente, laico; combate à recorrente interpretação que via o 7 de Setembro como resultado da conjugação entre emancipação política e construção da nacionalidade, para livrar-se de uma narrativa muitas vezes laudatória do passado brasileiro; tentativa de libertação do jugo senhorial das casas-grandes e senzalas, com o fito de superar o passado colonial no sentido sociocultural e político do termo, mas igualmente pela superação da ênfase concedida ao período, fosse pelo traço de Capistrano de Abreu ou Gilberto Freyre; bem como independência, por fim, mas não menos importante, também dos modelos de coleção vigentes no país, em defesa da escrita da História como fruto de trabalho em equipe, oriundo de pesquisas majoritariamente acadêmicas e feitas no âmbito das especialidades, no enalço daquilo que já era praticado na historiografia estadunidense e francesa.

#### **4.2 Sobre *Fazendeiros do ar*, zelos científicos e imagens literárias**

---

<sup>33</sup> Série: Correspondência. Subsérie: Ativa. 230, op. cit. Ca 8 P5. Fundo SBH, *Siarq-UNICAMP*.

As longas discussões travadas em torno da coleção e seus respectivos embasamentos demonstram os embates no interior da HGCB, fosse entre colaboradores, destes com leitores ou ainda por meio do confronto de teses, tanto precedentes à escrita do empreendimento da Difel quanto com contemporâneas ao projeto editorial. A respeito destas últimas, no momento em que volume assinado somente por Sérgio Buarque de Holanda foi publicado, outras críticas apareceram. Contudo, os reclames espalharam o domínio do foro íntimo e, ainda que mantidas na prática epistolar, passaram também ao debate público ao invadirem as páginas de outros livros e da imprensa.

Segundo indícios documentais, tudo começou em 1972. Na ocasião, muitos trabalhos que refletiam sobre o período Imperial como um todo e, em particular, sobre 1822, foram publicados, em virtude dos festejos do Sesquicentenário da Independência, comemorados naquele ano.

Apesar de já praticados por tradição nas Forças Armadas, cujos integrantes de maior hierarquia ocupavam cargos de mando no país, por meio do autoritarismo que prosseguia então sob o governo do general Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), a data crescia em importância dentre os esforços do regime. Sobretudo por conta do destaque à figura de D. Pedro I, cujos restos mortais foram trasladados de Portugal após uma série de negociações resultante num acordo diplomático luso-brasileiro.<sup>34</sup>

Interessados na busca por mútua legitimação ante a opinião pública de seus respectivos países, com a construção positiva do Imperador como herói, particularmente no caso do Brasil, porque, além de representante supremo da nação no século XIX, foi também homem das armas, simbolicamente a escolha do monarca veio bem a calhar ao autoritarismo vigente. O esquife real com os restos mortais atravessou o Atlântico privado de coração,<sup>35</sup> pois o precioso órgão foi deixado à cidade do Porto, em respeito ao desejo testamentário de D. Pedro I, como forma de agradecimento ao apoio recebido pelos cidadãos na ocasião das batalhas que travou, em 1828, contra seu irmão D. Miguel, usurpador do trono português.<sup>36</sup> Impossível imaginar escolha mais acertada: o regime de Médici elegia um herói sem coração.

Mas a crítica direcionada à parcela da coleção HGCB não se deteve, evidentemente, em questões dessa natureza. Este foi o caso da historiadora Giselda Mota, por meio do

---

<sup>34</sup> ALMEIDA, Adjovanes Thadeu Silva de. *O regime militar em festa: o sesquicentenário da independência do Brasil* (1972). Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2009 & CORDEIRO, Janaína Martins. *Lembrar o passado, festejar o presente: as comemorações do sesquicentenário da independência entre consenso e consentimento* (1972). Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, 2012.

<sup>35</sup> FICO, op. cit., 2004b.

<sup>36</sup> OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. Paixão pelo poder. Dossiê D. Pedro I. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, ano 7, n. 74, p. 18-21, nov. 2011.

balanço historiográfico a propósito da bibliografia existente sobre o tema da Independência, que escreveu junto ao livro *1822: dimensões*, organizado pelo historiador Carlos Guilherme Mota e publicado em 1972.<sup>37</sup> E embora a discussão tenha rumado às outras veredas, estendida que permaneceu nas páginas de periódicos de grande circulação no país,<sup>38</sup> contando com a entrada de outras personalidades da intelectualidade na contenda (situação motivadora da salvaguarda documental da crítica, pois foi reavivada por meio da troca de cartas, reunidas após nova discussão nos anos 1980),<sup>39</sup> a presente análise não se ocupará dos desdobramentos do embate e permanecerá detida nos pontos referentes à coleção HGCB.

Assim, após passar pelos nomes de Francisco Adolfo de Varnhagen, Oliveira Lima, Tobias Monteiro, Caio Prado Jr., Octávio Tarquínio de Souza, Raimundo Faoro, Celso Furtado e Nelson Werneck Sodré, ao adentrar na análise da produção bibliográfica referente aos anos 1960, Giselda Mota direcionou sua crítica à coleção HGCB e, em especial, ao capítulo intitulado *A herança colonial – sua desagregação*, que já tinha sido alvo de apreciações polêmicas. Na avaliação feita até aquele momento, toda a base argumentativa da autora se assentava na ideia da necessidade de precisão terminológica – a exemplo do conceito de classe, pois dizia da urgência em não utilizá-lo indiscriminadamente – e buscava classificar as maneiras pelas quais os trabalhos captavam o processo histórico em apreço, de modo a alocar os estudos como ideológicos, literários e/ou pseudocientíficos.

Tratava-se de um período no qual se podia observar com maior força a entrada de vertentes marxistas na universidade, de modo a não soar estranho essas tentativas de enquadramento da produção historiográfica precedente e, em consequência, tentativa de firma-se como os novos, tal qual a HGCB fizera em relação à produção intelectual anterior a segunda metade do século XX. Sucede ainda que, ao descredenciar algumas produções de forma mais enfática, Giselda Mota lançou mão do uso de aspas em diversos termos, para sugerir dúvidas em torno dos procedimentos de pesquisa adotados, bem como apontar o que entendia por imprecisão das obras e mesmo para pôr em xeque a ideia de uma independência

<sup>37</sup> MOTA, Giselda. Historiografia, bibliografia, documentos. In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). *1822: dimensões*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

<sup>38</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. Sobre uma doença infantil da historiografia. Suplemento literário. In: *O Estado de S. Paulo* – Ano 94, n. 30.134. São Paulo, 26 jun. 1973, p. 1. Acervo Estadão. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/>>. Acesso em: 23 jan. 2014; MOTA, Carlos Guilherme. Fazendeiros do ar. Suplemento literário. In: *O Estado de S. Paulo* – Ano 94, n. 30.194. São Paulo, 2 set. 1973, p. 5. Acervo Estadão. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/>>. Acesso em: 23 jan. 2014; \_\_\_\_\_. A perspectiva do historiador. *Opinião* – Ano V, n. 196. São Paulo, 06 ago. 1976; \_\_\_\_\_. Uma Visão Ideológica – sobre a obra de Sérgio Buarque de Holanda. *O Escritor*, ago./set. São Paulo, 1980 etc.

<sup>39</sup> Série: Correspondência. Subsérie: Passiva. 571 – Carta de Alfredo Bosi a SBH, esclarecendo sobre o exato sentido de uma apreciação sobre o livro “Raízes do Brasil”. São Paulo, 09 dez. 1980. ass. Alfredo Bosi. 3p. (três recortes de jornais e comentários sobre a bibliografia crítica de “1822: dimensões”). Cp 349 P11. Fundo SBH, *Siarq-UNICAMP*.

brasileira. Foi bem este o caso da análise feita sobre o texto de Sérgio Buarque na coleção HGCB, pois ao referenciá-lo, afirmou que sua reflexão contribuiu pouco à temática da Independência, uma vez que, no seu dizer, “Os pontos principais levantados já haviam sido discutidos na historiografia”<sup>40</sup> e, na sequência, informava sobre a “pouca preocupação com a linguagem científica”<sup>41</sup> do capítulo.

Na resposta em texto de título provocador, a saber, *Sobre uma doença infantil da historiografia*, publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* em junho de 1973, Sérgio Buarque tratou logo de manifestar seu incômodo com o manejo “que consiste em omitir simplesmente, ou colocar entre aspas, a palavra independência, como quem acha bom avisar que nossa ‘independência’ não foi bem independência”.<sup>42</sup> Apesar de reconhecer as mutações vocabulares como inerentes ao transcorrer do tempo, parecia-lhe esdrúxula a desconsideração do uso do termo, uma vez que os contemporâneos ao 7 de Setembro de 1822 o empregavam como sinônimo de ruptura política com a Metrópole e no sentido de soberania ante Portugal.

Dirigindo-se pela mesma época a Carlos Guilherme Mota, como quem respondesse ao legítimo interlocutor da contenda – e mesmo sob a justificativa do desconhecimento ou falta de memória sobre quem era Giselda Mota, mas dizendo igualmente que enviava a carta conforme prometido –, Sérgio Buarque escreveu ao organizador do livro *1822: dimensões*. Na missiva, onde desenvolveu uma extensa reflexão de questões gramaticais e sobre a busca da objetividade na escrita da História, tal qual o faria no artigo, o diretor da HGCB não perdeu a oportunidade para dar várias lições a Carlos Guilherme Mota sobre a natureza móvel das palavras: “em 1817, no Brasil, como v. bem sabe, quem se proclamasse ‘patriota’ tornava-se muito provavelmente um candidato à força; hoje, no entanto, quem tenha a ousadia de não se querer patriota corre o risco de ser hospedado pela Operação Bandeirante”.<sup>43</sup>

No momento de publicação do artigo no periódico paulista, mesmo com a inserção de mudanças e melhorias, foram mantidas as linhas mestras da carta, de modo a se reproduzir a crítica em relação às atitudes autoritárias do governo, da seguinte forma: “Em 1817, no Brasil, quem quer que ousasse chamar-se ‘patriota’ seria provavelmente um candidato à força, ao passo que hoje, aquele que se inculque de não patriota corre perigo semelhante, ou pior”.<sup>44</sup> Desafiado na correspondência e também na resposta pública, Carlos Guilherme Mota não deixou de comprar a briga e no mesmo tom. Por isso, em artigo também impresso n’ *O Estado*

<sup>40</sup> MOTA, G, op. cit., 1972, p. 389.

<sup>41</sup> Loc. cit.

<sup>42</sup> HOLANDA, op. cit., 1973, p. 1.

<sup>43</sup> Série: Correspondência. Subsérie: Passiva. 571, op. cit., 09 dez. 1980. Cp 349 P11. Fundo SBH, *Siarq-UNICAMP*.

<sup>44</sup> HOLANDA, op. cit., [1973] (v. 2), 2011, p. 422.

de S. Paulo, alocou Sérgio Buarque ao lado de Paulo Prado e Gilberto Freyre como os *explicadores* do Brasil e não mediu palavras para chamá-los de *Fazendeiros do ar*. Isso porque, dizia Guilherme Mota, eram exemplares do homem oriundo do meio rural para o urbano, onde ele evocava o contato anterior com a terra, a família, a tradição e o povo, como bem lhe proporcionara outrora a grande propriedade. Por isso, considerava essas atividades intelectuais como “a literatura da decadência rural”.<sup>45</sup>

Reclassificada no artigo pela leitura feita por Alfredo Bosi, a referência à obra de Carlos Drummond de Andrade<sup>46</sup> que emprestou título à resposta, servia para enfatizar a ausência de uma teoria de classes nos trabalhos de Prado, Freyre e Buarque de Holanda. Daí a estratégia de juntar os autores como “ideólogos da cultura brasileira” que se permitiam à reflexão, ainda no dizer de Carlos Guilherme, “das ‘classes ínfimas’, ou falar do ‘povo’ com tal nível de generalização que toda a história fica nivelada numa superfície com poucas manifestações de tensão – brota, assim, uma história incruenta, para retomar um dos pontos centrais da crítica de José Honório Rodrigues”.<sup>47</sup>

A isto Sérgio Buarque respondeu, sempre argumentando por intermédio de exemplos históricos, que tais usos ou buscavam adequação aos períodos analisados ou porque, e neste ponto se aproximava da historiografia estrangeira, seus empregos eram facultados na ausência de palavras ou traduções para expressar a ideia de pequena burguesia. Ato contínuo, mas sem citar o nome de Carlos Guilherme Mota – situação lembrada, aliás, anos mais tarde por Alice Piffer Canabrava como sinônimo de sua exemplaridade mesmo em discussões<sup>48</sup> –, Buarque de Holanda mencionou um erro de seu trabalho, onde buscava sustentar a ideia de crise do antigo sistema colonial, por meio da reconstrução do clima de tensões do Brasil setecentista. Sucede que, ao analisar os escritos de Luís dos Santos Vilhena acerca do desenvolvimento do militarismo na Colônia, sobre o qual registrou ser a cidade Baiana das mais frequentadas por “gente policiada”, Mota apontou em nota de seu estudo, com base na situação defensiva da região, que o professor de grego de Salvador de fins do século XVIII e início do XIX “não possuía boa visão do fenômeno”.<sup>49</sup>

Acontece, porém, que na conjuntura do século XVIII, a palavra “policiada” denotava o sentido de refinamento e prendia-se ao grego *polis* tal qual civilização procedia de *civis*.

---

<sup>45</sup> MOTA, op. cit., 1973, p. 5.

<sup>46</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. *Fazendeiro do ar e poesia até agora*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

<sup>47</sup> MOTA, op. cit., 1973, p. 5.

<sup>48</sup> Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) USP – *Fundo Alice Piffer Canabrava*, APC-P2, 11, op. cit., 1982.

<sup>49</sup> MOTA, Carlos Guilherme. *Atitudes de inovação no Brasil – 1789-1801*. Lisboa: Livros Horizonte, 1970, p. 83.

Logo, nada tinha a ver com milícias e Sérgio Buarque não perdeu tempo: “o historiador foi atraído aqui pela própria obsessão de vocabulário preciso, que o impediu de entender a passagem em questão, e é o caso de dizer que, por esse motivo, é ele quem não mostrou ‘possuir boa visão do fenômeno’”.<sup>50</sup> É curioso notar, mesmo depois dessa crítica, a manutenção inalterada das passagens em edições posteriores do livro, mesmo nos que saíram sob título diverso.<sup>51</sup> Defendida como dissertação de mestrado em 1967 sob a orientação do professor Eduardo D’Oliveira França, da FFCL-USP – que também o seria de Fernando Novais,<sup>52</sup> cujas ideias de colapso do antigo sistema colonial Mota defendia quando da análise dos escritos de Vilhena –, é possível supor o debate como animado por certa dose de resquício de embates muito anteriores entre D’Oliveira França e Buarque de Holanda.

A referida oposição dizia respeito ao fato de que enquanto o trabalho *Portugal na época da restauração*, de França, defendia o impulso moderno como motivador dos portugueses que se lançavam aos sete mares na época dos grandes descobrimentos, *Visão do paraíso* propunha a inexistência de um corte substancial entre a Idade Média e o Renascimento para o caso lusitano. O tema, caro aos autores que se arguíram mutuamente em banca por ocasião das defesas das mencionadas teses, respectivamente, para provimento da cátedra de História Moderna e Contemporânea, em 1951, e a de História da Civilização Brasileira, em 1958, já foi objeto parcial de estudos.<sup>53</sup> Contudo, carece de maiores aprofundamentos, pois nem as ponderações de Sérgio Buarque de Holanda a Eduardo D’Oliveira França,<sup>54</sup> nem seus debates e rixas nos Simpósios Nacionais dos Professores Universitários de História receberam atenção.

Seja como for, Guilherme Mota insistiu no artigo que não se tratava de disputa geracional ou outra qualquer, pois seu intento correspondia à procura de um instrumental conceitual para que a noção de *explicadores* do Brasil pudesse ser discutida.<sup>55</sup> Giselda Mota, por sua vez, foi veemente quando afirmou ser o autor de *A herança colonial – sua desagregação* responsável por “especulações imaginárias procurando penetrar no ‘espírito’

---

<sup>50</sup> HOLANDA, op. cit., [1973] (v. 2), 2011, p. 424.

<sup>51</sup> MOTA, Carlos Guilherme. *Ideia de revolução no Brasil (1789-1801)*. Estudo das formas de pensamento. Coleção “História Brasileira” (v. 3). Petrópolis: Vozes, 1979.

<sup>52</sup> *Pós-graduação*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo (USP). Disponível em: <<http://pos.fflch.usp.br/bancodefesas>>. Acesso em: 24 jan. 2014.

<sup>53</sup> NICODEMO, op. cit., 2008.

<sup>54</sup> NOGUEIRA, Emília. Noticiário. *Revista de História*, São Paulo, n. 12, ano III, p. 523-536, out./dez. 1952. CAPH-FFLCH.

<sup>55</sup> MOTA, op. cit., 1973, p. 5.

dos protagonistas” e que utilizava “linguagem rebuscada com imagens literárias e de precisão bastante relativa para que se possa ser considerada científica”.<sup>56</sup>

A essa avaliação reagiu o diretor da HGCB destacando sua surpresa em ver um trabalho que recebera auxílio da FAPESP, como anunciava nota do balanço bibliográfico, ser permeado pela falta de exatidão e rigor. Porque quando da menção ao livro *D. Pedro I e sua época*,<sup>57</sup> Giselda Mota cometeu a imprecisão de não perceber que “este nada podia ter com a independência de um país que, a seu tempo, ainda sonhava ser achado. Em realidade, entre D. Pedro I de Portugal, o da Índia de Castro, e o D. Pedro I do Brasil, o da Domitila de Castro, correram uns quinhentos anos mal contados”.<sup>58</sup> De fato, o problema já tinha sido informado na carta a Carlos Guilherme Mota, mas à época anunciado com certa dose de deboche, pois Sérgio Buarque havia anotado que “Entre os dois Pedros vai uma distância de quase 500 anos, e nada oferecem eles de comum [...]. O engano, porque há engano e mais do que engano neste caso, não favoreceu muitos os zelos cientificistas de G. M.”.<sup>59</sup>

A notoriedade do zelo à estética com que o organizador da coleção HGCB empregava em seus trabalhos não era mais espécie de segredo naquele decênio. Tendo exercido, durante boa parte de sua trajetória intelectual, atividades de crítico literário que contribuiriam em muito para a urdidura de sua extensa rede de sociabilidades, e, conseqüentemente, também na emergência e fixação do cânone, não era de se esperar *modus operandi* diverso. Aliás, havia certo grau de razão na fala de Giselda Mota a propósito da construção de imagens literárias por Sérgio Buarque com o fito de penetrar no espírito das personagens históricas, método este que bem se aproximava de uma narrativa onisciente. Dentre muitos exemplos que poderiam ser mencionados, observa-se isso na caracterização da personalidade de D. Pedro II, quando Buarque de Holanda escreveu no último volume do período monárquico da coleção HGCB, o livro *Do Império à República*, que Sua Majestade pretendia ser o chefe absoluto da coisa pública. De tal modo, que, no dizer do autor, tomava decisões animando ora por uma ora por outra opinião, “ao sabor das circunstâncias, sem se deixar envolver por nenhuma. Mas, se julgar de bom alvitre favorecer a ascensão de alguma corrente, não quer dar a ideia de que o faz deliberadamente. Como homem, terá suas preferências, como rei, não irá proclamá-las”.<sup>60</sup>

Porém, tal constructo também poderia ser visto como sinal da vitalidade da historiografia brasileira, uma vez que, sendo os anos 1970 o período da emergência do debate

<sup>56</sup> MOTA, G, op. cit., 1972, p. 389.

<sup>57</sup> SARMENTO, Morais. *D. Pedro I e sua época*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1924.

<sup>58</sup> HOLANDA, op. cit., [1973] (v. 2), 2011, p. 433.

<sup>59</sup> Série: Correspondência. Subsérie: Passiva. 571, op. cit., 09 dez. 1980. Cp 349 P11. Fundo SBH, *Siarq-UNICAMP*.

<sup>60</sup> HOLANDA, op. cit., 1972, p. 16.

sobre o *linguistic turn*,<sup>61</sup> a questão, salvo engano, parece situada ao término do artigo de Sérgio Buarque, quando este sentenciou que “o bem escrever, no caso, não deve ter um fim em si e não visa apenas a deleitação (sic) estética: História não é gênero literário. Contribui, entretanto, para se esposar e melhor transmitir a complexidade do real”.<sup>62</sup> Ademais, outro aspecto digno de nota é a inferência sobre a disputa editorial que pudesse pesar também na contenda, uma vez o livro *1822: dimensões* foi publicado pela coleção *Debates*, da editora Perspectiva. Nada haveria de instigante neste ponto se esta casa fundada em 1965 não contasse, dentre outros, com a participação de Jacob Guinsburg, que era antigo tradutor da Difel, mas saíra da editora por conta de um desentendimento com Paul Jean Monteil.<sup>63</sup>

### 4.3 A crise monárquica sob o olhar estrangeiro e o general Médiçi prefigurado

Absorto em páginas da História brasileira oitocentista, e, sobretudo, após a aposentadoria da USP, em 1969, o coordenador e maior colaborador da coleção HGCB passava a maior parte de seu tempo no escritório. Abarrotado de livros, revistas e documentação, não faltavam também, no cômodo, espaço para os cigarros, uísque e remédios que Sérgio Buarque de Holanda muitas vezes ingeria para se manter acordado. Entre uma e outra leitura, datilografava em sua máquina de escrever a interpretação e análise sobre o declínio e término do último Império do continente americano no século XIX. Ao intelectual cabia materializar de pronto seu pensamento, para não mais atrasar as impressões do empreendimento editorial da Difel. Assim, quando da escrita do volume final referente à monarquia, as bases de toda a argumentação desenvolvida no livro *Do Império à República* foram lançadas bem no início do texto, quando seu autor se referiu à queda do gabinete do conselheiro Zacarias de Góis e Vasconcelos, em julho de 1868, e à ascensão do Visconde de Itaboraí na pasta ministerial, como fatores sintomáticos da crise abatida sobre o regime.

Desafiado a conferir, desde 1960, na medida do possível, certa unidade ao projeto, o intelectual não pestanejou em referenciar a própria coleção HGCB na primeira das poucas notas que a obra contém. Logo, citou o capítulo de abertura (*Vida política, 1848/1868*) do terceiro volume (*Reações e transações*) do Tomo II (*O Brasil Monárquico*), de autoria de Francisco Iglésias, para justificar a importância conferida à mudança ministerial de 1868,

---

<sup>61</sup> REVEL, Jacques. *História e historiografia: exercícios críticos*. Curitiba: Ed.UFPR, 2010, p. 205.

<sup>62</sup> HOLANDA, op. cit., [1973] (v. 2), 2011, p. 433.

<sup>63</sup> GUINSBURG, op. cit., 2012.

como fim do período áureo e início da ruína imperial.<sup>64</sup> Animado também pelo gosto, já bem assentado na sua escrita da História, de apresentar alguns acontecimentos via relatos de observadores estrangeiros, não hesitou em utilizar tais narrativas, de modo que estes abundam no volume final da coleção (William Scully, Ethan Brow, Richard Burton etc.).

Um deles, aliás, no calor daquelas horas, teria assumido a responsabilidade pela mudança de conselheiros. Tal arroubo se encontrava, precisamente, na fala de James Watson Webb, então general e plenipotenciário dos Estados Unidos, pois em seus registros pessoais e despachos endereçados ao Departamento de Estado Norte-americano afirmava ser a razão do transtorno político. No entendimento de Webb, a crise instalada entre São Cristóvão e a Casa Branca teria iniciado porque militares brasileiros, da campanha do Paraguai, impediram uma embarcação de seguir viagem, até Assunção, a negócios do governo americano. A causa do problema seria, portanto, resultado de sua insistência junto ao gabinete Góis e Vasconcelos, cujo declínio teria deitado água abaixo os entendimentos já acertados para encaminhar o assunto, além de acreditar que o novo governo não seria sensível ao reclame.

Todavia, para Buarque de Holanda, que fez questão de referenciar o fato desta explicação ter escapado, até aquele momento, à sagacidade dos estudiosos e historiadores dedicados ao período em apreço, pois correspondia a uma descoberta de fontes realizada junto ao *National Archives* (Washington), o entrave era explicável pelo contratempo que a embarcação poderia causar às estratégias em curso para a conquista de Humaitá. Na época, esta localidade constituía-se como fortificação decisiva para a vitória da Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai) sobre as forças paraguaias comandadas por Solano López e, por isso, o autor não ignorou nem realçou indevidamente o episódio atrelado ao representante estadunidense. Mas sua menção tinha lá sua razão de ser, pois cumpria a função narrativa de permitir a Buarque de Holanda adentrar num dos pontos centrais de sua tese sobre a deterioração do regime monárquico, uma vez que, ao mencionar o problema diplomático, pôde argumentar o quanto a vontade imperial redundava no desequilíbrio do sistema.

Pois enquanto o conselheiro Góis e Vasconcelos se empenhava em evitar o mal-estar e a ruptura com os Estados Unidos, D. Pedro II não arredava o pé em sustentar Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, à frente do teatro de operações no Prata. Assim, além do fato de que a “estabilidade administrativa, que para muitos constitui a grande virtude do regime monárquico, e é sempre esgrimida pelos seus adeptos contra os princípios republicanos, foi exceção na história do Império”,<sup>65</sup> também a força do Poder Moderador,

---

<sup>64</sup> HOLANDA, op. cit., 1972, p. 7.

<sup>65</sup> Idem, p. 9.

cujas deliberações fluíam, como não poderiam deixar de ser, ao bel-prazer de Sua Majestade, constituía o tendão de Aquiles do regime. Instabilidade, via rotação constante de ministérios, e autocracia, dentre outros mandos, para fazer o revezamento dos partidos no poder, eram as características mais destacadas da fórmula responsável pelo colapso das instituições monárquicas, segundo interpretação da obra *Do Império à República*.

Neste momento do escrito é de se imaginar, inclusive, Buarque de Holanda sentado no escritório a vasculhar trechos de outros textos seus, pois ele não deixou de recorrer ao velho e bom método comparativo entre as Américas. Empregado desde a publicação de *Raízes do Brasil*, onde parametrizou portugueses e espanhóis na colonização dos trópicos (Ladrilheiros e Semeadores, Aventura e Trabalho etc.), mas posteriormente também na edição de *Visão do paraíso*, quando mostrou quão distintas eram as percepções de lusos e castelhanos sobre o mito edênico, a comparação se fazia presente em suas reflexões históricas. Tanto que a propósito dos abalos oriundos das substituições dos governos, seguido das maciças exonerações e retiradas de funcionários públicos de seus postos, escreveu que estes “tinham efeitos comparáveis aos dos motins políticos que pareciam endêmicos nos países de língua espanhola e embaraçavam, além disso, as medidas que não dessem imediato proveito”.<sup>66</sup>

Se havia algo de estável em toda a configuração dos poderes do regime monárquico, Sérgio Buarque argumentou que tal *status* só caberia à figura de D. Pedro II. Por essa razão, coube ao autor de *Do Império à República* tecer análise da personalidade de Sua Alteza, entendido como um monarca que inúmeras “vezes procurou afincadamente chamar a si alguns dos seus maiores detratores, correndo o risco, a que não escapou, de ser tachado de astucioso e corruptor de consciências”.<sup>67</sup> Segundo essa interpretação, a pecha bem servia ao soberano, pois as interferências de Sua Majestade chegavam às raias da minúcia e nem sempre eram estimáveis ao bom andamento dos negócios públicos do Império, como eram os casos da morosidade nas resoluções sobre o Sufrágio e a Abolição. No dizer de Sérgio Buarque, D. Pedro II era obcecado pela leitura de tudo o que dizia respeito à administração do regime, de modo a apegar-se zelosamente a cada vírgula dos despachos ministeriais.

Em meio às comparações tecidas entre os reinos brasileiro, francês e inglês, é possível vislumbrar todo um esforço nas páginas do volume final da coleção HGCB sob a responsabilidade de Sérgio Buarque, em sintetizar a problemática do período e inúmeras sinalizações ao longo do texto sobre as imperfeições do Poder Moderador. Para a sustentação da tese defensora da queda monárquica como fruto das contradições do sistema imperial, este

---

<sup>66</sup> Idem, p. 9.

<sup>67</sup> Idem, p. 18.

era caracterizado como estorvo antiquado frente à necessidade de modernização política, mas largamente utilizado por Sua Majestade. Por isso, este elemento já foi observado como um aspecto responsável pela caracterização de D. Pedro II, como espécie de anti-herói,<sup>68</sup> por Buarque de Holanda.

Bem diferente disso eram os contornos do mesmo monarca, feito pelo jovem Sérgio Buarque em 1920. Na ocasião, em texto publicado na revista *A Cigarra*, o autor dizia que, ao Brasil, D. Pedro II deu o que de mais importante poderia dar, “deu-lhe a liberdade”.<sup>69</sup> O sugestivo nome do artigo, a saber, *Viva o Imperador*, correspondia à exata medida das posições assumidas à época pelo intelectual e que já foi, inclusive, interpretado como postura monarquista.<sup>70</sup> E se, em 1920, Buarque de Holanda defendia D. Pedro II como “um homem de tantas virtudes e que tanto fez pelo seu país” e que “bem merecia dos brasileiros um parêntese nas paixões políticas e uma justa homenagem, cuja realização já vai tardando”.<sup>71</sup> Meio século depois, registrava na caracterização do Imperador como a meticulosa prudência deixava seu aspecto virtuoso quando passava à condição de estorvo.<sup>72</sup>

Acontece que, em 1920, o clima era de aproximação do Centenário da dita Independência do Brasil e havia muita discussão sobre a revogação ou não do decreto republicano que já em dezembro de 1889 redigiu lei para banimento da família real, além de impedir a seus membros qualquer aquisição no país.<sup>73</sup> Porém, em 1972, ante a mesma efeméride, mas no seu aludido Sesquicentenário, outras polêmicas animavam o debate, também diversas eram as contingências, e bem outro era o intelectual, que à época combatia o autoritarismo vigente, como podia, de seu escritório: outros tempos, outras histórias.

Não se quer sugerir com isso qualquer atenção às incoerências da trajetória de Sérgio Buarque. Nem dele, nem de ser humano algum. Afinal de contas, o presente estudo já se referiu ao alinhamento teórico que procura problematizar as vicissitudes biográficas ao invés de buscar coerência na vida humana ou acreditar que todo detalhe seja relevante. No caso em apreço, a distinção de uma e outra fala e suas condições de produção servem para atestar os

---

<sup>68</sup> ASSIS, op. cit., 2010.

<sup>69</sup> Série: Produção Intelectual. Subsérie: Atividades Jornalísticas. 605 – Recorte de artigo de SBH, intitulado “Viva o Imperador”, criticando o decreto-lei que mantinha, na Constituição Brasileira, o banimento da família imperial e conseqüente permanência dos restos mortais de D. Pedro II, fora do país. *A Cigarra*. São Paulo, jun. 1920. 1p. Pi 4 P12. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>70</sup> EUGÊNIO, op. cit., 2008.

<sup>71</sup> Série: Produção Intelectual. Subsérie: Atividades Jornalísticas. 605, op. cit. 1p. Pi 4 P12. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>72</sup> HOLANDA, op. cit., 1972, p. 20.

<sup>73</sup> SCHWARCZ, Lília Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

interditos e aquiescências inerentes às suas feitura. Não por outros motivos, *Do Império à República* foi interpretado como crítica escamoteada ao regime civil-militar.<sup>74</sup>

Outra observação atilada também notou que um dos pontos altos deste volume final da HGCB referente ao período monárquico “é a análise do debate sobre a eleição direta, em que podemos acompanhar mais de perto o pensamento do autor sobre a democracia”;<sup>75</sup> além de se tratar de um trabalho de forte conotação político-sociológica, porque crítico das heranças autoritárias<sup>76</sup> do país.

Assim, mais do que propriamente se interessar pelo conteúdo histórico da obra, importa, em especial, as seguintes condições: identificar quando e por meio de quais caminhos Sérgio Buarque retomou mais insistentemente alguns pontos de sua produção intelectual; discutir também algumas das passagens onde suas posições contrárias ao autoritarismo emergem na narrativa, sob a forma de críticas diretas ou passíveis de paralelo com a contemporaneidade da edição do livro; e observar os fundamentos da argumentação defensora da existência de uma civilização no Brasil, apartada de prolongamentos ultramarinos.

Neste sentido, a despeito dos insucessos iniciais da ingerência das Forças Armadas quando da Guerra do Paraguai (1864-1870), Buarque de Holanda reforçou argumentos que outrora mobilizara para mostrar o quanto a colonização portuguesa, contrariamente à espanhola, era afeita ao prolongamento da costa. Porque não só manifestou o desconhecimento das tropas imperiais quanto ao montante da população inimiga como também escreveu sobre as dúvidas que pairavam sobre os planos ou posições das forças sob o comando de Lopez: “Tudo ali era turvo mistério: assim já sucedera ao tempo das missões dos padres da Companhia, assim continuava a ser sob Francia e seus sucessores”.<sup>77</sup>

Esta ideia de vislumbrar o Paraguai quase como terra incógnita era importante ao coordenador da HGCB, sobretudo para enaltecer o interesse dos estudos promovidos pela coleção pelo interior do Brasil e seus limites territoriais, como espécie de resposta às monografias totalizantes da História pátria. Mas também servia como prolongamento de suas reflexões em *Raízes do Brasil* da sexta edição, impressa em 1971 – aqui utilizada por corresponder à mesma citada pelo autor em *Do Império à República* –, onde se podia ler que “a influência dessa colonização litorânea, que praticavam, de preferência, os portugueses,

---

<sup>74</sup> ASSIS, op. cit., 2010.

<sup>75</sup> GRAHAM, Richard. Dr. Sérgio: a coerência do homem e do historiador. In: EUGÊNIO; MONTEIRO (orgs.), op. cit., 2008, p. 112.

<sup>76</sup> DIAS, op. cit., 1994.

<sup>77</sup> HOLANDA, op. cit., 1972, p. 47.

ainda persiste até os nossos dias. Quando hoje se fala em ‘interior’, pensa-se, como no século XVI, em região escassamente povoada e apenas atingida pela cultura urbana”.<sup>78</sup>

A esses reforços narrativos pertencia o plano de mostrar a colonização lusa como alocada num passado já distante, do período colonial. Este, no dizer da intelectualidade, deveria ser superado para permitir que o Brasil – ou a época *verdadeiramente nacional*, para usar os termos do próprio autor em depoimento à imprensa – se constituísse enquanto nação. Mas ainda sob o Império e, por certo, dando sequência à argumentação de caracterizar o chefe supremo da monarquia com feições despóticas – tamanho usufruto do Poder Moderador –, o volume da coleção registrava que até o momento da guerra “o papel americano do Brasil ainda não fora definido pelos seus homens públicos. Sua emancipação do jugo português foi apenas o prelúdio de um movimento mais amplo que levará a ingressar no concerto americano, onde ocupa ‘uma formosa porção’”.<sup>79</sup>

Ao alocar o país no debate mirado ao concerto das nações do Novo Mundo, o objetivo de Sérgio Buarque parecia tender à demonstração de seu desalinho com os modelos políticos adotados no restante do continente. As muitas contradições das duas décadas finais do Império que arrolou ao longo das páginas da obra, serviram como mote para tecer as críticas. Numa passagem e a despeito de certa *Ficção democrática*, subtítulo de um capítulo de seu volume final na HGCB, Sérgio Buarque escreveu que os malefícios de um governo não o levariam ao fim se contasse com respaldo público e caso não oferecesse alvo para ser contestado. “Outro tanto não ocorre quando a causa dos maus governos e dos abusos de poder é identificável num personagem de carne e osso, que tudo comanda e tudo pode”.<sup>80</sup> Ora, não parece tal crítica a D. Pedro II uma espécie de prefiguração do general Emílio Médici?

Este momento do livro é importante, uma vez que remete ao entendimento do autor sobre democracia. A temática já havia aparecido em inúmeras ocasiões de sua produção acadêmica, como é possível notar em sua frase: “A democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido”.<sup>81</sup> Além dessa assertiva, podem ser citados os artigos oriundos de sua participação nas pesquisas fomentadas pela UNESCO no final dos anos 1940 e início da década seguinte, já referenciados, nos quais Sérgio Buarque defendia “o igual acesso aos benefícios da civilização e a livre participação nas funções públicas”.<sup>82</sup>

<sup>78</sup> \_\_\_\_\_. *Raízes do Brasil*. 6.ed. Coleção “Documentos Brasileiros” (v. 1). Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

<sup>79</sup> \_\_\_\_\_. op. cit., 1972, p. 51.

<sup>80</sup> Idem, p. 73.

<sup>81</sup> HOLANDA, op. cit., 1971, p. 119.

<sup>82</sup> \_\_\_\_\_. [1949], op. cit., (v. 1), 2011.

A mesma postura apareceu na HGCB, em especial quando escreveu que no Império a democracia não passava de “aparência vã”, pois não existia uma expressiva “camada social intermediária entre os grandes senhores e a parte ínfima da população livre, que pudesse fazer as vezes de classe média e que, pela sua naturalidade, fosse apta a bem exprimir o sentimento nacional de um povo que pretendia livrar-se da tutela externa”.<sup>83</sup>

Frente à defesa de uma libertação do que se entendia por influência d’além-mar na formação do Brasil, é possível traçar um paralelo entre a ideia de democracia assentada no pensamento de Sérgio Buarque dado a ler nos trechos dos textos citados e a constituição efetiva de uma civilização nos trópicos.

Surgida embrionariamente na França do século XIII por meio do vocábulo *civil* e, mais tarde, no XIV, como *civilidade*, o termo *civilizar* apareceu somente no século XVI no sentido de “tornar civis e brandos os costumes e as maneiras dos indivíduos. [Bem como] Em jurisprudência: tornar civil uma causa criminal”,<sup>84</sup> acepção que sobreviveu até, aproximadamente, o período setecentista.

Talvez por essa razão que Buarque de Holanda tenha atentado ao erro de Mota quando do entendimento da expressão “gente policiada” como sinônimo de militarização ao invés de civilidade. Informado, por certo, pelo mesmo debate, anos antes, quando do referido diálogo entre Buarque de Holanda e Afonso Arinos, este último havia optado, na obra *Conceito de civilização brasileira*, de 1936, pela discussão filológica para tratar do certame entre *cultura* e *civilização* e assim se afastar das noções franco-inglesas posto que direcionadas aos sentidos de hábitos cortesês e refinamento.<sup>85</sup> Deve-se considerar ainda que, além dos pensadores do século XVIII (Gibbon, Montesquieu etc.), praticamente toda a literatura clássica lançava mão desses vocábulos para hierarquizar a humanidade,<sup>86</sup> particularmente, diante dos processos colonizadores e da intensificação dos embates no Novo Mundo, que o período registra.

Logo, na ocasião, Arinos não via com bons olhos a herança dos negros e indígenas na formação da civilização brasileira, por entender que tal legado afastou o Brasil dos valores do Antigo Regime, onde localizava o nascedouro das civilizações exemplares, tecendo elogio, no enalço de Freyre, à colonização lusa. Daí a oposição ao pensamento de Sérgio Buarque que, ao contrário dessa postura, em *Raízes do Brasil* via a colonização portuguesa como entrave à modernização do país, tal qual reforçaria na HGCB e, em particular, no volume *Do Império à República*, anexando ao conceito de civilização, a ideia do firmamento de um sistema político

<sup>83</sup> \_\_\_\_\_, op. cit., 1972, p. 80.

<sup>84</sup> STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 11.

<sup>85</sup> SERPA, op. cit., 2010.

<sup>86</sup> REVEL, op. cit., 2009.

democrático como forma de livrar o povo da *tutela externa* – para usar sua expressão. Ademais, como já tinha anunciado nos artigos divulgadores das reuniões da ONU sobre essa forma de governo, observou que somente por meio da democracia seria possível o acesso aos benefícios da civilização, cuja existência parecia mesmo estimular os ânimos no limiar da segunda metade do século XX. Afinal de contas, no caso do Brasil, acreditava-se, inclusive, na chegada de um momento áureo, do nascedouro de uma civilização renovada, tanto por meio da combinação do progresso material e de ideias de tolerância,<sup>87</sup> quanto por se tratar do término da Segunda Guerra Mundial e do Estado Novo.

Evidente que pensamento algum é estanque. Por isso, somente uma análise comparativa das diversas edições por que passou a obra *Raízes do Brasil* permitiria uma apuração mais acertada sobre as mudanças infligidas à questão democrática. Do contrário, e sem a menção deste problema se estaria, de um lado, padecendo do mesmo mal presente nas pesquisas que tomam o texto inadvertidamente, como se todas as versões correspondessem ao impresso de 1936; e, de outro, se comungaria com os investimentos de memória que insistentemente buscaram apagar a participação deste intelectual no governo Vargas antes de se colocar como opositor convicto, sobretudo, quando das homenagens póstumas recebidas e, posteriormente, na salvaguarda de seu acervo e Biblioteca particulares. E não é este o caso. Pois se aqui não se configura ainda o espaço para a realização do estudo atento à instabilidade do escrito, então na sexta edição em 1971, ao menos se utiliza esta, por representar, simultaneamente, aquela que mais se aproxima do término da fase *Buarqueana* e que corresponder exatamente ao momento da publicação do volume *Do Império à República*.

Feita estas ressalvas, convém retornar à formação da civilização tropical. Assim, com a maior proximidade ao sentido moderno do conceito, que passou por metamorfoses, sobretudo, após o movimento revolucionário da queda da Bastilha e derramamento de sangue aristocrático, o vocábulo civilização passou a ser, num só tempo, manifestado como sinônimo de elogio à religiosidade, vista como um de seus valores e motor principais, e, pouco mais tarde, no sentido laico de razão emancipada.

Quem sabe não foi, justamente, a adoção dos significados em disputa do período pós-revolucionário que levou Tristão de Athaíde e Antonio Carlos Villaça a se oporem ao reduzido espaço concedido no plano da coleção HGCB à obra jesuítica na América portuguesa? No caso desses autores, não é difícil vislumbrar certa leitura de civilização *a la Benjamin Constant* (1767-1830), pois nos embates pelo sentido da palavra, este pensador

---

<sup>87</sup> NOVAIS; MELLO, op. cit., 1998.

franco-suíço não se absteve em criticar o sentido laico “a fim de salvar, na longuíssima duração, o princípio da civilização como *valor* associado às epifanias do sentimento religioso”.<sup>88</sup>

Seja como for, nos estudos posteriores, as publicações de Afonso Arinos dos anos 1940 e 1950, iniciam uma valorização dos papéis de negros e indígenas na emergência de uma civilização brasileira autônoma. Em *Desenvolvimento da civilização material no Brasil* (1944), por exemplo, aglutinou tal ideia aportada no entendimento de que esta era composta também pelas manifestações materiais da História do Brasil, como eram os casos dos azulejos e habitações de nativos.<sup>89</sup> Neste ponto, cabe inferir que o conceito mobilizado de civilização já era tributário daquele mais vivamente consolidado no século XIX, quando desapareceu a acepção jurídica do termo e atrelada à ideia de progresso, sobretudo por considerar questões materiais.

E é justamente a propósito do período colonial que Sérgio Buarque de Holanda desenvolve uma reflexão, presente tanto em *Caminhos e fronteiras* quanto em *Visão do paraíso*, apegada a um entendimento de cultura no qual o sertão é o ponto do encontro entre as tradições do Velho e do Novo Mundo<sup>90</sup> e onde, inclusive, é forjada a mestiçagem posteriormente responsabilizada pela composição da civilização brasileira.

Dentre outras questões o que se defende aqui é a ideia segundo a qual parte dessa argumentação serviu de mote para o planejamento de estudos das diversas regiões do país, uma espécie de interiorização da História pátria, levada a cabo por Sérgio Buarque quando esteve à frente do projeto editorial da HGCB e tal qual o faria posteriormente sua ex-orientanda de mestrado, Maria Odila Leite da Silva Dias, com estudos sobre a interiorização das dinâmicas do Império Português nas extensões ultramarinas e a existência de uma elite luso-brasileira somente em fins do século XVIII.<sup>91</sup> Além do mais, tal desígnio postou-se como providencial, uma vez que, cumpria o plano de renovar a historiografia debruçada sobre o tempo a que era preciso superar – o passado colonial – e mesmo em consideração ao fato de que, no entender do diretor da coleção, a política lusitana anterior a esse período pouco fez para deixar de margear a costa brasileira. Logo, seu conceito de civilização sedimentado a partir do final dos anos 1950, quando publicou pela primeira vez *Caminhos e fronteiras* e

---

<sup>88</sup> STAROBINSKI, op. cit., 2001, p. 43.

<sup>89</sup> TEIXEIRA, op. cit., 2009.

<sup>90</sup> DUTRA, Eliana de Freitas. La construction du Brésil métis chez l'historien Sérgio Buarque de Holanda. In: GRUZINSKI, Serge (Org.). *L'expérience métisse*. Actes de colloque, 2004. Disponível em: <<http://www.quaibrantly.fr/uploads/media/experiencemetisse.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

<sup>91</sup> DIAS, Maria Odila Leite da Silva. A interiorização da metrópole (1808-1853). In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). *1822: dimensões*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

*Visão do paraíso*, e só fortalecido nos decênios seguintes, com a HGCB, vinculou-se ao entendimento da conjugação mais moderna deste com o termo *cultura*, mesmo que subentendida a concepção de que “as civilizações opõem-se umas às outras como organismos, em relações que são alternadamente as da vizinhança, da concorrência e do conflito”.<sup>92</sup>

Na realidade, seu intento foi antes o de questionar a rigidez classificatória dos vocábulos e se opor às divisões entre natureza e cultura, tal qual entre civilização e barbárie<sup>93</sup> na análise do passado brasileiro. Assim, sua visão de fronteira, por exemplo, fitava-a como lugar de troca, interação.<sup>94</sup> Jamais divisão estanque. Portanto, se nos anos 1950 o sertão era visto como o espaço para a síntese por excelência, mas não definitiva, do encontro cultural entre os gentios da terra com o europeu, de modo a formar uma espécie de entre-lugar, na década de 1960 e 1970, com a HGCB, todo o interior do país era mobilizado como instância meritória de estudos, por constituir a civilização brasileira.

#### **4.4 Uma herança aristocrática e o retorno ao cômodo imortalizador**

Fundamentalmente, foi arquitetada em *Do Império à República* a argumentação de que, para livrar-se da tutela externa, era preciso superar a herança colonial. Esta, no entender de Sérgio Buarque de Holanda, mantinha-se, sobretudo, por meio da vigência do regime monárquico, mas, particularmente, dos mandos e desmandos de Sua Majestade, o Imperador D. Pedro II, e o largo uso do Poder Moderador, chave de todo o governo. Por isso, deixando transparecer parte de seu pensamento político, em certa altura do texto, chegou mesmo a questionar: “Como entender, com efeito, um sistema representativo digno desse nome onde faltava o elemento que em toda parte vinha constituindo o nervo das democracias?”.<sup>95</sup>

Neste sentido, e bem inclinado ao desejo de também ver superada a tradição historiográfica precedente, teve oportunidade para complementar uma fala de João Capistrano de Abreu. Este havia *tentado explicar* – as palavras são de Sérgio Buarque – os entraves no equilíbrio de forças em São Cristóvão, causados pela Guerra do Paraguai. Assim, à citação de Capistrano de Abreu, onde o conflito armado aparecia como oriundo de uma “situação liberal: cumpria obter a cumplicidade conservadora”,<sup>96</sup> Buarque de Holanda completou que esta já havia se processado parcialmente. Tanto com a investidura e manutenção de Caxias como

---

<sup>92</sup> STAROBINSKI, op. cit., 2001, p. 49.

<sup>93</sup> DUTRA, op. cit., 2002.

<sup>94</sup> \_\_\_\_\_, op. cit., 2004.

<sup>95</sup> HOLANDA, op. cit., 1972, p. 80.

<sup>96</sup> ABREU *apud* HOLANDA, op. cit., 1972, p. 111.

chefe das forças imperiais quanto ante a queda do gabinete Zacarias de Góis e Vasconcelos. Afora essas questões, a posse do Visconde de Itaboraí na pasta ministerial, em 1868, não excluía, no dizer de Sérgio Buarque, “as razões que terão contribuído mais decisivamente para a mudança. Ou seja, a necessidade de maior harmonia entre o governo e o general e a ascensão de um ministério capaz de pôr ordem no caos financeiro em que, por efeito da guerra, mergulhara o país”.<sup>97</sup>

Ao levantar esse ponto, o diretor da HGCB o fazia para dar lugar a outros aspectos que contribuiriam para o término do regime monárquico. Portanto, além da crise política e da instabilidade administrativa, que só na década final do Império contou com dez governos, Sérgio Buarque alocava, com igual importância, o descontrole das contas públicas, mormente com os esforços de guerra, o descompasso do câmbio, a doença de D. Pedro II, a corrupção e, sobretudo, é claro, os acontecimentos e processos que, desde meados do século, foram minando um dos pilares centrais do Império: a escravidão. O regime de mão-de-obra forçada, aliás, parecia receber os contornos do elemento de que tanto reclamava para a emergência da democracia e, em consequência, da civilização realmente brasileira. A tal ponto que afirmou: “Quem queira avaliar o apoio que mereceram as reformas do gabinete Rio Branco lendo os jornais da época, concluirá facilmente que quase todas, e particularmente a questão do elemento servil, se haviam transformado verdadeiramente em causas nacionais”.<sup>98</sup>

Também a passagem da obra onde dissertou sobre os debates acerca do sistema eleitoral do século XIX, se direto ou não, se com participação dos analfabetos ou não, se com censo de renda mínima comprovada ou não, são demonstrativos desta tendência. Por isso, Sérgio Buarque chegou a assumir a postura de certos homens públicos do Império, pois dentre eles havia em alguns o repúdio à reforma eleitoral devido a exclusão das mulheres, dos que não sabiam ler e escrever, bem como por conta da instituição de um censo pecuniário, situação que reduzia o eleitorado a menos de 1,5% da população e que a Primeira República, enfatizou o autor, não veria substancialmente sanada.

O exemplo mais significativo deu-se quando tomou para si os pontos de vista de José Bonifácio, pois este atacou, ferrenhamente, o projeto de reforma eleitoral excludente. Não por outros motivos, o método de escrita da História de Buarque de Holanda, bem característico, em particular, no caso do texto que ora se analisa, consistiu-se primeiro em retomar o discurso do orador em apreço, pois dentre outros exemplos da argumentação de Bonifácio, havia a observação de que “quando ainda há pouco, entre nós, a Guerra do Paraguai precisava de

---

<sup>97</sup> HOLANDA, op. cit., 1972, p. 111.

<sup>98</sup> Idem, p. 141.

milhares de soldados para sustentar a honra nacional e a dignidade da pátria, não foi às tábuas do censo que pediste as levas do sacrifício!”.<sup>99</sup> Assim, ao concluir sua reflexão após expor todos os pontos de vista sobre o projeto, é possível ver certa incorporação do discurso da fonte como forma de assumir postura democrática, pois Sérgio Buarque, se posicionou da seguinte maneira: “A proposta em discussão, o que procurava era liquidar as massas ativas, forjando em seu lugar uma atividade toda especial: a nação desaparecia diante do privilégio”.<sup>100</sup>

Logo, é provável supor que tais escritos tenham servido, em parte, para justificar algumas ações públicas do intelectual nos anos posteriores à publicação. Pode-se mesmo inferir que estes escritos nos permitem melhor compreender o apoio que Sérgio Buarque concedeu à emergência do PT no cenário político do país, pois a legenda não havia sido forjada por forças atuantes no Congresso Nacional, não possuía ligações explícitas com as esquerdas derrotadas em 1964 e, sobretudo, porque vinha das movimentações de trabalhadores, em particular oriundos das greves do ABC paulista e cuja identificação enquanto classe se fortalecia cada vez mais. Sua *Carta de Princípios*, lançada na simbólica data de 1º de maio de 1980, dizia se tratar de um partido para a emancipação dos trabalhadores pelos trabalhadores, pois estes sabiam que a democracia era fruto de participação organizada e consciente e, por isso, como classe explorada, jamais deveriam esperar pela atuação das elites a resolução de suas demandas sociais.<sup>101</sup> Assim, de maneira mais explícita ao seu tempo, o diretor da HGCB afirmou que “muitas das críticas então feitas à criação de um sufrágio de *élite* ainda não perderam atualidade nos dias de hoje”.<sup>102</sup>

Estrategicamente utilizadas na narrativa sobre o passado, esses são alguns exemplos de manifestações críticas de Sérgio Buarque de Holanda ao governo autoritário que se mantinham no momento da publicação. Mas lhe cabia ainda levantar outras teses em *Do Império à República*.

Neste sentido, tão logo o texto se encaminhava para o final, o diretor da coleção HGCB tratou de esquadrihar o surgimento das ideias republicanas no país e seu fortalecimento. No seu dizer este se deu após o manifesto de 1870, em meio ao surgimento de inúmeros periódicos, como a historiografia posterior à obra constatou, uma vez que, após a data, passou-se de 21 jornais aumentou para cerca de 88, e, ao término da década de 1880,

---

<sup>99</sup> Idem, p. 205.

<sup>100</sup> Idem, p. 207.

<sup>101</sup> DULCI, Luiz; SORIANO, Joaquim (orgs.). *O PT faz história* (Caderno de formação). 2.ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 12.

<sup>102</sup> HOLANDA, op. cit., 1972, p. 227.

houve a inauguração daquele que, mais tarde, se transformaria n’*O Estado de S. Paulo*.<sup>103</sup> Aliás, a propósito das províncias do Império, Buarque de Holanda escreveu que “era, efetivamente, São Paulo aquela onde o republicanismo vinha mostrando, não só maior pujança numérica, mas também maior capacidade de organizar-se”,<sup>104</sup> seguida do Rio de Janeiro – cidade e província –, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

Já nos casos de Pernambuco e Bahia, por exemplo, esta última na condição de antiga sede administrativa da Colônia e, durante o Império, majoritária na composição dos ministérios, a situação era bem outra. E a argumentação de Sérgio Buarque, ainda que embasada por fontes, não poderia ser diversa para o sustento da tese sobre a herança colonial como entrave: a resistência aos ideais republicanos observadas nestas províncias lhes convinha, pois detinham prestígio político junto à Coroa e, sobretudo, porque conseguiam fortemente manter os laços com Portugal. Afinal, era comum os homens do Império estudavam direito em Coimbra e, dentre estes, a maior parcela dos que atravessam o Atlântico para este fim saíam dessas terras.

Mas não só do elemento político se alimentava esta tese de Sérgio Buarque. Também o aspecto econômico entraria em cena, pois o desenvolvimento da lavoura paulista adentrou no texto como sinônimo de superação do passado colonial, posto que movimentada mais pela mão do trabalhador livre, mormente por imigrantes, tal qual Buarque de Holanda já havia escrito no prefácio ao livro de Davatz. Por isso, São Paulo assumia a posição de destaque nos capítulos finais da obra *Do Império à República*, no sentido de ser a vanguarda de uma economia não tributária da escravidão, da qual o Império se desvencilhava vagarosa, insatisfatoriamente e às duras penas.

Mesmo assim, na narrativa de Buarque de Holanda, o 15 de Novembro não figuraria como data histórica digna de apreço tão zeloso ou meritória de fixação no calendário das celebrações nacionais. Após tratar das Forças Armadas, argumentando que, comparativamente à Marinha, o Exército era uma instituição mais democrática – no sentido de que em suas fileiras estavam presentes gente humilde, cujo acesso fora facilitado, sobretudo, quando da campanha no Paraguai e que, às vezes, eram a sua única forma de subsistência –, demonstra o quanto as ideias republicanas não eram consenso entre os homens das armas. Assim, a respeito da movimentação para a derrubada do regime, com Deodoro da Fonseca à testa da questão militar, cujo reclame sublinhava o desprestígio das Forças

---

<sup>103</sup> MOURA, Márcia de Santana. *O 15 de novembro em três tempos: 1889, 1849, 1989* (Especialização em História). Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, 2011.

<sup>104</sup> HOLANDA, op. cit., 1972, p. 265.

terrestres junto às deliberações da monarquia, particularmente em termos políticos, muitos homens que numa primeira hora apareciam como republicanos convictos, não o seriam quando do desenrolar dos acontecimentos. E, ao citar vários casos, Sérgio Buarque foi mostrando como muitos dos sublevados, um a um, discordaram da maneira como o plano da subversão da ordem imperial foi posto em marcha.

Como não poderia deixar de ser e mesmo para deixar mais claro seu ponto de vista, a abertura do capítulo final alertava sobre o engano de se imaginar a facilidade de acesso do homem simples como sinônimo de abertura aos reclames do povo, quando da queda do regime. Neste momento do texto expressou que “o poder político, exige, pela sua complexidade, virtudes que podem não ser incompatíveis com o tirocínio castrense, mas que esse tirocínio, por si só não assegura”.<sup>105</sup> Ora, ao utilizar o tempo verbal no presente, o diretor da HGCB encaminhava o término de sua participação no empreendimento editorial no sentido de críticas passíveis de serem identificadas como certo combate ao regime autoritário vigente no momento da publicação da obra. Afinal de contas, embora empregasse largamente a conjugação, no caso citado, a sentença comporta um grau de generalidade que a torna aplicável a várias ocasiões.

A questão de fundo, na visão do autor, era que, mesmo tendo Quintino Bocaiúva, Francisco Glicério, Aristides Lôbo e Rui Barbosa se encontrado para confabular em 11 de novembro na casa do Marechal Deodoro, este se manteve indeciso, até o último instante. Defendeu ainda Buarque de Holanda que, apesar de Deodoro se dirigir ao batalhão para liderar as tropas subvertidas na manhã da precipitação dos acontecimentos, em 15 de Novembro de 1889, “tudo indicava que o movia uma decisão imperativa”,<sup>106</sup> em especial, pelo apreço dedicado a D. Pedro II, amigo pessoal a que devia favores. Ademais, o militar também reconhecia o avanço da idade de Sua Alteza como um problema à continuidade do regime monárquico, pois seria preciso inaugurar um terceiro reinado com a Princesa Isabel e o Conde d’Eu, que não agradava muitos homens do Império.

“Nesse momento, nem ao deixar o portão do quartel-general, estava certo, Deodoro de que as oligarquias monárquicas pertenciam ao passado, e ai começar o tempo da oligarquia republicana”.<sup>107</sup> Com esse desfecho, sem fixar data de término efetivo do regime monárquico, uma vez que o próprio Marechal deixava a caserna imerso em dúvidas, e ao aludir certa continuidade de uma política aristocratizante devido ao início de outra oligarquia, o diretor da

---

<sup>105</sup> Idem, p. 348.

<sup>106</sup> Idem, p. 360.

<sup>107</sup> Idem, p. 360.

coleção HGCB deixava subentendida a tese da *República não-proclamada*, como ele tornaria explicitamente pública numa série de três artigos lançados pouco antes de morrer.<sup>108</sup> Tudo com base naquilo que o volume final da coleção referente ao período monárquico já enfatizava: num país iniciado sob a marca da escravidão e carente de direitos básicos como o voto, fazia-se urgente o contorno desses problemas que nem a República sanaria. Por isso, a finalização do texto sugeria a continuidade de uma outra herança, desta vez imperial, pois a aristocratização da política se mantinha e o povo não era elevado à condição de eleitor. Isso porque, mesmo com a derrubada do censo pecuniário, que se daria logo na sequência da instalação do novo regime, este sustentou a exclusão dos analfabetos, bem como a proibição de votar aos menores de 21 anos, mulheres, recrutas, indígenas, membros do clero...

A reticência acima se presta ao esclarecimento de que, apesar de todo escrito sobre sua lavra, subvertendo a lógica da coleção HGCB, pois segundo depoimento concedido em 1982, deveria ser somente um capítulo e não todo um novo volume, Buarque de Holanda encarava *Do Império à República* como uma espécie de acidente de percurso, além de considerá-la inacabada ao ponto de iniciar sua reescrita. Contudo, a despeito dessas circunstâncias e como já se afirmou, sua impressão, em 1972, correspondeu ao término da era monárquica na HGCB e ao desligamento de Sérgio Buarque de Holanda do projeto editorial da Difel. Este passou ao encargo de Boris Fausto, a quem o historiador havia orientado na FFCL-USP, conjuntamente com Yves Bruand, quando Fausto realizou seu estudo de doutoramento e defesa da tese *1930: historiografia e história*, em 1969,<sup>109</sup> publicada no ano seguinte.<sup>110</sup>

Quanto aos motivos da mudança na direção da HGCB não foi possível identificar claramente. No entanto, no dizer de Boris Fausto, que desmentiu o mito segundo o qual ajudava a preparar os volumes antes de assumir a coleção, Sérgio Buarque teria, simplesmente, desistido. “Ele disse: ‘República, não quero mais’. Ele já tinha feito sozinho um excelente volume sobre o Império, carregou muita coisa nas costas. E o Paul Monteil, que era o editor da coleção e dono da livraria francesa em São Paulo, convidou a Emília [Viotti da Costa]”.<sup>111</sup> Contudo, ainda segundo palavras de Boris Fausto, em virtude da campanha que esta historiadora empreendeu em defesa da reforma universitária, sua escolha não figurava como a melhor opção porque ela tinha passado a ser muito visada e havia criado muitos inimigos pessoais no departamento de História da USP, no qual trabalhava.

---

<sup>108</sup> HOLANDA, op. cit., 1979.

<sup>109</sup> FAUSTO, Boris. *1930: historiografia e história*. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 1969. Disponível em: <<http://pos.fflch.usp.br/node/39445>>. Acesso em: 14 fev. 2014.

<sup>110</sup> \_\_\_\_\_. *A revolução de 1930: historiografia e história*. São Paulo: Brasiliense, 1970.

<sup>111</sup> FAUSTO *apud* GOMES; GRINBERG, op. cit., 2008, p. 196.

Tal espaço, aliás, comportava um embate que, talvez, pode ter se somado à decisão de Sérgio Buarque não querer mais manter-se na coleção quando esta adentrava o período republicano. Tratava-se de uma disputa entre os professores cujas pesquisas possuíam como data limite a era Moderna e, depois disso, ainda entre aqueles que chegavam só até o Império.

O caso dos ex-orientandos de Eduardo D'Oliveira França, desafeto intelectual de Sérgio Buarque de Holanda, por exemplo, era sintomático. Isso porque, Fernando Novais e Carlos Guilherme Mota – mas, sobretudo, este último, que havia polemizado com o livro *Do Império à República* –, eram considerados “os ‘merdinhas’ da História Contemporânea, segundo certo professor de História Medieval”,<sup>112</sup> frente à concepção, ainda vigente, de que a História terminava na Revolução francesa. Além disso, dentre daqueles já imersos em estudos do período pós-1789, havia um descrédito a tudo que viesse depois de 1889, em virtude da crença de que, passado esse ano, as temáticas correspondiam mais aos domínios da Política e, portanto, deveriam ser considerados como estudos eminentemente sociológicos.

E apesar de Fausto dar a entender que a escolha de Viotti da Costa havia sido uma decisão quase exclusiva de Monteil, que só o havia convidado diante da impossibilidade da autora, é possível verificar que a desistência de Sérgio Buarque já vinha sendo articulada muito tempo antes. Na carta, anteriormente citada, enviada a Arthur Cezar Ferreira Reis, quando do debate sobre a ausência de referências mais demoradas à Amazônia em *Do Império à República*, Buarque de Holanda já fazia constar seu juízo sobre o afastamento da HGCB, sob a justificativa de que precisava de tempo para outros trabalhos. Porém, a mesma correspondência registrava ainda que não estava bem acertado quem lhe sucederia.<sup>113</sup> Por si só, esse dado ajudar a flexibilizar o aspecto da decisão sobre a escolha do novo diretor, pois esta, provavelmente, resultou de uma negociação de Sérgio Buarque com o editor da Difel.

Mesmo assim, e apesar das publicações do Tomo III só se iniciarem em 1975, com base no fato de que a carta a Ferreira Reis deve ter sido expedida no final de 1972 e que uma parte da recepção internacional da HGCB, em resenha publicada em fevereiro de 1973, encontra-se a informação sobre Boris Fausto como responsável pelos volumes do período republicano,<sup>114</sup> pode-se supor que a decisão ocorreu nesse interim. Este último, aliás, era bem relacionado com os “merdinhas” da História, particularmente Fernando Novais e Carlos Guilherme Mota, que, à época, participavam de um clube de leitura marxista, segundo Fausto, que também era um dos muitos ilustres desconhecidos à época que tinham passado a

---

<sup>112</sup> Idem, p. 186.

<sup>113</sup> Série: Correspondência. Subsérie: Ativa. 230, op. cit. Ca 8 P5. Fundo SBH, *Siarq-UNICAMP*.

<sup>114</sup> “Boris Fausto will assume the editorship and will direct (in Tomo III) works on the republican period”. In: MATTOON JR, op. cit., 1973, p. 145.

constituir o grupo de colaboradores da coleção HGCB. Essa tendência que já se vislumbrava na fase *Buarqueana*, mas foi ainda mais intensificada nos estudos sobre República na coleção.

Ao deixar o empreendimento editorial, a figura de Sérgio Buarque já assumia posição de referência no campo e, inclusive, de reconhecimento mesmo entre aqueles com os quais havia polemizado. Isto, não apenas devido à sua produção intelectual, mas também em virtude da postura acadêmica que tinha assumido ao solicitar sua aposentadoria, em protesto, quando o AI-5 destituiu e cassou parte do corpo docente da USP. O prestígio que tal gesto alcançou dentre os discentes – que apesar de considera-lo como grande erudito, o viam mais como um contador de histórias e responsável pela seleção dos bons entre seus orientandos<sup>115</sup> –, ajudou a (re)formular sobremaneira e, positivamente, a opinião que muitos alunos tinham do professor. O cânone “Sérgio Buarque de Holanda” não abriria mão desse elemento, pois seu gesto de deixar a USP integrava um conjunto de ações de combate ao regime autoritário possível aos membros dos grupos letrados naqueles anos.

Ainda é importante ressaltar algumas questões, tanto de caráter eminentemente editoriais e disputas letradas, quando relativas às temáticas que integraram a coleção, o fato é que os embates de teses e o sentido pró-imperial assumido pela coleção HGCB são instigadoras, sobretudo, se for considerado que o Tomo I, dedicado ao secular período colonial, contou com apenas dois livros, e o Tomo III, que lhe sucederia sob a responsabilidade de Boris Fausto, contaria com quatro volumes referentes ao período republicano, tão curto em termos temporais quanto o regime monárquico. Convém chamar a atenção deste aspecto, porque mesmo diante de pressões de toda ordem, pode-se inferir que a atuação de Buarque de Holanda foi decisiva na constituição de uma coletânea pró-imperial. Este predomínio ocorreu no sentido da vantagem numérica de volumes sobre as outras idades nacionais e não em louvor via inclinação de cabeça à época em que o país tinha rei. E o resultado principal foi a criação de uma agenda de estudos acadêmicos mais voltados ao século XIX e, em especial, ao período monárquico.

Depois de publicar a obra *Do Império à República* as atividades intelectuais de Sérgio Buarque continuaram,<sup>116</sup> mas devido à idade avançada, estiveram circunscritas ao prefácio de trabalhos, à participação em um ou outro projeto editorial de menor porte e à publicação de alguns artigos na imprensa ou à concessão de entrevistas. Tanto que, em discurso de agradecimento ao prêmio *Juca Pato*, “concedido pela União Brasileira de Escritores e pela

---

<sup>115</sup> FAUSTO *apud* GOMES; GRINBERG, op. cit., 2008, p. 196.

<sup>116</sup> HOLANDA, op. cit., 1982.

Folha da Manhã S.A.”<sup>117</sup> como Intelectual do ano de 1979, pela publicação de *Tentativas de mitologia*,<sup>118</sup> confessou: “Tenho uma aguda consciência de minhas limitações pessoais como escritor, [...], o ato e o hábito de escrever me vão fugindo cada vez mais. Faltam-me agora [...] a boa disposição para, começando um trabalho novo, conduzi-lo até o fim”.<sup>119</sup>

Poucos anos depois essa fala seria rememorada de forma incontestada. Direccionando-se ao escritório de sua residência pelas mãos do enfermeiro que o assistia na manhã de 24 de abril de 1982, segundo depoimentos concedidos à imprensa, quando lá chegou Buarque de Holanda caiu para trás, morto. Assim, é possível inferir que, naquela ocasião, sobre a escrivaninha do cômodo, jaziam, talvez, também os papéis da reescrita<sup>120</sup> empreendidas pelo autor sobre o último volume que coordenou junto à coleção HGCB e que, até o momento, vinha sendo mote de análises. De qualquer forma, tais originais permaneceram dentre os textos inacabados de Sérgio Buarque de Holanda, até ser resgatado no espólio do autor e editado sob o título de *Capítulos de história do Império*.

---

<sup>117</sup> HOLANDA, M. A, op. cit., 2002, p. 18.

<sup>118</sup> HOLANDA, op. cit., 1979.

<sup>119</sup> Série: Produção Intelectual. Subsérie: Originais/Monografia. Discurso proferido por SBH, quando recebeu o Troféu Juca Pato, como Intelectual do Ano em 1980. 2p. (fotoc.) Pi 182 P18. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

<sup>120</sup> HOLANDA, op. cit., 2010.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura escrita e, em particular, historiográfica a que estiveram envolvidos os colaboradores da coleção HGCB, sobretudo quando da fase *Buarqueana* (1960-1972), suscita inúmeras questões, muitas das quais não foi possível discutir a contento. Tal limitação, cumpre logo assinalar, constituem toda uma nova agenda de pesquisas, que vem se somar à necessidade de investigações em torno do mercado editorial brasileiro do século XX.

Embora este trabalho tenha iniciado o preenchimento de uma lacuna importante no caso de estudos sobre o primeiro diretor do empreendimento da Difel – a julgar pela inexistência de trabalhos de fôlego dedicados ao período de coordenação do projeto da HGCB –, ele aponta horizontes e perspectivas que não puderam ser suficientemente investigados.

Primordialmente, dentre os aspectos tratados em parte ou não debatidos, encontra-se uma análise mais concentrada no período em que Boris Fausto dirigiu a coleção. Neste domínio, a propósito, em virtude da ausência de informações sobre idade e naturalidade de muitos dos intelectuais envolvidos, ficaram inviabilizadas avaliações sobre faixa etária e origem dos autores, restringida ao aspecto institucional e às redes de sociabilidade.

Junto disso convém realizar um exame mais detido no Fundo e Biblioteca *Sérgio Buarque de Holanda* e as funções exercidas por estes conjuntos documentais nos processos de monumentalização do titular do acervo, bem como as maneiras de classificação, ausências, inclusões e apagamentos operados nos atos biográficos que conformaram a salvaguarda de fontes dessa natureza. Neste sentido, apesar dos apontamentos e ensaios aqui praticados, ainda carece de especial atenção os investimentos memoriais responsáveis pela tentativa de desvinculação da figura de Sérgio Buarque de Holanda em relação aos governos de Getúlio Vargas. Nos relatos hoje produzidos, frequentemente, omite-se o livro didático aprovado pelas balizas educacionais do Estado Novo, que Sérgio Buarque assinou em coautoria com Octávio Tarquínio de Sousa, e são destacadas suas atitudes ao término do Estado Novo, afirmando-se, constantemente, a sua luta prol da abertura democrática, sua filiação ao PSB – não estudada ainda –, a associação desta ação na análise de suas atitudes nos anos finais de sua vida e no combate ao autoritarismo do regime civil-militar instaurado em 1964.

Sobre este momento, aliás, é preciso uma pesquisa interessada em esquadrihar as possibilidades de ação política que se materializavam nos anos de 1970 e 1980, porque muito se poderia contribuir na compreensão do papel assumido pelos intelectuais nesta conjuntura e

suas participações, ou não, no desenrolar de acontecimentos que culminaram no término do governo iniciado com o golpe de 1964. Tal circunstância tem requerido estudos mais aprofundados para vislumbrar participações, consensos, consentimentos, oposições e espaços possíveis para o enfrentamento do regime.

A este último, acredita-se que esta dissertação chegou a alguns resultados, com as análises sobre as fundações do CEBRADE e do PT, além da escrita da História como forma de tecer críticas veladas ao governo e participação de Buarque de Holanda no debate público, em especial, por meio de entrevistas.

Também se faz urgente maiores esclarecimentos sobre a atuação de Sérgio Buarque como professor, uma vez que uma posição canônica não se constitui ou se consolida exclusivamente por intermédio de seus escritos, mas contempla, em igual medida, uma infinidade de textos não publicados, a exemplo da dissertação defendida para estar habilitado ao concurso da cátedra de História da Civilização Brasileira na FFCL (*Elementos formadores da sociedade portuguesa na época dos descobrimentos*); e de práticas orais que o tempo já fez minguar os ecos, como as aulas ou palestras hoje permissíveis de acesso apenas por meio de depoimentos que seus alunos concederam ou passaram a relatar. Assim, sua atividade docente na UDF, na ELSP, na Universidade de Roma, nas instituições estadunidenses e mesmo na USP, onde permaneceu a maior parte de sua trajetória no exercício dessas funções, merece ainda serem melhor investigadas. Desse esforço investigativo seria possível, talvez, inventariar, inclusive, as referências bibliográficas que Buarque de Holanda recomendava ao corpo discente e/ou orientandos, situação passível de inferência, sobretudo, se for considerada a possibilidade de cruzamento da bibliografia presente em teses ou dissertações que orientou.

A estes pontos, minimamente explorados ou não discutidos no presente estudo, acrescentam-se outros temas que a literatura debruçada sobre a obra e a vida de Sérgio Buarque de Holanda deixa de contemplar. Por isso, cabe retomar, em síntese, algumas lacunas identificadas quando do balanço historiográfico feito no início deste trabalho, com o fito de bem avaliar até onde a pesquisa pôde chegar.

Assim, tão logo se identificou o esforço lapidar do diretor da HGCB na reescrita de seu primeiro texto impresso no formato de livro, acredita-se fazer-se ainda premente uma análise sobre as várias edições de *Raízes do Brasil*. Isso pode contribuir para bem mapear a instabilidade da obra que, publicada em 1936, só findaria na década de 1960, quando chega à versão final, no sentido de que seu autor não mais interferiu no escrito. Aí também caberia uma fuga à ideia de clássico de nascença e ao marco monumental que se atribui, recorrentemente, à autoria “Buarque de Holanda”, de modo, inclusive, a deixar um pouco

mais de lado estudos voltados ao interior dos textos de maneira exclusivista e espriar as preferências para além do livro de estreia ou mesmo de *Caminhos e fronteiras* e *Visão do paraíso*, então com interesse crescente. Além disso, seria interessante verificar as traduções, cujo estudo muito contribuiria para refletir sobre a recepção de suas palavras impressas.

Igualmente importante seria a realização de pesquisas atentas às experiências alemãs na trajetória intelectual de Sérgio Buarque e, de resto, às inúmeras viagens que empreendeu ao exterior, mas sem, necessariamente, apegar-se aos lugares-comuns de só enfatizar sua leitura de Weber, Dilthey ou Curtius em detrimento das atuações na imprensa internacional e no mercado cinematográfico, para o caso germânico.

Quanto ao modernismo, é preciso vê-lo também na função de organizador, editor, poeta e contista de revistas de vanguarda. Da mesma forma, há uma carência de estudos sobre o olhar estrangeiro que, ao menos desde *Raízes do Brasil*, e, sobretudo, posteriormente, se firmaria na sua escrita da História.

Neste campo do ofício historiográfico, aliás, falta ainda, de um lado, uma pesquisa rigorosa sobre os embates departamentais e, em particular, aqueles travados na FFCL-USP com D'Oliveira França, cujos resquícios se espriaram aos Encontros de Professores Universitários de História; e, de outro, uma atenção ao diálogo estabelecido com historiadores estrangeiros, tanto pela leitura de seus livros e artigos quanto por meio do contato pessoal e, muitas vezes, missivista alimentado de parte a parte.

Os vestígios documentais, especialmente da recepção internacional da coleção HGCB, são um excelente ponto de partida, por direcionarem a caminhos investigativos voltados à análise das relações entre a historiografia brasileira e estrangeira a partir da década de 1960. Mesmo porque, o período da direção da HGCB por Sérgio Buarque de Holanda, correspondeu a um momento de profícuos diálogos, inclusive fomentados por sua circulação na Europa e Estados Unidos. Neste sentido, uma pista deixada na resenha de Frédéric Mauro que leu a HGCB como espécie de História total, provoca muitas interrogações quanto à necessidade de avaliar a versão brasileira e francesa de coleções publicadas pela Difel, bem como sobre as trocas intelectuais mantidas com o grupo dos *Annales* e o nome que alcançava a maior proeminência no período: Fernand Braudel.

Frente a esse quadro de possíveis pesquisas e outras tantas que emergiram nos desdobramentos do presente estudo, decidiu-se pela exploração de algumas veredas ligadas ao nome de Sérgio Buarque de Holanda.

A primeira delas levou o trabalho a devassar os funerais do intelectual e a sondar a importância das homenagens póstumas recebidas por ocasião de seu falecimento, em 1982.

Assim, os depoimentos serviram para compreender que, apesar da posição de referência privilegiada reconhecida em Chico Buarque para atrelar seu pai como opositor ao autoritarismo, ao final da vida a trajetória de Sérgio Buarque esteve mais voltada, de fato, aos problemas políticos do país. Não por outros motivos e de olhos bem abertos sobre os passos do septuagenário, já auxiliado pela bengala, o regime se deteve em vigiar o “pai do Chico”. Ao fim e ao cabo, no período de sua morte, tanto o estabelecimento de identificações com o filho quanto as espreitas dos agentes da repressão, coincidiram, justamente, com o momento final ou, ao menos, de maior destaque dos processos de monumentalização da obra e do nome de Sérgio Buarque de Holanda como *cânone historiográfico*.

À retórica do reconhecimento da perda somaram-se outras vozes, se não impressas nas páginas da imprensa, manifestas por meio da presença nas cerimônias de despedida. Estas serviram para exprimir sentimentos de repúdio ao autoritarismo, mesmo limitados, muitas vezes, às entrelinhas dos discursos ou nas representações de posições assumidas por quase todas as personagens que se pronunciaram em luto. Em ambos os casos, os gestos cumpriram a função de exprimir as lutas pela abertura política, uma vez que o acontecimento congregou muitos opositores – suspeitos ou declarados – do regime civil-militar. Ora, não seria exagero dizer que uma parcela representativa dos inimigos do governo se manifestou ou se reuniu em São Paulo para homenagear Sérgio Buarque de Holanda.

O cotejo entre as escalas micro (a morte e sua repercussão) e macro (processo histórico vivenciado pelo Brasil, sob a égide de um regime autoritário) buscou compreender as imagens veiculadas pelas personagens históricas. Nos pronunciamentos é possível perceber certa comunhão entre os que se manifestaram nos jornais e/ou participaram dos funerais para dar os pêsames à família Buarque de Holanda, porque identificados com um discurso contestador do governo ditatorial. Entre as lutas e o luto, acredita-se que foi possível identificar as questões complexas de uma memória possível e até justificada naquela conjuntura, junto às múltiplas e conflitantes formas “de rememoração e utilização do passado”.<sup>1</sup> Usos estes que diziam respeito tanto à trajetória do morto, quanto da História do Brasil e dos indivíduos cujas modalidades e mecanismos de incorporação no mundo social partilhavam, praticamente, dos mesmos espaços de práticas letradas.

Logo, ao lançarem mão do passado do morto, por meio das homenagens e/ou participação nas cerimônias de despedidas finais, no conjunto, as personalidades mencionadas contribuíram para a consolidação da monumentalização do nome e dos textos de Sérgio

---

<sup>1</sup> CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In: FERREIRA; AMADO (orgs.), op. cit., 2005, p. 216.

Buarque de Holanda. Os participantes dos funerais também passaram a representá-lo como símbolo, de esperança, talvez, para um Brasil interrompido pelo golpe de 1964. Em razão de sua vasta e valiosa obra, o cânone historiográfico – pois seus livros, ainda hoje, são leitura quase que obrigatória nas universidades –, foi consolidado por meio de diversas falas que se despediram do intelectual. Mesmo porque os processos de monumentalização pressupõem e requerem o estabelecimento de um vínculo que sujeita, une e identifica os indivíduos.

No caso de Sérgio Buarque, na ocasião supracitada, esses dispositivos canônicos muitas vezes foram consubstanciados pelo uso de expressões como o “nós”, cuja função de ressonância naquela contingência de luto comunal visava unir todos sob as lutas políticas. As reverberações de pesar partiram de muitas vozes, com destaque para as de historiadores, membros das Academias de Letras e demais intelectuais, bem como de personalidades da cena política, antigos prisioneiros ou militantes sob vigilância do regime, mas também pelo público que tentava se aproximar de Chico Buarque. Fosse para identifica-lo à geração modernista, situar seu legado como superação de estudos anteriores ou para endossar o tripé criado por Antonio Candido, sua morte levou seus escritos a serem postos ao lado da prosa de grandes nomes das letras nacionais, com destaque para as de cunho historiográfico. De um lado, por mais notória, extensa, grandiosa em qualidade e ambição que seja a obra do historiador, aqui também reconhecida, todas as questões sobre sua trajetória lembradas nas homenagens póstumas, serviram para legitimá-lo como autor referencial, de modo a permitir a presente análise escutar, ainda que de maneira parcial, a historicidade de um luto e os inúmeros pesares daquela história.

Além disso, em meio às despedidas foi possível identificar a qual Sérgio Buarque de Holanda se referiam os intelectuais nas notas veiculadas pela imprensa. Estes se remetiam ao professor catedrático da FFCL-USP e autor de *Raízes do Brasil*, prefaciado por Antonio Candido, então na quinta edição, e, portanto, ao Sérgio Buarque dos anos 1960, quando já coordenava a coleção HGCB. Desta última data até 1972, este intelectual exerceu as funções de diretor e colaborador do projeto editorial da Difel, de modo que a concentração mais detida em tal período se configurou como os limites majoritários do presente estudo, mesmo porque o período representou o momento mais oportuno para a tessitura das redes de sociabilidade que, posteriormente, lhe assegurariam falas de monumentalização intelectual.

Neste período, a propósito, foram iniciados, de forma mais ou menos consciente, os processos de monumentalização de seu nome como autor referencial. Logo, a coleção postou-se como instância consagradora e como espaço para arregimentação de um grupo de intelectuais que, por ocasião de sua morte – onde a operação memorial atingiu seu *clímax* –

formaram uma rede de sociabilidades responsável por lhe assegurar uma eminente posição junto à historiografia. O ápice da canonização à autoria “Sérgio Buarque de Holanda”, foi completada, dentre outros intervenientes, pela salvaguarda de seu acervo e Biblioteca particulares na UNICAMP, cuja negociação e embates com a USP carecem de estudos.

Por conta desses motivos, em observação às artimanhas da memória e ao mapeamento realizado, que localizou nas homenagens póstumas a referência ao Sérgio Buarque dos anos 1960, optou-se pela investigação e análise de seus passos para levar adiante o plano da HGCB. Assim, entre o final da década de 1950 e início dos anos 1960, enquanto Buarque de Holanda e Monteil se movimentavam para reunir o grupo de colaboradores da coleção HGCB, “a concepção de soberania nacional como fundamento do desenvolvimento econômico e social alcançou grande dimensão, animada por um discurso de forte capacidade de agregação social”.<sup>2</sup> Conviria mencionar, aliás, como já se cansaram de fazer inúmeros historiadores, que a escrita da História não se encontra dissociada do momento de sua produção. Não vale isto negar, convém dizê-lo, as ações de Sérgio Buarque e Paul Jean Monteil para reunir autores comprometidos com a composição dos capítulos da HGCB, como mero reflexo deste tempo. Tratava-se, antes, de uma relação de forças. Mesmo porque bem entendido está que “toda configuração social é o resultado da interação de incontáveis estratégias individuais: um emaranhado que somente a observação próxima possibilita reconstruir”.<sup>3</sup>

Daí o interesse em devassar parte da correspondência trocada entre os responsáveis pelo empreendimento editorial da Difel e seus futuros colaboradores, cuja produção intelectual partilhava de preocupações voltadas para o passado brasileiro. Com a condição, ao que tudo indicou, de que suas *visões* de Brasil fossem materializadas em poucas páginas, concentradas em temas específicos e, sobretudo, que não partissem das ombreiras das *Casas-grandes* senhoriais. Evidentemente, no instante da impressão da HGCB, afora os aspectos do espaço destinado e da especialidade encomendada, a contestação às teses de Gilberto Freyre não estava posta nestes termos. Também não se resumia ao combate à interpretação de 1933, por mais importantes que fossem os grupos entrincheirados no teatro das operações letradas.

Mas é fora de dúvida que este ponto, somado à negativa de alguns em participar do projeto editorial, ajuda a compreender, ao menos parcialmente, as dúvidas que pairavam sobre o empreendimento e o domínio uspiano dentre as colaborações da coleção HGCB, sobretudo

---

<sup>2</sup> NEVES, op. cit., 2001, p. 185.

<sup>3</sup> GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros*. Verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 277.

de autores vinculados à FFCL/FFLCH, publicados até 1972. Ora, era justamente da USP que partiam os principais ataques à *Casa-grande & senzala*. Tanto pela análise dos impasses vivenciados por negros e mulatos na passagem da escravidão para o trabalho livre no Brasil, e a conseqüente “desmontagem do ‘mito da democracia racial’”,<sup>4</sup> quanto pela classificação conferida ao autor pernambucano como inscrito em uma pré-sociologia. Tudo sob o influxo do processo de institucionalização das Ciências Sociais, estabelecimento da História enquanto disciplina acadêmica e reconfiguração dos cânones historiográficos do país.

Seria necessária muita habilidade para consumir de maneira consistente uma reflexão com o entrelaçamento dos debates atentos à realidade brasileira. Flamejadas na década de 1930, tais discussões prosseguiram por toda a primeira metade do século XX, incluindo até composições biográficas como parte dos esforços analíticos. Neste ínterim, chegou-se às discussões sobre raça, cultura e, finalmente, sobre civilização, de modo a permitir a constituição discursiva deste último conceito também para o caso dos trópicos, apartado de uma missão tutelar ou norteadora europeia. Ao pensamento que se resume aqui imperfeitamente não se poderia deixar de lado um último aspecto referente à memória que Sérgio Buarque de Holanda desejava legar de forma explícita, pouco antes de morrer. Pois se nos anos de 1960, quando iniciaram as publicações da HGCB, o *firefight* lançado sobre Gilberto Freyre, “desqualificado como ideólogo do conservadorismo oligárquico”,<sup>5</sup> não estava tão conscientemente cristalizado assim na cultura historiográfica brasileira, não é possível afirmar isso para o decênio de 1980.

Embora em alusão a trabalhos anteriores e distintos do empreendimento editorial da Difel, em entrevista de 1982, concedida ao brasilianista Richard Graham, que também colaborou na coleção, Sérgio Buarque caracterizou *Casa-grande & senzala* da seguinte forma: “O livro fez o Brasil parecer estático; dominado pelo açúcar; olhando para o Atlântico; parado” (tradução livre).<sup>6</sup> Na visão de Sérgio Buarque, coube à HGCB diversificar os pontos de vista e dar movimento à História, no sentido de dinamizar a maneira de se refletir sobre o país e pelo caráter inovador da proposta. E, como se pôde notar, o projeto não caiu de imediato nas graças dos intelectuais convidados inicialmente. Diante de tudo isso é preciso afirmar que, somente por intermédio de um olhar panorâmico e distante das batalhas dessas *culturas escritas*,<sup>7</sup> é possível identificar alguns caminhos trilhados no rastro destes *fiões de*

<sup>4</sup> ARRUDA, op. cit., 1995, p. 151.

<sup>5</sup> PÉCORA, op. cit., 2008, p. 23.

<sup>6</sup> “That book makes Brazil seem static; sugar-dominated; looking toward the Atlantic; stopped”. HOLANDA, Sérgio Buarque de. In: GRAHAM, op. cit., 1982, p. 11.

<sup>7</sup> CHARTIER, op. cit., 1994.

*Ariadne*.<sup>8</sup> Por meio de seus vestígios as linhas de frente de muitas contendas intelectuais puderam ser mapeadas e minimamente compreendidas.

Convém assinalar ainda que as cartas ofereceram uma visão panorâmica, para observar as dificuldades de Sérgio Buarque de Holanda e Paul Jean Monteil em reunir um seletivo grupo de colaboradores da coleção HGCB. Motivos profissionais, de compromissos futuros e o respeito à tradição brasileira de escrita da História, mesmo que não estabelecida academicamente em sua plenitude, também figuraram entre as razões das recusas vislumbradas nas missivas. Tais aspectos configuram-se como pistas importantes para compreender a significativa presença do domínio uspiano e de autorias sem vínculo institucional declarado na primeira fase da coleção, coordenada por Sérgio Buarque. Pela correspondência se percebeu igualmente que era Buarque de Holanda quem indicava os possíveis colaboradores, muitos dos quais conhecidos seus de longa data, amigos, em alguns casos, e que, ao editor da Difel, Paul Jean Monteil, cabia a tarefa de reforçar o convite com as circulares enviadas.

Neste sentido, as cartas registraram o tipo de intelectual procurado pelos responsáveis da HGCB. Tratava-se, em geral, de integrantes da tradição brasileira de escrita da História gestada no interior das coleções surgidas no país na década de 1930, muito embora, em virtude de suas recusas, também constassem alguns jovens autores oriundos da USP, bem como outros de proeminência internacional reconhecida e cuja produção historiográfica era feita no âmbito de certa especialidade.

Por isso a insistência de Sérgio Buarque de Holanda junto a Charles Boxer. Afinal de contas, as missivas permitiram inferir que o paulista conhecia o historiador inglês no mínimo desde 1949. E depois dessa data, não faltaram oportunidades para que referenciasse a produção de Boxer em suas publicações na imprensa, nas quais corroborou e fez comentários de contornos elogiosos aos trabalhos de seu novo interlocutor sobre a História do Brasil colonial,<sup>9</sup> pois, como se não bastasse, a leitura que este autor fazia da noção de raça presente na política das possessões ultramarinas do Império Lusitano, fez ruir, na opinião de alguns autores contemporâneos, “o mito da integração harmoniosa entre os portugueses e os povos coloniais, conforme defendiam Gilberto Freyre e a historiografia salazarista”.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> GINZBURG, op. cit., 2007.

<sup>9</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. Sobre o Colloquium (publicado originalmente no *Diário Carioca*, em 12 de novembro de 1950); \_\_\_\_\_. Portugueses na América (publicado originalmente no *O Estado de S. Paulo*, em 9 de maio de 1959) & \_\_\_\_\_. Rio: o primeiro século (publicado originalmente na revista *Manchete* – RJ, em 30 de janeiro de 1965). In: COSTA (org.), op. cit., (v. 2), 2011.

<sup>10</sup> RAMINELLI, Ronald; FEITLER, Bruno. Apresentação do Dossiê: “Pureza, raça e hierarquias no Império colonial português”, *Tempo*, Niterói, v. 30, p. 13-19, 2011, p. 13.

Logo, se ao menos desde 1951 Sérgio Buarque clamava por uma escrita da História que escapasse às composições interpretativas geradoras de sínteses responsáveis por ilusórias visões de conjunto, nada melhor do que a reiteração do convite ao autor britânico, como foi feito. Até porque, seus estudos tinham boa receptividade junto à crítica da época, estavam bem documentados, combatiam as teses de Freyre, sobretudo as de *Casa-grande & senzala*, e seus trabalhos eram especializados na análise do estabelecimento dos holandeses no Nordeste brasileiro.

No rastro dessas questões, a correspondência analisada apontou ainda para os debates em torno das temáticas a serem desenvolvidas nos volumes da HGCB que, ao que tudo indicou, eram encomendadas, inclusive, com sugestão de títulos e especificações sobre o espaço reservado. Embora de difícil compreensão e tratamento devido à inerente fragmentação que as constituem, as cartas muitas vezes ganharam maior significado e abrangência social, a exemplo das discussões em que se viam dissociadas as noções de raça, cultura e civilização.

Não é mera casualidade que, posterior e concomitantemente a esses debates, a coleção HGCB tenha surgido. A arregimentação de autores contrários ao mito da democracia racial ou que tenham mudado suas visões sobre o Brasil no tocante à importância dos povos não europeus, também não está apartada das pesquisas fomentadas pela UNESCO. Os estudos que o órgão financiou, em especial sobre raça e democracia, visaram instigar um olhar sociológico e histórico para os impactos políticos e sociais enfrentados pelo mundo do pós-Segunda Guerra. No caso do Brasil, em especial, o projeto UNESCO buscou identificar os entraves para os processos de modernização do país e de sua sociedade, com o negro na principal pauta das reflexões “para o entendimento dos dilemas brasileiros, seja a partir do paradigma racial (Silvio Romero), do paradigma cultural (Gilberto Freyre), ou do paradigma sociológico (Florestan Fernandes, Costa Pinto, Guerreiro Ramos)”.<sup>11</sup>

Pouco tempo depois, em 1964, sob o influxo dos processos de descolonização de países africanos e para rechaçar a imagem eurocêntrica dos manuais então disponíveis sobre a História do continente – contada preferencialmente a partir do século XIX –, mesmo sem conter a palavra *civilização*, a UNESCO comprometeu-se com o preparo da coleção *História Geral da África*, cujo resultado foi o início de sua publicação em 1981 na língua inglesa, mas hoje também disponível em português.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> MAIO, op. cit., 2000, p. 125.

<sup>12</sup> KI-ZERBO, Joseph (editor). *História Geral da África* (v. 1). 2.ed. Brasília: UNESCO, 2010.

Todos esses aspectos permitiram inferir que a história das coleções e, em particular, da HGCB, possibilitou compreender o ambiente de reflexão vivenciado pelo país e a observar quão complexo era o emaranhado de concorrências intelectuais, editoriais e institucionais do Brasil dos anos de 1960, para além de uma simples disputa entre a velha e nova tradição de escrita da História.

Com isso não se quis negar a existência desta medição de forças, mas apenas atentar para o fato de que sua ocorrência certamente não foi sentida assim em sua plenitude pelos contemporâneos. De qualquer forma, a complexidade da urdidura deste momento mostrou que a apartada arena de debates letrados não pode ser tratada, de maneira precária e maniqueísta, como uma situação que se resume a desafetos e confrontos de teses. Mesmo porque nem tudo estava sob o controle exclusivo das personagens históricas mais diretamente envolvidas e responsáveis pela HGCB, a exemplo da participação que José Antônio Gonsalves de Mello representou na coleção.

Também a nitidez com que as diferenças dos períodos de coordenação de Sérgio Buarque de Holanda e Boris Fausto ficaram inscritas nas páginas da HGCB, permitiu a caracterização de uma fase *Buarqueana* da coleção, na qual dominaram autorias vinculadas à USP e do próprio diretor como o colaborador mais assíduo; e outra *Faustina*, em que mesmo sem a incidência tão marcante, pôde-se observar Boris Fausto igualmente como maior colaborador e ver em sua gerência um aumento proporcional na participação de brasilianistas, bem como a expansão do horizonte do empreendimento no sentido de congregar mais instituições de ensino superior e de pesquisa.

Ao contrário das coleções *Brasiliiana* e *Documentos Brasileiros*, atentas aos temas nacionais, mas em diferentes campos do conhecimento, e mais voltadas, efetivamente, às impressões de obras majoritariamente de autoria solo, a HGCB privilegiou de maneira específica a área da História e os colaboradores de suas publicações formavam uma coletânea, situação então bem peculiar no mercado editorial brasileiro. O projeto da Difel buscou ainda privilegiar intelectuais vinculados às universidades do Brasil e do exterior para a feitura de seus volumes. Daí sua representação como espaço onde os cânones da cultura escrita e, em particular, historiográfica, eram realocados, por meio de um esforço de escrita especializada da História pátria. Evidente que parcela significativa dos textos da coleção HGCB também possuíam autoria única. Mas a distinção constituída por esta ante as edições dos projetos da Companhia Editora Nacional e José Olympio, reportava à busca, desde o início do empreendimento, por comprimir os estudos e alargar, em muito, as temáticas sob a impressão de um só volume.

O que havia nos projetos de síntese do Brasil precedentes à HGCB, em geral, eram várias obras cuja impressão bem poderia ocorrer de forma autônoma aos empreendimentos a que integravam. Afinal de contas, o caráter ensaístico ou monográfico persistia, de modo que suas edições não careciam de alocação junto às coleções: faziam sentido por si só. Não era este o caso da HGCB. O segundo volume (*Dispersão e unidade*) do Tomo *O Brasil Monárquico*, para ficar apenas com um exemplo, somente conseguiu passar a imagem da dinâmica imperial no seu conjunto, pois o capítulo sobre o Grão Pará e o Maranhão dependia do referente ao Mato Grosso e Goiás que, por sua vez, careciam dos relativos aos do Nordeste e estes aos textos sobre as províncias do Sul... Por isso, a Sérgio Buarque e à Difel coube parcela significativa dessa operação, no enalço das discussões da UNESCO ao término da Segunda Guerra Mundial e de suas edições tendencialmente já direcionadas ao público acadêmico, antecipando um pouco o que fariam as editoras universitárias.

O empreendimento editorial da HGCB foi ainda, em grande medida, elemento de suma importância para a reconfiguração da maneira de refletir, por meio do esforço voltado ao domínio das especialidades; e escrever, em forma de coletânea, sobre a História do Brasil, operada a partir da década de 1950, pois se tratava de um momento que correspondeu ao aparecimento da primeira geração de professores formados nas universidades brasileiras e dos primeiros resultados de suas pesquisas. A entrada da coleção HGCB no mercado arrefeceu o entusiasmo, o prestígio e a hegemonia das coleções *Brasiliana* e *Documentos Brasileiros*. E apesar dos volumes finais do empreendimento da Difel contarem muito com a presença de autores com pesquisas voltadas mais à Ciência Política e à Sociologia, seus colaboradores não fecharam os olhos para o passado brasileiro. Afinal de contas, a HGCB se colocava na dianteira dos estudos históricos e, por isso, pode ser vista como alinhada à identificação de “mudança do paradigma das coleções”,<sup>13</sup> ocorrido, justamente, a partir dos anos de 1960.

Com vistas a alargar ainda mais as diferenças que alocavam a coleção HGCB sob símbolo da novidade e do ineditismo dos trabalhos, cabe o registro de que era comum na maioria das notas, anúncios e matérias da imprensa paulista e carioca a apresentação da forma pela qual o empreendimento estava composto. Adicionalmente, dentre outros aspectos, havia igual frequência na ênfase sobre o nome de Sérgio Buarque como coordenador e autor da coleção, ora apresentado como professor catedrático da USP ora como historiador. Some-se a isso a divulgação dos colaboradores de maior destaque do projeto editorial e, muitas vezes, também o recorrente aparecimento de informes sobre os capítulos que integravam os volumes

---

<sup>13</sup> PONTES, op. cit., 1989, p. 384.

da HGCB lançados à época ou em vias de publicação, bem como referências à sociólogos como as indicações acadêmicas até então as mais legítimas, para demonstrar a pujante manifestação de interesse pelo Brasil de que o projeto era exemplar.

Porque enquanto os nomes de seus confrades já circulavam no meio universitário com grande e reconhecido destaque, com formação forjada no ambiente acadêmico e da pesquisa, capitaneados pelos exemplos de Bastide ou Fernandes, atuantes na USP, as características dos intelectuais envolvidos no empreendimento editorial da Difel, ainda que credenciados e detentores de prestígio entre os pares, muitas vezes ou correspondiam às de um historiador recém-formado nas lides do ofício ou então às de um intelectual dedicado à escrita da História, mas forjado ao largo do ensino superior nesta área do conhecimento. Por isso a importância, tal qual já existe para meados dos anos 1970 e 1980,<sup>14</sup> de maiores pesquisas sobre os embates acadêmicos e por espaço editorial no mercado brasileiro, entre sociólogos e historiadores. Sobretudo, a partir da segunda metade do século XX e, em particular, nos anos 1960, quando coexistem projetos de coleção simultâneos numa mesma editora, como foram os casos da HGCB e *Corpo e Alma do Brasil*, para darem mostras a outras facetas do emaranhado de disputas intelectuais inerentes a cultura escrita do período em questão.

Quanto à recepção e apropriações da coleção HGCB, em especial com análise de resenhas oriundas de fontes da imprensa ou de periódicos estrangeiros, bem como dos Anais da ANPUH, pôde-se notar a forma como o empreendimento foi visto e seus respectivos usos. Fosse para estudar aspectos da economia mineradora, questões territoriais, escravidão, levantes insurrecionais, defesa das fronteiras, processos imigratórios, forças armadas, religião, propriedades rurais, colonização ou agricultura etc., a coleção era tomada como principal referência. Tanto para sustentar ou tecer certas contextualizações, quanto para utilizar documentos que apareciam nas publicações da HGCB ou para citá-la como integrante do conjunto de estudos mais importantes do Brasil e em termos de América Latina. Por isso, dentre os destaques conferidos ao empreendimento editorial da Difel sob a coordenação de Sérgio Buarque de Holanda, saltava aos olhos o fato de que, geralmente, as referências à coleção apareciam logo no começo dos estudos.

As polêmicas que suscitou também não foram poucas. Desde os embates em torno da questão religiosa no período colonial, acusada que foi a HGCB de ceder pouco espaço à ação jesuítica na América portuguesa; passando pela discussão com Giselda e Carlos Guilherme Mota, sobre a escrita da História – se acadêmica ou pseudocientífica; com um dos

---

<sup>14</sup> CARRIJO, op. cit., 2013.

colaboradores mais assíduos da coleção, Arthur Cezar Ferreira Reis, acerca da verdadeira importância da Amazônia durante o segundo reinado; bem como sobre o 7 de Setembro e a Independência, cujo desdobramento consistiu na preposição de novos marcos temporais pela coleção (1808, 1831, 1848 etc.). Estes foram apropriados posteriormente pela produção acadêmica, que, aliás, seguiu a tendência da HGCB de não atrelar o processo de emancipação política de 1822 com a unidade nacional, de não desconsiderar a vinda da família real ao Brasil ou a crise do Antigo Regime e de privilegiar estudos sobre o Império, que triplicaram entre as décadas de 1960 e 1980. Além disso, havia nesse empenho um objetivo para mostrar que o nascimento efetivo do Brasil e de um sentimento nacional só viria mesmo a ocorrer mais a partir de meados do século XIX.

Tudo para postar-se como novo e opor-se ou superar as ênfases demasiadas ao estudo d'*A Época Colonial* – como o período foi denominado por Sérgio Buarque na coleção para bem demarcar a inexistência de uma ideia de Brasil – e, assim, eclipsar, dentre outros, as figuras de Gilberto Freyre e Capistrano de Abreu, em especial o primeiro, fator que justifica, em parte, uma aproximação, no período, entre Sérgio Buarque e Florestan Fernandes, aliados no combate às teses de *Casa-grande & senzala*. E mesmo o destaque conferido às décadas monárquicas se constituiu como desafio enorme, porque poucas tinham sido as vezes em que o diretor do empreendimento havia se embrenhado em estudos sobre o Império, sendo a tradução, feitura de prefácio e notas ao livro *Memórias de um colono no Brasil*, de Davatz, uma especial exceção. No mais, as primeiras dificuldades, a recepção, os usos, as polêmicas e os debates demonstraram parte dos caminhos trilhados, das estratégias mobilizadas e dos impactos que a HGCB causou ao longo do planejamento do projeto no final dos anos 1950 e impressão de seus volumes a partir do ano de 1960. Neste momento avançava o processo de monumentalização de novos textos e autores referenciais da cultura escrita e, em particular, historiográfica, da produção intelectual brasileira debruçada sobre o passado do país.

Ao fim de sua participação no empreendimento editorial, Sérgio Buarque de Holanda buscou renovar algumas teses que já havia defendido sobre o entendimento de democracia. A edição de *Do Império à República* é sintomática dessa tendência, pois no volume pôde associar tal forma de governo como uma maneira de permitir aos menos favorecidos socialmente o acesso aos bens materiais que as conquistas de uma civilização poderia oferecer. Com esse argumento, pairando, muitas vezes, como críticas veladas ao governo militar vigente no momento de produção dos livros da coleção, o coordenador do projeto editorial fazia crescer a importância dos estudos voltados ao interior do país por acreditar que,

somente ao adentrar nesse território, as personagens do passado puderam forjar as bases para existência de uma civilização verdadeiramente brasileira.

Igual destaque concedeu aos processos que culminaram na abolição da escravatura, pois o país tinha sido construído sobretudo pelo braço de cativos, cuja liberdade se fazia premente porque convertidas, segundas as teses da HGCB, em causa nacional, e a qual se somava a necessidade de ampliação do direito ao voto. Daí sua crítica ao Poder Moderador e demonstração da instabilidade do regime monárquico como os responsáveis pela derrocada Imperial, ainda que tivesse apontado a tese da *República não-proclamada* em observância à aristocratização eleitoral mantida depois de 1889 e mesmo devido à permanência de práticas autoritárias herdadas por Deodoro e companhia.

Quando Sérgio Buarque de Holanda foi substituído na direção da HGCB por Boris Fausto, inúmeros motivos puderam ter sido animados para o desfecho do caso. Cabe relembrar, inclusive, que Fausto nem fora cogitado inicialmente. Além disso, não bastasse a expressão mínima a que correspondem estudos voltados ao período republicano nos escritos de Sérgio Buarque, dentre outras razões possíveis, existiam os embates departamentais sobre as concepções de História, sua aposentadoria da USP que já atingia cerca de três anos, bem como a idade avançada e o cansaço do ex-catedrático que também poderiam ter pesado na decisão. Mas até o término de seu período na HGCB (1972), os passos de Buarque de Holanda, ainda que apresentados de forma incompleta, trilharam caminhos instigantes, inclusive por meio do envolvimento na criação e continuidade da ANPUH, onde se pôde notar a presença da coleção apropriada para legitimar os estudos apresentados nos simpósios. A entidade, aliás, postava-se como exemplar do esforço latente ao período sobre a busca da consolidação da História no espaço universitário.

Além dos processos de consolidação do *campo acadêmico* e hegemonicamente *uspiano*, onde a HGCB figurava como um espaço de disputas, a pesquisa tentou apontar as publicações da Difel como elemento chave nos processos de estabelecimento de textos e autores referencias. Tal *locus* privilegiado, de onde saiam falas entendidas como autorizadas para dissertar sobre a História do Brasil, graças ao aval universitário recebido pela USP, buscou-se diferenciar dos projetos editoriais da Difel de outros da mesma natureza precedentes e/ou concorrentes. A configuração, por assim dizer, da distinção impressa, deu-se, em especial, no que dizia respeito ao ineditismo dos textos e às colaborações majoritárias

de especialistas em suas áreas de estudo, cujos reclames do coordenador remontavam, no mínimo, ao ano de 1951<sup>15</sup> e resultou na hegemonia uspiana.

Portanto, ainda que pese uma investigação centrada na movimentação de Sérgio Buarque junto ao mundo letrado, como um dos artífices e personagem paradigmática de uma cultura historiográfica autorizada a narrar o passado brasileiro majoritariamente paulista, não seria disparatado o registro de que este estudo possuiu como problemática implícita opções políticas de fundo e, em parte, o vislumbre do próprio desequilíbrio vigente entre as regiões brasileiras, também aparente no mundo universitário e que só na finalização desta pesquisa foi possível considerar. Afinal de contas, em que medida o estado desta arte se encontra alterado, substancialmente, nos dias de hoje? De fato, é possível que a produção do conhecimento foi, neste momento, espalhada da Terra da Garoa, porém, a partir da criação dos programas de pós-graduação na década de 1970, que arrefeceu a hegemonia da USP, embora ainda tenha permanecido a força da produção acadêmica localizada no eixo Rio-São Paulo. Esta se mantém tão vigorosa que é possível afirmar, inclusive, que a leitura da História brasileira vê-se presa às lentes do Sudeste.

Além de ser apresentada pela imprensa como a inovação da história pátria, a HGCB também foi difundida nas páginas dos periódicos como a realização de seu primeiro responsável, que nestes anos só fez crescer seu *capital simbólico*, fortalecido a cada livro impresso e/ou traduzido, prêmio recebido ou paulatino estabelecimento enquanto cânone historiográfico. Ao questionar 1822 como marco da autonomia política nacional e o 15 de Novembro como data da *Proclamação da República*, a coleção encontrava uma forma para protestar em seu tempo, sobretudo a partir do golpe civil-militar de 1964, pois a maior parte de sua feitura ocorreu num *clima* de autoritarismo e cerceamento das liberdades.

Neste sentido, vale uma vez mais o destaque à obra *Do Império à República*, que se tornou pública no representativo ano de 1972, quando o regime comemorava o Sesquicentenário da Independência do Brasil. E a efeméride contou com o traslado dos restos mortais de D. Pedro I, depositados na cripta do Monumento do Ipiranga, em São Paulo, porque eleito como herói das Forças Armadas para aquela data festiva. Logo, apesar do privilégio concedido à temporalidade imperial em detrimento dos períodos colonial e republicano na coleção HGCB, não se pode apontá-la como subserviente aos governantes, seja das majestades do passado ou daquela contemporaneidade ditatorial.

---

<sup>15</sup> HOLANDA, op. cit., [1951], 2008.

Foi nesse mesmo ambiente e período que os censores do regime buscaram refutar a argumentação da peça *Calabar*, escrita em coautoria por Chico Buarque e Ruy Guerra, presente no início desta jornada de pesquisa. Na ocasião, os autores, provavelmente alinhados às teses defendidas na HGCB, uma vez que contaram com a assistência de Sérgio Buarque, pareciam sugerir certa defesa ao personagem que não poderia ter traído o país devido à inexistência da ideia de Brasil antes do período imperial. Para refutar isso, o coronel Israel Coppio Filho, utilizou vários autores, dentre os quais Roger Bastide – novamente os sociólogos! – e, ironicamente ou não, o próprio Sérgio Buarque, na fundamentação da acusação que já pesava sobre o espetáculo, visto como agressivo aos sentimentos nacionais.<sup>16</sup>

Ao registrar a palavra do historiador, pai do censurado, como argumento de autoridade para invalidar as teses inerentes à peça, dentre os papéis do processo constava um parecer que reproduzia a seguinte citação: “Em 1632, dois acontecimentos importantes auxiliaram os holandeses: vieram reforços da Holanda e houve a traição de Domingos Fernandes Calabar, profundo conhecedor da região e que passou a colaborar com eles”.<sup>17</sup> Retirada de um livro didático, esta frase contribuía com os elementos da canonização, pois além das relações de natureza política e institucional para se impor, com a instância universitária à frente de seus processos, o cânone é tão melhor consagrado quando pode contar com apoio do ambiente escolar, que o ajuda a ser declarado.<sup>18</sup>

O trecho usado pelo censor correspondia ao texto situado na página 58 do livro *História do Brasil: das origens à independência*. Tal impresso era o primeiro de uma série de três volumes editados a partir de 1971, pela Companhia Editora Nacional, e ao qual se somavam ainda os títulos *História do Brasil: da independência aos nossos dias*<sup>19</sup> e *História da Civilização*<sup>20</sup> com seus respectivos cadernos de trabalhos práticos e livro do professor. Mas o mais importante desse episódio é que, ao cercear a liberdade de expressão do filho, Chico Buarque, com a utilização dos escritos do pai do artista, o regime endossava a emergência do cânone historiográfico e revelava aos (des)caminhos desta pesquisa todo um conjunto de outras histórias a serem ainda contadas.

---

<sup>16</sup> ALENCAR, op. cit., 2002.

<sup>17</sup> Arquivos da censura. Pai de Chico foi usado para censurar “Calabar”. In: *Folha de S. Paulo* – Ano 70, n. 22.341. São Paulo, 3 jun. 1990, p. 2. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

<sup>18</sup> BAPTISTA, op. cit., 2005.

<sup>19</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de; et. al (orgs.). *História do Brasil: das origens à independência*. Curso moderno (v. 1). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971 & \_\_\_\_\_ (orgs.). *História do Brasil: da independência aos nossos dias*. Curso moderno (v. 2). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971. Coleções Especiais. BSBH. Biblioteca Central da UNICAMP.

<sup>20</sup> \_\_\_\_\_ (orgs.). *História da civilização*. Curso moderno. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975. Acervo Geral (Livros), 372.89. *Biblioteca Nacional* (BN).

Isso porque, o livro citado pelos censores fazia parte de um novo trabalho no qual o historiador se envolveu no final dos anos 1960 e, por esse motivo, talvez, pode juntar-se às justificativas possíveis para seu desligamento da HGCB. Além disso, o título do empreendimento não poderia ter sido mais apropriado ao seu processo de canonização. Afinal de contas, tratava-se da coleção “Sérgio Buarque de Hollanda” de livros didáticos, devidamente salvaguardados, desta vez, em sua biblioteca particular. Finalmente, o nome do autor estava convertido em projeto editorial.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A

<b>RANKING INSTITUCIONAL DA COLEÇÃO HGCB (1960-1984)</b>		
<b>Posição</b>	<b>Instituição</b>	<b>Colaborações</b>
1 <sup>a</sup>	Universidade de São Paulo – USP	100
---	Sem instituição declarada	25
2 <sup>a</sup>	Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP	9
3 <sup>a</sup>	Centro Brasileiro de Análise e Planejamento – CEBRAP (SP)	7
4 <sup>a</sup>	Fundação Getúlio Vargas – FGV (RJ / SP)	4* (**)
5 <sup>a</sup>	Museu Paulista	4
5 <sup>a</sup>	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP	4
6 <sup>a</sup>	Casa de Rui Barbosa, Ministério da Educação (RJ)	3*
6 <sup>a</sup>	Universidade de Minas Gerais – UMG / Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG	3
6 <sup>a</sup>	Universidade de Recife / Universidade de Pernambuco (PE)	3
7 <sup>a</sup>	Faculdade de Marília (SP)	3
8 <sup>a</sup>	Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS	2
8 <sup>a</sup>	Instituto Interamericano de Musicologia, Uruguai	2
8 <sup>a</sup>	Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura (SP)	2
8 <sup>a</sup>	Universidade de Rio Claro (SP)	2
8 <sup>a</sup>	Universidade Estadual de Nova Iorque / Universidade de Nova Iorque, Estados Unidos	2
8 <sup>a</sup>	Universidade Católica de Minas Gerais – PUC-MG	2
9 <sup>a</sup>	Biblioteca das Nações Unidas – ONU	1
9 <sup>a</sup>	Universidade do Texas, Estados Unidos	1
9 <sup>a</sup>	Universidade de Princeton, Estados Unidos	1

9ª	Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – IUPERJ	1
9ª	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS	1
9ª	Faculdade Auxilium de Filosofia (SP)	1
9ª	Universidade da Bahia	1
9ª	Universidade do Brasil (RJ)	1
9ª	Universidade de Illinois, Urbana-Champaign, Estados Unidos	1
9ª	Universidade de Stanford, Estados Unidos	1
9ª	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara (SP)	1
9ª	Universidade da Califórnia, Estados Unidos	1
9ª	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ	1
Total de vínculos institucionais e colaborações	A soma chega a 190 (em números totais em que cada vínculo institucional ou sua ausência é considerado para contagem, independente das repetições). Mas na realidade são 186 colaborações, pois esta diferença se deve ao fato de que 4 vezes aparecem autorias com mais de um vínculo institucional declarado. Por isso, chega-se ao número de 190 (186 + 4 = 190).	
Total de instituições	29 (sem considerar as repetições)	
<p>* Precedência em virtude dos critérios de classificação estabelecidos, a saber: 1) quantidade total de colaborações na coleção, representada pelo vínculo institucional presente na identificação da autoria dos textos; 2) quantidade total de colaborações com autoria solo; 3) colaborações em coautoria.</p> <p>** Ver nota (1) da Tabela 2.</p>		

## APÊNDICE B

MAIORES COLABORADORES DA COLEÇÃO HGCB (1960-1984)				
Posição Geral	Posição na Fase	Nome	Detalhes	Total de colaborações
1º	1º da Fase Buarqueana	Sérgio Buarque de Holanda (professor catedrático da FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo)	1 paratexto (Introdução) e 33 capítulos (2 em coautoria – 1 com Pedro Moacyr Campos e 1 Olga Pantaleão – e 31 solo, dos quais 19 constituem todo o 7º volume do Tomo II, a saber, a obra <i>Do Império à República</i> )	34

2º	2º da Fase Buarqueana	Arthur Cezar Ferreira Reis (sem instituição declarada, identificado somente como: “historiador, Rio de Janeiro”)	10 capítulos solo	10
3º	3º da Fase Buarqueana	Pedro Moacyr Campos (professor adjunto da FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo)	5 capítulos (2 em coautoria – 1 com Sérgio Buarque de Holanda e 1 com Olga Pantaleão – e 3 solo)	5
4º	4º da Fase Buarqueana	Pedro Octávio Carneiro da Cunha (do Museu Paulista)	4 capítulos solo	4*
5º	1º da Fase Faustina	Boris Fausto (doutor em História pela FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo, no Tomo III, v. 1; e do Instituto de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, no Tomo III, v. 2 e 4)	2 paratextos (2 Introduções) e 2 capítulos solo	4
6º	5º da Fase Buarqueana	Américo Jacobina Lacombe (diretor da Casa de Rui Barbosa, Ministério da Educação, Rio de Janeiro)	3 capítulos solo	3*
7ª	6ª da Fase Buarqueana e 3ª na Fase Faustina	Teresa Schorer Petrone (da FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo)	3 capítulos solo (2 na Fase Buarqueana e 1 na Fase Faustina)	3*
8ª	7ª da Fase Buarqueana	Olga Pantaleão (professora da Faculdade de Filosofia de Marília – SP)	3 capítulos (2 em coautoria – 1 com Sérgio Buarque de Holanda e 1 com Pedro Moacyr Campos – e 1 solo)	3
9º	8º da Fase Buarqueana	Aziz Ab’Saber (professor assistente da FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo no Tomo I, v. 1; e da Faculdade de Filosofia de Porto Alegre no Tomo I, v. 2)	2 capítulos solo	2
9º	8º da Fase Buarqueana	Laerte Ramos de Carvalho (professor catedrático da FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo)	2 capítulos solo	2
9º	8º da Fase Buarqueana	Odilon Nogueira de Mattos (professor da FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo)	2 capítulos solo	2
9º	8º da Fase Buarqueana	Antonio Candido de Mello e Souza (da FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo)	2 capítulos solo	2

9º	8º da Fase Buarqueana	Lourival Gomes Machado (da FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo)	2 capítulos solo	2
9º	8º da Fase Buarqueana	Francisco Curt Lange (Instituto Interamericano de Musicologia, Montevideo, Uruguai)	2 capítulos solo	2
9º	8º da Fase Buarqueana	Lycurgo Santos Filho (sem instituição declarada, identificado somente como: “historiador e médico, Campinas, São Paulo”)	2 capítulos solo	2
9º	8º da Fase Buarqueana	Olivério Mário Oliveira Pinto (do Departamento de Zoologia, Secretaria da Agricultura, São Paulo)	2 capítulos solo	2
9ª	8ª da Fase Buarqueana	Alice P. Cannabrava (da Faculdade de Ciências Econômicas – Universidade de São Paulo)	2 capítulos solo	2
9º	8º da Fase Buarqueana	Dorival Teixeira Vieira (da Faculdade de Ciências Econômicas – Universidade de São Paulo)	2 capítulos solo	2
9ª	8ª da Fase Buarqueana	Nícia Vilela Luz (da FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo)	2 capítulos solo	2
9º	8º da Fase Buarqueana	Carlos Oberacker (sem instituição declarada, identificado somente como: “historiador, São Paulo”)	2 capítulos solo	2
9º	8º da Fase Buarqueana	João Cruz Costa (da FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo)	2 capítulos solo	2
9º	8º da Fase Buarqueana	Amaro Quintas (da Faculdade de Filosofia de Recife, no Tomo II, v. 1; e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de Pernambuco, no Tomo II, v. 2. Obs.: mesma instituição)	2 capítulos solo	2
9º	8º da Fase Buarqueana	Eurípedes Simões de Paula (da FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo, no Tomo II, v. 1; e diretor da FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo, no Tomo II, v. 4)	2 capítulos solo	2
9º	8º da Fase Buarqueana	J. A. Soares de Souza (sem instituição declarada, identificado somente como:	2 capítulos solo	2

		“historiador, Niterói”)		
9º	8º da Fase Buarqueana	Paulo Pereira de Castro (da FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo)	2 capítulos solo	2
9º	8º da Fase Buarqueana	Francisco Iglésias (da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Minas Gerais)	2 capítulos solo	2
9º	8º da Fase Buarqueana	Guilherme Deveza (sem instituição declarada, identificado somente como: “historiador e economista”)	2 capítulos solo	2
9º	8º da Fase Buarqueana	Roque Spencer M. de Barros (da FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo)	2 capítulos solo	2
9º	2º da Fase Faustina	Paul Singer (professor aposentado da FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo, pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento – CEBRAP, no Tomo III, v. 1; e do Departamento de Economia da Universidade de São Paulo e pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento – CEBRAP, no Tomo III, v. 4)	2 capítulos solo	2
9º	2º da Fase Faustina	Paulo Sérgio Pinheiro (Universidade Estadual de Campinas)	2 capítulos solo	2
9º	2º da Fase Faustina	Leôncio Martins Rodrigues (da FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo)	2 capítulos solo	2*
10º	9º da Fase Buarqueana e 3º da Fase Faustina	Fernando Henrique Cardoso (da FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo, no Tomo II, v. 2; e professor catedrático aposentado da FFLC / FFLCH – Universidade de São Paulo e diretor do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento – CEBRAP, no Tomo III, v. 1)	2 capítulos solo (1 na Fase Buarqueana e 1 na Fase Faustina)	2*
11ª	10ª da Fase Buarqueana	Antônia Fernanda P. de Almeida (Wright) (auxiliar de ensino da FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo)	2 capítulos (1 em coautoria com Astrogildo Rodrigues de Mello e 1 solo).	2*
11ª	10ª da Fase Buarqueana	Myriam Ellis (professora assistente da FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo)	2 capítulos (1 em coautoria com José R. de Araújo Filho e 1 solo)	2
12º	11º da Fase Buarqueana	Florestan Fernandes (professor da FFCL / FFLCH –	1 capítulo solo	1

		Universidade de São Paulo)		
12°	11° da Fase Buarqueana	J. F. de Almeida Prado (sem instituição declarada, identificado somente como: “historiador, São Paulo”)	1 capítulo solo	1
12°	11° da Fase Buarqueana	José Antônio Gonsalves de Mello (professor catedrático da Faculdade de Filosofia da Universidade de Recife)	1 capítulo solo	1
12°	11° da Fase Buarqueana	Fernando Mendes de Almeida (da Faculdade de Direito – Universidade de São Paulo)	1 capítulo solo	1
12°	11° da Fase Buarqueana	Maurício Goulart (sem instituição declarada, identificado somente como: “historiador, São Paulo”)	1 capítulo solo	1
12ª	11ª da Fase Buarqueana	Célia de Barros Barreto (da FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo)	1 capítulo solo	1
12°	11° da Fase Buarqueana	Wanderley Pinho (da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade da Bahia)	1 capítulo solo	1
12ª	11ª da Fase Buarqueana	Emília Viotti da Costa (da FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo)	1 capítulo solo	1
12ª	11ª da Fase Buarqueana	Paula Beiguelman (da FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo)	1 capítulo solo	1
12°	11° da Fase Buarqueana	Frank Goldman (da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, São Paulo)	1 capítulo solo	1
12°	11° da Fase Buarqueana	Octavio Ianni (da FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo)	1 capítulo solo	1
12°	11° da Fase Buarqueana	Mário Barata (da Escola Nacional de Belas Artes da Universidade do Brasil, Rio de Janeiro)	1 capítulo solo	1
12°	11° da Fase Buarqueana	Richard Graham (da Universidade do Texas, Estados Unidos)	1 capítulo solo	1
12°	11° da Fase Buarqueana	Joel Serrão (professor Liceal de História, Lisboa)	1 capítulo solo	1

12º	11º da Fase Buarqueana	John Schulz (da Universidade de Princeton, Estados Unidos)	1 capítulo solo	1
12ª	11ª da Fase Buarqueana	Jeanne Berrance de Castro (da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro – SP)	1 capítulo solo	1
12º	11º da Fase Buarqueana	Antônio de Souza Júnior (General do Exército nacional)	1 capítulo solo	1
12ª	11ª da Fase Buarqueana	Maria José Garcia Werebe (da FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo)	1 capítulo solo	1
12ª	3ª da Fase Faustina	Maria Isaura Pereira de Queiroz (da FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo)	1 capítulo solo	1
12º	3º da Fase Faustina	Warren Dean (da Universidade de Nova Iorque, Departamento de História, Estados Unidos)	1 capítulo solo	1
12º	3º da Fase Faustina	José C. Gnaccarini (do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas)	1 capítulo solo	1
12º	3º da Fase Faustina	Francisco de Oliveira (economista pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento – CEBRAP)	1 capítulo solo	1
12º	3º da Fase Faustina	Douglas Teixeira Monteiro (do Departamento de Ciências Sociais da FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo)	1 capítulo solo	1
12º	3º da Fase Faustina	José Murilo de Carvalho (do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais)	1 capítulo solo	1
12ª	3ª da Fase Faustina	Heloísa Rodrigues Fernandes (da FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo)	1 capítulo solo	1
12º	3º da Fase Faustina	Jorge Nagle (do Departamento de Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara – SP)	1 capítulo solo	1
12º	3º da Fase Faustina	Alfredo Bosi (da FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo)	1 capítulo solo	1

12°	3° da Fase Faustina	Bolivar Lamounier (da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)	1 capítulo solo	1
12°	3° da Fase Faustina	E. Bradford Burns (do Departamento de História, da Universidade da Califórnia, Estados Unidos)	1 capítulo solo	1
12ª	3ª da Fase Faustina	Eli Diniz (do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – IUPERJ)	1 capítulo solo	1
12ª	3ª da Fase Faustina	Aspásia de Alcântara Camargo (da Fundação Getúlio Vargas)	1 capítulo solo	1
12°	3° da Fase Faustina	Antonio Mendes de Almeida Júnior (da Fundação Getúlio Vargas)	1 capítulo solo	1
12°	3° da Fase Faustina	Ricardo Maranhão (da Universidade Estadual de Campinas)	1 capítulo solo	1
12°	3° da Fase Faustina	Hélgio Trindade (da Universidade Federal e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)	1 capítulo solo	1
12°	3° da Fase Faustina	Ítalo Tronca (da Universidade Estadual de Campinas)	1 capítulo solo	1
12°	3° da Fase Faustina	Décio A. M. Saes (da Universidade Estadual de Campinas)	1 capítulo solo	1
12°	3° da Fase Faustina	Sérgio Miceli (da Fundação Getúlio Vargas)	1 capítulo solo	1
12°	3° da Fase Faustina	Marcelo de Paiva Abreu (do Departamento de Economia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e do instituto de Pesquisas de Planejamento Econômico e Social)	1 capítulo solo	1
12°	3° da Fase Faustina	Pedro Sampaio Malan (do Departamento de Economia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)	1 capítulo solo	1
12°	3° da Fase Faustina	Tamás Szmrecsányi (do Departamento de Economia da Universidade Estadual de Campinas)	1 capítulo solo	1
12ª	3ª da Fase	Neide L. Patarra	1 capítulo solo	1

	Faustina	(do Departamento de História e Estética do Projeto da Faculdade de Araraquara e Urbanismo da Universidade de São Paulo e pesquisadora do Programa de Estudos em Demografia e Urbanização)		
12º	3º da Fase Faustina	José Oscar Beozzo (da Faculdade Auxilium de Filosofia, Lins – SP)	1 capítulo solo	1
12º	3º da Fase Faustina	Celso de Rui Beisiegel (da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo)	1 capítulo solo	1
12º	3º da Fase Faustina	Guilhermino César (da Universidade Federal do Rio Grande do Sul)	1 capítulo solo	1
12º	3º da Fase Faustina	Décio de Almeida Prado (da FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo)	1 capítulo solo	1
12ª	3ª da Fase Faustina	Angela de Castro Gomes (da Fundação Getúlio Vargas)	1 capítulo solo	1* (**)
13º	12º da Fase Buarqueana	Astrogildo Rodrigues de Mello (professor catedrático da FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo)	1 capítulo (em coautoria com Antônia Fernanda P. de Almeida (Wright))	1
13º	12º da Fase Buarqueana	Egon Schaden (da FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo)	1 capítulo (em coautoria com João Baptista Borges Pereira)	1
13º	12º da Fase Buarqueana	João Baptista Borges Pereira (instrutor da cadeira de Antropologia da FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo)	1 capítulo (em coautoria com Egon Schaden)	1
13º	12º da Fase Buarqueana	José R. de Araújo Filho (da FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo)	1 capítulo (em coautoria com Myriam Ellis)	1
13ª	4ª da Fase Faustina	Maria Rita Galvão (da Escola de Comunicação e Artes da universidade de São Paulo)	1 capítulo (em coautoria com Carlos Roberto de Souza)	1
13º	4º da Fase Faustina	Carlos Roberto de Souza (da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo)	1 capítulo (em coautoria com Maria Rita Galvão)	1
13º	4º da Fase Faustina	Gilberto Vasconcellos (doutor pela FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo)	1 capítulo (em coautoria com Martins Suzuki Jr.)	1
13º	4º da Fase Faustina	Martins Suzuki Jr. (crítico de música popular)	1 capítulo (em coautoria com Gilberto)	1

			Vasconcellos)	
13 <sup>a</sup>	4 <sup>a</sup> da Fase Faustina	Maria Lúgia Coelho Prado (mestre em História pela FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo)	1 capítulo (em coautoria com Maria Helena Rolim Capelato)	1
13 <sup>a</sup>	4 <sup>a</sup> da Fase Faustina	Maria Helena Rolim Capelato (mestre em História pela FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo)	1 capítulo (em coautoria com Maria Lúgia Coelho Prado)	1
13 <sup>o</sup>	4 <sup>o</sup> da Fase Faustina	Sérgio Lobo de Moura (da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica de Minas Gerais)	1 capítulo (em coautoria com José Maria Gouvêa de Almeida)	1
13 <sup>o</sup>	4 <sup>o</sup> da Fase Faustina	José Maria Gouvêa de Almeida (da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica de Minas Gerais)	1 capítulo (em coautoria com Sérgio Lobo de Moura)	1*
14 <sup>o</sup>	5 <sup>o</sup> da Fase Faustina	Antônio Flávio de Oliveira Pierucci (professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento – CEBRAP)	1 capítulo (em coautoria com Beatriz Muniz de Souza e Cândido Procópio Ferreira de Camargo)	1
14 <sup>a</sup>	5 <sup>a</sup> da Fase Faustina	Beatriz Muniz de Souza (professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e pesquisadora do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento – CEBRAP)	1 capítulo (em coautoria com Antônio Flávio de Oliveira Pierucci e Cândido Procópio Ferreira de Camargo)	1
14 <sup>o</sup>	5 <sup>o</sup> da Fase Faustina	Cândido Procópio Ferreira de Camargo (professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento – CEBRAP)	1 capítulo (em coautoria com Antônio Flávio de Oliveira Pierucci e Batriz Muniz de Souza)	1
14 <sup>o</sup>	5 <sup>o</sup> da Fase Faustina	Joseph Love (da Universidade de Illinois, Urbana-Champaign, Departamento de História, Estados Unidos)	1 capítulo (em coautoria com John Wirth e Robert Levine)	1
14 <sup>o</sup>	5 <sup>o</sup> da Fase Faustina	John Wirth (da Universidade de Stanford, Departamento de História, Estados Unidos)	1 capítulo (em coautoria com Joseph Love e Robert Levine)	1
14 <sup>o</sup>	5 <sup>o</sup> da Fase Faustina	Robert Levine (da Universidade Estadual de Nova Iorque, Stony Brook, Departamento de História, Estados Unidos)	1 capítulo (em coautoria com Joseph Love e John Wirth)	1*
16 <sup>o</sup>	13 <sup>o</sup> da Fase Buarqueana	Rubens Borba de Moraes (diretor aposentado da Biblioteca das Nações Unidas)	1 paratexto (Orientação bibliográfica)	1

16ª	13ª da Fase Buarqueana	Suely Robles Reis de Queiroz (da FFCL / FFLCH – Universidade de São Paulo)	1 paratexto (Cronologia sumária)	1*
17ª	14ª da Fase Buarqueana	Consuelo da Silva Dantas (sem instituição declarada)	1 paratexto (Índice remissivo em coautoria com Maria de Lourdes da Silva Dantas)	1
17ª	14ª da Fase Buarqueana	Maria de Lourdes da Silva Dantas (sem instituição declarada)	1 paratexto (Índice remissivo em coautoria com Consuelo da Silva Dantas)	1

\* Precedência em virtude dos critérios de classificação estabelecidos, a saber: 1) quantidade total de colaborações; 2) quantidade total de capítulos; 3) quantidade total de capítulos solo; 4) capítulos em coautoria e número de coautores (quanto mais coautores, mais baixa é a classificação); e, 5) Paratextos. Obs.: as coautorias estão sendo consideradas separadamente para a contagem, ou seja, contam como um texto ou paratexto para cada um de seus respectivos colaboradores.

\*\* Ver nota (1) da Tabela 2.

## APÊNDICE C

<b>COLABORADORES DA COLEÇÃO HGCB (1960-1984)</b>			
<b>Nº</b>	<b>Nome</b>	<b>Lugar editorial</b>	<b>Inserção</b>
001	Sérgio Buarque de Holanda	Organizador, diretor e colaborador	Autor
002	Pedro Moacyr Campos	Assistente e colaborador	Autor
003	Aziz Ab'Saber	Colaborador	Autor
004	Florestan Fernandes	Colaborador	Autor
005	J. F. de Almeida Prado	Colaborador	Autor
006	Laerte Ramos de Carvalho	Colaborador	Autor
007	Olga Pantaleão	Colaboradora	Autora
008	Antônia Fernanda P. de Almeida (Wright)	Colaboradora	Autora
009	Astrogildo Rodrigues de Mello	Colaborador	Autor
010	José Antônio Gonsalves de Mello	Colaborador	Autor
011	Arthur Cezar Ferreira Reis	Colaborador	Autor

012	Myriam Ellis	Colaboradora	Autora
013	Odilon Nogueira de Mattos	Colaborador	Autor
014	Pedro Octávio Carneiro da Cunha	Colaborador	Autor
015	Fernando Mendes de Almeida	Colaborador	Autor
016	Américo Jacobina Lacombe	Colaborador	Autor
017	Antonio Candido de Mello e Souza	Colaborador	Autor
018	Lourival Gomes Machado	Colaborador	Autor
019	Francisco Curt Lange	Colaborador	Autor
020	Lycurgo Santos Filho	Colaborador	Autor
021	Olivério Mário Oliveira Pinto	Colaborador	Autor
022	Maurício Goulart	Colaborador	Autor
023	Alice P. Cannabrava	Colaboradora	Autora
024	Teresa Schorer Petrone	Colaboradora	Autora
025	Dorival Teixeira Vieira	Colaborador	Autor
026	Nícia Vilela Luz	Colaboradora	Autora
027	Rubens Borba de Moraes	Colaborador	Outro
028	Carlos Oberacker	Colaborador	Autor
029	João Cruz Costa	Colaborador	Autor
030	Célia de Barros Barreto	Colaboradora	Autora
031	Amaro Quintas	Colaborador	Autor
032	Eurípedes Simões de Paula	Colaborador	Autor
033	J. A. Soares de Souza	Colaborador	Autor
034	Paulo Pereira de Castro	Colaborador	Autor
035	Wanderley Pinho	Colaborador	Autor
036	Francisco Iglésias	Colaborador	Autor
037	Fernando Henrique Cardoso	Colaborador	Autor
038	Emília Viotti da Costa	Colaboradora	Autora

039	Paula Beiguelman	Colaboradora	Autora
040	Frank Goldman	Colaborador	Autor
041	Octavio Ianni	Colaborador	Autor
042	Mário Barata	Colaborador	Autor
043	Egon Schaden	Colaborador	Autor
044	João Baptista Borges Pereira	Colaborador	Autor
045	José R. de Araújo Filho	Colaborador	Autor
046	Guilherme Deveza	Colaborador	Autor
047	Richard Graham	Colaborador	Autor
048	Joel Serrão	Colaborador	Autor
049	John Schulz	Colaborador	Autor
050	Jeanne Berrance de Castro	Colaboradora	Autora
051	Antônio de Souza Júnior	Colaborador	Autor
052	Roque Spencer M. de Barros	Colaborador	Autor
053	Maria José Garcia Werebe	Colaboradora	Autora
054	Suely Robles Reis de Queiroz	Colaboradora	Outra
055	Consuelo da Silva Dantas	Colaboradora	Outra
056	Maria de Lourdes da Silva Dantas	Colaboradora	Outra
057	Boris Fausto	Organizador, diretor e colaborador	Autor
058	Joseph Love	Colaborador	Autor
059	John Wirth	Colaborador	Autor
060	Robert Levine	Colaborador	Autor
061	Maria Isaura Pereira de Queiroz	Colaboradora	Autora
062	Warren Dean	Colaborador	Autor
063	Maria Lígia Coelho Prado	Colaboradora	Autora
064	Maria Helena Rolim Capelato	Colaboradora	Autora
065	José C. Gnaccarini	Colaborador	Autor

066	Paul Singer	Colaborador	Autor
067	Francisco de Oliveira	Colaborador	Autor
068	Paulo Sérgio Pinheiro	Colaborador	Autor
069	Douglas Teixeira Monteiro	Colaborador	Autor
070	José Murilo de Carvalho	Colaborador	Autor
071	Heloísa Rodrigues Fernandes	Colaboradora	Autora
072	Jorge Nagle	Colaborador	Autor
073	Alfredo Bosi	Colaborador	Autor
074	Sérgio Lobo de Moura	Colaborador	Autor
075	José Maria Gouvêa de Almeida	Colaborador	Autor
076	Bolivar Lamounier	Colaborador	Autor
077	E. Bradford Burns	Colaborador	Autor
078	Angela de Castro Gomes	Colaboradora	Autora*
079	Eli Diniz	Colaboradora	Autora
080	Aspásia de Alcântara Camargo	Colaboradora	Autora
081	Antonio Mendes de Almeida Júnior	Colaborador	Autor
082	Ricardo Maranhão	Colaborador	Autor
083	Hélgio Trindade	Colaborador	Autor
084	Ítalo Tronca	Colaborador	Autor
085	Leôncio Martins Rodrigues	Colaborador	Autor
086	Décio A. M. Saes	Colaborador	Autor
087	Sérgio Miceli	Colaborador	Autor
088	Marcelo de Paiva Abreu	Colaborador	Autor
089	Pedro Sampaio Malan	Colaborador	Autor
090	Tamás Szmrecsányi	Colaborador	Autor
091	Neide L. Patarra	Colaboradora	Autora
092	José Oscar Beozzo	Colaborador	Autor

093	Antônio Flávio de Oliveira Pierucci	Colaborador	Autor
094	Beatriz Muniz de Souza	Colaboradora	Autora
095	Cândido Procópio Ferreira de Camargo	Colaborador	Autor
096	Celso de Rui Beisiegel	Colaborador	Autor
097	Guilhermino César	Colaborador	Autor
098	Maria Rita Galvão	Colaboradora	Autora
099	Carlos Roberto de Souza	Colaborador	Autor
100	Gilberto Vasconcellos	Colaborador	Autor
101	Martins Suzuki Jr.	Colaborador	Autor
102	Décio de Almeida Prado	Colaborador	Autor
<p>Obs.: para elaboração desta lista, foi desconsiderada as repetições de nomes (mais de uma colaboração de um mesmo autor) e os colaboradores foram dispostos em ordem de aparecimento na coleção. Somente dois colaboradores estão presentes nas Fases <i>Buarqueana</i> e <i>Faustina</i> da coleção HGCB, a saber: Teresa Schorer Petrone e Fernando Henrique Cardoso.</p> <p>* Ver nota (1) da Tabela 2.</p>			

## APÊNDICE D

TEMÁTICAS DA COLEÇÃO HGCB (1960-1984)				
Tomo I: A Época Colonial				
Volume 1: Do descobrimento à expansão territorial	Livros	Capítulos / Paratextos	Autoria	
	1º: O velho mundo e o Brasil		Introdução geral	Sérgio Buarque de Holanda
			I – As instituições coloniais: antecedentes portugueses	Pedro Moacyr Campos
			II – As etapas do descobrimento português	Sérgio Buarque de Holanda
			III – O descobrimento do Brasil	Sérgio Buarque de Holanda

	2º: A terra e a gente	I – Fundamentos geográficos da história brasileira	Aziz N. Ab’Saber	
		II – Antecedentes indígenas: organização social das tribos tupis	Florestan Fernandes	
	3º: O advento do homem branco	I – As primeiras expedições	Sérgio Buarque de Holanda	
		II – O regime das capitanias	J. F. de Almeida Prado	
		III – A instituição do Governo Geral	Sérgio Buarque de Holanda	
		IV – Ação missionária e educação	Laerte Remos de Carvalho	
	4º: A ameaça externa	I – Franceses, holandeses e ingleses no Brasil quinhentista	Sérgio Buarque de Holanda & Olga Pantaleão	
		II – O Brasil no período dos Felipes (1580-1640)	Antônia Fernanda P. de Almeida & Astrogildo Rodrigues de Mello	
		III – Conquista da costa leste-oeste	Sérgio Buarque de Holanda	
		IV – Os franceses no Maranhão	Sérgio Buarque de Holanda	
		V – O domínio holandês na Bahia e no Nordeste	J. A. Gonsalves de Mello	
	5º: A expansão territorial	I – A ocupação portuguesa do vale amazônico	Arthur César Ferreira Reis	
		II – As bandeiras na expansão geográfica do Brasil	Myriam Ellis	
		III – A guerra dos Emboabas	Odilon Nogueira de Mattos	
		IV – As monções	Sérgio Buarque de Holanda	
		V – A colônia do Sacramento e a expansão no extremo sul	Sérgio Buarque de Holanda	
		VI – Os tratados de limites	Arthur César Ferreira Reis	
	<b>Volume 2:</b> Administração, economia, sociedade	1º: Política e administração	I – Política e administração de 1640 a 1763	Pedro Octávio Carneiro da Cunha
			II – O direito português no Brasil	Fernando Mendes de Almeida
		2º: Vida espiritual	I – A Igreja no Brasil colonial	Américo Jacobina Lacombe
			II – A educação e seus métodos	Laerte Ramos de Carvalho

	3º: Letras, artes, ciências	I – Letras e ideias no Brasil colonial	Antonio Candido de Mello e Souza	
		II – Arquitetura e artes plásticas	Lourival Gomes Machado	
		III – A música barroca	Francisco Curt Lange	
		IV – Medicina colonial	Lycurgo Santos Filho	
		V – Explorações científicas	Olivério Mário Oliveira Pinto	
	4º: Economia e finanças	I – Aspectos da geografia econômica do Brasil	Aziz Ab’Saber	
		II – O problema da mão-de-obra: o escravo africano	Maurício Goulart	
		III – A grande propriedade rural	Alice P. Cannabrava	
		IV – As áreas de criação de gado	Teresa Schorer Petrone	
		V – A mineração: antecedentes luso-brasileiros	Sérgio Buarque de Holanda	
		VI – Metais e pedras preciosas	Sérgio Buarque de Holanda	
		VII – O comércio colonial e as companhias privilegiadas	Arthur César Ferreira Reis	
		VIII – A política financeira	Dorival Teixeira Vieira	
	5º: A caminho da emancipação política	I – Política e administração sob os últimos vice-reis	Lourival Gomes Machado	
		II – Inquietações no Norte	Arthur César Ferreira Reis	
		III – Inquietações revolucionárias no Sul: a Conjuração Mineira	Nícia Vilela Luz	
		IV – A Conjuração no Rio de Janeiro	Américo Jacobina Lacombe	
		V – A Inconfidência baiana	Arthur César Ferreira Reis	
		Orientação Bibliográfica	Rubens Borba de Moraes	
	<b>Tomo II: O Brasil Monárquico</b>			
	<b>Volume 1: O processo de emancipação</b>	1º: O novo descobrimento do Brasil	I – A herança colonial – sua desagregação	Sérgio Buarque de Holanda
II – Imagens do Brasil no velho mundo			Pedro Moacyr Campos	
III – A presença inglesa			Olga Pantaleão	

		IV – Política financeira – o primeiro Banco do Brasil	Dorival Teixeira Vieira	
		V – Viajantes, naturalistas e artistas estrangeiros	Carlos Oberacker	
	2º: O movimento da independência	I – A fundação de um império liberal	Pedro Octávio Carneiro da Cunha	
		II – As novas ideias	João Cruz Costa	
		III – A ação das sociedades secretas	Célia de Barros Barreto	
		IV – A agitação republicana no Nordeste	Amaro Quintas	
		V – A fundação de um império liberal: discussão de princípios	Pedro Octávio Carneiro da Cunha	
	3º: Lutas externas	I – A organização do exército brasileiro	Eurípedes Simões de Paula	
		II – A ocupação de Caiena	Arthur Cézár Ferreira Reis	
		III – O Brasil e o Prata até 1828	J. A Soares de Souza	
	4º: O primeiro reinado	I – O reconhecimento do Império	Pedro Moacyr Campos & Olga Pantaleão	
		II – A fundação de um império liberal: primeiro reinado, reação e revolução	Pedro Octávio Carneiro da Cunha	
	Volume 2: Dispersão e unidade	1º: A regência	I – A “experiência republicana”, 1831-1840	Paulo Pereira de Castro
		2º: As províncias do Norte e do Oeste	I – O Grão-Pará e o Maranhão	Arthur Cézár Ferreira Reis
II – Mato Grosso e Goiás			Arthur Cézár Ferreira Reis	
3º: O Nordeste e a Bahia		I – O Nordeste, 1825-1850	Amaro Quintas	
		II – A Bahia, 1808-1856	Wanderley Pinho	
4º: As províncias do Centro		I – A província do Rio de Janeiro e o município neutro	Arthur Cézár Ferreira Reis	
		II – O Espírito Santo	Arthur Cézár Ferreira Reis	
		III – Minas Gerais	Francisco Iglésias	
5º: As províncias do Sul		I – São Paulo	Sérgio Buarque de Holanda	
		II – Rio Grande do Sul e Santa Catarina	Fernando Henrique Cardoso	

	6º: A reação monárquica	I – Política e administração de 1840 a 1848	Paulo Pereira de Castro	
<b>Volume 3: Reações e transações</b>	1º: Vida política	I – Vida política, 1848/1868	Francisco Iglésias	
		II – O Brasil e o Rio da Prata, de 1828 à queda de Rosas	J. A. Soares de Souza	
	2º: Da escravidão ao trabalho livre	I – O escravo na grande lavoura	Emília Viotti da Costa	
		II – O encaminhamento político do problema da escravidão no Império	Paula Beiguelman	
		III – A colonização baseada no regime de pequena propriedade agrícola	Carlos H. Oberacker	
		IV – As colônias de parceria	Sérgio Buarque de Holanda	
		V – Aspectos das migrações norte-americanas após a Guerra Civil	Frank Goldman	
		VI – Imigração assalariada	Teresa Schorer Petrone	
		VII – O processo econômico e o trabalhador livre	Octavio Ianni	
		3º: Ciências, letras e artes	I – O pensamento brasileiro sob o Império	João Cruz Costa
	II – A literatura durante o Império		Antonio Candido de Mello e Souza	
	III – A cultura jurídica		Américo Jacobina Lacombe	
	IV – A música erudita na Regência e no Império		Francisco Curt Lange	
	V – As artes plásticas de 1808 a 1889		Mário Barata	
	VI – Exploração antropológica		Egon Schaden & João Baptista Borges Pereira	
	VII – Viajantes e naturalistas		Olivério M. Oliveira Pinto	
	VIII – Medicina no período Imperial		Lycurgo Santos Filho	
	<b>Volume 4: Declínio e queda do Império</b>	1º: Economia e finanças	I – A mineração no Brasil no século XIX	José R. de Araújo Filho
			II – As tentativas de industrialização no Brasil	Nícia Vilela Luz
			III – Vias de comunicação	Odilon Nogueira de Matos

		IV – Política tributária no período Imperial	Guilherme Deveza	
		V – A grande lavoura	Alice P. Canabrava	
		2º: Relações internacionais	I – Brasil-Inglaterra, 1831/1889	Richard Graham
			II – Brasil-França	Guilherme Deveza
			III – Brasil Estados Unidos, 1831/1889	Antônia F. de Almeida Wright
	IV – Brasil-Portugal, 1826/1889		Joel Serrão	
	V – Brasil-Alemanha		Pedro Moacyr Campos	
	3º: Forças armadas	I – O Exército e o Império	John Schulz	
		II – A Marinha	Eurípedes Simões de Paula	
		III – A Guarda Nacional	Jeanne Berrance de Castro	
		IV – Guerra do Paraguai	Antônio de Souza Júnior	
	4º: Vida espiritual	I – Vida religiosa	Roque Spencer M. de Barros	
		II – A questão religiosa	Roque Spencer M. de Barros	
		III – A educação	Maria José Garcia Werebe	
	<b>Volume 5: Do Império à República</b>	1º: Crise do regime	I – Crise do regime	Sérgio Buarque de Holanda
			II – Um general na política	Sérgio Buarque de Holanda
III – A letra e o espírito do regime			Sérgio Buarque de Holanda	
IV – Política e guerra			Sérgio Buarque de Holanda	
2º: O pássaro e a sombra		I – O poder pessoal	Sérgio Buarque de Holanda	
		II – A democracia improvisada	Sérgio Buarque de Holanda	
		III – Fim do segundo “Quinquênio Liberal”	Sérgio Buarque de Holanda	
3º: Reformas e paliativos		I – A marcha da ideia da emancipação	Sérgio Buarque de Holanda	
		II – As outras reformas	Sérgio Buarque de Holanda	
		III – Fatura e crise	Sérgio Buarque de Holanda	
		IV – Novo sistema eleitoral	Sérgio Buarque de Holanda	

	4º: Da “Constituinte constituída à Lei Saraiva”	I – Liberais contra liberais	Sérgio Buarque de Holanda
		II – A Lei Saraiva	Sérgio Buarque de Holanda
		III – O manifesto de 1870	Sérgio Buarque de Holanda
		IV – As influências regionais	Sérgio Buarque de Holanda
	5º: O caminho da República	I – Resistência às reformas	Sérgio Buarque de Holanda
		II – Da maçonaria ao positivismo	Sérgio Buarque de Holanda
		III – A fronda pretoriana	Sérgio Buarque de Holanda
		IV – O fim do regime	Sérgio Buarque de Holanda
		Cronologia Sumária	Suely Robles Reis de Queiroz
		Índice Remissivo	Consuelo da Silva Dantas & Maria de Lourdes da Silva Dantas
	<b>Tomo III: O Brasil Republicano</b>		
Volume 1: Estrutura de poder e economia (1889-1930)	1º: Sistema oligárquico nos primeiros anos da República	Nota Introdutória	Boris Fausto
		I – Dos governos militares a Prudente – Campos Sales	Fernando Henrique Cardoso
		II – O poder dos estados. Análise regional	Joseph Love & John Wirth. Robert Levine
		III – O coronelismo numa interpretação sociológica	Maria Isaura Pereira de Queiroz
	2º: Economia e finanças nos primeiros anos da República	I – Expansão do café e política cafeeira	Boris Fausto
		II – A industrialização durante a República Velha	Warren Dean
		III – A borracha na economia brasileira da primeira República	Maria Lígia Coelho Prado & Maria Helena Rolim Capelato
		IV – A economia do açúcar. Processo de trabalho e processo de acumulação	José C. Gnaccarini
		V – O Brasil no contexto do capitalismo internacional, 1889-1930	Paul Singer
		VI – A emergência do modo de produção de mercadorias: uma interpretação teórica da economia da República Velha no Brasil	Francisco de Oliveira

<b>Volume 2: Sociedade e instituições (1889-1930)</b>	1º: Movimentos sociais e sociedade	I – Classes médias urbanas: formação, natureza, intervenção na vida política	Paulo Sérgio Pinheiro
		II – Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado	Douglas Teixeira Monteiro
		III – Imigração	Maria Tereza Schorer Petrone
		IV – O proletariado industrial na Primeira República	Paulo Sérgio Pinheiro
	2º: Forças armadas	V – Forças armadas na Primeira República: o poder desestabilizador	José Murilo de Carvalho
		VI – A força pública do estado de São Paulo	Heloísa Rodrigues Fernandes
	3º: Cultura, igreja, ideologia e diplomacia	VII – A educação na Primeira República	Jorge Nagle
		VIII – As letras na Primeira República	Alfredo Bosi
		IX – A igreja na Primeira República	Sérgio Lobo de Moura & José Maria Gouvêa de Almeida
		X – Formação de um pensamento político autoritário na Primeira República, uma interpretação	Bolívar Lamounier
		XI – As relações internacionais do Brasil durante a Primeira República	E. Branford Burns
Conclusão		Boris Fausto	
<b>Volume 3: Sociedade e política (1930-1964)</b>	1º: Processo político	I – Confronto e compromisso no processo de constitucionalização (1930-1935)	Ângela de Castro Gomes
		II – O Estado Novo: estrutura de poder. Relações de classe	Eli Diniz
		III – A questão agrária: crise de poder e reformas de base (1930-1964)	Aspásia de Alcântara Camargo
		IV – Do declínio do Estado Novo ao suicídio de Getúlio Vargas	Antonio Mendes de Almeida Júnior
		V – O Estado e a política “populista” no Brasil (1954-1964)	Ricardo Maranhão

Volume 4: Economia e cultura (1930-1964)	2º: Partidos políticos e instituições	VI – Integralismo: teoria e práxis política nos anos 30	Hélgio Trindade	
		VII – O Exército e a industrialização: entre as armas e Volta Redonda (1930-1942)	Ítalo Tronca	
		VIII – O PCB: os dirigentes e a organização	Leôncio Martins Rodrigues	
		3º: Classes sociais e classes dirigentes	IX – Classe média e política no Brasil 1930-1964	Décio A. M. Saes
			X – Sindicalismo e classe operária (1930-1964)	Leôncio Martins Rodrigues
			XI – Carne e osso da elite política brasileira pós-1930	Sérgio Miceli
	1º: Processo político	Nota Introdutória	Boris Fausto	
		I – O Brasil e a economia mundial (1929-1945)	Marcelo de Paiva Abreu	
		II – Relações econômicas internacionais do Brasil (1945-1964)	Pedro Sampaio Malan	
		III – O desenvolvimento da produção agropecuária (1930-1970)	Tamás Szmrecsányi	
		IV – Interpretação do Brasil: uma experiência histórica de desenvolvimento	Paul Singer	
V – Dinâmica populacional e urbanização no Brasil: o período pós-30		Neide L. Patarra		
2º: Igreja, educação e cultura		VI – A Igreja entre a revolução de 1930, o Estado Novo e a redemocratização	José Oscar Beozzo	
		VII – Igreja católica: 1945-1970	Antônio Flávio de Oliveira Pierucci; Beatriz Muniz de Souza & Cândido Procópio Ferreira de Camargo	
		VIII – Educação e sociedade no Brasil após 1930	Celso de Rui Beisiegel	
		IX – Poesia e prosa de ficção	Guilhermino César	
		X – Cinema brasileiro: 1930-1964	Maria Rita Galvão & Carlos Roberto de Souza	
	XI – A malandragem e a formação da música popular brasileira	Gilberto Vasconcellos & Martins Suzuki Jr.		

		XII – Teatro: 1930-1980 (ensaio de interpretação)	Décio de Almeida Prado
		Cronologia Sumária	

## APÊNDICE E

<b>COLABORADORES DA FASE BUARQUEANA (1960-1972)</b>			
<b>Nº</b>	<b>Nome</b>	<b>Lugar editorial</b>	<b>Inserção</b>
001	Sérgio Buarque de Holanda	Organizador, diretor e colaborador	Autor
002	Pedro Moacyr Campos	Assistente e colaborador	Autor
003	Aziz Ab'Saber	Colaborador	Autor
004	Florestan Fernandes	Colaborador	Autor
005	J. F. de Almeida Prado	Colaborador	Autor
006	Laerte Ramos de Carvalho	Colaborador	Autor
007	Olga Pantaleão	Colaboradora	Autora
008	Antônia Fernanda P. de Almeida (Wright)	Colaboradora	Autora
009	Astrogildo Rodrigues de Mello	Colaborador	Autor
010	José Antônio Gonsalves de Mello	Colaborador	Autor
011	Arthur Cezar Ferreira Reis	Colaborador	Autor
012	Myriam Ellis	Colaboradora	Autora
013	Odilon Nogueira de Mattos	Colaborador	Autor
014	Pedro Octávio Carneiro da Cunha	Colaborador	Autor
015	Fernando Mendes de Almeida	Colaborador	Autor
016	Américo Jacobina Lacombe	Colaborador	Autor
017	Antonio Candido de Mello e Souza	Colaborador	Autor

018	Lourival Gomes Machado	Colaborador	Autor
019	Francisco Curt Lange	Colaborador	Autor
020	Lycurgo Santos Filho	Colaborador	Autor
021	Olivério Mário Oliveira Pinto	Colaborador	Autor
022	Maurício Goulart	Colaborador	Autor
023	Alice P. Cannabrava	Colaboradora	Autora
024	Teresa Schorer Petrone	Colaboradora	Autora
025	Dorival Teixeira Vieira	Colaborador	Autor
026	Nícia Vilela Luz	Colaboradora	Autora
027	Rubens Borba de Moraes	Colaborador	Outro
028	Carlos Oberacker	Colaborador	Autor
029	João Cruz Costa	Colaborador	Autor
030	Célia de Barros Barreto	Colaboradora	Autora
031	Amaro Quintas	Colaborador	Autor
032	Eurípedes Simões de Paula	Colaborador	Autor
033	J. A. Soares de Souza	Colaborador	Autor
034	Paulo Pereira de Castro	Colaborador	Autor
035	Wanderley Pinho	Colaborador	Autor
036	Francisco Iglésias	Colaborador	Autor
037	Fernando Henrique Cardoso	Colaborador	Autor
038	Emília Viotti da Costa	Colaboradora	Autora
039	Paula Beiguelman	Colaboradora	Autora
040	Frank Goldman	Colaborador	Autor
041	Octavio Ianni	Colaborador	Autor
042	Mário Barata	Colaborador	Autor
043	Egon Schaden	Colaborador	Autor
044	João Baptista Borges Pereira	Colaborador	Autor

045	José R. de Araújo Filho	Colaborador	Autor
046	Guilherme Deveza	Colaborador	Autor
047	Richard Graham	Colaborador	Autor
048	Joel Serrão	Colaborador	Autor
049	John Schulz	Colaborador	Autor
050	Jeanne Berrance de Castro	Colaboradora	Autora
051	Antônio de Souza Júnior	Colaborador	Autor
052	Roque Spencer M. de Barros	Colaborador	Autor
053	Maria José Garcia Werebe	Colaboradora	Outra
054	Suely Robles Reis de Queiroz	Colaboradora	Outra
055	Consuelo da Silva Dantas	Colaboradora	Outra
056	Maria de Lourdes da Silva Dantas	Colaboradora	Outra
Obs.: para elaboração desta lista, foi desconsiderado as repetições de nomes (mais de uma colaboração de um mesmo autor) e os colaboradores foram dispostos em ordem de aparecimento.			

## APÊNDICE F

<b>COLABORADORES DA FASE FAUSTINA (1975-1984)</b>			
<b>Nº</b>	<b>Nome</b>	<b>Lugar editorial</b>	<b>Inserção</b>
001	Boris Fausto	Organizador, diretor e colaborador	Autor
002	Fernando Henrique Cardoso	Colaborador	Autor
003	Joseph Love	Colaborador	Autor
004	John Wirth	Colaborador	Autor
005	Robert Levine	Colaborador	Autor
006	Maria Isaura Pereira de Queiroz	Colaboradora	Autora
007	Warren Dean	Colaborador	Autor

008	Maria Lúgia Coelho Prado	Colaboradora	Autora
009	Maria Helena Rolim Capelato	Colaboradora	Autora
010	José C. Gnaccarini	Colaborador	Autor
011	Paul Singer	Colaborador	Autor
012	Francisco de Oliveira	Colaborador	Autor
013	Paulo Sérgio Pinheiro	Colaborador	Autor
014	Douglas Teixeira Monteiro	Colaborador	Autor
015	Maria Tereza Schorer Petrone	Colaboradora	Autora
016	José Murilo de Carvalho	Colaborador	Autor
017	Heloísa Rodrigues Fernandes	Colaboradora	Autora
118	Jorge Nagle	Colaborador	Autor
019	Alfredo Bosi	Colaborador	Autor
020	Sérgio Lobo de Moura	Colaborador	Autor
021	José Maria Gouvêa de Almeida	Colaborador	Autor
022	Bolivar Lamounier	Colaborador	Autor
023	E. Bradford Burns	Colaborador	Autor
024	Angela de Castro Gomes	Colaboradora	Autora*
025	Eli Diniz	Colaboradora	Autora
026	Aspásia de Alcântara Camargo	Colaboradora	Autora
027	Antonio Mendes de Almeida Júnior	Colaborador	Autor
028	Ricardo Maranhão	Colaborador	Autor
029	Hélgio Trindade	Colaborador	Autor
030	Ítalo Tronca	Colaborador	Autor
031	Leôncio Martins Rodrigues	Colaborador	Autor
032	Décio A. M. Saes	Colaborador	Autor
033	Sérgio Miceli	Colaborador	Autor
034	Marcelo de Paiva Abreu	Colaborador	Autor

035	Pedro Sampaio Malan	Colaborador	Autor
036	Tamás Szmrecsányi	Colaborador	Autor
037	Neide L. Patarra	Colaboradora	Autora
038	José Oscar Beozzo	Colaborador	Autor
039	Antônio Flávio de Oliveira Pierucci	Colaborador	Autor
040	Beatriz Muniz de Souza	Colaboradora	Autora
041	Cândido Procópio Ferreira de Camargo	Colaborador	Autor
042	Celso de Rui Beisiegel	Colaborador	Autor
043	Guilhermino César	Colaborador	Autor
044	Maria Rita Galvão	Colaboradora	Autora
045	Carlos Roberto de Souza	Colaborador	Autor
046	Gilberto Vasconcellos	Colaborador	Autor
047	Martins Suzuki Jr.	Colaborador	Autor
048	Décio de Almeida Prado	Colaborador	Autor
<p>Obs.: para elaboração desta lista, foi desconsiderado as repetições de nomes (mais de uma colaboração de um mesmo autor) e os colaboradores foram dispostos em ordem de aparecimento.</p> <p>* Ver nota (1) da Tabela 2.</p>			

## REFERÊNCIAS

### A) Documentais

Arquivo Américo Jacobina Lacombe. *Fundação Casa de Rui Barbosa*. Pasta Correspondência. Direção da Brasileira. Carta de Rubem Lima, de 28 de outubro de 1957, pasta 291.

Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) USP – *Fundo Alice Piffer Canabrava*, APC-P1, 01. Carta. 28.06.1960. Belo Horizonte (MG). Remetente: Francisco Iglésias.

\_\_\_\_\_, APC-P2, 03. Carta. 28.01.1982. São Paulo (SP). Remetente: Alice Piffer Canabrava. Destinatário: Francisco Iglésias.

\_\_\_\_\_, APC-P2, 10. Carta. 24.04.1982. Belo Horizonte (MG). Remetente: Francisco Iglésias. Destinatário: Alice Piffer Canabrava.

*Arquivo Nacional* (AN). Coordenação de Documentos Escritos. Documentos do Executivo e do Legislativo. BR.AN.RIO.TT.0.MCP.PRO.1414. Processo GAB nº 100.567. 58 folhas / 59 páginas. Confidencial. 01 ago. 1978. Assunto: Criação do “Centro Brasileiro Democrático”.

\_\_\_\_\_. BR.AN.RIO.TT.0.MCP.PRO.1610. Processo GAB nº 100.020. 12 folhas / 20 páginas. Confidencial. 11 jan. 1979. Assunto: Oscar Niemeyer.

\_\_\_\_\_. BR.AN.RIO.TT.0.MCP, AVU.431. UD 154. 13 folhas / 13 páginas. Confidencial. 07 out. 1980. Assunto: Atividades do Centro Brasil Democrático – CEBRADE.

\_\_\_\_\_. BR.AN.RIO.TT.0.MCP, AVU.589. UD 170. 23 folhas / 23 páginas. Confidencial. 04 jan. 1982. Assunto: Trabalho de Massa (TM).

*Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil* (CPDOC-FGV). Arquivo: Anísio Teixeira. Classificação: AT pi Melo, L.C. de 1954.00.00. “Dados biográficos de Sergio Buarque de Holanda” e “Bibliografia” extraídos do Dicionário de autores paulistas, São Paulo, Serviço de Comemorações Culturais, p. 278. (s.l.).

ELLIS, Myriam. Noticiário. Concurso para provimento da cadeira de História da Civilização Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. *Revista de História*, São Paulo, n. 38, ano X, p. 493-508, abr./jun. 1959. Centro de Apoio à Pesquisa em História. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (CAPH-FFLCH).

Série: Vida Pessoal. 20 – Certidão de Batismo de SBH, (São Paulo, 08 dez. 1902), nº 0772. São Paulo, 17 jul. 1937. c.as. 1p (anotações em alemão no verso). Vp 20 P1. Fundo Sérgio Buarque de Holanda (SBH). Arquivo Central da Universidade Estadual de Campinas (*Siarq-UNICAMP*).

\_\_\_\_\_. 33 – Fotografia de Caio Prado Jr., onde se vê SBH acompanhado de Francisco de Assis Barbosa, Maria Amélia, Octávio Tarquínio de Sousa e Lúcia Miguel Pereira, em um

passaio a Embú. Embú, 1943. b&p. 24x29.5. (reprod. ampliada). Vp 32 P1 & etc. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

\_\_\_\_\_. 42 – Nomeação de SBH, como Historiógrafo do Museu Paulista. São Paulo, 28 jan. 1947. c.as. 1p. Vp 42 P1. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

\_\_\_\_\_. 88 – Curriculum Vitae de SBH. 1958. Vp 88 P242. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

\_\_\_\_\_. 172 – Certidão de casamento de SBH e D. Maria Amélia. (Rio de Janeiro, 28 dez. 1936). Rio de Janeiro, 2 out. 1984. 1p. (2ª via). Vp 172 P3. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

\_\_\_\_\_. Subsérie: Entrevistas. 208 – Recorte de jornal com entrevista de SBH, intitulado “Cresce a solidariedade à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência: professores protestam”, comentando os protestos de professores contra o cancelamento da reunião anual. Folha de São Paulo. São Paulo, 19 jun. 1977. s.p. Vp 208 P4. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

\_\_\_\_\_. Subsérie: Entrevistas. 218 – Recorte de jornal com entrevista de SBH a Aleksandar Jovanovic, intitulado “Sérgio Buarque de Holanda: no Brasil de 80, elitismo ainda predomina, na cultura e na política. Exatamente como no passado”, comentando o papel do escritor no Brasil, a cultura brasileira, a Guerra do Paraguai, o futuro político do país e os partidos políticos: PSB, PC e PT. Diário do Grande ABC. Santo André, 13 abr. 1980. s.p. Vp 218 P4. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

Série: Correspondência. Subsérie: Ativa. 228 – Carta de SBH a Artur César Ferreira Reis respondendo a comentários feitos aos volumes 6º e 7º da Coleção História Geral. São Paulo, 25 out. 1972. as. Sérgio Buarque de Holanda. 2p. (c/anot.ms. e borrões, rascunho) Ca 6 P5. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

\_\_\_\_\_. 230 – Carta de SBH, a Arthur Cezar Ferreira Reis, respondendo a comentários feitos aos volumes 6º e 7º da Coleção História Geral. s.l.d. s.as. 3p. (c/anot.ms.) Ca 8 P5. Fundo SBH, *Siarq-UNICAMP*.

Série: Correspondência. Subsérie: Passiva. 430 – Carta de Octávio Tarquínio de Sousa a SBH, desculpando-se por não poder aceitar em escrever o capítulo “Vida política e administrativa do Brasil entre 1763 e 1808”. Rio de Janeiro, 28 out. 1957. as. Octávio. 1p. Cp 208 P9. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

\_\_\_\_\_. 431 – Carta de Charles Boxer a SBH, informando que não poderia escrever sobre os Holandeses no Brasil e indicando José Antônio Gonsalves de Mello Neto para tal. s.l., 05 nov. 1957. as. ileg. 2p. Cp 209 P9. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

\_\_\_\_\_. 432 – Carta de Charles Boxer a SBH reiterando que não pode escrever sobre os Holandeses no Brasil e esperando encontrá-lo no 4º Colóquio Luso-Brasileiro na Bahia. s.l., 02 dez. 1957. as. ileg. 2p. Cp 210 P9. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

\_\_\_\_\_. 440 – Carta de Affonso Arinos de Mello Franco a SBH, se explicando por não poder escrever o capítulo sobre a Inconfidência. Rio de Janeiro, 24 mar. 1959. as. ileg. 1p. Cp 218 P9. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

\_\_\_\_\_. 457 – Carta de Francisco Iglésias a SBH, enviando o trabalho combinado e

comentando o mesmo. Belo Horizonte, 20 set. 1961. as. Francisco Iglésias. 1p. Cp 235 P9430. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

\_\_\_\_\_. 481 – Carta de Wanderley Pinho a SBH enviando a parte final dos originais de um capítulo do trabalho e pedindo que devolvesse as provas para correção. Rio de Janeiro, 31 out. 1963. as. Wanderley Pinho. 1p. Cp 259 P9. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

\_\_\_\_\_. 537 – Carta de Amaro Quintas a SBH pedindo para que informasse a “Chico Buarque”, que usou trecho da música “Construção” em seu discurso na Academia Pernambucana de Letras; cobrando o envio de exemplares de “História Geral da Civilização Brasileira” e pedindo para que corrigisse erros de revisão em dois capítulos. Recife, 15 nov. 1972. as. Amaro Quintas. 2p. Cp 315 P11. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

\_\_\_\_\_. 571 – Carta de Alfredo Bosi a SBH, esclarecendo sobre o exato sentido de uma apreciação sobre o livro “Raízes do Brasil”. São Paulo, 09 dez. 1980. ass. Alfredo Bosi. 3p. (três recortes de jornais e comentários sobre a bibliografia crítica de “1822: dimensões”). Cp 349 P11. Fundo SBH, *Siarq-UNICAMP*.

Série: Produção Intelectual. Subsérie: Atividades Jornalísticas. 605 – Recorte de artigo de SBH, intitulado “Viva o Imperador”, criticando o decreto-lei que mantinha, na Constituição Brasileira, o banimento da família imperial e conseqüente permanência dos restos mortais de D. Pedro II, fora do país. A Cigarra. São Paulo, jun. 1920. 1p. Pi 4 P12. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

\_\_\_\_\_. Subsérie: Originais/Monografia. Discurso proferido por SBH, quando recebeu o Troféu Juca Pato, como Intelectual do Ano em 1980. 2p. (fotoc.) Pi 182 P18. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

Série: Originais/Monografia. 776 – Tese de SBH, intitulada “Elementos Formadores da Sociedade Portuguesa na época dos Descobrimentos”, apresentada à Escola de Sociologia e Política para obtenção de grau de mestre em Ciências Sociais. São Paulo, jul. 1958. 145p. Pi 175 P18. Fundo SBH, *Siarq-UNICAMP*.

Série: Produção de Terceiros. Subsérie: Artigos de Jornais sobre SBH. 2070 – Recorte de jornal, intitulado “Acerca dos livros didáticos”, de Olivio Montenegro, comentando sobre a utilidade dos livros didáticos e referindo-se ao livro “História do Brasil para o 3º ano colegial”, da autoria de Octávio Tarquínio de Sousa e Sérgio Buarque de Holanda. Correio da Manhã. [São Paulo], 29 out. 1944. Pt 55 P59. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

Série: Homenagens Póstumas. 2497 – Carta de José Sebastião Witter a Maria Amélia Buarque de Holanda, comunicando que enviou à USP e à UNICAMP, correspondência sobre a aquisição do acervo de SBH. São Paulo, 31 maio. 1983. as.ileg. 1p (orig.ms.) Hp 14 P75. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

\_\_\_\_\_. 2505 – Recorte de jornal, intitulado “Às vésperas dos 80 anos, a morte de Sérgio Buarque”, de Maurício Ielo, comentando o seu falecimento, as suas obras e depoimentos de vários intelectuais. O Estado de São Paulo. São Paulo, 25 abr. 1982. Hp 22 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

\_\_\_\_\_. 2506 – Recorte de jornal, intitulado “O mundo intelectual reage diante da notícia inesperada”, comentando as reações de diversos intelectuais a respeito do falecimento de SBH. O Estado de São Paulo. São Paulo, 25 abr. 1982. s.p. Hp 23 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

\_\_\_\_\_. 2507 – Recorte de jornal, intitulado “A precisão e a elegância”, de Nilo Scalzo, analisando o estilo literário de SBH. O Estado de São Paulo. São Paulo, 25 abr. 1982. Hp 24 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

\_\_\_\_\_. 2508 – Recorte de jornal, intitulado “Sérgio Buarque, morre aos 79, em São Paulo”, comentando o falecimento de SBH, acrescida de uma biobibliografia. Folha de São Paulo. São Paulo, 25 abr. 1982. Hp 25 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

\_\_\_\_\_. 2509 – Recorte de jornal, intitulado “Morre aos 79 o historiador Sérgio Buarque de Holanda”, comentando o seu falecimento, acrescido de uma biobibliografia. Folha de São Paulo. São Paulo, 25 abr. 1982. Hp 26 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

\_\_\_\_\_. 2514 – Recorte de jornal, intitulado “Sérgio, até o fim, sem pompas”, comentando a cerimônia de cremação do corpo de SBH, realizada por Frei Beto e destacando a opinião dos intelectuais. Folha de São Paulo. São Paulo, 26 abr. 1982. Ilustrada. p. 19. Hp 31 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

\_\_\_\_\_. 2515 – Recorte de jornal, intitulado “Era o dono da casa da rua”, de Claudio Abramo, contando episódios de sua amizade com SBH e imaginando como ele faleceu. Folha de São Paulo. São Paulo, 26 abr. 1982. Ilustrada. p.19 Hp32 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

\_\_\_\_\_. 2516 – Recorte de jornal, intitulado “Carta a Vinicius de Moraes”, de Tarso de Castro, transcrevendo uma carta própria a Vinicius de Moraes, comentando uma visita feita a casa de SBH. Folha de São Paulo. São Paulo, 26 abr. 1982. Ilustrada. p.19 Hp 33 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

\_\_\_\_\_. 2517 – Recorte de jornal, intitulado “O mais vivo de nossos homens de espírito”, de Nogueira Moutinho, traçando a trajetória literária de SBH e destacando sua vida acadêmica e os cargos que ocupou. Folha de São Paulo. São Paulo, 26 abr. 1982. Ilustrada. p. 19. Hp 34 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

\_\_\_\_\_. 2518 – Recorte de jornal intitulado “Presença de Chico Buarque leva curiosos a cemitério onde foi cremado seu pai”, noticiando a cerimônia de cremação do corpo de SBH. O Globo. Rio de Janeiro, 26 abr. 1982. s.p. Hp 35 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

\_\_\_\_\_. 2519 – Recorte de jornal intitulado “Historiador é cremado em Vila Alpina”, noticiando o falecimento e a cerimônia de cremação do corpo de SBH. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 26 abr. 1982. s.p. Hp 36 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

\_\_\_\_\_. 2524 – Recorte de jornal intitulado “Um homem sem pose”, de Sérgio Costa Franco comentando o falecimento de SBH e referindo-se a sua vida e obra. Correio do Povo. Porto Alegre, 27 abr. 1982. s.p. Hp 41 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

\_\_\_\_\_. 2528 – Recorte de jornal, intitulado “Muita comoção na missa de sétimo dia de Sérgio Buarque”, comentando a missa de sétimo dia de SBH, celebrada por Frei Beto e

assistida por vários amigos. Folha de São Paulo. São Paulo, 01 maio. 1982. Hp 45 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

\_\_\_\_\_. 2529 – Recorte de jornal intitulado “Sérgio”, comentando o falecimento de SBH. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 01 maio. 1982. p.7. Hp 46 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

\_\_\_\_\_. 2530 – Recorte de jornal intitulado “O Dr. Progresso acendeu o cigarro na lua” de Rubem Braga, comentando a vida e obra de SBH. Correio do Povo. Porto Alegre, 02 maio. 1982. s.p. (fotoc.). Hp 47 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

\_\_\_\_\_. 2537 – Recorte de jornal intitulado “Mestre Sérgio”, de Josué Montello, comentando a vida e obra de SBH. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 18 maio. 1982. s.p. Hp 54 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

\_\_\_\_\_. 2577 – Recorte de jornal intitulado “Convênio com Unicamp cria em Oxford cadeira Sérgio Buarque”, comentando a criação de uma cátedra específica para assuntos brasileiros na Universidade de Oxford, na Inglaterra, resultante de um convênio entre o Centro de Estudos Latino-Americanos daquela instituição e a Unicamp. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 23 maio. 1987. s.p. (no mesmo um artigo incompleto sobre a biblioteca de SBH na Unicamp). Hp 94 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

\_\_\_\_\_. 2585 – Recorte de jornal de Antonio Carlos Seidl, intitulado “Unicamp assina convênio com Universidade de Oxford”, comentando o convênio de cooperação cultural assinado entre as duas universidades, criando a cátedra Sérgio Buarque de Holanda, no Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Oxford. Folha de São Paulo. São Paulo, 22 mar. 1988. s.p. Hp 102 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

\_\_\_\_\_. 2608 – Recorte de jornal intitulado “Mestre Sérgio”, de José Guilherme Merquior, comentando a pessoa de SBH, seu estilo em escrever comparando a outros escritores e referindo-se às suas obras. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, s.d. s.p. Hp 125 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

Série: Dossiês. Subsérie: Centro Brasil Democrático. D1/2. 2668 – Atas de assembleia e reunião, projeto de estatuto, programa de trabalho, material de propaganda, exemplar do jornal Brasil Democrático, sobre a fundação do Centro Brasil Democrático. 1978. 9 doc. D1/1-9 P 79. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

## **B) Bibliográficas**

### *Publicações de Sérgio Buarque de Holanda:*

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Corpo e alma do Brasil. Ensaio de psicologia social. (publicado originalmente na Revista *Espelho* – RJ, em março de 1935). In: EUGÊNIO, João Kennedy; MONTEIRO, Pedro Meira (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas*. Campinas: Ed.UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2008.

\_\_\_\_\_. *Raízes do Brasil*. Coleção “Documentos Brasileiros” (v. 1). Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

\_\_\_\_\_. Brasiliana I (publicado originalmente no *Diário de Notícias* – RJ, em 22 de setembro de 1940). In: COSTA, Marcos (org.). *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos* (v. 1). São Paulo: Perseu Abramo / UNESP, 2011.

\_\_\_\_\_. Amazônia I e II (publicados originalmente no *Diário de Notícias*, respectivamente em 5 e 19 de janeiro de 1941). In: COSTA, Marcos (org.). *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos* (v. 1). São Paulo: Perseu Abramo / UNESP, 2011.

\_\_\_\_\_. Missionário e viajante I (publicado originalmente no *Diário de Notícias* – RJ, em 12 outubro de 1941). In: COSTA, Marcos (org.). *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos* (v. 1). São Paulo: Perseu Abramo / UNESP, 2011.

\_\_\_\_\_ & SOUSA, Octávio Tarquínio de. *História do Brasil*. Série “O livro escolar brasileiro” (n. 2). Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História do Brasil*. Série “O livro escolar brasileiro” (n. 2). Rio de Janeiro: José Olympio, 1944. Acervo Geral (Livros), Anexo II-873, 4, 45, II-381, 1, 2. *Biblioteca Nacional* (BN).

\_\_\_\_\_. *Cobra de vidro*. Coleção “Mosaico” (v. 5). São Paulo: Martins Editora, 1944.

\_\_\_\_\_. *Monções*. Coleção “Estudos Brasileiros” (n. 3). Rio de Janeiro: Casa Estudante do Brasil, 1945.

\_\_\_\_\_. Os problemas da democracia mundial (publicado originalmente no *Diário de Notícias* – RJ, na edição de 19 de junho de 1949). In: COSTA, Marcos (org.). *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos* (v. 1). São Paulo: Perseu Abramo / UNESP, 2011.

\_\_\_\_\_. A democracia e a tradição humanista (publicado originalmente no *Diário de Notícias* – RJ, na edição de 26 de junho de 1949). In: COSTA, Marcos (org.). *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos* (v. 1). São Paulo: Perseu Abramo / UNESP, 2011.

\_\_\_\_\_. A sociedade tupinambá I (publicado originalmente no *Diário de Notícias* – RJ, na edição de 30 de outubro de 1949). In: COSTA, Marcos (org.). *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos* (v. 1). São Paulo: Perseu Abramo / UNESP, 2011.

\_\_\_\_\_. A sociedade tupinambá II (publicado originalmente no *Diário de Notícias* – RJ, na edição de 20 de novembro de 1949). In: COSTA, Marcos (org.). *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos* (v. 1). São Paulo: Perseu Abramo / UNESP, 2011.

\_\_\_\_\_. O período colonial (publicado originalmente no *Manual bibliográfico de estudos brasileiros*, 1949). In: COSTA, Marcos (org.). *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos* (v. 1). São Paulo: Perseu Abramo / UNESP, 2011.

\_\_\_\_\_. Resenha bibliográfica (publicado originalmente na *Revista de História* – USP, na edição de julho e setembro de 1950). In: COSTA, Marcos (org.). *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos* (v. 2). São Paulo: Perseu Abramo / UNESP, 2011.

\_\_\_\_\_. Sobre o Colloquium (publicado originalmente no *Diário Carioca*, em 12 de novembro de 1950). In: COSTA, Marcos (org.). *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos* (v. 2). São Paulo: Perseu Abramo / UNESP, 2011.

\_\_\_\_\_. Existencialismo (publicado originalmente no *Diário Carioca*, em 25 de março de 1951). In: COSTA, Marcos (org.). *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos* (v. 2). São Paulo: Perseu Abramo / UNESP, 2011.

\_\_\_\_\_. O pensamento histórico no Brasil nos últimos 50 anos (publicado originalmente no *Correio da Manhã* – RJ, sob o título de “Cultura brasileira”, em 15 de junho de 1951). In: EUGÊNIO, João Kennedy; MONTEIRO, Pedro Meira (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas*. Campinas: Ed.UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2008.

\_\_\_\_\_. *Antologia dos poetas brasileiros na fase colonial* (2. vols.). Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde / Instituto Nacional do Livro, 1952-1953.

\_\_\_\_\_. *Caminhos e fronteiras*. Coleção “Documentos Brasileiros” (v. 89). Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

\_\_\_\_\_. Portugueses na América (publicado originalmente n’*O Estado de S. Paulo*, em 9 de maio de 1959). In: COSTA, Marcos (org.). *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos* (v. 2). São Paulo: Perseu Abramo / UNESP, 2011.

\_\_\_\_\_. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. Coleção “Documentos Brasileiros” (v. 107). Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

\_\_\_\_\_; FAUSTO, Boris (orgs.). *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: Difel, 1960-1984.

HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. I). Administração, economia, sociedade, (v. 2). São Paulo: Difel, 1960.

\_\_\_\_\_. Introdução geral. In: \_\_\_\_\_ (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. I). Do descobrimento à expansão territorial (v. 1). São Paulo: Difel, 1960.

\_\_\_\_\_. A herança colonial – sua desagregação. In: \_\_\_\_\_ (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. II). O processo de emancipação (v. 1). São Paulo: Difel, 1962.

\_\_\_\_\_. *Raízes do Brasil*. 4.ed. Coleção “Biblioteca Básica Brasileira” (v. 10). Brasília: Ed.UnB, 1963.

\_\_\_\_\_. São Paulo. In: \_\_\_\_\_ (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. II). Dispersão e unidade (v. 2). São Paulo: Difel, 1964.

\_\_\_\_\_. Rio: o primeiro século (publicado originalmente na revista *Manchete* – RJ, em 30 de janeiro de 1965). In: COSTA, Marcos (org.). *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos* (v. 2). São Paulo: Perseu Abramo / UNESP, 2011.

\_\_\_\_\_. Elementos básicos da nacionalidade: o homem (publicado originalmente em folheto da *Escola Superior de Guerra* – ESG, 1967). In: EUGÊNIO, João Kennedy; MONTEIRO,

Pedro Meira (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas*. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008.

\_\_\_\_\_. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. Coleção “Brasiliana” (v. 333). 2.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional / Ed. USP, 1969.

\_\_\_\_\_. *Raízes do Brasil*. 6.ed. Coleção “Documentos Brasileiros” (v. 1). Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

\_\_\_\_\_; et. al (orgs.). *História do Brasil: das origens à independência*. Curso moderno (v. 1). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971. Coleções Especiais. BSBH. Biblioteca Central da UNICAMP.

\_\_\_\_\_. (orgs.). *História do Brasil: da independência aos nossos dias*. Curso moderno (v. 2). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971. Coleções Especiais. BSBH. Biblioteca Central da UNICAMP.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira* (t. II). Do Império à República (v. 5). São Paulo: Difel, 1972.

\_\_\_\_\_. *Raízes do Brasil*. Coleção “Documentos Brasileiros” (v. 1). 7.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

\_\_\_\_\_. *Vale do Paraíba: velhas fazendas* (com desenhos de Tom Maia). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.

\_\_\_\_\_; et. al (orgs.). *História da civilização*. Curso moderno. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975. Acervo Geral (Livros), 372.89. *Biblioteca Nacional* (BN).

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Uma república não-proclamada III. In: *Jornal da República*. São Paulo, 20 nov. 1979. Acervo digital da *Biblioteca Nacional* (BN).

\_\_\_\_\_. *Tentativas de mitologia*. Coleção “Debates”. São Paulo: Perspectiva, 1979.

\_\_\_\_\_. *O extremo oeste* [póstumo]. São Paulo: Brasiliense, 1986.

\_\_\_\_\_. *Capítulos de literatura colonial* [póstumo] (organização e introdução por Antonio Candido). São Paulo: Brasiliense, 1991.

\_\_\_\_\_. *Raízes do Brasil*. 26.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. *Livro dos prefácios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. *Capítulos de história do Império* [póstumo] (organização e introdução por Fernando Novais). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

***Publicações sobre Sérgio Buarque de Holanda:***

ASSIS, Arthur. A teoria da história com hermenêutica da historiografia: uma interpretação de *Do Império à República*, de Sérgio Buarque de Holanda. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 30, n. 59, p. 91-120, jan./jun. 2010.

BARBOSA, Francisco de Assis (org.). *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

CANDIDO, Antonio. O significado de *Raízes do Brasil* (prefácio). In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Coleção “Documentos Brasileiros” (v. 1). 5.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Capítulos de literatura colonial* [póstumo] (organização e introdução por Antonio Candido). São Paulo: Brasiliense, 1991.

CARVALHO, Marcus Vinícius Corrêa. *Raízes do Brasil, 1936: tradição, cultura e vida*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 1997.

\_\_\_\_\_. *Outros lados. Sérgio Buarque de Holanda: crítica literária, história e política (1920-1940)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 2003.

CARVALHO, Raphael Guilherme. Capítulo da recepção de “*Raízes do Brasil*”, de Sérgio Buarque de Holanda: leituras contemporâneas à obra (1936-1938). *História e-História*, Campinas, v. 1, p. 1-24, 2012.

CASTRO, Conrado Pires de. *Com tradições e contradições: contribuição ao estudo das raízes modernistas no pensamento de Sérgio Buarque de Holanda*. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária). Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 2002.

CENDRARS, Blaise. Conversando com Blaise Cendrars. O Jornal, Rio de Janeiro, 23.09.1927. Entrevistas concedidas a Sérgio Buarque de Holanda. In: BARBOSA, Francisco de Assis (org.). *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

COSTA, Marcos. *Biografia histórica: a trajetória intelectual de Sérgio Buarque de Holanda entre os anos de 1930 e 1980*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista – UNESP, Assis, 2007.

\_\_\_\_\_. (org.). *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos (2 vols.)*. São Paulo: Perseu Abramo / UNESP, 2011.

\_\_\_\_\_. Apresentação. In: \_\_\_\_\_. (org.). *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos (2 vols.)*. São Paulo: Perseu Abramo / UNESP, 2011.

DECCA, Edgar Salvadori de. Ensaio de nacionalidade: cordialidade, cidadania e desterro na obra de Sérgio Buarque de Holanda. *Locus: revista de história*, Juiz de Fora, v. 12, n. 1, p. 145-159, 2006.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Sérgio Buarque de Holanda na USP. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n. 22, p. 269-274, set./dez. 1994.

\_\_\_\_\_. Negação das negações. In: EUGÊNIO, João Kennedy; MONTEIRO, Pedro Meira (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas*. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008.

DUTRA, Eliana de Freitas. Sérgio Buarque de Holanda viajante: o lugar da cultura em *Caminhos e fronteiras*. In: PAIVA, Eduardo França; ANASTASIA, Carla Maria Junho (orgs.). *O trabalho mestiço: maneiras de pensar e formas de viver – séculos XVI a XIX*. São Paulo: Annablume / PPGH-UFMG, 2002.

EUGÊNIO, João Kennedy. Um horizonte de autenticidade. Sérgio Buarque de Holanda: monarquista, modernista, romântico (1920-1935). In: \_\_\_\_\_; MONTEIRO, Pedro Meira (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas*. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008.

\_\_\_\_\_. *Um ritmo espontâneo: o organicismo em Raízes do Brasil & Caminhos e fronteiras*, de Sérgio Buarque de Holanda. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, 2010.

FURTADO, André Carlos; FERREIRA, Cristina. Entre narrativas surreais e tiros na praia de Copacabana: exaltação de Sérgio Buarque de Holanda em escritos modernistas (1920-1931). In: *Atas do II Encontro de História da Universidade Gama Filho* (UGF). Rio de Janeiro: Ed. Gama Filho, 2013.

FREYRE, Gilberto. Documentos Brasileiros. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Coleção “Documentos Brasileiros” (v. 1). Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

GOMES, Ângela de Castro. A dialética da tradição. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 12, n. 5, p. 15-27, 1990.

GRAHAM, Richard. Dr. Sérgio: a coerência do homem e do historiador. In: EUGÊNIO, João Kennedy; MONTEIRO, Pedro Meira (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas*. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008.

MARINETTI, Felippo. Marinetti novamente no Rio. O Jornal, Rio de Janeiro, 11.07.1926. Entrevistas concedidas a Sérgio Buarque de Holanda. In: BARBOSA, Francisco de Assis (org.). *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

MONTEIRO, Pedro Meira. *A queda do aventureiro: aventura, cordialidade e os novos tempos em Raízes do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 1996.

\_\_\_\_\_; EUGÊNIO, João Kennedy. Introdução. In: \_\_\_\_\_ (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas*. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008.

MOTA, Carlos Guilherme. A perspectiva do historiador. *Opinião* – Ano V, n. 196. São Paulo, 06 ago. 1976.

\_\_\_\_\_. Uma Visão Ideológica – sobre a obra de Sérgio Buarque de Holanda. *O Escritor*, ago./set. São Paulo, 1980.

NICODEMO, Thiago Lima. *Urduidura do vivido: Visão do paraíso e a obra de Sérgio Buarque de Holanda nos anos 1950*. São Paulo: Ed.USP, 2008.

NOGUEIRA, Arlinda Rocha et. al. (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura / Universidade de São Paulo / Instituto de Estudos Brasileiros, 1988.

NOVAIS, Fernando. Nota introdutória. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Capítulos de história do Império* [póstumo] (organização e introdução por Fernando Novais). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

PÉCORRA, Alcir. A importância de ser prudente. In: EUGÊNIO, João Kennedy; MONTEIRO, Pedro Meira (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas*. Campinas: Ed.UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2008.

PEREIRA, Mateus. Henrique de Faria; SANTOS, Pedro Afonso Cristovão dos. Odisseias do conceito moderno de história: Necrológio de Francisco Adolfo de Varnhagen, de Capistrano de Abreu, e o Pensamento histórico no Brasil nos últimos cinquenta anos, de Sérgio Buarque de Holanda, revisitados. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, v. 50, p. 27-78, set./mar. 2010.

PRADO, Antonio Arnoni (org.). *O espírito e a letra: estudos e crítica literária*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: \_\_\_\_\_ (org.). *O espírito e a letra: estudos e crítica literária*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

REIS, José Carlos. Anos 1930: Sérgio Buarque de Holanda – a recusa das raízes ibéricas. *Tempos Históricos*, Paraná, v. 1, n. 1, p. 102-130, 1999.

SANCHES, Rodrigo Ruiz. Sérgio Buarque de Holanda na USP. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 26, n. 1, p. 241-259, jan./abril. 2011.

SANTOS, Nelson Pereira dos. *Raízes do Brasil – Uma cinebiografia de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Estação Filmes, 2003. 1 DVD (148 min).

SOUZA, Laura de Mello e. Prefácio. In: NICODEMO, Thiago Lima. *Urduidura do vivido: Visão do paraíso e a obra de Sérgio Buarque de Holanda nos anos 1950*. São Paulo: Ed.USP, 2008.

VAINFAS, Ronaldo. Sérgio Buarque de Holanda: historiador das representações mentais. In: CANDIDO, Antonio (org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 1998.

VENANCIO, Giselle Martins; FURTADO, André Carlos. *Brasiliana & História Geral da Civilização Brasileira: escrita da história, disputas editoriais e processos de especialização acadêmica (1956-1972)*. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 5, n. 9, p. 05-23, jan./jun. 2013.

WEGNER, Robert. *A conquista do oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*.

Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2000.

\_\_\_\_\_. Latas de leite em pó e garrafas de uísque: um modernista na universidade. In: EUGÊNIO, João Kennedy; MONTEIRO, Pedro Meira (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas*. Campinas: Ed.UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2008.

***Obras gerais:***

ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de história colonial*. Rio de Janeiro: M. Orosco, 1907.

\_\_\_\_\_. *Correspondência* (2 v.). 2.ed. Organização e prefácio por José Honório Rodrigues (3 vols.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira / Brasília: MEC, INL, 1977.

ALENCAR, Sandra Siebra. A censura versus o teatro de Chico Buarque de Hollanda, 1968-1978. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 101-114, jul./dez. 2002.

ALMEIDA, Adjovanes Thadeu Silva de. *O regime militar em festa: o sesquicentenário da independência do Brasil* (1972). Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.

ALVAREZ, Marcos César. Florestan Fernandes e Tiago Marques Aipobureu: biografia e sociedade. *Tempo Social* (USP), São Paulo, v. 19, n. 2, p. 289-292, 2007.

AMARAL, Roberto Antônio Penedo do; SOUZA, Nalva Lopes de. Afasta de mim esse cálice! Chico Buarque e a censura no Brasil pós 1964. *Revista Vozes dos Vales* (UFVJM), Vales do Jequitinhonha e Murici (MG), ano I, n. 2, p. 1-19, out. 2012.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Fazendeiro do ar e poesia até agora*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

ARANTES, Paulo Eduardo. *Um departamento francês de ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. Lutas democráticas contra a ditadura. In: FERREIRA, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão (orgs.). *Revolução e democracia* (1964-...). Coleção “As esquerdas no Brasil” (v. 3). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

\_\_\_\_\_. Esquerdas, juventude e radicalidade na América Latina nos anos 1960 e 1970. In: FICO, Carlos; et. al. (orgs.). *Ditadura e democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ARROYO, Leonardo. *Igrejas de São Paulo, ensaio*. Coleção “Documentos Brasileiros” (v. 81). José Olympio: Rio de Janeiro, 1954.

\_\_\_\_\_. *Absalão e o rei, contos*. Difel: São Paulo, 1961.

\_\_\_\_\_. *Igrejas de São Paulo, ensaio*. 2.ed. Coleção “Brasília” (v. 331). Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1966.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. A sociologia no Brasil: Florestan Fernandes e a “escola paulista”. In: MICELI, Sérgio (org.). *História das ciências sociais no Brasil* (v. 2). São Paulo: Sumaré / FAPESP, 1995.

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, Edmund; et. al. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1985.

BAPTISTA, Abel Barros. *O livro agreste: ensaio de curso de literatura brasileira*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2005.

BARROS, José D’ Assunção. História e historiografia: considerações sobre a obra de José Honório Rodrigues. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, Uberlândia, n. 3, v. 5, p. 1-8, jul./ago./set. 2008.

BASTIDE, Roger. *O candomblé da Bahia* [rito nagô]. Coleção “Brasília” (v. 313). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

BAUER, Caroline Silveira; GERTZ, René. Arquivos de regimes repressivos. Fontes sensíveis da história recente. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2011.

BAXANDALL, Michael. *O olhar renascente: pintura e experiência social na Itália da Renascença*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

\_\_\_\_\_. Digressão contra a noção de influência. In: \_\_\_\_\_. *Padrões de intenção: a explicação histórica dos quadros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BENEVIDES, Maria Vitória de Mesquita. *A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BLOOM, Harold. *O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

BOMFIM, Manoel. *O Brasil na história: deturpação das tradições, degradação política*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930.

BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Ed. Unesp, 2004.

\_\_\_\_\_. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 6.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

BOUTHOU, Gaston. *História da sociologia*. Coleção “Saber Atual” (v. 3). São Paulo: Difel, 1954.

BOXER, Charles Ralph. *Portuguese society in the tropics*. The Municipal Councils of Goa, Macao, Bahia and Luanda, 1510-1800. Madison & Milwaukee: University of Wisconsin Press, 1965.

\_\_\_\_\_. *A idade de ouro do Brasil: dores de crescimento de uma sociedade colonial*. Coleção “Brasiliana” (v. 341). 2.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

CABRAL, Luís Gonzaga. *Jesuítas no Brasil (século XVI)*. Coleção “Inéditos e dispersos” (v. 3). São Paulo: Melhoramentos, 1925.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. *A militância de esquerda (cristã) de Leonardo Boff e Frei Betto: da Teologia da Libertação à mística ecológica*. In: FERREIRA, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão (orgs.). *Revolução e democracia (1964-...)*. Coleção “As esquerdas no Brasil” (v. 3). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CANABRAVA, Alice Piffer. *A grande propriedade rural*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. I). Administração, economia, sociedade, (v. 2). São Paulo: Difel, 1960.

CAPELATO, Maria Helena Rolim; GLEZER, Raquel; FERLINI, Vera Lucia Amaral. *Escola uspiana de História. Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n. 22, p. 349-358, 1994.

CARDOSO, Fernando Henrique. *Empresário industrial e desenvolvimento econômico no Brasil*. Coleção “Corpo e Alma do Brasil” (v. 13). São Paulo: Difel, 1964.

\_\_\_\_\_. *Rio Grande do Sul e Santa Catarina*. In: In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. II). Dispersão e unidade (v. 2). São Paulo: Difel, 1964.

CARRIJO, Maicon Vinícius da Silva. *Cientistas sociais e historiadores no mercado editorial do Brasil: a coleção Estudos Brasileiros da editoria Paz e Terra (1974-1987)*. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2013.

CARVALHO, José Murilo. *Prefácio*. In: VILAS BOAS, Glaucia. *A vocação das ciências sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2007.

CARVALHO, Laerte Ramos de. *Ação missionária e educação*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. I). Do descobrimento à expansão territorial (v. 1). São Paulo: Difel, 1960.

\_\_\_\_\_. *A educação e seus métodos*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. I). Administração, economia, sociedade, (v. 2). São Paulo: Difel, 1960.

CASTRO, Jeanne Berrance de. *A guarda nacional*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. II). Declínio e queda do Império (v. 4). São Paulo: Difel, 1971.

CEZAR, Temístocles. *Escrita da história e tempo presente na historiografia brasileira*. In: DUTRA, Eliana. (org.). *O Brasil em dois tempos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013 (prelo).

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

\_\_\_\_\_. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Ed.UnB, 1994.

\_\_\_\_\_. *Escribir las prácticas: discursos, prática, representaciòn*. Velencia: Fundación Cañada Blanch, 1999.

\_\_\_\_\_. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artimed, 2001.

\_\_\_\_\_. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed.UFRGS, 2002.

\_\_\_\_\_. A visão do historiador modernista. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 6.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

\_\_\_\_\_. *Escuchar a los muertos con los ojos*. Lección inaugural en el Collège de France. Buenos Aires: Katz, 2008.

\_\_\_\_\_. *A história ou a leitura do tempo*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CHRISPINIANO, José; PICANÇO, Marcy; GONZALEZ, Marina. Filha bastarda da USP, AESI desempenhou diferentes papéis na repressão interna. *Revista Adusp*, São Paulo, n. 33, p. 37-48, out. 2004.

CORDEIRO, Janaína Martins. *Lembrar o passado, festejar o presente: as comemorações do sesquicentenário da independência entre consenso e consentimento (1972)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, 2012.

COSTA, João Cruz. *Contribuição à história das ideias no Brasil*. Coleção “Documentos Brasileiros” (v. 86). Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

\_\_\_\_\_. As ideias novas. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. II). O processo de emancipação (v. 1). São Paulo: Difel, 1962.

\_\_\_\_\_. O pensamento brasileiro sob o Império. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. II). Reações e transações (v. 3). São Paulo: Difel, 1967.

\_\_\_\_\_. *Contribuição à história das ideias no Brasil*. 2.ed. Coleção “Retratos do Brasil” (v. 56). 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

COSTA, Wilma Peres. A Independência na historiografia brasileira. In: JANCSÓ, István (org.). *Independência: história e historiografia*. São Paulo: Hucitec / Fapesp, 2005.

COUTINHO, Afrânio (org.). *A literatura no Brasil* (6 vols). Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.

CROUZET, Maurice (dir.). *História Geral das Civilizações*. São Paulo: Difel, 1955-1958.

D'ARAÚJO, Maria Celina. Geisel e Figueiredo e o fim do regime militar. In: *Anais do Seminário 40 anos do Golpe de 1964* (2004: Niterói e Rio de Janeiro). 1964-2004: ditadura militar e resistência no Brasil. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.

DANTES, Maria Amélia. As instituições imperiais na historiografia das ciências no Brasil. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Augusto Antônio (orgs.). *Ciência, civilização e impérios nos trópicos*. Rio de Janeiro: Access, 2001.

DARNTON, Robert. *O Iluminismo como negócio: história da publicação da "Enciclopédia", 1775-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. Entrevista. In: PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. *As muitas faces da história*. São Paulo: Ed.UNESP, 2000.

DAVATZ, Thomas. *Memórias de um colono no Brasil* (1850). Coleção "Biblioteca Histórica Brasileira". São Paulo: Martins, 1941.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. A interiorização da metrópole (1808-1853). In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). *1822: dimensões*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

DULCI, Luiz; SORIANO, Joaquim (orgs.). *O PT faz história* (Caderno de formação). 2.ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

DUTRA, Eliana de Freitas. A nação nos livros. A biblioteca ideal na Coleção Brasileira. In: \_\_\_\_\_; MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *Política, nação e edição: o lugar do impresso na construção da vida política. Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*. São Paulo: Annablume, 2006.

EHRHARD, Marcelle. *A literatura russa*. Coleção "Saber Atual" (v. 32). São Paulo: Difel, 1956.

FAUSTO, Boris. *A revolução de 1930: historiografia e história*. São Paulo: Brasiliense, 1970.

\_\_\_\_\_. (entrevista). Organizando a História Geral da Civilização Brasileira. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 162-166, jan./jun. 1988.

\_\_\_\_\_. *Boris Fausto (depoimento, 2009)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV; LAU/IFCS/UFRJ; ISCTE/IUL; IIAM, 2010.

FERNANDES, Florestan. A análise funcionalista da guerra: possibilidades de aplicação à sociedade tupinambá. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, v. 3, p. 7-128, 1949.

\_\_\_\_\_. *A organização social dos Tupinambás*. São Paulo: Progresso Editorial, 1949.

\_\_\_\_\_. A função social da guerra na sociedade Tupinambá. São Paulo: Museu Paulista, 1952.

\_\_\_\_\_; BASTIDE, Roger. *Branços e negros em São Paulo*. São Paulo: Anhembi, 1953.

FERNANDES, Florestan. *Mudanças sociais no Brasil: aspectos do desenvolvimento da sociedade brasileira*. Coleção "Corpo e Alma do Brasil" (v. 1). Difel: São Paulo, 1960.

\_\_\_\_\_. *A integração do negro na sociedade de classes* (2. vols.). São Paulo: Dominus, 1965.

\_\_\_\_\_. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difel, 1972.

FERREIRA, Jorge. Apresentação do Dossiê: “1946 – 1964 a experiência democrática no Brasil”, *Tempo*, Niterói, n. 28, p. 11-18, 2009.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Verbete: Alceu Amoroso Lima. In: ABREU, Alzira Alves de (coord.). *Dicionário histórico biográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

\_\_\_\_\_; FORTES, Alexandre. Memórias do PT: as vozes de seus construtores. In: FICO, Carlos; et. al. (orgs.). *Ditadura e democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

FICO, Carlos. A pluralidade das censuras e das propagandas da ditadura. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)*. Bauru: EDUSC, 2004a.

\_\_\_\_\_. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n. 47, p. 29-60, jan./jun. 2004b.

FOULQUIÉ, Paul. *O existencialismo*. Coleção “Saber Atual” (v. 20). São Paulo: Difel, 1955.

FRANÇA, Eduardo D’Oliveira. *Portugal na época da restauração*. São Paulo: Hicitec, 1997.

FRANCO, Afonso Arinos de Mello. *Introdução à realidade brasileira*. Coleção “Azul” (v. 3). Rio de Janeiro: Schmidt Editor, 1933.

\_\_\_\_\_. *Preparação ao nacionalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.

\_\_\_\_\_. *Conceito de civilização brasileira*. Coleção “Brasiliana” (v. 70). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

\_\_\_\_\_. *O índio brasileiro e a Revolução Francesa*. Coleção “Documentos Brasileiros” (v. 7). Rio de Janeiro: José Olympio, 1937.

\_\_\_\_\_. *Desenvolvimento da civilização material no Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde / SPHAN, 1944.

FRANÇOZO, Mariana. O Museu Paulista e a história da antropologia no Brasil entre 1946 e 1956. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 48, n. 2, p. 585-612, 2005.

FREIRE, Américo Oscar Guichard; MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes. Lembrar abril: as historiografias brasileira e portuguesa e o problema da transição para a democracia. *História da Historiografia*, v. 10, p. 124-145, jan./abr. 2012.

FREITAG, Barbara. Florestan Fernandes: revisitado. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 19, n. 55, p. 229-243, 2005.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de*

economia patriarcal. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.

GASPAR, Lúcia; MELLO, Diva Gonsalves de. *José Antônio Gonsalves de Mello (1916-2002): cronologia e bibliografia*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2012.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1991.

\_\_\_\_\_. *Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. *O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GLEZER, Raquel (org.). *Do passado para o futuro*. São Paulo: Contexto, 2011.

GOLDMAN, Frank. Aspectos das migrações norte-americanas após a guerra civil. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. II). Reações e transações (v. 3). São Paulo: Difel, 1967.

GOMES JÚNIOR, Guilherme Simões. Crítica, combate e deriva do campo literário em Alceu Amoroso Lima. *Tempo Social* (USP), São Paulo, n. 2, v. 23, p. 101-133, nov. 2011.

GOMES, Ângela de Castro. Política: história, ciência, cultura etc. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p. 59-84, jan./jun. 1996.

\_\_\_\_\_. Nas malhas do feitiço: o historiador e o encanto dos arquivos privados. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 121-127, jan./jun. 1998.

\_\_\_\_\_. Gilberto Freyre: algumas considerações sobre o contexto historiográfico de *Casa-grande & senzala. Remate de Males*, Campinas, n. 20, p. 47-57, 2001.

\_\_\_\_\_. (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

\_\_\_\_\_. Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

\_\_\_\_\_.; GRINBERG, Keyla. Um historiador republicano. Entrevista da Boris Fausto a Ângela de Castro Gomes e Keyla Grinberg. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). *Leituras críticas sobre Boris Fausto*. Belo Horizonte: Ed.UFMG / São Paulo: Perseu Abramo, 2008.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. Narrativa biográfica e escrita da história: Octávio Tarquínio de Sousa e seu tempo. *Revista de História* (USP), São Paulo, n. 150, p. 129-155, 2004.

\_\_\_\_\_. *Em terreno movediço. Biografia e História na obra de Octávio Tarquínio de Sousa*. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2009.

GONÇALVES, Martin Fernando de Araújo. *Cartografia das livrarias do centro de São Paulo (1930-1970)*. Trabalho apresentado ao Programa de Iniciação Científica da Pró-reitoria da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2012.

GONÇALVES, Régis. Francisco Iglésias. *Revista Adusp*, São Paulo, n. 17, p. 85-87, jun. 1999.

GONTIJO, Rebeca. *O velho vaqueano: Capistrano de Abreu, da historiografia ao historiador*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, 2006.

\_\_\_\_\_; FRANZINI, Fábio. Memória e história da historiografia no Brasil: a invenção de uma moderna tradição, anos de 1940-1960. In: SOIHET, Rachel; et. al (orgs.). *Mitos, projetos e práticas políticas: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

GREEN, James. *Apesar de vocês: oposições à ditadura brasileira nos Estados Unidos, 1964-1985*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GREENBLATT, Stephen. O novo historicismo: ressonância e encantamento. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 244-261, jul./dez. 1991.

GUIMARÃES, Manuel Luiz Salgado. A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *História cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Ed.UFRGS, 2003.

GUINSBURG, Jacó. Entrevista. *WebMosaica*, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 138-145, jan./jun. 2012.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Ed.USP, 1985.

HARTOG, François; REVEL, Jacques. *Les usages politiques du passé*. Paris: Éditions EHESS, 2001.

HECKER, Alexandre. Propostas de esquerda para um novo Brasil: o ideário socialista do pós-guerra. In: FERREIRA, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão (orgs.). *Revolução e democracia (1964-...)*. Coleção “As esquerdas no Brasil” (v. 3). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

HOLANDA, Francisco Buarque de (Chico). O que será (A flor da terra). In: BARRETO, Bruno. *Dona Flor e seus dois maridos*. Rio-São Paulo: Embrafilme, 1976 (120 min).

\_\_\_\_\_; GUERRA, Ruy. Fado tropical. In: HOLANDA, Francisco Buarque de (intérprete). *Chicocanta, Calabar, o elogio da traição*. Brasil: Phonogram / Philips, 1973 (LP).

\_\_\_\_\_. *Calabar, o elogio da traição*. Coleção “Teatro hoje” (v. 24). 12.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

HOLANDA, Francisco Buarque de (Chico). Depoimento (19min. 20s.). In: SANTOS, Nelson Pereira dos. *Raízes do Brasil – Uma cinebiografia de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Estação Filmes, 2003. 1 DVD (148 min).

HUTIN, Serge. *As sociedades secretas*. Coleção “Saber Atual” (v. 7). São Paulo: Difel, 1954.

IANNI, Octávio. *As metamorfoses do escravo: apogeu e crise da escravatura no Brasil meridional*. Coleção “Corpo e Alma do Brasil” (v. 7). São Paulo: Difel, 1962.

IGLÉSIAS, Francisco. Minas Gerais. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. II). Dispersão e unidade (v. 2). São Paulo: Difel, 1964.

\_\_\_\_\_. Vida política, 1848-1868. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. II). Reações e transações (v. 3). São Paulo: Difel, 1967.

JACOB, Christian. Ler para escrever: navegações alexandrinas. In: \_\_\_\_\_; BARATIN, Marc (orgs.). *O poder das bibliotecas*. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ, 2000.

JEANNENEY, Jean-Noël. A mídia. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ / FGV, 1996.

JURATIC, Sabine. Da prosopografia dos livreiros ao estudo das redes do livro. Balanço e perspectivas de pesquisa. *Livro. Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*, São Paulo, n. 1, p. 75-88, maio. 2011.

KANTOROWICZ, Ernest. *Os dois corpos do rei: um estudo sobre teologia política medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KERN, Fritz; VALJAVEC, Fritz et. al. (eds.). *Historia mundi* (10 vols.). Bern: Francke-Verlag, 1952-1961.

KI-ZERBO, Joseph (editor). *História Geral da África* (v. 1). 2.ed. Brasília: UNESCO, 2010.

KOTHE, Flávio Rene. *O cânone colonial: ensaio*. Brasília: Ed.UnB, 1997.

KURY, Lorelai. Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro: Fiocruz, v. 11 (suplemento 1), p. 109-129, 2004.

LAJUGIE, Joseph. *As doutrinas econômicas*. Coleção “Saber Atual” (v. 12). São Paulo: Difel, 1955.

LAMBERT, Jacques. *Os dois Brasís*. Coleção “Brasiliana” (v. 335). 5.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

LEFEBVRE, Henri. *O marxismo*. Coleção “Saber Atual” (v. 19). São Paulo: Difel, 1955.

LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil* (t. I e II). Porto: Tipografia Porto Médico, 1938.

\_\_\_\_\_. *História da Companhia de Jesus no Brasil* (t. III a X). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1943-1950.

\_\_\_\_\_. *História da Companhia de Jesus no Brasil* (t. IV, V e X). Rio de Janeiro: Instituto

Nacional do Livro, 1943, 1945 e 1950. Coleções Especiais. *Biblioteca Sérgio Buarque de Holanda* (BSBH). Biblioteca Central da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

LEVI, Giovanni. *Sobre a micro-história*. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 6.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

LOBATO, Sidney da Silva. Estado, nação e região na obra de Arthur Cezar Ferreira Reis. *Diálogos*, Maringá, v. 13, n. 3, p. 625-642, 2009.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

LÖWY, Michael. As esquerdas na ditadura militar: o cristianismo da libertação. In: FERREIRA, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão (orgs.). *Revolução e democracia* (1964-...). Coleção “As esquerdas no Brasil” (v. 3). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MAIA, Tatyana de Amaral. A imprensa como arena de ação política: debates e intrigas nas disputas pela educação nacional (1968-1964). *Revista do Mestrado de História* (Universidade Severino Sombra), v. 12, n. 2, p. 73-98, jul./dez. 2010.

MAIO, Marcos Chor. Tempo controverso: Gilberto Freyre e o projeto UNESCO. *Tempo Social*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 111-136, maio. 1999.

\_\_\_\_\_. O Projeto UNESCO: ciências sociais e o credo racial brasileiro. *Revista USP*, São Paulo, v. 1, n. 46, p. 115-128, jun./ago. 2000.

MALERBA, Jurandir. Para uma história da historiografia da independência. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (RIHGB), Rio de Janeiro, Ano 165, n. 422, p. 59-86, jan./mar. 2004.

\_\_\_\_\_. (org.). *A Independência brasileira: novas dimensões*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

MARIA, Júlio. *O catolicismo no Brasil: memória história*. Rio de Janeiro: Agir, 1950.

MASSI, Fernanda. Franceses e norte-americanos nas ciências sociais brasileiras, 1930-1960. In: MICELI, Sérgio (org.). *História das ciências sociais no Brasil* (v. 1). São Paulo: Vértice / Finep / Idesp, 1989.

MELLO NETO, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos flamengos: influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do Norte do Brasil*. Coleção “Documentos Brasileiros” (v. 54). Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.

MICELI, Sérgio. Por uma sociologia das ciências sociais. In: \_\_\_\_\_. (org.). *História das ciências sociais no Brasil* (v. 1). São Paulo: Vértice / Finep / Idesp, 1989.

MONBEIG, Pierre. *O Brasil*. Coleção “Saber Atual” (v. 1). São Paulo: Difel, 1954.

MOTA, Carlos Guilherme. *Atitudes de inovação no Brasil – 1789-1801*. Lisboa: Livros

Horizonte, 1970.

\_\_\_\_\_. *Ideia de revolução no Brasil (1789-1801)*. Estudo das formas de pensamento. Coleção “História Brasileira” (v. 3). Petrópolis: Vozes, 1979.

MOTA, Giselda. Historiografia, bibliografia, documentos. In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). *1822: dimensões*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O MDB e as esquerdas. In: FERREIRA, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão (orgs.). *Revolução e democracia (1964-...)*. Coleção “As esquerdas no Brasil” (v. 3). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

\_\_\_\_\_. Os olhos do regime militar nos campi. As Assessorias de Segurança e Informações das Universidades. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 16, p. 30-67, jun. 2008.

MOURA, Márcia de Santana. *O 15 de novembro em três tempos: 1889, 1849, 1989* (Especialização em História). Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, 2011.

MUCCHIELLI, Roger. *Os complexos*. Coleção “Saber Atual” (v. 166). São Paulo: Difel, 1977.

NAPOLITANO, Marcos. Os Festivais da Canção como eventos de oposição ao regime militar brasileiro (1966-1968). In: REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)*. Bauru: EDUSC, 2004a.

\_\_\_\_\_. A MPB sob suspeita: a censura musical vista pela ótica dos serviços de vigilância política (1968-1981). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n. 47, p.103-126, jan./jun. 2004b.

NASCIMENTO, Alessandra Santos. *Fernando de Azevedo: dilemas na institucionalização da Sociologia no Brasil*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

NEVES, Lucília de Almeida. Trabalhismo, nacionalismo e desenvolvimentismo: um projeto para o Brasil (1945-1964). In: FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

NOGUEIRA, Emília. Noticiário. *Revista de História*, São Paulo, n. 12, ano III, p. 523-536, out./dez. 1952. CAPH-FFLCH.

NOVAIS, Fernando; MELLO, João Manuel Cardoso de. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: NOVAIS, Fernando (coord.); SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea* (v. 4). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Sinais da modernidade na era Vargas: vida literária, cinema e rádio. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge (orgs.). *O Brasil republicano: o tempo do nacional-estatismo* (v. 2). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

OLIVERO, Isabelle. *L'invention de la collection: de la diffusion de la littérature et des savoirs à la formation du citoyen au XIXe siècle*. Paris: IMEC, 1999.

OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. Paixão pelo poder. Dossiê D. Pedro I. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, ano 7, n. 74, p. 18-21, nov. 2011.

PANTALEÃO, Olga. A presença inglesa. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. II). O processo de emancipação (v. 1). São Paulo: Difel, 1962.

PEREIRA, João Baptista Borges. A questão racial brasileira na obra de Florestan Fernandes. *Revista USP*, São Paulo, v. 29, p. 34-41, mar./maio. 1996.

PETRONE, Teresa Schorer. As áreas de criação de gado. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. I). Administração, economia, sociedade, (v. 2). São Paulo: Difel, 1960.

\_\_\_\_\_. Imigração assalariada. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. II). Reações e transações (v. 3). São Paulo: Difel, 1967.

\_\_\_\_\_. Imigração. In: FAUSTO, Boris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. III). Sociedade e instituições (v. 2). São Paulo: Difel, 1977.

PINHO, Wanderley. Bahia, 1808-1856. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. II). Dispersão e unidade (v. 2). São Paulo: Difel, 1964.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jan./jun. 1989.

PONTES, Heloísa. Retratos do Brasil: editores, editoras e “coleções brasileiras” nas décadas de 30, 40 e 50. In: MICELI, Sérgio (org.). *História das ciências sociais no Brasil* (v. 1). São Paulo: Vértice / Finep / Idesp, 1989.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 6.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

POTTER, Richard George et. al. (eds.). *The new Cambridge modern history* (14 vols.). Cambridge: Cambridge University Press, 1957-1979.

PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*. São Paulo: Martins, 1942.

PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. São Paulo: Duprat-Mayença, 1928.

QUEIROZ, Suely Robles Reis de. Cronologia sumária. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira* (t. II). Do Império à República (v. 5). São Paulo: Difel, 1972.

QUINTAS, Amaro. A agitação republicana no Nordeste. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. II). O processo de emancipação (v. 1). São

Paulo: Difel, 1962.

\_\_\_\_\_. O Nordeste. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. II). Dispersão e unidade (v. 2). São Paulo: Difel, 1964.

RAMINELLI, Ronald; FEITLER, Bruno. Apresentação do Dossiê: “Pureza, raça e hierarquias no Império colonial português”, *Tempo*, Niterói, v. 30, p. 13-19, 2011.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. Coleção “Descobrimdo o Brasil”. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

\_\_\_\_\_. As esquerdas no Brasil: culturas políticas e tradições. In: FORTES, Alexandre (org.). *História e perspectivas da esquerda*. São Paulo / Chapecó: Perseu Abramo / Argos, 2005.

\_\_\_\_\_; ROLLAND, Denis. Apresentação. In: \_\_\_\_\_ (orgs.). *Modernidades alternativas*. Rio de Janeiro, FGV, 2008.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. Os tratados de limites. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. I). Do descobrimento à expansão territorial (v. 1). São Paulo: Difel, 1960.

\_\_\_\_\_. A ocupação portuguesa do vale amazônico. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. I). Do descobrimento à expansão territorial (v. 1). São Paulo: Difel, 1960.

\_\_\_\_\_. O comércio colonial e as companhias privilegiadas; Inquietações no Nordeste & A inconfidência baiana. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. I). Administração, economia, sociedade, (v. 2). São Paulo: Difel, 1960.

\_\_\_\_\_. A ocupação de Caiena. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. II). O processo de emancipação (v. 1). São Paulo: Difel, 1962.

\_\_\_\_\_. O Grão-Pará e o Maranhão. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. II). Dispersão e unidade (v. 2). São Paulo: Difel, 1964.

\_\_\_\_\_. Mato Grosso e Goiás. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. II). Dispersão e unidade (v. 2). São Paulo: Difel, 1964.

\_\_\_\_\_. A província do Rio de Janeiro e o município neutro. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. II). Dispersão e unidade (v. 2). São Paulo: Difel, 1964.

\_\_\_\_\_. O Espírito Santo. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. II). Dispersão e unidade (v. 2). São Paulo: Difel, 1964.

\_\_\_\_\_. *A autonomia do Amazonas*. Série “Alberto Torres” (v. 2). Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1965.

\_\_\_\_\_. *Rotina e dinâmica na vida brasileira*. Série “Alberto Torres” (v. 1). Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1965.

\_\_\_\_\_. *Tempo e vida na Amazônia*. Série “Alberto Torres” (v. 3). Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1965.

\_\_\_\_\_. *A Amazônia e a integridade do Brasil*. Série “Alberto Torres” (v. 4). Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1966.

\_\_\_\_\_. *Aspectos da experiência portuguesa na Amazônia*. Série “Alberto Torres” (v. 5). Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1966.

\_\_\_\_\_. *Épocas e visões regionais do Brasil*. Série “Alberto Torres” (v. 6). Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1966.

\_\_\_\_\_. *Amazônia e o mundo atual*. Rio de Janeiro: Irmãos de Giorgio, 1967.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Calmon a Bomfim. A favor do Brasil: direita ou esquerda?* (v. 2). Rio de Janeiro: FGV, 2006.

RÉMOND, René. Uma história presente. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ / FGV, 1996.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

\_\_\_\_\_. *Preposições: ensaios de história e historiografia*. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2009.

\_\_\_\_\_. *História e historiografia: exercícios críticos*. Curitiba: Ed.UFPR, 2010.

ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz. Apresentação. In: \_\_\_\_\_ (orgs.). *A construção social dos regimes autoritários* (v. 3). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ROUSSO, Henry. O arquivo ou o indício de uma falta. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p 85-91, jan./jun. 1996.

SALVADOR, Vicente do (Frei). *História do Brasil: 1500-1627*. Revisão e prefácio por João Capistrano de Abreu. São Paulo: Weizflog Irmãos, 1918.

SANTOS, Alessandra Soares. *Afonso Arinos historiador: uma identidade para as elites brasileiras*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 2006.

SARMENTO, Morais. *D. Pedro I e sua época*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1924.

SCHNEIDER, Alberto Luiz. Charles Boxer: história e historiografia. In: OLIVEIRA, Camila Aparecida Braga; et. al. (orgs.). *Caderno de resumos & Anais do 5º Seminário Nacional de História da Historiografia: biografia & história intelectual*. Ouro Preto: Ed.UFOP, 2011.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. Gilberto Freyre: adaptação, mestiçagem, trópicos e privacidade em *Novo mundo nos trópicos*. *Philia & Filia*, Porto Alegre, n. 2, v. 2, p. 85-117, jul./dez. 2011.

SÉCRETO, María Verónica. Capistrano de Abreu e J. F. Turner: a história nacional e a história ambiental. *Estudos, sociedade e agricultura*, Rio de Janeiro (UFRJ), v. 14, p. 236-253, 2006.

SERPA, Élio Cantalicio; CAMPIGOTO, José Adilçon. Filologia da civilização brasileira: a proposta de Afonso Arinos de Melo Franco. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 12, n. 20, p. 199-216, jan./jun. 2010.

SILVA, Bruno. *Genealogias mazombas: castas luso-brasileiras em crônicas coloniais*. Niterói: Ed.UFF, 2014 (prelo).

SILVA, Francisco Teixeira da. Os fascismos. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (orgs.). *O século XX. O tempo das crises: revoluções, fascismos e guerras* (v. 2). 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SILVA, Janice Theodoro. Eurípides Simões de Paulo (1910-1977). *Revista de História*, São Paulo, v. 1, n. 160, p. 17-50, jan./jun. 2009.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ / FGV, 1996.

SORÁ, Gustavo. A construção sociológica de uma posição regionalista. Reflexões sobre a edição e recepção de *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, n. 36, v. 13, p. 121-139, fev. 1998.

\_\_\_\_\_. *Brasilianas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo: Ed.USP / Com-Arte, 2010.

SOUSA, Octávio Tarquínio de. *Bernardo Pereira de Vasconcelos e seu tempo*. Coleção "Documentos Brasileiros" (v. 3). Rio de Janeiro: José Olympio, 1937.

\_\_\_\_\_. *José Bonifácio*. Coleção "Documentos Brasileiros" (v. 51). Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.

\_\_\_\_\_. *A vida de D. Pedro I* (3 vols.). Coleção "Documentos Brasileiros" (v. 71). Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.

SOUZA, Antonio Candido de Mello e. Letras e ideias no Brasil colonial. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. I). Administração, economia, sociedade, (v. 2). São Paulo: Difel, 1960.

\_\_\_\_\_. A literatura durante o Império. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira* (t. II). Reações e transações (v. 3). São Paulo: Difel, 1967.

SOUZA, Laura de Mello e. Aspectos da historiografia da cultura sobre o Brasil colonial. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

TATON, René (dir.). *História Geral das Ciências*. São Paulo: Difel, 1959-1967.

TEIXEIRA, Luciano dos Santos. Civilização material, história e preservação em Afonso Arinos. In: *Anais do XXV Simpósio Nacional de História*, Fortaleza: ANPUH, 2009.

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. In: \_\_\_\_\_; CARDOSO, Ciro Flamarion (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

\_\_\_\_\_. Colonização, miscigenação e questão racial: notas sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira. *Tempo*, Niterói, v. 8, p. 7-22, 1999.

VENANCIO, Giselle Martins. Da *Revista do Brasil* ao Brasil em revista: breve análise da trajetória editorial de Oliveira Vianna. *Varia História*, Belo Horizonte, n. 26, p. 132-150, jan. 2002.

\_\_\_\_\_. *As flores raras do jardim do poeta: o catálogo da coleção Eurico Facó*. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

\_\_\_\_\_; SILVA, Ítala Bianca Morais da. Um tal João, um tal Francisco: disputas intelectuais e monumentalização da produção intelectual de Capistrano de Abreu e Oliveira Vianna nos anos 50. In: PEREIRA, Mateus et. al. (orgs.). *Contribuições à história da historiografia luso-brasileira*. São Paulo: Hucitec / Belo Horizonte: Fapeming, 2013.

VIANNA, Oliveira. *História social da economia capitalista no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia / Rio de Janeiro: Ed.UFF, 1987.

VIEIRA, Luiz Renato. *Consagrados e malditos: os intelectuais e a Editora Civilização Brasileira*. Brasília: Thesaurus, 1998.

VILLAÇA, Antonio Carlos. *O desafio da liberdade: a vida de Alceu Amoroso Lima*. Rio de Janeiro: Agir, 1983.

WILLEMS, Emílio. *Uma vila brasileira: tradição e transição*. Coleção “Corpo e Alma do Brasil” (v. 4). São Paulo: Difel, 1961.

### C) Digitais

*A era Vargas: dos anos 20 a 1945*. Alceu Amoroso Lima: Disponível em:  
<[http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/alceu\\_amoroso\\_lima](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/alceu_amoroso_lima)>.

*A questão racial do Brasil nos anos 50*. Disponível em:  
<<http://www.cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2>>.

Afrânio Coutinho. Biografia – Academia Brasileira de Letras (ABL). Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inoid=41&sid=310>>.

ALMEIDA, Maria da Glória Santana de. Resistência às transformações técnicas da cultura canavieira (província de Sergipe – 1860/1875). In: *Anais do IX Simpósio Nacional da Associação dos Professores Universitários de História*. Florianópolis, 1977, p. 721. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/ANPUH.S09.pdf>>.

Apesar do governo. *Veja*, São Paulo, 14 maio. 1980. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>.

Arquivos da censura. Pai de Chico foi usado para censurar “Calabar”. In: *Folha de S. Paulo – Ano 70*, n. 22.341. São Paulo, 3 jun. 1990. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/>>.

ARROYO, Leonardo. Vida literária. História e civilização do Brasil. In: *Folha de S. Paulo – Ano XXXV*, n. 11.057. São Paulo, 8 maio. 1960a. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/>>.

\_\_\_\_\_. Vida literária. Congraçamento em torno de uma história. In: *Folha de S. Paulo – Ano XXXV*, n. 11.059. São Paulo, 11 maio. 1960b. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/>>.

\_\_\_\_\_. Vida literária. A abordagem da história do Brasil. In: *Folha de S. Paulo – Ano XXXVI*, n. 11.107. São Paulo, 6 jul. 1960c. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/>>.

\_\_\_\_\_. Vida literária. Civilização Brasileira. In: *Folha de S. Paulo – Ano XXXVI*, n. 11.261. São Paulo, 1 jan. 1961. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/>>.

ATHAÍDE, Tristão de. Folha Ilustrada. O fator institucional. In: *Folha de S. Paulo – Ano XXXV*, n. 11.075. São Paulo, 29 maio. 1960a. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/>>.

\_\_\_\_\_. Grandezas e lacunas. In: *Jornal do Brasil – Ano LXX*, n. 128. Rio de Janeiro, 10 out. 1960b. Hemeroteca da *Biblioteca Nacional* (BN).

BADARÓ, Marcelo. Verbete: Lula. In: ABREU, Alzira Alves de (coord.). *Dicionário histórico biográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV, 2001. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>>.

BRASIL. Decreto nº 25.442, 03 set. 1948. *Presidência da República*. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2601214/dou-secao-1-06-09-1948-pg-1>>.

\_\_\_\_\_. Lei nº 2.145, 29 dez. 1953. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L2145.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L2145.htm)>.

\_\_\_\_\_. Decreto-Lei nº 4.244, 9 abr. 1942. Câmara dos Deputados. *Diário Oficial da União – Seção*, 10/4/1942. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4244-9-abril-1942-414155-publicacaooriginal-1-pe.html>>.

\_\_\_\_\_. Lei nº 5.540, 28 nov. 1968. *Presidência da República, Casa Civil*. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L5540.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5540.htm)>.

Calabar revisado. *Veja*, São Paulo, 25 jul. 1973. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>.

CANABRAVA, Alice Piffer. Uma perspectiva para a formação econômica do Brasil. In: *Anais do VIII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*. Aracaju, 1975. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/ANPUH.S08.pdf>>.

CASTRO, Acyr. Difusão Europeia do Livro, um programa humanista. In: *Jornal do Brasil* – Ano LXXXIII, n. 359. Rio de Janeiro, 6 abr. 1974. Hemeroteca da *Biblioteca Nacional* (BN).

CASTRO, Jeanne Berrance de; SCARANO, Júlia Maria Leonor. A mão-de-obra escrava e estrangeira numa região de economia cafeeira (Uma experiência de pesquisa quantitativa na história rioclarence – 1875-1930). In: *Anais do VI Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*. Goiânia, 1971. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/ANPUH.S06.pdf>>.

Chico ou o elogio da traição. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 out. de 1973 (caderno B). Disponível em: <<http://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19731029&printsec=frontpage&hl=pt-BR>>.

CORREIA, Maria Letícia; MARQUES, Bruno (atualização). Verbete: Paulo Evaristo Arns. In: In: ABREU, Alzira Alves de (coord.). *Dicionário histórico biográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV, 2001. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>>.

COSTA, Marcelo Timotheo da. Entre a biografia e a história: o caso de Alceu Amoroso Lima. In: *XXII Simpósio Nacional de História da ANPUH-PB*. História, acontecimento, narrativa. João Pessoa: ANPUH-PB, 2003. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.426.pdf>>.

DEAN, Warren. História Geral da civilização Brasileira. Vol. II: O Brasil monárquico. Part 2: Dispersão e unidade, by Sérgio Buarque de Holanda. In: *The Hispanic American Historical Review*, Duke University Press, v. 47, n. 2, p. 299-300, may. 1967. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2511531>>.

DUTRA, Eliana de Freitas. La construction du Brésil métis chez l'historien Sérgio Buarque de Holanda. In: GRUZINSKI, Serge (Org.). *L'expérience métisse*. Actes de colloque, 2004. Disponível em: <<http://www.quaibrantly.fr/uploads/media/experiencemetisse.pdf>>.

EISENBERG, Peter. Dom Pedro II, by Harry Bernstein, New York, 1973; História Geral da Civilização Brasileira, Tomo II: O Brasil Monárquico, Vol. V: Do Império à República, by Sérgio Buarque de Holanda, São Paulo, 1972. Difusão Europeia do livro. In: *The Hispanic American Historical Review*, Duke University Press, v. 56, n. 1, p. 135-138, feb. 1976. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2513743>>.

Fatos e autores. História Geral da Civilização Brasileira. *Folha de S. Paulo* – Ano XXXV, n. 10.981. São Paulo, 7 fev. 1960. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/>>.

\_\_\_\_\_. Segundo volume da “Época Colonial”. In: *Folha de S. Paulo* – Ano XXXV, n.

11.087. São Paulo, 12 jun. 1960. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/>>.

\_\_\_\_\_. In: *Folha de S. Paulo* – Ano XXXVI, n. 11.111. São Paulo, 10 jul. 1960. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/>>.

FAUSTO, Boris. *1930: historiografia e história*. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 1969. Disponível em: <<http://pos.fflch.usp.br/node/39445>>.

FIGUEIREDO, Antonio de. Charles Boxer. In: *The Guardian*. 16 may. 2000. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/news/2000/may/16/guardianobituaries1>>.

FREYRE, Gilberto. Folha Ilustrada. Sérgio, mestre dos mestres. *Folha de S. Paulo* – Ano 62, n. 19.396. São Paulo, 11 maio. 1982, p. 2. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/1982/05/11/21>>.

*História da UFMG*. Disponível em: <[https://www.ufmg.br/conheca/hi\\_index.shtml](https://www.ufmg.br/conheca/hi_index.shtml)>.

História Geral da Civilização Brasileira. In: *Folha de S. Paulo* – Ano XXXVI, n. 11.171. São Paulo, 18 set. 1960. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/>>.

HOLANDA, Maria Amélia Alvim Buarque de Holanda. *Apontamentos para a cronologia de Sérgio*, 2002. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/siarq/sbh/biografia.html>>.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Por uma nova história. In: *Folha da manhã*, São Paulo, 26 jul. 1950. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fdm/1950/07/26/1/>>.

\_\_\_\_\_. Os projetos de colonização e comércio toscanos no Brasil ao tempo do grão duque Fernando I (1587-1609). In: *Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*. Porto Alegre, 1967. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/ANPUH.S04.A.pdf>>.

\_\_\_\_\_. Sobre uma doença infantil da historiografia. Suplemento literário. In: *O Estado de S. Paulo* – Ano 94, n. 30.134. São Paulo, 26 jun. 1973. Acervo Estadão. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/>>.

\_\_\_\_\_. (entrevista). A democracia é difícil. *Veja*, São Paulo, 28 jan. 1976. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>.

\_\_\_\_\_. In: GRAHAM, Richard. An interview with Sérgio Buarque de Holanda. In: *The Hispanic American Historical Review*, Duke University Press, v. 62, n. 1, p. 3-17, feb. 1982. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2515412>>.

IGLÉSIAS, Francisco. Sociedade e instituições na velha república. In: *Jornal do Brasil* – Ano LXXXVII, n. 2. Rio de Janeiro, 10 abr. 1977. Hemeroteca da *Biblioteca Nacional* (BN).

*Jornal do Brasil* – Ano LXXXV, n. 175. Rio de Janeiro, 20 set. 1975. Hemeroteca da *Biblioteca Nacional* (BN).

KUSHNIR, Beatriz. Verbete: Cláudio Abramo. In: ABREU, Alzira Alves de (coord.). *Dicionário histórico biográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV, 2001. Disponível em:

<<http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>>.

LEMOS, Renato. Verbete: Fernando Henrique Cardoso. In: ABREU, Alzira Alves de (coord.). *Dicionário histórico biográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV, 2001. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>>.

LEVI, Giovanni. Los historiadores, el psicoanálisis y la verdade. *Pasajes*, Valência, n. 10, p. 56-67, invierno 2002-2003. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/23074906>>.

Livros: mercado interno. In: *Jornal do Brasil* – Ano LXX, n. 130. Rio de Janeiro, 6 jun. 1960. Hemeroteca da *Biblioteca Nacional* (BN).

Livros. In: *Jornal do Brasil* – Ano LXXXV, n. 209. Rio de Janeiro, 3 nov. 1975. Hemeroteca da *Biblioteca Nacional* (BN).

MATTOON JR., Robert. História Geral da Civilização Brasileira, Tomo II: O Brasil Monárquico, Vol IV: Declínio e queda do Império, by Myrian Ellis et. al. In: *The Hispanic American Historical Review*, Duke University Press, v. 53, n. 1, p. 144-145, feb. 1973. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2512547>>.

MAURO, Frédéric. Sérgio Buarque de Holanda, Historia Geral da Civilização Brasileira, Tome II, O Brasil Monárquico, vol. 3, Reações e Transações. In: *Cahiers du Monde Hispanique et Luso-brésilien*, v. 9, n. 1, p. 170-171, Année 1967. Disponível em: <<http://www.persee.fr>>.

MEIRA, Mauritânio. Vida literária. “Segundo volume”. In: *Jornal do Brasil* – Ano LXX, n. 237. Rio de Janeiro, 10 out. 1960. Hemeroteca da *Biblioteca Nacional* (BN).

Morre em Paris o historiador Frédéric Mauro. In: *Folha de S. Paulo* – Ano 81, n. 26.371. São Paulo, 15 jun. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1506200115.htm>>.

MOTA, Carlos Guilherme. Fazendeiros do ar. Suplemento literário. In: *O Estado de S. Paulo* – Ano 94, n. 30.194. São Paulo, 2 set. 1973. Acervo Estadão. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/>>.

MOURA, Sérgio Lobo de; MARZON, Isabel; CAVALCANTI, Zélia. Insurreições liberais: fenômeno urbano? In: *Anais do VII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*. Belo Horizonte, 1973. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/ANPUH.S07.pdf>>.

MOUTINHO, Nogueira. Folha Ilustrada. Paul Jean Monteil. In: *Folha de S. Paulo* – Ano LIII, n. 16.241. São Paulo, 07 dez. 1973. Acervo Folha. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/>>.

NACIF, Libânia et. al. Verbete: Eduardo Suplicy. In: ABREU, Alzira Alves de (coord.). *Dicionário histórico biográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV, 2001. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>>.

NICODEMO, Thiago Lima. A herança colonial: Sérgio Buarque de Holanda e a História

Geral da Civilização Brasileira. In: *I Seminário Brasileiro sobre o livro e a história editorial*. Rio de Janeiro: Anais, 2004. Disponível em: <<http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/thiagolimanicodemo.pdf>>.

NOVAIS, Fernando. Colonização e sistema colonial: discussão de conceitos e perspectiva histórica. In: *Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*. Porto Alegre, 1967. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/ANPUH.S04.A.pdf>>.

\_\_\_\_\_; FALCON, Francisco. A extinção da escravatura africana em Portugal no quadro da política econômica pombalina. In: *Anais do VI Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*. Goiânia, 1971. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/ANPUH.S06.pdf>>.

O que há para ler. Suplemento do livro. In: *Jornal do Brasil – Ano LXXVII*, n. 5. Rio de Janeiro, 15 abr. 1967. Hemeroteca da *Biblioteca Nacional* (BN).

PALACIN, Luís. Trabalho escravo: produção e produtividade nas minas de Goiás. In: *Anais do VI Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*. Goiânia, 1971. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/ANPUH.S06.pdf>>.

Panorama. Caderno B. In: *Jornal do Brasil – Ano LXXV*, n. 79. Rio de Janeiro, 6 abr. 1966. Hemeroteca da *Biblioteca Nacional* (BN).

Perfil. Disponível em: <<http://www.alepe.pe.gov.br/sistemas/perfil/links/JoseAntonioGonsalvesMello.html>>.

PERRRUCI, Gadiel. Estrutura e conjuntura da economia açucareira no Nordeste do Brasil, 1889-1930. In: *Anais do VIII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*. Aracaju, 1975. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/ANPUH.S08.pdf>>.

PIAZZA, Walter Fernando. Introdução à história da propriedade rural em Santa Catarina. In: *Anais do VIII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*. Aracaju, 1975. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/ANPUH.S08.pdf>>.

PICCOLO, Helga. A técnica em núcleos coloniais alemães do Rio Grande do Sul no século XIX. In: *Anais do IX Simpósio Nacional da Associação dos Professores Universitários de História*. Florianópolis, 1977. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/ANPUH.S09.pdf>>.

*Pós-graduação*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo (USP). Disponível em: <<http://pos.fflch.usp.br/bancodefesas>>.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. As regiões brasileiras: formação, peculiaridades e integração no nosso processo histórico. In: *Anais do I Simpósio de Professores de História do Ensino Superior*. Marília, 1961. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/?tag=s01>>.

ROCHA, Aracy Maria; RILLO, Berenice; PERE, Concepción Martin; ARANTES, Eaydes Ramos; SOUZA, Heloisa de; SIAUDZONIS, Hilda Marina; ABRAHÃO, Ida Maria. O jornal

“A Província de São Paulo” e a imigração para a província de São Paulo entre 1883 e 1888. In: *Anais do VII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*. Belo Horizonte, 1973. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/ANPUH.S07.pdf>>.

SAIA, Luís. Evolução urbana de São Luís do Paraitinga. In: *Anais do VII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*. Belo Horizonte, 1973. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/ANPUH.S07.pdf>>.

SANTOS, Corcino Medeiros dos. O trabalho nas frentes pioneiras. In: *Anais do VI Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*. Goiânia, 1971. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/ANPUH.S06.pdf>>.

\_\_\_\_\_. Distribuição e uso da terra no Rio Grande do Sul no século XIX. In: *Anais do VIII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*. Aracaju, 1975. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/ANPUH.S08.pdf>>.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. Uma cabeça que bate contra a maré (entrevista). *Veja*, São Paulo, 18 maio. 1994. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>.

SÃO PAULO, *Aprovação do Estatuto da USP*. Decreto nº 52.326 de 16.12.1969. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/223638/decreto-52326-69-sao-paulo-sp>>.

SILVEIRA, Homero. Opiniões. História Geral da Civilização Brasileira. In: *Folha de S. Paulo* – Ano XXXV, n. 11.075. São Paulo, 29 maio. 1960. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/>>.

Teses e dissertações. Disponível em: <[http://www.historia.uff.br/stricto/files/tesesdissert\\_2008-12-15cr.pdf](http://www.historia.uff.br/stricto/files/tesesdissert_2008-12-15cr.pdf)>.

Uma nova história do Brasil. In: *Folha de S. Paulo* – Ano XXXV, n. 11.034. São Paulo, 10 abr. 1960b. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/>>.

Verbete: Afonso Arinos. In: ABREU, Alzira Alves de (coord.). *Dicionário histórico biográfico brasileiro*. 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. Disponível em: <[http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/afonso\\_arinos](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/afonso_arinos)>.

\_\_\_\_\_: Arthur Cezar Ferreira Reis. In: ABREU, Alzira Alves de (coord.). *Dicionário histórico biográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV, 2001. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>>.

\_\_\_\_\_: Carlos Lamarca. In: ABREU, Alzira Alves de (coord.). *Dicionário histórico biográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV, 2001. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>>.

\_\_\_\_\_: Rodrigo Melo Franco de Andrade. In: ABREU, Alzira Alves de (coord.). *Dicionário histórico biográfico brasileiro*. 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. Disponível em: <[http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/rodrigo\\_melo\\_franco\\_de\\_andrade](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/rodrigo_melo_franco_de_andrade)>.

VILLAÇA, Antonio Carlos. Notas religiosas. O fator espiritual. In: *Jornal do Brasil* – Ano LXX, n. 121. Rio de Janeiro, 25 maio. 1960. Hemeroteca da *Biblioteca Nacional* (BN).

WRIGHT, Antônia Fernanda de Almeida. Alguns documentos interessantes referentes à América do Sul e Caribe pertencentes ao acervo do Scottish Record Office. In: *Anais do III Simpósio dos Professores Universitários de História*. Franca, 1965. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/ANPUH.S03.pdf>>.

XAVIER, Libânia. Verbete: Florestan Fernandes. In: ABREU, Alzira Alves de (coord.). *Dicionário histórico biográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV, 2001. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>>.